

Etnografia de um Congresso: a organização do 18º Congresso Mundial de Antropologia no Brasil

ORG. MIRIAM PILLAR GROSSI E TÂNIA WELTER

ABA PUBLICAÇÕES

 **TRIBO**
ILHA
EDITORA

ABA

A Associação Brasileira de Antropologia é a mais antiga das associações científicas existentes no país na área das ciências sociais, ocupando hoje um papel de destaque na condução de questões relacionadas às políticas públicas referentes à educação, à ação social e à defesa dos direitos humanos. A ABA foi fundada por ocasião da 2ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), em Salvador, em julho de 1955. A primeira diretoria eleita foi composta pelos professores Luiz de Castro Faria, Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira (1955–1957).

<http://www.portal.abant.org.br/>

IUAES

A IUAES – International Union of Anthropological and Ethnological Studies – foi fundada em 1948, a partir da fusão de associação existente desde o final do século XIX com a ICAES (International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences), que havia sido fundada em 1934 em Londres. É uma das associações mais antigas da Antropologia mundial e está intimamente relacionada com fundações e apoios internacionais nos mais diversos países. A IUAES promove encontros de cinco em cinco anos, os World Congresses, como foi o caso do Brasil em julho de 2018. A União é responsável por uma rede intrincada de comissões que são propostas e articuladas por seus integrantes, e que refletem os interesses convergentes de uma comunidade antropológica global. E por isso é uma das responsáveis por importantes articulações teóricas no campo dessa disciplina.

<https://www.waunet.org/iuaes/>

Etnografia de um
Congresso: a organização do
18^o Congresso Mundial de
Antropologia no Brasil

COMISSÃO DE PROJETO EDITORIAL

Coordenadora

Laura Moutinho (USP)

Vice–Coordenador

Igor José de Renó Machado (UFSCar)

Antônio Carlos Motta de Lima (UFPE)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)

Fabio Mura (UFPB)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPel)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)

Patrícia Melo Sampaio (Ufam)

Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

Presidenta

Maria Filomena Gregori (UNICAMP)

Vice–Presidente

Sérgio Luís Carrara (UERJ)

Secretário Geral

Thereza Cristina Cardoso Menezes (UFRRJ)

Secretária Adjunto

Luiz Eduardo de Lacerda Abreu (UnB)

Tesoureiro

João Miguel Manzollilo Sautchuk (UnB)

Tesoureira Adjunta

Izabela Maria Tamaso (UFG)

Diretora

Angela Mercedes Facundo Navia (UFRN)

Diretora

Manuela Souza Siqueira Cordeiro (UFRR)

Diretora

Patrice Schuch (UFRGS)

Diretora

Patricia Silva Osorio (UFMT)

www.portal.abant.org.br

UNB – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa norte

Prédio do ICS – Instituto de Ciências Sociais

Térreo – Sala AT-41/29 – Brasília/DF

CEP: 70910-900

Etnografia de um Congresso: a organização do 18^o Congresso Mundial de Antropologia no Brasil

ORG. MIRIAM PILLAR GROSSI E TÂNIA WELTER

ABA PUBLICAÇÕES

 **TRIBOS
DA
ILHA**
EDITORA

Copyright ©, 2020 dos autores

Organização

Miriam Pillar Grossi e Tânia Welter

Coordenação Editorial

Tânia Welter

Revisão

Gerusa Bondan

Diagramação e Capa

Rita Motta e André Luiz Dias – Ed. Tribo da Ilha

Imagem da capa

Yuri Brah

Grafismos

Felipe Bruno Martins Fernandes

Co-edição

ABA Publicações

Editora Tribo da Ilha

C749e Congresso Mundial de Antropologia (18. : 2018 : Florianópolis, SC)
Etnografia de um congresso: a organização do 18º Congresso
Mundial de Antropologia no Brasil / org. Miriam Pillar Grossi e Tânia
Welter. – 1. ed. – Brasília (DF): ABA; Florianópolis (SC):
Tribo da Ilha, 2020.
384 p. , graf. , tabs. , fots.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-86602-06-7 (e-book)

Inclui referências e anexos

1. Antropologia – Congressos. 2. Antropologia mundial. 3. Etnografia.
4. Teoria Decolonial. 5. Igualdade de gênero. 6. Igualdade étnico-racial.
I. Grossi, Miriam Pillar. II. Welter, Tânia. III. Título.

CDU: 391/397

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Sumário

- 11** Apresentação
- 19** Acolher o congresso mundial no Brasil
(Miriam Pillar Grossi)
- 25** Quando almas e trabalho se misturam: relatos da “secretaria” do 18º Congresso Mundial da IUAES sobre o trabalho em equipe
(Simone Lira da Silva, Miriam Pillar Grossi, Caroline Amábile Vale dos Santos, Gabriel Darío López Zamora, Gabriela Alano Tertuliano, Larissa Lannes e Maria Luiza Scheren)
- 49** Assessorando congressistas estrangeiros
(Filipe Tchinene Calueio e Tânia Welter)
- 55** Comissão de programação: práticas de comunicação e gestão
(Gabriel Darío López Zamora, Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino e Marina Laet Panella Motta)
- 65** Outros olhares sobre a história da antropologia: experiências pedagógicas na preparação do 18th IUAES World Congress
(Leonardo de Miranda Ramos, Miriam Pillar Grossi e Tânia Welter)
- 83** Credenciamento como espaço para afetos, alteridades e aprendizagens: 18º Congresso Mundial IUAES
(Matilde Quiroga Castellano e Soraia Carolina de Mello)
- 93** Deficiência e acessibilidade no 18º Congresso Mundial da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences – IUAES
(Anahi Guedes de Mello, Flávia de Mattos Motta e Michele Leão)
- 105** Os traduzíveis e intraduzíveis da vida real
(Juliana Ben Brizola da Silva, Julia Vivanco Bercovich, Guilherme Ribeiro Colaço Mäder, Sabrina Testa, Hélène Lambert, Juliette Woitchik, Natalia Pérez Torres, Joaquín Correa, Vinicius Kauê Ferreira, Leonardo de Miranda Ramos, Virgínia Squizani Rodrigues, Desirée Sant’Anna Maestri e Isadora Zuza da Fonseca)
- 121** Articulações e integrações proporcionadas pela comissão de comunicação do 18º Congresso Mundial IUAES
(Mariane Silva Pisani e Alana Aragão Ávila)

- 133** Welcome to Florianópolis! Uma descrição etnográfica da recepção dos congressistas da IUAES no aeroporto de Florianópolis
(Alessandra Caroline Ghiorzi e Denise Pistilli)
- 145** Coordenação da monitoria IUAES 2018: descrevendo as ações e os desafios
(Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro e Samira de Moraes Maia Vigano)
- 161** Crianças no *IUAES*
(Dalânea Cristina Flôr, Jucilaine Zucco, Juliana da Silva Euzébio, Juliane Di Paula Queiroz Odinino, Letícia Cunha da Silva, Regina Ingrid Bragagnolo, Rita de Cácia Oenning da Silva e Saskya Bodenmuller)
- 175** Instalações e interações, arte e vida
(Andrea Vieira Zanella, Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto e Thainá Castro Costa)
- 181** Encontro de saberes e fazeres na feira de artesanato do 18^o Congresso Mundial da IUAES
(Aline Ramos Francisco, Elis do Nascimento Silva, Joziléia Daniza Jagso Kaingang, Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto, Larissa Mattos da Fonseca, Maria Dorothea Post Darella, Raquel Mombelli e Tânia Welter)
- 187** Hospedagem solidária e alternativa no 18^o IUAES: intercâmbios de experiências e vivências concomitantes ao World Congress
(Raquel Mombelli e Flávia Cristina de Mello)
- 193** Feira de livros e lançamentos: reuniões, diálogos, polifonias (Parte I)
(Giselle Guilhon, Gláucia Assis, Guilherme Laus, Juana Moreno, Juliana Okawati, Márcia Calderipe e Renata Maia)
- 217** Feira de livros e lançamentos: afetos, encontros, prazeres (Parte II)
(Giselle Guilhon, Gláucia Assis, Guilherme Laus, Juana Moreno, Juliana Okawati, Márcia Calderipe e Renata Maia)
- 249** Comissão de bem-estar do 18th IUAES: um encontro de mundos, um mundo de encontros
(Alexandra Eliza Vieira Alencar, Ana Cláudia Mastrocola Garcia, Camila Sissa Antunes, Cinthia Creatini da Rocha, Giselle Guilhon, Karin Maria Vêras e Marinês da Rosa)
- 259** Reflexões musicais e dramáticas sobre corpos pretos, diáspora, feminismo e diversidade: a programação das comissões de cultura e festa do 18th IUAES Congress
(Alexandra Eliza Vieira Alencar e Fernanda Marcon)

- 269** Antropologia visual no 18 IUAES: a realização das mostras fotográficas
(Carla Pires Vieira da Rocha, Carmen Rial e Cornélia Eckert)
- 279** Relato de experiência desde um mundo de encontros
(Luciana Gransotto e Julia Coelho de Souza)
- 293** Em um “click” tudo se eterniza: breves considerações sobre o registro audiovisual do 18º Congresso Mundial IUAES 2018
(Suzana Morelo Vergara Martins Costa e Ângela Ferreira)
- 299** Rede de Antropologia Feminista e o Circuito Lilás durante o 18º Congresso Mundial IUAES
(Aparecida Shiroko Takigawa, Camila Rocha Firmino, Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro, Gabriela Pedroni, Giovanna Barros Gomes, Isadora Assis Bandeira, Kalena Henckel Pacheco, Matilde Quiroga Castellano e Mariane da Silva Pisani)
- 313** Refletindo sobre a organização dos pré e pós eventos
(Alana Aragão Ávila, Tânia Welter, Kelly Silva, Maria Catarina Chitolina Zanini, Luiz Fernando Rojo, Jean Segata e Patrícia Reinheimer)
- 339** Relatório final do 18º Congresso Mundial da IUAES
(Miriam Pillar Grossi e Simone Lira da Silva)
- 347** Instituições e Comissões organizadoras do 18º Congresso Mundial da IUAES
- 359** Relação de monitoras e monitores do 18º Congresso Mundial da IUAES
- 363** Sobre autoras e autores

Apresentação

Miriam Pillar Grossi
Tânia Welter

Este livro é fruto de reflexões coletivas, feitas por diferentes equipes da organização do Congresso sobre a realização do 18º Congresso Mundial de Antropologia, ocorrido em Florianópolis, Brasil, entre 15 e 21 de julho de 2018. Tivemos 29 comissões envolvidas com diferentes frentes de preparação do Congresso e este livro é fruto de relatos e análises de cada uma destas comissões sobre os aprendizados que a experiência de organizar um congresso internacional do porte do 18th IUAES World Congress trouxe para dezenas de pessoas envolvidas nestas comissões¹.

O discurso de abertura do Congresso, proferido pela coordenadora geral do Congresso e vice-presidente da IUAES, Miriam Pillar Grossi, abre este livro, relembrando os desafios políticos e estratégicos que a organização do Congresso exigiu das equipes locais. Temos, na sequência, 25 capítulos, cada um abordando um aspecto da organização do Congresso.

O capítulo 2, “Quando almas e trabalho se misturam: relatos da ‘secretaria’ do 18º Congresso Mundial da IUAES sobre o trabalho em equipe”, escrito por Simone Lira da Silva, Caroline Amábile Vale dos Santos, Gabriel Darío López Zamora, Gabriela Alano Tertuliano, Larissa Lannes e Maria Luiza Scheren, é o resultado de um esforço coletivo de reflexão sobre o processo de formação acadêmica e profissional proporcionado pelo Congresso Mundial da IUAES à equipe de estudantes de graduação e pós-graduação

1 Temos a lista geral de integrantes das comissões do 18º Congresso Mundial da IUAES no final deste livro.

que atuou na secretaria do Congresso entre julho de 2017 e dezembro de 2018 sob a liderança da pós-doutoranda Simone Lira da Silva.

No capítulo 3, “Assessorando congressistas estrangeiros”, Filipe Tchinese Calueio e Tânia Welter refletem sobre os desafios do atendimento a estrangeiros e estrangeiras para participarem no 18º Congresso Mundial da IUAES, especialmente quanto às informações concernentes à obtenção de vistos, estadia no Brasil, documentações pessoais, vacinas e outros. Lembramos que tivemos inscrições de mais de 100 países e que um número significativo deles precisava de visto para entrar no Brasil.

No quarto capítulo, Gabriel Darío López, Leticia Maria Costa da Nóbrega Cesarino e Marina Laet Panella Motta refletem sobre os desafios enfrentados pela comissão para montar a programação do Congresso e realizar ajustes durante a sua realização, considerando a complexidade e dimensão do evento. Atividade complexa tanto quantitativa quanto qualitativamente, pois exigia também um bom entendimento de questões políticas envolvendo as antropologias mundiais. Era importante potencializar a pluralidade de abordagens e temas, manter o equilíbrio de representação de continentes e assegurar a presença de múltiplas perspectivas teóricas e temáticas no evento.

O quinto capítulo, “Outros olhares sobre a história da Antropologia: experiências pedagógicas de formação na preparação do 18th IUAES World Congress”, escrito por Leonardo de Miranda Ramos, Miriam Pillar Grossi e Tânia Welter, analisa o papel pedagógico e inovador dos “Seminários da Secretaria”. Estes seminários foram realizados no período de preparação do Congresso, e foram denominados de “Outros olhares sobre a História da Antropologia”, sendo que tiveram um papel fundamental para a formação de estudantes de Antropologia sob uma perspectiva decolonial e feminista, uma vez que visavam ao conhecimento da vida e obra das/dos Keynotes do Congresso.

No capítulo seis, “Credenciamento como espaço para afetos, alteridades e aprendizagens”, Matilde de Quiroga Castellano e Soraia Carolina de Mello refletem sobre os desafios de planejar e realizar o credenciamento

deste Congresso, que contava com 3080 inscrições de pessoas de 94 nacionalidades.

Os desafios da acessibilidade são refletidos no sétimo capítulo, por Anahi Guedes de Mello, Flávia de Mattos Motta e Michele Leão de Lima Ávila, em “Deficiência e Acessibilidade no 18º Congresso Mundial da *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences - IUAES*”. As autoras relatam como elaboraram um plano de acessibilidade envolvendo o atendimento a diferentes deficiências e sensibilização das participantes a esta importante problemática da antropologia contemporânea.

Juliana Ben Brizola da Silva, Julia Vivanco Bercovich, Guilherme Ribeiro Colaço Mäder, Sabrina Testa, Héléne Lambert, Juliette Woitchik, Natalia Pérez Torres, Joaquín Correa, Vinicius Kauê Ferreira, Leonardo de Miranda Ramos, Virgínia Squizani Rodrigues, Desirée Sant’Anna Maestri e Isadora Zuza da Fonseca refletem sobre os desafios enfrentados pela comissão de tradução na organização e realização do Congresso, no oitavo capítulo, “Os traduzíveis e intraduzíveis da vida real”. Esta comissão, formada por um significativo grupo de estudantes de graduação e pós-graduação, lusofalantes, francófonos, anglófonos e hispanos falantes, muitos deles nativos de diferentes países e cursando pós-graduação na UFSC, teve um papel central no acolhimento e acessibilidade linguística do Congresso.

No nono capítulo “Articulações e integrações proporcionadas pela Comissão de Comunicação do 18º Congresso Mundial da IUAES”, Mariane Silva Pisani e Alana Aragão Ávila relatam o trabalho realizado pela Comissão de Comunicação. A Comissão foi coordenada inicialmente, em 2017, por Yuri Brah, e tinha como objetivo propiciar uma comunicação eficaz, ágil e fluida entre os diversos atores e atrizes que compuseram o 18º Congresso Mundial da IUAES. Na última etapa de preparação do Congresso a comissão foi ampliada devido à imensa demanda de comunicação.

A atuação da Comissão de Transporte foi descrita por Alessandra Caroline Ghiorzi e Denise Pistilli no capítulo 10, “Welcome to Florianópolis! Uma descrição etnográfica da recepção dos congressistas da IUAES no aeroporto de Florianópolis”. Neste capítulo as autoras relatam a complexidade

da logística de transporte entre diferentes lugares da cidade onde estavam hospedados os participantes, a UFSC e os locais de festa e atividades sociais e culturais.

No décimo primeiro capítulo, “Coordenação da Monitoria IUAES 2018: descrevendo as ações e os desafios”, Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro e Samira de Moraes Maia Vigano apresentam importantes reflexões sobre os desafios enfrentados pela Comissão de Monitoria na qual atuaram como monitoras e monitores do evento 318 pessoas vinculadas a 44 instituições de ensino superior do Brasil e do exterior. O artigo analisa os desafios de compor uma comissão tão grande e com estudantes de tantos lugares do mundo e os impactos desta experiência nas carreiras acadêmicas.

Uma das inovações deste Congresso foi a realização do “Crianças no IUAES”, evento político e lúdico que oportunizou a acolhida de crianças cujos familiares estavam inscritos no evento. A comissão organizadora desta ação destacou o protagonismo infantil e a importância da reflexão e da presença das crianças em eventos e para o desenvolvimento da Antropologia. Estas reflexões podem ser encontradas no décimo segundo capítulo, “Crianças no IUAES”, escrito por Dalânea Cristina Flôr, Jucilaine Zucco, Juliana da Silva Euzébio, Juliane Di Paula Queiroz Odínino, Letícia Cunha da Silva, Regina Ingrid Bragagnolo, Rita de Cácia Oenning da Silva e Saskya Carolyne Bodenmüller.

A Comissão de Instalações surgiu da seguinte pergunta: Como fazer de um evento tão potente, com pessoas de lugares diversos e culturas distintas, um espaço de estudos, trocas e, ao mesmo tempo, de acolhimento e afecções? No capítulo 13, “Instalações e interações, arte e vida”, Andrea Vieira Zanella, Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto e Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes contam sobre o processo de preparar os ambientes do Congresso para o pensar e o sentir.

Aline Ramos Francisco, Elis do Nascimento Silva, Joziléia Daniza Jagso Inácio Jacodsen Schild, Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto, Larissa Mattos da Fonseca, Maria Dorothea Post Darella, Raquel Mombelli e Tânia Welter nos contam sobre os processos de organizar e realizar a Feira de Artesanato

no artigo “Encontro de saberes e fazeres na Feira de Artesanato do 18º Congresso Mundial da IUAES”. Participaram da Feira um total de trinta e quatro (34) artesãs e artesãos, sendo vinte e dois artesãos e artesãs (22) indígenas do sul do Brasil, duas (2) artesãs indígenas dos Povos Nivaclé e Qom, do Paraguai, cinco (5) artesãs das comunidades quilombolas de Santa Catarina, uma (1) artesã da comunidade quilombola de Penalva, estado do Maranhão, e quatro (4) artesãs locais, representando a tradição do artesanato urbano, de inspiração açoriana e afro-brasileiro.

No capítulo 15, “Hospedagem solidária e alternativa no 18º IUAES: intercâmbios de experiências e vivências concomitantes ao congresso mundial”, Raquel Mombelli e Flávia Cristina de Mello refletem sobre os desafios de atender ao objetivo do Congresso de incentivar e viabilizar a participação de pesquisadoras/es vindos de outras partes do Brasil e do mundo. Uma das primeiras formas encontradas foi a criação de uma rede de hospedagem que pudesse acolher estas pessoas, contando com a solidariedade dos participantes do evento que morassem em Florianópolis e com a receptividade da comunidade local da Ilha.

A organização dos lançamentos realizados nos dias 16, 17, 19 e 20 de julho no hall da Reitoria da UFSC, ação tradicional dos congressos acadêmicos, foi refletida pela Comissão de Lançamentos, formada por Giselle Guilhon, Gláucia Assis, Guilherme Laus, Juana Moreno, Juliana Okawati, Márcia Calderipe, Renata Maia, nos textos que compõem os capítulos 16 e 17: “Feira de livros e lançamentos: reuniões, diálogos, polifonias”, Parte I e Parte II. Durante quatro dias foram lançadas 120 obras, envolvendo cerca de 180 (cento e oitenta) pessoas, provenientes de 55 instituições de 12 (doze) países do globo – Alemanha, Argentina, Áustria, Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Inglaterra, Japão, México, Polônia, Portugal e República Tcheca.

A Comissão de Bem-Estar foi outra inovação deste Congresso Mundial de Antropologia. No texto “Comissão de bem-estar do 18th IUAES: um encontro de mundos, um mundo de encontros”, Alexandra Eliza Vieira Alencar, Ana Cláudia Mastrocola Garcia, Camila Sissa Antunes, Cinthia Creatini da Rocha, Giselle Guilhon, Karin Maria Vêras e Marinês da

Rosa nos contam sobre a realização de práticas de bem-estar (de tradição afro-brasileira, do yoga, das abordagens psicossomáticas europeias como massoterapia e osteopatia, do reiki, dentre outras) antes e durante o 18th IUAES World Congress.

No capítulo 19, “Reflexões musicais e dramáticas sobre corpos pretos, diáspora, feminismo e diversidade: a programação das Comissões de Cultura e Festa do 18th IUAES Congress”, Alexandra Eliza Vieira Alencar e Fernanda Marcon refletem sobre os desafios de integrar as atividades acadêmicas e científicas do Congresso com as atividades culturais e de entretenimento, sem que estas parecessem acessórias ou ilustrativas.

Carla Pires Vieira da Rocha, Carmen Rial e Cornélia Eckert analisam o processo de organização e montagem de dez mostras fotográficas no capítulo 20, “Antropologia Visual no 18 IUAES: a realização das mostras fotográficas”.

No capítulo 21, “Relato de experiência desde um mundo de encontros”, Luciana Gransotto e Julia Coelho de Souza refletem sobre a organização e realização de vinte e uma (21) Experiências Antropológicas, organizadas em articulação com os eixos de discussão e painéis temáticos do Congresso. Estas atividades possibilitaram a vivência de participantes em diferentes comunidades e espaços urbanos e rurais de Florianópolis e outras cidades catarinenses.

Suzana Morelo Vergara Martins Costa e Ângela Ferreira refletem sobre a experiência de fazer registros das atividades do Congresso no capítulo 22, “Em um ‘click’ tudo se eterniza: breves considerações sobre o registro audiovisual do 18º Congresso Mundial IUAES 2018”.

No capítulo 23, “Rede de Antropologia Feminista e o Circuito Lilás durante o 18º Congresso Mundial IUAES”, encontramos uma rica reflexão sobre o planejamento e viabilização do encontro da *Rede Global de Antropologia Feminista* durante o Congresso, realizada por Aparecida Shiroko Takigawa, Camila Rocha Firmino, Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro, Gabriela Pedroni, Giovanna Barros Gomes, Isadora Assis Bandeira, Kalena Henckel Pacheco, Matilde Quiroga Castellano e Mariane da Silva Pisani. O artigo reflete também sobre outras atividades do Circuito Lilás, como

eventos artísticos e atividades acadêmicas com temática de gênero/feminista já previstas na programação da 18th IUAES.

O capítulo 24, “Refletindo sobre a organização dos pré e pós-eventos”, ajuda a conhecer um pouco sobre a organização de seis pré e pós-eventos realizados na Universidade de São Paulo (USP, São Paulo/SP), na Universidade de Brasília (UNB, Brasília/DF), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, Santa Maria/RS), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre/RS), na Universidade Federal Fluminense (Niterói/RJ) e na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ, Seropédica/RJ) a partir de entrevistas realizadas por Alana Aragão Ávila com Tânia Welter, Kelly Silva, Maria Catarina Chitolina Zanini, Luiz Fernando Rojo, Jean Segata, Patrícia Reinheimer.

Por fim, se pode conhecer dados quali-quantitativos do 18^o Congresso Mundial da IUAES no último capítulo, intitulado “Relatório final do 18^o Congresso Mundial da IUAES”, escrito por Miriam Pillar Grossi e Simone Lira da Silva.

A realização do congresso em uma universidade pública brasileira permitiu aos participantes estrangeiros conhecerem as condições de ensino e pesquisa no Brasil. Agradecemos imensamente à inúmeros órgãos da UFSC pelo acolhimento, apoio e condições materiais para a realização do congresso. Entre inúmeros órgãos contamos com o importante apoio do Gabinete da Reitoria, das Pró-reitorias de Pós-graduação, Apoio Estudantil, Secretaria de Cultura, Imprensa Universitária e AGECOM. O evento ocorreu em inúmeros lugares da UFSC, com maior número de atividades nos espaços do Centro de Convenções, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro Sócio-Econômico, Centro de Educação, Centro de Comunicação e Expressão, Núcleo de Desenvolvimento infantil, Espaço Cultural Gênero e Diversidade e teve o espaço de sua secretaria cedida pelo Departamento de Antropologia. Agradecemos também o apoio da Pró-Reitoria de Extensão através de bolsas à estudantes que atuaram na organização do congresso. Por fim destacamos o forte apoio das equipes dos Núcleos de pesquisa dos Departamentos de Antropologia, Museologia e Psicologia (NAVI, NEPI, NIGS, NUER), do curso de Licenciatura Indígena e do Instituto de Estudos de Gênero da UFSC.

Acolher o congresso mundial no Brasil

Miriam Pillar Grossi¹

Bem-vindas e bem-vindos ao Brasil, a Florianópolis, à UFSC.

É com muita alegria que acolhemos vocês, oriundas e oriundos de quase uma centena de países do mundo, no *18th IUAES World Congress*, que se realiza pela primeira vez na América do Sul.

Comemoramos neste Congresso 70 anos da decisão – em 23 de Agosto de 1948 – de se nomear como *International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences (ICAES)* o então terceiro congresso internacional de antropologia, realizado em Bruxelas, após a Segunda Guerra Mundial. A denominação atual, *IUAES World Congress*, foi definida na 15a Edição do ICAES, em 2003 em Florença (Itália), tendo sido o Congresso de 2009, realizado em Kumming (China), o primeiro a ter essa nova denominação.

Acolher um Congresso Mundial da IUAES no Brasil era um velho sonho da comunidade antropológica brasileira. E é, portanto, com imensa satisfação que recebemos vocês aqui, vendo nosso sonho realizado.

Foi nesse espírito de júbilo que montamos o programa deste Congresso, articulando atividades estritamente acadêmicas – em que se apresentarão resultados de trabalhos acadêmicos (Keynotes, Plenárias, Simpósios, Open and Closed Panels, lançamento de livros e revistas, antropologia visual, exposições) – com atividades que permitirão a interlocução com os grupos que estudamos (experiências antropológicas, atividades culturais, feira de artesanato indígena e quilombola, festa com visita de uma escola

¹ Discurso de abertura do 18th IUAES World Congress, pronunciado em 16 de julho de 2018.

de samba) e em espaços onde produziremos conhecimentos de forma compartilhada, como nos workshops, nas atividades de bem-estar e nas inúmeras reuniões que permitirão a consolidação de redes temáticas, políticas e afetivas. Para as crianças que acompanharão participantes do Congresso, preparamos uma intensa e lúdica semana de atividades que culminará em um simpósio acadêmico infantil na sexta-feira. Mantendo a tradição dos Congressos Mundiais de Antropologia, de serem espaços de intensa interlocução intelectual, inovamos nesta edição trazendo outras formas de contato, trocas e produção de conhecimento, estimulando o encontro de redes já consolidadas e em processo de formação.

Engajamento Político

Como antropólogas e antropólogos, somos uma comunidade de cientistas que se destaca globalmente pela excelência das pesquisas realizadas. Mas, diferentemente de outras humanidades, a antropologia se destaca também pelo engajamento, diálogo e parceria com os grupos que estuda e com movimentos sociais. Na América Latina, e em particular no Brasil, também temos uma longa experiência de interação, consultoria e apoio à formulação de políticas públicas, de maneira a transformar conhecimento antropológico em ações concretas pela diminuição de violências, discriminações e desigualdades sociais. Durante as poucas décadas de regime democrático que vivemos no Brasil, tivemos importantes conquistas e um diálogo extremamente produtivo entre a Antropologia e o Estado, tanto no estímulo à produção científica e à ampliação das universidades que passaram a ensinar e formar antropólogas e antropólogos, quanto na formulação direta de propostas visando a políticas públicas direcionadas a grupos historicamente subalternizados no Brasil. Vivemos, infelizmente, um rápido retrocesso dessas conquistas com o golpe midiático-parlamentar que cassou o mandato presidencial da primeira mulher presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, em 2016. Além dos prejuízos ao campo da pesquisa e da formação, as novas/velhas políticas econômicas têm levado à destituição dos parques direitos so-

ciais assegurados em governos anteriores. Vivemos, neste momento, uma situação absurda do ponto de vista jurídico-legal, que é a prisão do ex-presidente Lula, acusado mas preso sem provas de corrupção. Seu único crime: ser candidato à eleição presidencial deste ano no Brasil e, assim, colocar em risco o projeto golpista que vivemos hoje no país.

O engajamento com os grupos que estudamos e com os quais produzimos nosso conhecimento se reflete, neste Congresso, por nosso compromisso em acolher colegas e ativistas indígenas, quilombolas, ciganos, pescadores e de outros grupos subalternizados na desigual sociedade brasileira. Convidamos os participantes a escutá-los em diferentes simpósios, painéis e workshops e também a conhecer algumas de suas comunidades por meio das experiências antropológicas que se realizam diariamente fora do *campus* da UFSC.

É também neste espírito que homenagearemos, *in memoriam*, um dos fundadores da antropologia em Santa Catarina, Silvio Coelho dos Santos (1938-2008), árduo defensor dos grupos indígenas de nosso estado e fundador da antropologia na UFSC, nos passos de seu professor Oswaldo Rodrigues Cabral.

Teoria na Prática

Mas o que significou para nós pensar e planejar o 18th IUAES World Congress do ponto de vista antropológico?

Três foram as questões teórico-políticas centrais na organização do programa do Congresso: postura decolonial; igualdade de gênero e reconhecimento das mulheres na antropologia; e igualdade étnica e racial.

Em relação à primeira, fomos aprendendo a escutar e a responder às críticas regulares e permanentes que recebíamos de sermos um congresso “colonial” em razão da exigência de acessibilidade linguística através do inglês como língua franca.

Em relação à segunda, tínhamos claro que queríamos um programa que refletisse o lugar que as mulheres têm hoje (e que de alguma forma

sempre tiveram mas foram esquecidas) nas antropologias nacionais e globais. Não por acaso, tivemos mais de 60% de mulheres inscritas; e nas comissões de organização do Congresso as mulheres significaram quase 90% das integrantes. Este palco, esta mesa, refletem de alguma forma isto: que há, sim, muitas mulheres importantes no nosso campo de conhecimento e que elas podem e devem ser reconhecidas como tais.

Todavia e infelizmente, este palco, que já dá conta de uma certa igualdade de gênero, não reflete um outro princípio teórico-político fundamental de nosso Congresso: o de dar maior visibilidade e reconhecimento a antropologias não brancas: antropologia negra, indígena, cigana, etc. Buscamos ter uma maioria de *keynotes* não brancos e investimos pesadamente em dar visibilidade ao pensamento indígena e quilombola brasileiro em Painéis e Simpósios. Reconhecemos que essa ainda é uma dívida social e intelectual que temos dentro de nossa comunidade antropológica brasileira e mundial; e esperamos que essa profunda desigualdade e falta de reconhecimento possam ser superadas nos congressos vindouros.

Agradecimentos finais

IUAES e Associação Brasileira de Antropologia (ABA) se uniram para a realização desta edição mundial do Congresso no Brasil. E foi com coragem e determinação que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) assumiu a organização do Congresso em Florianópolis. Agradecemos vivamente o apoio de inúmeras instâncias da UFSC.

Somos imensamente gratas também às dezenas de colegas (estudantes, professoras/es, pesquisadoras/es, servidoras/es, amigas/os, familiares) que se uniram a nós neste projeto, cuja marca principal foi o trabalho coletivo e horizontal. Agradecemos às dezenas de pessoas que participaram de comissões organizadoras, em particular a Tania Welter, Simone Lira da Silva, Leonardo Ramos, Yuri Brah e Lais Eloá Pelegrinelo, que foram incansáveis e os melhores companheiros possíveis para sonhar e chorar juntos, ao longo dos últimos 12 meses de preparação deste Congresso. Sublinhamos

também que, assim como entre as inscritas, foram as mulheres a maioria das colaboradoras da organização do Congresso. Esse envolvimento profissional, afetivo e militante se reflete tanto na infraestrutura quanto nas inúmeras atividades do Congresso. Destacamos, entre elas, as atividades da Rede Global de Antropólogas Feministas, liderada por um grupo de jovens estudantes de antropologia da UFSC.

Estaremos juntos entre 16 e 20 de julho de 2018 para compartilhar nossos saberes, produzir e ampliar nossas redes acadêmicas e fortalecer nossas associações científicas em nível mundial.

Desejamos que cada uma/um viva intensamente esta semana e que volte para sua casa renovada/o pelo prazer de se sentir parte da comunidade antropológica mundial.

Quando almas e trabalho se misturam: relatos da “secretaria” do 18º Congresso Mundial da IUAES sobre o trabalho em equipe

Simone Lira da Silva
Miriam Pillar Grossi
Caroline Amábile Vale dos Santos
Gabriel Darío López Zamora
Gabriela Alano Tertuliano
Larissa Lannes
Maria Luiza Scheren

Introdução

Este artigo é o resultado de um esforço coletivo de reflexão sobre o processo de formação acadêmica e profissional proporcionado pelo congresso mundial da IUAES à equipe de estudantes de graduação e pós-graduação que atuou na secretaria do Congresso entre julho de 2017 e dezembro de 2018 sob a liderança da pós-doutoranda Simone Lira da Silva.

Enquanto um ritual fundamental da cultura acadêmica, um congresso é um momento único que reúne uma comunidade científica visando à transmissão de novas descobertas e de das inovações metodológicas de um determinado campo de conhecimento. Pouco se refletiu até o momento sobre como um congresso é também uma forma de promover a formação integral dos profissionais e estudantes envolvidos em sua organização.

A organização do 18th IUAES World Congress teve também como objetivo proporcionar a alunos/as e professores/as da UFSC uma experiência ímpar na organização de um evento internacional desse porte no Brasil.

Organizar este megaevento foi também um processo de aprendizagem e formação em Antropologia, para além dos espaços formais de formação em cursos e disciplinas. Nesta perspectiva deu-se a integração na secretaria do Congresso de estudantes de graduação de diferentes cursos em atividades de estágio remunerado, em comissões de organização de diferentes frentes e em atividades de monitoria durante o evento.

Refletimos aqui sobre várias facetas desse processo: a constituição da equipe, o aprendizado de trabalho em equipe e os processos de integração, a comunicação com o público do Congresso, a recepção dos congressistas e a elaboração de certificados, relatórios e publicações no período pós-congresso.

Os primeiros passos

No início da organização da secretaria, em julho de 2017, contávamos com uma equipe de apenas dois estudantes de graduação: Leonardo de Miranda Ramos (curso de Antropologia) e Yuri Brah (curso de Ciências Sociais) e a pós-doutoranda, com doutorado em Antropologia, Simone Lira da Silva. No decorrer do segundo semestre de 2017 também colaboraram com a equipe Lais Eloá Pelegrinello (graduada em Ciências Sociais) e a estudante de Psicologia Larissa Niemann. Desde este primeiro momento, aprender a trabalhar em equipe se revelou como o mais difícil e importante aspecto de nossas tarefas na secretaria.

Nosso primeiro objetivo foi conseguir colocar o site do congresso no ar, em diálogo com a empresa Dype. À medida que o site do Congresso ia sendo criado com o design de Yuri Brah e que começamos o processo de divulgação internacional do evento, ficou claro que precisávamos formar nossa equipe na geopolítica da antropologia mundial para realizar contatos com diferentes instituições e pessoas e atender às diferentes demandas oriundas de distintas formas de fazer antropologia ao redor do mundo.

Inicialmente, pensava-se em contratar uma empresa para se responsabilizar pela secretaria do congresso mas, face ao trabalho que estava

sendo desenvolvido pela equipe inicial, decidiu-se por manter a secretaria local do Congresso movida por estudantes, sob orientação de docentes diretamente envolvidos na comissão organizadora. Já no segundo semestre de 2017 começaram a serem articuladas comissões que passaram a gerenciar aspectos específicos do Congresso: acessibilidade, alimentação, atividades culturais, crianças no evento, festas, hospedagem solidária, infraestrutura e espaço físico, monitoria, pré e pós- evento, tradução (inglês, francês, espanhol), transporte, experiências antropológicas, lançamentos de livros/ CDs e revistas, feira de artesanato etc.

Seleção e integração de bolsistas na equipe

Para a efetivação deste processo, em outubro de 2017 foram solicitadas bolsas de estágio e de extensão para estudantes de graduação a diversos editais da UFSC (Bolsas PIBE, PROBOLSAS, PROCULTURA), por professoras e professores participantes da comissão organizadora local da UFSC¹. Uma vez tendo sido as bolsas aprovadas, em março de 2018 foi realizado um processo seletivo e foram integrados na equipe 7 (sete) estudantes de graduação em Antropologia, Ciências Sociais, Museologia, Letras e Relações Internacionais. O objetivo dos diferentes projetos de pedidos de bolsas era propiciar a estudantes de graduação experiência na organização de eventos acadêmicos, assim como ampliar seus conhecimentos sobre a constituição do campo acadêmico de Antropologia. Este objetivo se concretizou a partir do suporte em diferentes frentes de planejamento, organização e realização do 18 Congresso Mundial da IUAES na UFSC.

Atenderam ao edital de seleção para a secretaria do congresso 30 estudantes dos mais variados cursos. O processo de seleção de bolsistas foi realizado em duas ocasiões ao longo do semestre por uma equipe de

1 Além das bolsas solicitadas pela coordenadora do congresso, Professora Miriam Grossi, agradecemos o apoio do professor Amurabi Oliveira e das professoras Andrea Zanella, Alicia Castells, Ilka Boaventura Leite e Leticia Cesarino, que se dispuseram a fazer demandas de bolsas para este projeto.

professores ligados à organização do Congresso. Tratava de difícil escolha, uma vez que havia muitos estudantes interessados em ter a experiência de organizar o Congresso e apoio de bolsa para poderem cursar a universidade em tempo integral.

Foram privilegiados nas seleções critérios relativos ao conhecimento de línguas e informática, habilidades relativas a design gráfico e redação. Estudantes que foram selecionados relatam como viveram o próprio processo de seleção e os aprendizados que participar da seleção e da secretaria lhes proporcionou:

Quando passei pelo processo seletivo de bolsista da IUAES, tive a sensação de ser extremamente sortuda. Estava bem nervosa no dia da entrevista... Não tinha muitas experiências de trabalho, e meu currículo era na verdade mais dotado de cursos de língua, participações em eventos, trabalho voluntário e cursos que tranquei... Isso, que foi algo como uma intimidação no início, tornou-se bastante positivo no final, pois pude ter contato com a minha área favorita do meu curso de graduação em Ciências Sociais e pude entrar “de penetra” (que talvez seja um ponto de personalidade dos antropólogos) no mundo da Antropologia. Sendo assim, segue meu agradecimento pela belíssima oportunidade oferecida pela Coordenadora Geral do 18º Congresso Mundial IUAES, que incluiu graduandos na organização e experiência deste congresso histórico e grandioso sediado em diversos países. À Coordenadora da Secretaria IUAES, Simone Lira da Silva, que nos guiou e auxiliou em todo o processo de organização e sediação do evento, e aos colegas, que hoje prevalece uma grande amizade, agradeço pela empatia e união de forças sempre que necessário, sem essa pequena, porém, grande equipe, este evento não teria sido um sucesso (Marília Oliveira, estudante da 2ª fase de Ciências Sociais)

Lembro-me bem do momento que decidi me inscrever para a bolsa PIBE e atuar junto às atividades da secretaria do congresso. Por mais que já tivesse enviado meu email de inscrição, eu ainda estava incerta da minha ida à entrevista. Estando

aqui percebo no que se baseava minha insegurança: eu, uma aluna do primeiro semestre do curso, sem experiência na organização deste tipo de evento, não acreditava que seria uma oportunidade para a qual eu fosse selecionada para participar. Mas sempre inspirada no pressuposto de que deve-se pelo menos tentar, fui ao encontro presencial... Eu estava empolgada com a possibilidade de ter essa experiência junto ao congresso da IUAES, e foi esse interesse que procurei transmitir, é verdade que junto com uma certa ansiedade, característica da minha pessoa. O resultado veio logo depois: eu não havia sido selecionada para a bolsa PIBE, mas fiquei como suplente caso uma nova oportunidade aparecesse... Outra oportunidade apareceu e eu, antes insegura e sem acreditar que conseguiria, fui chamada para me juntar à equipe da secretaria. (Maria Luiza Scheren – estudante da 2ª fase de Antropologia)

Passaram a atuar na secretaria, inicialmente, 7 (sete) bolsistas de graduação. No decorrer do primeiro semestre de 2018, 2 (dois) estudantes se desligaram das bolsas e outros 5 (cinco) ingressaram na secretaria em junho, último mês antes do Congresso, durante o congresso e nos meses do processo pós-congresso mais 2 (duas) estudantes passaram a integrar a secretaria. Atuaram, ao longo de todo o processo de preparação do Congresso, 21 bolsistas, sendo 17 estudantes de graduação, 1 graduada, 1 mestre e 2 pós-doutorandas².

2 Atuaram, entre agosto de 2016 e junho de 2017, Juliana Cavilha Losso (pós-doutoranda), Jair Zandoná (pós-doutorando) e Lais Eloá Pelegrinello (estudante em Ciências Sociais); de julho de 2017 até o janeiro de 2019 estiveram à frente da secretaria Leonardo de Miranda Ramos (curso de Antropologia – inicialmente aluno de graduação e depois de mestrado) e Simone Lira da Silva (pós-doutoranda, com doutorado em Antropologia). De julho de 2017 a julho de 2018, Yuri Brah (Curso de Ciências Sociais); de julho de 2017 a dezembro de 2017, Lais Eloá Pelegrinello (graduada em Ciências Sociais) e Larissa Nieman (estudante de Psicologia); de março de 2018 a dezembro de 2018, Caroline Amábile Vale dos Santos, Filipe Tchinese Calueio (Curso de Relações Internacionais); de março a julho de 2018, Jessica Ferreira da Silva (Curso de Museologia) e Larissa Martins Lannes (Curso Letras Inglês); de março a maio de 2018, Marília Oliveira (Ciências Sociais); de março a junho de 2018, Naomi (Curso de Ciências Sociais); de março a setembro de 2018, Gabriel Dario Lopez Zamora (Curso de Antropologia); de julho a setembro de 2018, Gabriela Alano

Inúmeras foram as atividades desenvolvidas pela equipe da secretaria neste processo de 18 meses de preparação, realização e elaboração de relatórios. Destacamos as que ocuparam mais tempo e dedicação: a) divulgação do Congresso em esferas nacionais e internacionais; b) articulação de contatos com antropólogos/as e instituições brasileiras e estrangeiras de ensino de antropologia; c) auxílio na logística da programação e distribuição das atividades do Congresso dentro do espaço físico disponibilizado pela universidade; d) elaboração de ofícios e comunicados oficiais em português, inglês, espanhol e francês; e) edição e administração do site e da página do Congresso no facebook; f) gerenciamento dos e-mails do Congresso; g) gerenciamento das inscrições para as atividades do Congresso, monitoramento das atividades do evento, publicação dos anais do evento, relatórios de prestação de contas e publicações de anais; h) contato com as embaixadas brasileiras no exterior para facilitar a liberação dos vistos; f) e, no pós-congresso, organização dos artigos dos anais do evento.

Além da experiência relacionada à organização prévia, a equipe da secretaria pôde atuar com responsabilidades em diferentes comissões e atividades do evento. Puderam, assim, mesmo sem um diploma de graduação em mãos, participar de atividades essenciais do Congresso antes, durante e depois do evento, além de ter contato com profissionais de Antropologia e de áreas afins, contato que avaliamos como de grande importância para toda a equipe.

As atividades de organização, articulação de contatos e desenvolvimento logístico do Congresso proporcionaram para os e as estudantes de graduação atuantes na secretaria aprendizados ímpares para suas futuras áreas de atuação profissional. Para a execução de suas funções na secretaria, toda a equipe participou de encontros semanais de formação. Nesses encontros, denominados Seminários da Secretaria, organizados pelo

Tertuliano (Curso de Ciências Sociais); de junho a agosto de 2018, Marina Rieck Borck (Curso de Museologia), Maria Luiza Scheren (Curso de Antropologia), Alessandra Caroline Ghiorzi (Mestra em Antropologia) e Luiz Fernando Mendes de Almeida (Curso de Antropologia). De agosto a de 2018 a janeiro de 2019, Ivi Porfírio (Curso de Ciências Sociais); de novembro a dezembro de 2018, Lais Eloá Pelegrinello (graduada em Ciências Sociais).

mestrando em Antropologia Leonardo de Miranda Ramos, a equipe teve conhecimento sobre as principais temáticas de produção antropológica no Brasil e no mundo, com destaque para o conhecimento das principais key-notes do Congresso e de outras antropólogas não brancas do sul global. Com este treinamento, os e as estudantes desenvolveram habilidades para a comunicação com profissionais de diferentes culturas e adquiriram experiência de articulação política dentro do campo da antropologia mundial. A equipe teve também a oportunidade de estabelecer novos contatos acadêmicos que poderão ser de grande valia para a continuidade da formação acadêmica na pós-graduação, inserção no mercado de trabalho e atuação profissional.

Dinâmica e gestão do trabalho em equipe

A “secretaria”, como passou a ser chamada esta equipe, atuava em duas salas do departamento de Antropologia no prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Como já explicado, esta secretaria havia iniciado seus trabalhos em 2017 e foi esta equipe inicial que recepcionou e formou as/os novos integrantes que passaram a integrar a secretaria ao longo de 2018.

A atividade dos bolsistas que atuavam em projetos de extensão ligados ao 18th IUAES World Congress tinha como objetivo proporcionar treinamento profissional de organização de eventos acadêmicos. Para tanto foi fundamental a construção de um modelo de gestão da equipe que visava a exercitá-los a aprender a trabalhar em equipe. Nesta formação, as reuniões semanais de avaliação e planejamento foram fundamentais também para o aprendizado de resolução coletiva de conflitos e problemas decorrentes de má comunicação e entendimentos diferentes dos objetivos do projeto que estava sendo realizado.

O processo de produção coletiva de regras e conhecimento dos participantes foi muito rico para todos os envolvidos na secretaria. Além disso, também serviu como formação docente, tendo em vista que Simone Lira da Silva, bolsista de pós-doc junto ao Programa de Pós-Graduação em

Antropologia com bolsa PDJ CNPq, exerceu orientação de alunos/as de graduação nas atividades da secretaria, estimulando-os/as a atuarem com autonomia e responsabilidade.

Apresentamos a seguir como se organizou o trabalho da equipe da secretaria ao longo de todo o processo de organização do Congresso.

Coesão, cooperação e sentimento de grupo

Com o intuito de unir as inúmeras frentes de trabalho, foram criados diferentes mecanismos de coesão. Um deles era inserir nas diferentes comissões um dos membros da secretaria. A presença desta pessoa na comissão permitia que as informações sobre o que estava sendo produzido nas diferentes frentes de organização do Congresso fossem de conhecimento da secretaria que, assim, podia também fazer circular informações de interesse e confluência entre mais de uma comissão. Outro mecanismo foi a criação de momentos de integração interna à secretaria, em espaços de encontro como os almoços semanais com a equipe e em atividades de bem-estar, coordenados por uma das comissões do evento que visavam ao relaxamento e compartilhamento semanal de um momento de encontro e integração não verbal.

A presença de membros da coordenação geral em tempo integral na secretaria foi também uma garantia de apoio à equipe de bolsistas na resolução e encaminhamento de inúmeras atividades da secretaria e, em especial, na resposta às permanentes dúvidas ligadas às respostas a demandas de participantes.

O fato de todos os membros da secretaria atuarem em diferentes comissões organizadoras e trabalharem no mesmo espaço físico durante o período de preparação do Congresso permitiu que processos referentes à organização do evento fossem encaminhados de maneira muito ágil e eficaz. Por exemplo, demandas vindas por meio das redes sociais ou por e-mail eram rapidamente comunicadas às comissões através dos membros da secretaria que atuavam nelas, e assim era possível obter respostas e soluções imediatas às novas demandas que chegavam ininterruptamente.

As reuniões/almoço semanais, realizadas na sala auxiliar da secretaria, que contava com uma grande mesa e equipamentos de copa-cozinha, eram momentos em que a equipe relatava suas atividades e as dificuldades encontradas e nos quais as principais e mais complexas demandas eram discutidas coletivamente. Estas reuniões serviam para discutir com o grupo os princípios gerais do Congresso e, desse modo, produzir uma orientação coletiva sobre os procedimentos e as prioridades de cada semana. Este era, em geral, um momento de rediscussão das regras de submissão de trabalho e onde se buscava encontrar formas de flexibilizar prazos, demanda que recebemos em todas as fases da organização do Congresso. As reuniões eram momentos de reelaboração coletiva do processo de organização do Congresso e também um momento para repensar as metodologias de trabalho.

As reuniões/almoço propiciavam um ambiente amistoso que contribuiu para fortalecer sentimentos de grupo. Como relata um estudante,

Após a seleção, veio o que normalmente resulta incômodo: a etapa de integração da equipe, acrescida da dificuldade de tratar-se de pessoas que vêm de cursos diferentes. Nesse sentido, houve muitos esforços das coordenadoras do congresso, para proporcionar espaços carregados de certa “leveza” para facilitar a interação. Espaços como almoços semanais ou o café no meio da manhã onde se discutia aleatoriedades relacionadas ao que vínhamos fazendo em cada curso, fatos engraçados ou bizarros do processo de interação com os congressistas, amenidades de nossas vidas pessoais.

Após este tipo de atividade mais recreativa, período que chamei de “encontro” de nossa equipe multidisciplinar, foi mais claro e até orgânico (no sentido teatral da palavra) a distribuição das tarefas, nas quais cada um ou em conjunto fomos tomando frente. Nesses momentos, eram discutidos problemas que chegaram via e-mails em inglês ou em espanhol, relatando dificuldades referentes a assuntos diplomáticos (como o conteúdo necessário nas cartas de aceite e outras documentações do congresso, que podem variar segundo o país no qual o congressista se encontrava). A pessoa que recebia o e-mail identificava

ao congressista, pensando na sua nacionalidade, histórico de emails entre muitos outros dados; encaminhava para os colegas do curso de Relações Internacionais que pensavam na solução diplomática que o congressista precisava e a frente de tradução realizava o necessário para enviar a mensagem e documentação no idioma que era requerido pelo/a congressista. (Dario Lopez, estudante da 8ª fase em Antropologia na UFSC)

Além do almoço coletivo, em geral produzido pela coordenação, diariamente estudantes e professoras que frequentavam a secretaria, levavam bolos, biscoitos, doces que eram compartilhados entre todos que ali trabalhavam e passavam para reuniões ou para “visitas” onde sempre se tomava um “cafezinho”. Frequentadoras/es da secretaria compareciam com também muito seguido frutas, geleias, doces, biscoitinhos, bolos, cucas, chocolates e outras delícias para compartilhamento de todas/os. Quartas-feiras, dia da tradicional feira ecológica na UFSC, era um dia onde sempre se adquiriam produtos para lanches coletivos da secretaria. Esta intensa circulação de alimentos foi, sem dúvida, uma das características fundamentais do processo de integração da equipe.

Certamente, nenhum/a antropólogo/a que tenha lido Marcel Mauss (2003) desconhece o poder que compartilhar alimentos tem para a formação de grupos na construção de laços sociais dados por processos de reciprocidade. Nas atividades da secretaria o dom, enquanto sistema de troca-dádiva, estava sempre presente. Para Marcel Mauss, o sistema de troca e em especial a obrigação de retribuir é universal, estando presente em muitos grupos e sua finalidade é, antes de tudo, moral, pois produz sentimentos de obrigação a longo prazo entre os envolvidos nas trocas:

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (MAUSS, 2003, p. 212).

Afinal, o que mais além da “mistura das almas” poderia levar a se ter prazer em horas infindáveis de elaboração de tabelas ou em ficar até tarde da noite na UFSC, no domingo, 15 de julho, após um dia exaustivo de trabalho no credenciamento das primeiras levas de participantes, à espera das bolsas indígenas vindas do interior do Rio Grande do Sul no ônibus dos estudantes da Licenciatura Indígena sem ter ideia de que horas ou mesmo se essas chegariam naquela noite? Não se sabia exatamente o horário previsto de chegada, mas precisava-se de pessoas para descarregar as cestas. A equipe da secretaria era a única ainda no campus e nenhum dos membros quis ir embora. Ficamos todos quase até as 10h da noite esperando pela resposta, comendo pizza, tomando refrigerante e compartilhando histórias vividas por cada um no primeiro dia de credenciamento. Havia algo mais sendo trocado ali, algo muito, muito além do valor recebido como bolsas de estágios aos/as alunos/as que atuaram na organização do Congresso. Eram, como nos ensinou Mauss, “almas se misturando”.

Desafios da comunicação através da secretaria

A realização do evento dependia em alto grau da eficácia com que se desse a interlocução entre a secretaria, membros da Comissão Organizadora, entre a Comissão e os/as demais participantes nas atividades propostas. Para isto as informações deveriam ser claras, objetivas e transmitidas da maneira mais ágil possível. Com esse intuito, a equipe foi subdividida em diferentes comissões, responsáveis por setores específicos da organização. Nas reuniões gerais das comissões do Congresso, realizadas mensalmente, se fazia essa articulação entre as demandas que chegavam na secretaria e as diferentes frentes do Congresso.

Em um primeiro momento da organização do Congresso, todas as mensagens foram difundidas nas quatro línguas oficiais da IUAES: inglês (que atuou como língua franca), espanhol (para os/as latino-americanos/as), português (para os brasileiros/as) e francês (para pesquisadores/as oriundos/as e/ou formados/as em países francófonos). No decorrer das

atividades, contudo, percebeu-se que o tempo demandado para tradução nos quatro idiomas oficiais era excessivo e que muitos dos e das participantes brasileiros, latino-americanos e francófonos nos escreviam mensagens em inglês. Decidimos, portanto, a partir de maio, dar prioridade à tradução dos textos escritos em português apenas para o inglês, que se tornou efetivamente a língua franca do Congresso.

No entanto, tal decisão gerou uma série de novas questões a serem resolvidas pela secretaria. O uso de uma maior quantidade de idiomas permitia que as informações divulgadas fossem mais precisas e facilitava o entendimento por parte dos/as falantes nativos/as. Apesar de o português ser o idioma de grande parte dos/as participantes (brasileiros/as, em sua maioria), para a grande maioria dos/as participantes estrangeiros/as o inglês se tornou a principal opção linguística de comunicação com o Congresso. Conseguindo articular a tradução dos materiais para os dois idiomas, inglês e português, a equipe responsável por alimentar os sites teve como objetivo manter todas as atualizações para as duas línguas. O aumento da precisão dos termos traduzidos e melhor articulação das informações do site propiciou uma melhor compreensão das informações transmitidas e, portanto, diminuiu o fluxo de e-mails recebidos pela secretaria.

Um dos maiores desafios da secretaria foi de responder diariamente a dezenas de mensagens. Entre agosto de 2017 e agosto de 2018 (até as 20h do dia 07/08/2018), foram recebidas 10.875 mensagens pelo principal e-mail da secretaria do congresso (secretariat@iuaes2018.org). Uma parte significativa dessas mensagens era de respostas automáticas às nossas Newsletters e mensagens repetidas, erro comum quando a mensagem era enviada pela plataforma de contato do site. Foram efetivamente respondidas 6.490 mensagens, sendo que foi entre março e julho de 2018 que houve o maior número de mensagens recebidas e respondidas, com uma média de 300 mensagens por semana.

As principais demandas recebidas por e-mail eram: pedido por prorrogação de prazos; inscrição e submissão de trabalhos, dúvidas sobre como fazer o pagamento e submissão de trabalhos completos; envio de trabalhos

fora do prazo para serem incluídos na programação, pedidos de reservas de espaço para reuniões de diversas comissões, grupos ou redes; solicitação de recibos/declarações de pagamento e certificados; pedidos por carta de aceite para requerimento de vistos; dúvidas sobre a cidade, clima, hotéis e locomoção; problemas para efetuar o pagamento (aos estrangeiros só foi permitido pagamento via Paypal); solicitações de reembolso de inscrições; pedidos por auxílio de custos; pedidos de alterações na programação do Congresso, tais como fusão de painéis, ampliação do número de sessões e data/horário das mesas, inclusão de novos integrantes; dúvidas quanto à cidade e aos procedimentos para submissão de trabalhos e pagamento.

Os depoimentos de bolsistas vinculados diretamente à secretaria ou de outros projetos e núcleos de pesquisa que atuaram no apoio à secretaria em diferentes etapas ilustram os desafios pessoais desta intensa atividade:

A secretaria exigia um trabalho pró-ativo, com uma grande demanda de lidar com pessoas, administração e resolução de problemas. Os trabalhos por vezes eram repetitivos e cansativos, mas também foram um grande aprendizado. (Marília Oliveira – estudante da 2ª fase de Ciências Sociais)

Trabalhar em conjunto a equipe da secretária em suas demandas me possibilitou previamente conhecer todos que participaram do evento, além de claro me possibilitar inteirar a equipe de organização do evento de outra forma. Sendo assim, ao trabalhar com a escala de horário dos monitores, como com organização de documentos e arquivos, como programação, me possibilitou contato com todos os acontecimentos envolvendo o congresso. (Giovanna Barros Gomes, estudante da 5ª fase de Antropologia)

Logo que iniciei os trabalhos na secretaria do Congresso Mundial IUAES pude perceber que todos ali estavam conectados. [...]. Trabalhei no webmail, respondendo a dúvidas relacionadas ao envio e apresentação de trabalhos, localizações dentro da universidade, monitoria, isentos etc. Logo no meu primeiro momento como bolsista dentro da secretaria fui incumbida

de responsabilidades não só junto deles, mas também com a equipe de comunicação. Minhas principais funções junto à Comissão de comunicação era atualizar os sites tanto em português como em inglês, ver se as informações disponíveis em ambos eram correspondentes entre si, atualizar materiais da programação, divulgação e orientações sobre o cronograma do evento, realizar a divulgação de materiais do congresso e relacionados a ele na página oficial no facebook (IUAES Congress Brazil – <https://www.facebook.com/iaesbrazil/>) e por meio desta mesma página atender e ajudar em demandas dos participantes e interessados no congresso. (Gabriela Tertuliano, aluna da 3ª fase de Ciências Sociais)

Como relatado nos depoimentos acima, muitas dúvidas também eram recebidas por meio da página no facebook. Nesses casos, além de responder individualmente e buscar resolver as demandas que surgiam, aproveitamos para realizar publicações sobre a dúvida respondida, pois, assim, a resposta servia para outros seguidores da página.

Recepção das e dos congressistas durante o evento

Durante a realização do Congresso, entre 15 e 20 de julho de 2018, toda a equipe, então conhecida como “a secretaria”, esteve trabalhando no centro de eventos, atendendo a demandas de última hora e também conhecendo os antropólogos e antropólogas com os quais trocamos mensagens no decorrer de quase um ano de preparação do Congresso.

O credenciamento de brasileiros/as e estrangeiros/as manteve a equipe da secretaria ocupada durante todo o Congresso, sobretudo nos primeiros dias. Participantes cujas inscrições não estavam regulares eram direcionados/as à secretaria para realização do credenciamento e entrega dos materiais oferecidos pela organização do evento. Participantes que desejavam efetuar sua inscrição e/ou pagamento no momento do evento também precisaram entrar em contato diretamente com a secretaria, o que criou um enorme volume de trabalho nos dois primeiros dias de evento.

Ali também foi realizada a venda de passes do Restaurante Universitário, pagamento das Experiências Antropológicas, tickets para o Jantar de Adesão, fornecimento de recibos e emissão de certificados àqueles/as que não o haviam recebido no momento de suas respectivas apresentações. Para além destas demandas, a equipe da secretaria se deparou com diversas outras solicitações, tais como: informações sobre locais de eventos como painéis e workshops, dúvidas sobre ônibus para os hotéis, dúvidas sobre como aderir ao transporte para o jantar de adesão, localização de prédios e salas dentro do campus da universidade, indicação de restaurantes, farmácias, bancos e casas de câmbio próximas ao campus, informações sobre horários de apresentação, busca por apresentações de participantes em específico, dúvidas sobre como participar das diversas atividades sendo oferecidas ao longo do congresso – tal qual a festa na escola de samba, as experiências antropológicas etc. Havia também inúmeros pedidos para que fossem pedidos Uber, sugestões de passeios turísticos na cidade, dúvidas sobre valores de pagamento e reembolsos, cadastramento de participantes convidados especiais que receberam isenção das taxas e muitas outras demandas inusitadas.

Estas demandas se davam porque a localização do balcão da secretaria estava logo na entrada do centro de eventos e por isto muitos dos participantes nos viam como uma central de informações. Mantivemos ali a postura da secretaria nos meses anteriores ao Congresso, em que não medimos esforços para atender ao máximo de demandas possíveis. Dividimos a secretaria em frentes linguísticas durante o atendimento, de forma a possibilitar o diálogo com participantes falantes de português, inglês e espanhol, além de promover o repasse de informações para quem operava o caixa. Nos últimos dias do Congresso, a secretaria se ocupou primordialmente da emissão de certificados para palestrantes e coordenadores que não se encontravam com os documentos regularizados, buscando se ocupar da tarefa da maneira mais eficiente possível.

Após o fechamento do balcão da secretaria, a equipe também auxiliou as comissões de Transporte e Tradução em suas atividades de deslocamento de participantes para o Jantar por Adesão e aos hotéis, e na tradução

ao longo do evento, respectivamente. O Jantar, em restaurante da Lagoa da Conceição, demandou um esforço coletivo da secretaria, que buscou atender os participantes, orientando-os quanto ao transporte de ida e volta, o funcionamento do buffet e intermediando muitos dos diálogos de congressistas estrangeiros com a equipe do restaurante. Além disso, este evento promoveu um cenário de integração entre os próprios membros da organização e destes com os congressistas, uma oportunidade única que uniu os maiores nomes da antropologia mundial e permitiu que estudantes e profissionais brasileiros tivessem a chance de compartilhar seus conhecimentos e experiências com colegas estrangeiros. Em meio às demandas e ao estresse de inúmeras responsabilidades para com o evento, o Jantar permitiu que a equipe recuperasse as energias, e agradeu a todos os participantes que puderam experimentar um pouco da gastronomia da Ilha de Santa Catarina e a hospitalidade brasileira. Tanto a ida quanto a volta do jantar foi feita em ônibus locados pela Comissão de Transportes. Cada um deles contou com dois membros da organização que se dirigiram aos participantes em inglês e espanhol durante o trajeto, explicando o cardápio e a programação da noite, além de tirar dúvidas trazidas pelos participantes. No retorno, o mesmo procedimento foi tomado para organizar a chegada dos participantes em seus respectivos hotéis.

Um ponto importante que vale ser mencionado foi a enorme satisfação com a organização do Congresso que os congressistas reportaram à secretaria ao longo de todo o evento. Muitos participantes fizeram questão de se apresentar pessoalmente à equipe com quem tinham dialogado por tanto tempo por e-mail, agradecendo por todos os serviços prestados e pela atenção. Alguns trouxeram presentes e lembranças de diversas partes do mundo, promovendo uma incrível interação cultural com a equipe local. Os relatos dos participantes nos deixaram confiantes de que a intensa dedicação coletiva dos últimos meses havia valido a pena. Eles não apenas se sentiram bem recepcionados e acolhidos, como muitos também afirmaram ter sido a melhor e mais envolvente edição do Congresso da IUAES da qual já haviam participado.

Atividades no período pós-evento

No final do Congresso, a equipe da secretaria entrou alternadamente em férias, pois assim como era fundamental descansar do megalé de organização do Congresso, havia demandas urgentes a que precisávamos atender. A principal delas dizia respeito a certificados e recibos de congressistas que deviam justificar participação no Congresso e gastos junto às suas respectivas instituições.

Junto com a secretaria tanto antes, durante como depois do evento, algumas das atividades desenvolvidas foram acompanhar e atualizar dados dos participantes no sistema de inscrições, emitir certificados e recibos, organização do material físico disponibilizado aos congressistas, entre outras diversas demandas por email, e durante o evento, presencialmente. (Gabriela Tertuliano, estudante da 2ª fase de Ciências Sociais)

O trabalho para a organização do 18º Congresso Mundial de Antropologia da IUAES foi intenso, tanto antes como durante o evento e continua posteriormente a ele. Desde os primeiros passos de reunir a primeira equipe, esta que foi modificada diversas vezes até o encontro de julho, até a organização após o fim do congresso o trabalho demandou de cada uma e cada um muito esforço, aprendizado e dedicação. Tanto ao receber as demandas internas assim como as externas, nos organizamos e nos dedicamos para que cada resolução pudesse atender melhor o maior número de solicitações, para que nada ficasse pendente. (Maria Luiza Scherem, estudante de 2ª fase de Antropologia)

Iniciou-se também neste momento a organização de documentos em vista da elaboração de relatórios finais do Congresso e do que viria a ser a principal atividade de toda a equipe da secretaria, entre agosto e dezembro de 2018, a organização dos Anais do Congresso.

A organização dos anais

Todos os textos apresentados (e enviados à publicação) foram editados e publicados em Anais em formato de livro com ISBN e classificação no Qualis CAPES. Os Anais contaram com a contribuição de 459 artigos, totalizando 6456 páginas após a diagramação. Devido ao grande número de páginas, os artigos foram organizados em 4 (quatro) volumes, para facilitar a publicação em formato eletrônico na página do Congresso (https://www.pt.iaaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=766) em dezembro de 2018.

Destacamos que esta foi a primeira vez na história da IUAES que foram publicados Anais com os textos apresentados no Congresso e que por isto não tínhamos um modelo a seguir. A metodologia para identificar os artigos encaminhados e criar uma identidade visual para todos também precisou ser desenvolvida pela equipe. Inicialmente, baixamos do sistema, em uma planilha, dados de todos os trabalhos que receberam envios de artigos completos e/ou anexos. Depois, foi necessário separar manualmente o que eram arquivos de artigos e o que eram arquivos de fotos ou livros encaminhados para as outras atividades. Feito isso, nos reunimos e chegamos à conclusão de que a melhor forma de organizar os artigos era em formato de livro e que a ordem deveria ser a alfabética, levando em consideração o 1º nome do autor principal. Também concluímos que teríamos de revisar todos os artigos, pois a maioria não tinha informação sobre o OP em que foi apresentado ou sobre os dados do Congresso. Assim, definimos as informações que deveriam ser inseridas no cabeçalho de cada artigo.

A primeira parte do trabalho consistiu em entrar em cada um dos artigos, identificar –através do sistema – em que OP o autor havia apresentado seu trabalho e gerar o cabeçalho com as informações. Já nessa revisão excluímos alguns arquivos que não se tratavam de artigos e que tinham formatação muito diferente da solicitada nas normas do Congresso. Essa foi a fase mais intensa de trabalho e levou quase três meses para ser concluída, contando com uma dedicada equipe de bolsistas de graduação da UFSC que recebeu bolsas de extensão da UFSC e da ABA para as tarefas de apoio ao

congresso: Ivi Porfírio, Caroline Amábile Vale dos Santos, Gabriel Dário López Zamora, Gabriela Alano Tertuliano, Maria Luiza Scheren e Filipe Tchinnene Calueio e a orientação de Simone Lira da Silva, pós-doutoranda PDJ do CNPq no programa de Antropologia Social da UFSC.

Na sequência, criamos uma metodologia para identificar se todos os arquivos enviados haviam sido formatados e salvos na pasta destinada à publicação. Esta segunda revisão nos fez perceber que havia algumas discrepâncias entre os dados inseridos pelos diferentes integrantes da equipe no cabeçalho de cada artigo. Assim, criamos um checklist, com as informações e a ordem que deveriam aparecer em cada artigo: cabeçalho com logo do Congresso e indicação da atividade em que o trabalho foi apresentado, título, palavras-chave, abstract, keywords, referências bibliográficas e número de páginas. Depois de tudo revisado pela terceira vez, os artigos foram encaminhados para a diagramação e editoração, que ficou a cargo da Editora Tribo da Ilha³.

Transformando a experiência em teoria

Sendo um dos objetivos do Congresso a formação de estudantes de graduação e pós-graduação em atividades que fazem parte da vida acadêmica antropológica, após o Congresso, além das atividades diretamente ligadas aos relatórios do Congresso, a equipe de bolsistas foi estimulada a transformar a experiência da organização em reflexão teórica. O estímulo se deu pela submissão de propostas de apresentação de trabalhos em congressos e no aprofundamento no estudo de antropólogas/os do sul global, atividades que foram fundamentais para a ampliação do universo acadêmico da equipe de bolsistas que atuou na secretaria. Duas foram as principais ações propostas. Uma das atividades foi a continuidade dos Seminários da Secretaria,

3 Agradecemos o intenso e belo trabalho de Rita Motta na diagramação dos Anais, bem como sua revisão cuidadosa que ajudou a identificar e corrigir a tempo as informações necessárias.

apresentados por bolsistas de graduação, a partir de suas escolhas de autoras e autores presentes no Congresso. Outra atividade foi a escrita coletiva de dois textos para publicação. Um deles é este que está sendo publicado aqui e outro foi o artigo intitulado “Reflexões antropológicas sobre a extensão: o projeto de realização do 18º Congresso Mundial da IUAES na UFSC”, apresentado no GT 54 “Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira”, coordenado por Luciana Gonçalves de Carvalho (Ufopa) e Luciana de Oliveira Chianca (UFPB) na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018 em Brasília/DF. A apresentação desse artigo na 31ª RBA nos rendeu o convite para publicá-lo na revista *Áltera de Antropologia* vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, para a qual submetemos o artigo em janeiro de 2019.

A experiência de escrita e de publicação dos textos é relatada por uma das estudantes:

Nunca imaginei que já teria uma publicação no primeiro ano de curso. Sou a primeira estudante de minha turma a publicar e estou muito feliz por este aprendizado e oportunidade que a participação como bolsista no Congresso me proporcionou.
(Ivi Porfírio, estudante da 2ª fase de Ciências Sociais)

A possibilidade de participar, como apresentadora de um trabalho oral em um GT da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia é assim relatada por outra estudante:

Escrever foi uma atividade contínua ao organizar o congresso, não só em responder xs participantes, elaborar informativos e a divulgação, mas sempre fomos estimulados a registrar, relatar o que era desenvolvido. A ideia de escrever um artigo sobre o nosso trabalho na secretaria do evento e submeter a outro evento veio junto de outras tantas solicitações pós-congresso. Felizmente, o texto foi aprovado no GT54 “Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira” onde discutimos sobre a experiência extraclasse e

enriquecedora de participar como graduandos na organização do 18º IUAES World Congress. Infelizmente, nem toda equipe pôde ir à Brasília, então tive a oportunidade e a grande responsabilidade de representar meus/minhas colegas com o nosso artigo, escrito por muitas mãos. Pessoalmente e academicamente foi uma experiência de crescimento que não imaginava ter tão cedo. A oportunidade de debater com outrxs antropólogos de várias partes do Brasil, em níveis de formação diferente, e que mesmo sendo graduanda, tive espaço e voz, fui procurada e fiz contatos, coisas que não aconteceriam se me limitasse à sala de aula. Após retornar deste evento, recebemos o convite para submeter nosso artigo para publicação, outro fato incrível para a nossa formação profissional. (Maria Luiza Scheren, estudante da 2ª fase de Antropologia)

Avaliação final

Como relatado neste artigo, a participação de estudantes na secretaria do 18th IUAES World Congress foi uma atividade de grande importância para a formação da equipe que teve a oportunidade de atuar nesta frente do evento. Destacamos neste artigo o treinamento que foi realizado em redação, tradução, design gráfico, elaboração de planilhas, formatação de documentos e textos etc.

A experiência de organização de um megaevento internacional teve diferentes impactos na equipe de estudantes, de acordo com seus cursos de graduação. Estudantes dos cursos de Letras tiveram intenso treinamento no campo da redação e tradução. Estudantes do curso de Relações Internacionais puderam aprofundar, na prática, seus conhecimentos sobre a complexidade na comunicação intercultural, encaminhamento de vistos e diferentes questões diplomáticas envolvendo, em particular, congressistas oriundos da China. Estudantes de Antropologia, Ciências Sociais e Museologia puderam conhecer pessoalmente autores/as que já tinham lido em disciplinas, assim como novos campos temáticos e áreas de conhecimento envolvendo diferentes interfaces da Antropologia. Todos puderam

estabelecer contatos acadêmicos valiosos para a continuidade de suas carreiras e de suas vidas profissionais futuras e conhecer melhor o campo da antropologia global. Destacamos a importância das reuniões semanais de avaliação e planejamento e, em particular, dos “Seminários da Secretaria”, atividade que ocupou um lugar fundamental no treinamento acadêmico deste grupo de estudantes, fazendo-os conhecer “outras antropologias”, de países do sul e de antropólogas que não fazem parte dos cânones da formação em antropologia no Brasil.

A participação na equipe da secretaria foi também espaço importante do aprendizado do trabalho em equipe e divisão de responsabilidades em um projeto coletivo. No final deste processo, as avaliações da equipe foram extremamente positivas. Alguns depoimentos ilustram esta alegria e satisfação com a oportunidade de aprendizado que a experiência na secretaria proporcionou:

Eu, graduanda de Ciências Sociais, passava pouquíssimo tempo na universidade. Por conta das 8 horas de trabalho assalariado, nunca tive chance de comparecer a um Congresso, muito menos de fazer parte da organização de um. Me senti acolhida e encorajada a desenvolver uma vida acadêmica ativa, onde, além da teoria, obtive a oportunidade de presenciar e fazer Antropologia... O crescimento pessoal dado o contato com uma equipe tão grande e diversificada, o relacionamento baseado na cooperação e confiança no trabalho do colega, além da amizade criada, é de grande somatória, isso sem contar o desenvolvimento para a pretendida carreira na antropologia. Estudantes desta área e de outras tantas, o contato com diversos profissionais do mundo todo, os vários trabalhos assistidos e outras tantas situações e conversas presenciadas que só me fez acreditar no poder da interdisciplinaridade da antropologia e de como isso é forte para construir uma disciplina inclusiva e construtiva. Descrever em sua totalidade a experiência vivida ao atuar em um evento deste porte é uma tarefa nada fácil e que não contemplaria tudo. Isso vindo de uma estudante inicial da graduação em antropologia só faz inspirar ainda mais para continuar este mundo de encontros de conhecimentos da antropologia. (Gabriela Tertuliano, estudante da 2ª fase de Ciências Sociais).

Aprendi bastante no meu breve tempo ali. Foi meu primeiro estágio remunerado da vida e todos que conviviam comigo na época no âmbito de amizades e familiar sabiam o quanto eu estava feliz com a oportunidade (e cada vez mais apaixonada pela Antropologia, apesar de nem sempre os trabalhos na secretaria estarem 100% conectados a ela). Foi uma experiência importantíssima para meu crescimento pessoal. (Marília Oliveira, estudante da 2ª fase de Ciências Sociais).

A experiência foi gratificante na medida em que movimentou as perspectivas de entendimento e gerou oportunidades únicas de conhecer e conviver de alguma maneira com grandes nomes da antropologia mundial, tendo a oportunidade de conhecer melhor este campo do conhecimento na prática a partir do meu lugar de campo profissional (artes e fotografia), o que foi bem importante para a atualização curricular da minha formação acadêmica e experiência pessoal. (Marina Bork, estudante da 4ª fase de Museologia)

Sem dúvidas, foi um grande encontro de pessoas, culturas, saberes e das mais diversas antropologias mundiais feitas por cada um/a que se dispôs a participar desta experiência. (Maria Luiza Scheren, estudante da 2ª fase de Antropologia)

Destacamos, por fim, que todo este trabalho de treinamento e formação de estudantes de graduação só foi possível graças ao apoio do CNPq, por meio de bolsa PDJ que permitiu que uma doutora em Antropologia pudesse articular um projeto de pesquisa de pós-doutorado com a coordenação da secretaria do Congresso, da UFSC, que concedeu bolsas de extensão para estudantes de graduação atuarem na organização do Congresso, e, por fim, da ABA, que com os recursos do Congresso, deu apoio incondicional à integração de mais estudantes na equipe, através de bolsas pontuais. Sem dúvida, o sucesso das atividades da secretaria do Congresso se deu graças a estes recursos financeiros, aliados ao engajamento individual de estudantes que se envolveram neste grande projeto.

Referências

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

RAMOS, Leonardo de Miranda. Outros olhares sobre a história da Antropologia: experiências pedagógicas de formação na preparação do *18th IUAES World Congress*. 31^a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

Assessorando congressistas estrangeiros

Filipe Tchinene Calueio
Tânia Welter

O 18º Congresso da União Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas recebeu inscrição de pessoas de 94 nacionalidades diferentes. Isso exigiu uma atenção extrema por parte da comissão de organização do evento quanto às informações concernentes à obtenção de vistos, estadia no Brasil, documentações pessoais, vacinas e outras.

Para a coordenação do congresso não era só imprescindível dar informações precisas, mas também garantir a segurança das/os congressistas e do congresso em si, tal como a do país como um todo.

Desde a criação das Organizações das Nações Unidas (1948-1949), o Brasil foi um dos incentivadores das relações diplomáticas não secretas e do bilateralismo nas relações internacionais como base do progresso, da democracia e do desenvolvimento (SARDENBERG, 2013). Tanto na América Latina, na União Europeia e na Europa como um todo, existem relações duradouras e consolidadas com o Brasil, que garantem agilidade e um diferencial em congressos de tais magnitudes.

Essas relações se intensificaram nas últimas décadas com a atuação do chanceler e chefe da diplomacia do mandato do presidente Lula (2003-2010), Celso Amorim. O investimento para que as relações internacionais fossem fortalecidas seguiu nos mandatos da presidenta Dilma (2011-2016). Essas boas relações diplomáticas garantiram intercâmbios e comércios entre pessoas, recursos financeiros e pessoas jurídicas criando assim uma interação entre pessoas e empresas transnacionais (DEUTSH, 1970). Esta

interação possibilitou espaços de padronização de comportamentos, de práticas, de hábitos, costumes, instrumentos mediadores, dando voz a uma culturalidade fundida em um pensamento comunitário (MITRANY, 1948).

Síntese

Assim que iniciamos a organização do Congresso, realizamos um levantamento das exigências para obtenção dos vistos de participantes estrangeiros. Muitas pessoas vinham ao Brasil pela primeira vez.

Descobrimos que a formação de blocos regionais tem sido uma estratégia adotada por diversos países para ampliar o comércio, especialmente com países mais próximos. Este tipo de iniciativa de desgravação tarifária e integração comercial em regiões mais específicas – como a União Europeia, o Nafta e o Mercosul – é denominada de Regionalismo. O regionalismo não só possibilita uma área de livre comércio, mas também, dependendo do acordo dos blocos regionais, se permite o livre acesso de circulação de pessoas e bens, sem a necessidade de visto (SEABRA, 2009). Descobrimos que congressistas que vinham de países pertencentes ao Mercosul, a União Europeia ou de países que têm acordos bilaterais com o Brasil, como é o caso da Rússia e África do Sul, não necessitavam de visto para entrada no Brasil. Neste caso, os processos foram muito agilizados.

Como um país emergente, o Brasil tenta estender as relações com os demais países e adotar o chamado processo de simplificação dos vistos, que já é uma realidade com países como os Estados Unidos da América, Japão, Austrália, Canadá e Nova Zelândia. Nestes casos, os/as congressistas poderiam solicitar os vistos por meio eletrônico.¹

Na primeira exportação de dados que se fez no sistema, tivemos o cuidado de cruzar a nacionalidade e o país de residência das/dos congressistas estrangeiras/os, isto para termos noção de quantas nacionalidades estavam inscritas e a quais países pertenciam. No final das inscrições, soubemos que

1 Fonte: <http://vfsglobal.com/brazil-evisa/>.

estavam inscritas pessoas de 94 países, dos cinco continentes existentes, que falavam mais de vinte línguas. A partir daí, foi feito um levantamento de dados sobre embaixadas e regulamentação jurídica normativa do âmbito interno e internacional para maximizar o tempo e a facilidade de informações. Este levantamento permitiu:

- Exportar tabelas com nomes de congressistas inscritos, documentos de cadastro, países, nacionalidades, instituições de ensino, nomes do crachá e datas de nascimento. Foi possível também contabilizar e organizar listas por nacionalidade.
- Criação de uma tabela constando os idiomas; tipos de relações diplomáticas com o Brasil; necessidade ou não do visto; endereço, telefone ou correio eletrônico da embaixada ou consulado brasileiro no país de origem das/os congressistas. Em países com uma grande extensão territorial, como é o caso da China, Índia, Estados Unidos da América, Rússia, Canadá e Nigéria, relacionamos mais de um ponto (embaixadas e consulados) estratégico para solicitação dos vistos.
- Para a agilidade neste processo, contamos com a ajuda do setor da direção nacional de imigração do Itamaraty (Palácio Itamaraty, Esplanada dos Ministérios, Bloco H, Brasília Distrito Federal).
- Fizemos levantamento dos requisitos exigidos para elaborar a carta convite de cada país. Foram enviadas cartas por meio eletrônico e por correio para todas as comissões diplomáticas brasileiras localizadas nos países das/os congressistas. Esta medida objetivava garantir a eficiência e segurança do congresso e dos/das congressistas.²

Devido à conjuntura da política internacional, que não é igual para todos os países, essas listas, tabelas e cartas necessitavam recorrentemente serem atualizadas ou modificadas, pois, muitas vezes, o nome ocidental

2 www.portalconsular.itamaraty.gov.br/tabela-de-vistos-para-cidadaos-brasileiros e <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/vistos-para-viajar-ao-brasil>

de uma pessoa da China, Índia, Tibete ou do continente africano não é igual ao nome que consta no passaporte. Assim, em países como China, congressistas receberam o passaporte apenas depois de o governo autorizar a sua saída, seguindo e respeitando os trâmites legais e ordenamento jurídico chinês. Isso dificultou a emissão da carta convite, pois o número do passaporte é um dado requisitado nela e se obtém esse número após autorização, o que muitas vezes ocorre em data bastante próxima ao evento. Em função desta dificuldade, muitas cartas convites foram enviadas duas ou três vezes.

As cartas convite enviadas eram assinadas pela coordenadora geral do congresso, a professora Miriam Pillar Grossi, cuja assinatura era reconhecida no cartório em Florianópolis. Foram enviadas 600 cartas convites ao custo de cinco reais e cinco centavos por cada reconhecimento em cartório, totalizando mais de três mil reais.

Ação preventiva

Em um congresso que abrange várias entidades e cujo poder de decisão é limitado, é necessário que se esteja preparado para atenuantes ou imprevisibilidades tendo sempre que possível um plano alternativo — um real e um ideal.

Muitas pessoas inscritas não puderam participar ou chegaram atrasadas ao Congresso dada a conjuntura política antidemocrática de seus países ou mesmo o impacto econômico das políticas neoliberais que atinge a ciência em todo o mundo, sobretudo as Humanidades.

A maior recompensa que se pode ter no término do Congresso é ver que o trabalho de assessoramento realizado pela secretaria aos/as congressistas foi uma peça fundamental de um quebra-cabeça gigantesco, parte de um todo. Ver pessoas dançando sem entender a nossa dança, sorrindo de alegria com lágrimas nos olhos, nos fez entender que fomos parte daquela história, daquela aglomeração de pessoas de várias partes do mundo, comemorando, dançando, sorrindo e se emocionando juntas. Esta é a razão que nos faz ter orgulho do que fizemos e dizer que valeu.

Referências

DEUSTH, Karl. *From political community at the international level*. Nova York: Garden Company, 1954.

MITRANY, David. *The Functional Approach to World Organization*. International Affairs (Royal Institute of International Affairs), v. 24, n. 3, 1948, p. 350-363.

SARDENBERG, Ronaldo Mota. *O Brasil e as Nações Unidas*. Brasília: Ideal, 2013.

SEABRA, Fernando. *Comércio exterior*. Florianópolis: EdUFSC, 2009.

Comissão de programação: práticas de comunicação e gestão

Gabriel Darío López Zamora
Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino
Marina Laet Panella Motta

A Comissão de Programação do 18º Congresso da IUAES foi composta pela professora Letícia Cesarino, do Departamento de Antropologia e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), Darío López (Graduação em Antropologia/UFSC) e Marina Laet (PPGAS/UFSC). A comissão trabalhou de modo próximo e articulado com a Secretaria Geral, em especial com a coordenadora geral do congresso, professora Miriam Pillar Grossi, com a coordenadora da secretaria, Simone Lira da Silva, e com o coordenador da tradução, Leonardo de Miranda Ramos. A programação de Workshops esteve sob responsabilidade da antropóloga e pós-doutoranda, Alexandra Eliza Vieira Alencar (PPGDICH/UFSC) e pelo professor Paulo Raposo (ICSTE/Portugal), que se encontrava então como professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Durante o evento, agregou-se à equipe responsável pela programação um conjunto amplo de monitores e monitoras fixos e volantes, estudantes de graduação ou pós-graduação da UFSC e de outras universidades brasileiras e estrangeiras.

Durante os cinco dias do evento, a professora Letícia coordenou o trabalho de treze monitores e monitoras fixos, que ficaram a cargo de acompanhar e dar apoio aos coordenadores e coordenadoras das sessões plenárias e keynotes. Esta equipe foi composta por: Ana Carlyne Brasileiro

Torres, Beatriz Burigo, Camila Horbatiuk Dutra, Diana Patrícia Bolaños Erazo, Dýjna Andrade Torres, Elson Andrade de Lima, Fabrício Henrique Cassilhas, Giovanna Queiroz Ricciardi Leira, Isadora Zuza da Fonseca, Lays Cruz Conceição, Sergio Furtado Saar, Yersia Souza de Assis, Yves Marcel Seraphim e Matilde Quiroga Castellano, que possuía um bom conhecimento de outros idiomas e estava em estágio avançado de formação em Antropologia. Este grupo de monitoria era formado por estudantes de graduação e pós-graduação da UFSC e de outras instituições brasileiras.

De modo geral, o trabalho da Comissão de Programação teve, sobretudo, um aspecto administrativo e de gestão, no sentido de organizar e possibilitar a execução das múltiplas atividades previstas. A grade de programação era complexa tanto quantitativa quanto qualitativamente uma vez que envolvia Plenárias, Painéis Fechados e Abertos, Workshops e uma série de reuniões das diferentes instituições e redes antropológicas envolvidas no congresso. Ao mesmo tempo, esta gestão implicava em um aspecto político importante, visando potencializar a pluralidade e o equilíbrio representativo de campos acadêmicos, trajetórias individuais e perspectivas acadêmicas de muitos e muitas participantes do evento. Neste sentido, um dos maiores desafios da comissão foi compatibilizar a extensa e heterogênea grade de programação com as demandas.

Estrutura do congresso

A programação acadêmica da 18^a IUAES se estruturou em torno de trinta e oito eixos temáticos, previamente definidos pela comissão científica do congresso¹.

1 Antropologia do Envelhecimento; Antropologia da África e das populações afro-diaspóricas; Antropologia de arquivos e documentos; Antropologias do Sul; Antropologia do Oriente Médio; Antropologia da Prática e da Agência; Antropologia da Religião e Secularismo; Antropologia da Ciência e Tecnologia; Arqueologia; Antropologia das Artes; Antropologia da Criança, Juventude e Infância; Patrimônio Cultural; Antropologia e Educação; Antropologia Empresarial; Antropologia e Meio Ambiente; Relações Interétnicas; Antropologia dos Alimentos e Nutrição; Antropologia Global; Antropologia da Saúde e Antropologia Médica;

Ela consistiu numa composição entre atividades de diferentes modalidades, com propósitos e públicos diversos a saber:

Os Painéis Abertos (*Open Panels* – OP) deviam ser propostos por coordenadores e coordenadoras de dois ou mais países diferentes. Os OPs propostos foram avaliados, aceitos ou rejeitados pela comissão científica do congresso, composta por membros das diretorias da IUAES e ABA. Em uma segunda etapa as e os participantes enviavam propostas de comunicação para os OPs e estas eram aprovadas ou rejeitadas pelos seus e suas respectivos/as coordenadores/as.

Inicialmente, foram submetidas duzentos e cinco propostas de painéis abertos e a quase totalidade foi aceita na etapa inicial da comissão científica. No decorrer do processo, algumas propostas de OPs foram excluídas da programação final a pedido dos/as coordenadores/as, ou por não atingirem o número mínimo, estipulado no edital do congresso, de três resumos por painel. Nesta etapa, a Comissão de Programação realizou um minucioso trabalho no sentido de tentar realocar os resumos que haviam ficado sem painel, entrando em contato com coordenadores/as de outros painéis sobre temas considerados afins. A grande maioria dos resumos “órfãos” pôde ser realocada desta forma, garantindo assim a participação das pessoas vindas de diversos locais do Brasil e exterior. Estavam garantidos na programação três horários diários para apresentações de OPs (das 8h30 às 10hs; das 10h30 às 12hs e das 14h às 15h30) na segunda feira (16), terça (17), quinta (19) e sexta (20) do mês de julho de 2018, permitindo aos OPs organizarem sessões de, no mínimo, três e, no máximo, quatro apresentações, de uma a quinze sessões durante o congresso.

Antropologia e Direitos Humanos; Saberes Indígenas; Antropologia Linguística; Migração e Pessoas Nômades; Museus; Antropologia da Música e Performance; Antropologia do Estado; Antropologia do Risco e Desastres; Antropologia do Esporte; Teoria e Metodologia na Antropologia; Antropologia do Turismo; Antropologia Urbana; Antropologia Visual; Antropologia da Guerra; Antropologia das Mulheres, Gênero e Sexualidade.

Na programação definitiva, o Congresso contou com cento e oitenta e oito OPs, distribuídos em trinta e cinco eixos temáticos, sendo um total de quinhentas e quarenta e nove sessões de OPs apresentadas nos quatro dias.

Os Painéis Fechados (*Closed Panels* – CP) também deveriam ser propostos por participantes de dois ou mais países diferentes, porém a proposta deveria ser enviada de forma completa, indicando todas as comunicações. Foram recebidos inicialmente trinta e seis propostas de painéis fechados, com participantes de vinte e quatro países. No decorrer do processo de organização, alguns participantes desistiram e alguns CPs foram transformados em Plenárias. Na programação final, ficaram vinte e sete CPs. Devido a imprevistos, quatro dessas propostas foram canceladas pelos próprios/as coordenadores/ras a poucos dias do evento, sendo realizados vinte e três CPs, distribuídos em dezenove eixos temáticos e com participantes de vinte e três países.

A quarta-feira, dia 18, ficou reservada para a realização dos Workshops nas salas do Bloco B do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH/UFSC). Propostos por pessoas provenientes de dezenove países, os Workshops versaram sobre ampla variedade temática. Na continuação, o relato de Alexandra Alencar que, junto com o professor Paulo Raposo, teve a tarefa de escolher e organizar os workshops.

Eu e o Professor Paulo Raposo recebemos o convite para leitura das propostas de workshop na sexta, dia 20 de abril, no período da manhã e o encontro aconteceria no mesmo dia, a partir das 16h, na sala da IUAES. No horário, local e data combinada nos encontramos e a professora Miriam nos entregou as 59 propostas de workshop. Dividimos as leituras juntamente com ela e iniciamos as leituras. Nossa referência de workshop era que a proposta oferecesse uma atividade a ser realizada com os participantes do Congresso. O que verificamos é que a maioria das propostas se tratava de papers, muitas, inclusive, nem disfarçaram na escrita de seus textos essa intenção. Em conversa com os presentes, concluímos que muitos pesquisadores devem ter enviado propostas de papers para workshops, pois

o prazo dos painéis já havia se encerrado no dia 25 de março, enquanto o dos workshops fechou no dia 30 de março. Outra coisa que percebemos nas leituras é que muitas pessoas não se atentaram à proposta do Congresso, que era propor um workshop com um pesquisador ou uma pesquisadora de outro país. Eram muitas propostas individuais e poucas articulações com outros países. No final, de acordo com os dados repassados por e-mail pela professora Miriam, ficamos com cerca de 12 propostas aceitas para a realização de workshop, e cerca de 47 propostas não se enquadraram nessa categoria.

Os Simpósios (*Symposium* – SP) foram realizados no período da tarde, nas salas do Centro de Cultura e Eventos da UFSC. No total, foram realizados treze simpósios. Cada um deles foi coordenado por participantes de três ou mais países diferentes, visando a uma maior amplitude de perspectivas. Como houve possibilidade de expansão do período coberto pela tradução simultânea, alguns simpósios foram realizados no formato plenária, mediante anuência dos/das participantes.

Entre os temas cobertos pelos Simpósios incluíram processos de grande proeminência na contemporaneidade: antropologia no século XXI, nacionalismos econômicos, gênero e sexualidade na educação, ética e consentimento informado, epidemias globais, aprendizagem e cultura, desastres, organização de congressos mundiais, lideranças indígenas femininas, antropologia do esporte, patrimonialização, contra-narrativas indígenas e quilombolas, além de um Simpósio final destinado à expressão das crianças que participaram das atividades estruturadas para elas durante o evento. Os simpósios cobriram um amplo espectro geográfico de autores/as e experiências de pesquisa, em especial na América Latina, mas também em todos os demais continentes.

As Plenárias (*Plenary* – PL) foram um lugar central do Congresso pois tinham como objetivo discutir temas e questões centrais à antropologia contemporânea e reuniram antropólogos/as, profissionais não acadêmicos/as e ativistas de diferentes países. Foram realizadas oito plenárias,

todas no período da tarde, no Auditório Garapuvu, onde estava instalada a estrutura para tradução simultânea, que permitiu amplo público participando dos debates ali propostos.

As quatro principais Conferências (*Keynotes*), foram realizadas no período noturno no Auditório Garapuvu do Centro de Cultura e Eventos (UFSC), logo após as plenárias. As conferências foram marcadas pela diversidade de gênero e étnico-racial, privilegiando acadêmicos do sul global. A conferência de abertura foi proferida por Gustavo Lins Ribeiro, antropólogo brasileiro hoje atuando em instituições acadêmicas do México, um dos fundadores da WCAA, que abordou o tema dos desafios da prática antropológica no mundo contemporâneo. No segundo dia, a keynote foi proferida pela antropóloga Amita Baviskar, de New Delhi na Índia, especialista em questões ambientais. No terceiro dia, tivemos a antropóloga feminista negra Mara Viveiros Vigoya da Universidad Nacional da Colômbia que refletiu sobre os aportes da Antropologia feminista latino-americana para a Antropologia contemporânea. No quarto dia, estava prevista inicialmente conferência do antropólogo queniano Mwenda Ntarangwi que, por motivos de visto, não conseguiu chegar em Florianópolis. Face à ausência do conferencista que representava o continente africano, convidamos o reconhecido antropólogo congolês radicado há várias décadas no Brasil, Kabengele Munanga, atualmente professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) para intervir em seu lugar. Kabengele, generosamente aceitou nosso convite de última hora e fez uma brilhante conferência sobre o pensamento africano e sua influência na antropologia mundial.

A distribuição do espaço

Os painéis abertos (OPs) e fechados (CPs) se concentraram nos horários da manhã e início da tarde (exceto na quarta-feira), e aconteceram nos seguintes centros de ensino da UFSC: Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), Centro de Ciências da Educação (CED) e Centro Sócio-Econômico (CSE). Tivemos a preocupação de concentrar atividades de um mesmo eixo

temático, nos mesmos espaços físicos, para que fosse mais fácil para os/as participantes interagirem, favorecendo o diálogo e a troca entre pesquisadores/as trabalhando com temas afins. A infraestrutura e acessibilidade dos edifícios foram outros dois importantes fatores que balizaram a distribuição das atividades nos Centros, de modo a atender às diferentes demandas e necessidades dos/as participantes, em particular no que dizia respeito à acessibilidade.

Boa parte dos procedimentos para organizar a programação do Congresso poderia ter sido feita de forma automática pelo sistema de inscrição digital. No entanto, isso não permitiria adequar os espaços às necessidades individuais de cada participante. Essas necessidades iam desde acessibilidade para pessoas com deficiência até espaços mais amplos para temas e antropólogos/as que atraíram um público maior para suas atividades. Portanto, para dar conta das diversas questões, a metodologia para a elaboração da programação do 18º Congresso Mundial da IUAES envolveu, de um lado, um enfoque lógico e pragmático de ordenar as atividades dentro da grade espaço-tempo de que dispúnhamos para a realização do Congresso. De outro, demandou um olhar treinado para reconhecer os saberes antropológicos a serem apresentados, de forma a reconhecer autores e autoras dos trabalhos submetidos e seu lugar dentro da antropologia mundial. Estes dois olhares precisavam se complementar para que pudéssemos atribuir a cada atividade o espaço e tempo adequados.

Em primeira instância, foi pensado como estratégia para a organização das atividades do congresso levar em consideração os eixos temáticos em que cada atividade foi submetida no site. Parecia ser o mais apropriado para abarcar a magnitude das submissões que iam chegando. Foram criados 38 eixos temáticos com enfoques diversos, englobando discussões que iam desde “antropologia da guerra” até temas como “antropologia do envelhecimento”.

Começamos a montar a programação pelas sessões de painel aberto, que continham o maior número de propostas. Nesse momento, quantificou-se o número de participantes de cada painel e, com base nessa

informação, atribuiu-se um número de sessões para cada um. Painéis com um a quatro resumos submetidos recebiam uma sessão; painéis com cinco a oito trabalhos submetidos recebiam duas sessões; painéis com nove a 12 trabalhos submetidos recebiam três sessões; e assim por diante.

Feito isso, decidimos criar os seguintes critérios para a distribuição dessas sessões:

- a) Evitar que atividades de um mesmo eixo temático ocorressem no mesmo horário.
- b) Evitar atribuir sessões no primeiro dia do evento (segunda-feira) para painéis com número maior de estrangeiros (em especial orientais), entendendo a dificuldade que estes provavelmente teriam com o fuso horário, bem como para se localizar na cidade. Um painel em que todos/as os/as integrantes fossem da China ou Índia, por exemplo, poderia ser prejudicado, ainda, por eventuais atrasos nos voos.
- c) Deixar painéis abertos com uma única sessão na parte da tarde; com duas sessões no turno da manhã; com três sessões, em um único dia; e os demais, agrupar as sessões em dias consecutivos.
- d) Depois de atribuir sessões para todos os painéis, verificamos os dias em que coordenadores e coordenadoras de outras atividades já se encontrassem comprometidos na escala dos painéis abertos e atribuímos horários diferentes para essas outras atividades.

Qualquer expectativa da Comissão de Programação de que o trabalho seria algo preestabelecido, bastando fixar um calendário com atividades e espaços de execução das mesmas de forma quase matemática, foi sumindo depois da primeira semana de contato com a secretaria do congresso e com as mensagens enviadas de diferentes lugares do mundo em diversas línguas. Aos poucos foi ficando claro que se esperava que a programação pudesse englobar as diferentes necessidades das pessoas inscritas. As principais solicitações feitas por e-mail antes da divulgação da programação eram no sentido de atribuir dias específicos para a realização das

suas atividades, devido aos prazos de solicitação de vistos, outros compromissos assumidos, ou passagens já agendadas.

Ainda assim, foi difícil conseguir contemplar todas as demandas que chegavam pelas mensagens. Entre as demais dificuldades encontradas, estavam congressistas que tinham participação em duas ou mais sessões em diferentes OPs, onde havia sobreposição de horários, impedindo a participação em todas as sessões. Isso foi aos poucos exigindo aumentar a integração e diálogo entre Comissão de Programação e a secretaria. Assim, foi preciso rever a estratégia anteriormente descrita de separar por eixos temáticos os diversos temas de pesquisa para posteriormente alocá-los em espaços físicos comuns que estimulassem a troca de conhecimento entre pares, diante das demandas que chegaram em sua maioria via e-mail à secretaria do congresso. Por se tratar de um congresso mundial, não conseguimos escapar de políticas internacionais que interferiam no processo tanto da obtenção de vistos quanto de compra de passagens de participantes do congresso (em sua maioria do continente asiático). A identidade das pessoas envolvidas nas atividades também entrou em jogo. Do ponto de vista individual, tínhamos de atender às demandas por acessibilidade; do ponto de vista acadêmico, precisávamos de olhos treinados para identificar com antecedência quais atividades atrairiam um público maior. Os dois principais centros que abrigaram as atividades do congresso (CFH e CSE) continuaram com a premissa de agrupar os trinta e oito eixos criados para o evento, porém continuamente foi-se modificando a estratégia segundo o fluxo de exigências que se apresentaram no decorrer da organização do evento.

Após a divulgação da programação no site, ainda recebemos muitas solicitações para efetuarmos trocas nas datas de realização das atividades. Muitas delas foram atendidas até o momento em que os cadernos impressos com a programação foram para a gráfica. É interessante notar que os/as congressistas tinham opiniões muito diversas sobre a programação. Para algumas pessoas, não importava que a programação impressa e distribuída no dia do congresso não publicizasse as datas e horários reais de seu trabalho;

bastava ter uma sala à sua disposição durante o Congresso. Para outras, era imprescindível que sua participação fosse divulgada corretamente.

Não obstante todas as dificuldades, conseguimos finalizar os cadernos de programação de atividades envolvendo palestras, simpósios e workshops. A maior divergência entre o que constava nos cadernos de programação e as atividades que de fato aconteceram foi a redução do número de sessões. Mas mesmo isso foi possível contornar, pois optamos por inserir o termo “cancelado” antes do título de cada trabalho que não teve a inscrição confirmada por falta de pagamento e por falta de aviso por e-mail sobre a sua presença. Também houve alguns poucos casos de painéis inteiramente cancelados, que tentamos durante o congresso contornar com avisos no site e na página do evento no Facebook.

Articulação com a secretaria

O trabalho conjunto e articulação entre a Comissão de Programação e a Secretaria do 18º Congresso da IUAES ocorreram durante quase todo o processo de organização do mesmo, porém foi mais intenso nos meses de maio e junho de 2018. A organização da programação foi uma tarefa que envolveu toda a comissão, demandando comunicação contínua entre a equipe que respondia os e-mails e aqueles encarregados de fechar a programação.

O diálogo constante com a secretaria do congresso foi central para conseguir acompanhar as múltiplas demandas, exigências e, inclusive, distensões de participantes. Com esse diálogo, conseguimos contornar casos como o choque de horários entre OPs, CPs, Workshops, Plenárias, Simpósios, Mostra Audiovisual, Mostra Fotográfica, Lançamentos de Livros, Experiências Antropológicas, entre outras atividades com sobreposição de participantes. Conseguimos manter uma comunicação exitosa mesmo durante os dias do Congresso, onde efetuamos alterações que surgiram de imprevistos próprios de um congresso dessa magnitude.

Outros olhares sobre a história da antropologia: experiências pedagógicas na preparação do 18th IUAES World Congress¹

Leonardo de Miranda Ramos
Miriam Pillar Grossi
Tânia Welter

Introdução

Apresentamos, neste artigo, o que foram os “Seminários da Secretaria”, agora denominados de “Outros olhares sobre a História da Antropologia”. Este projeto só foi possível graças à organização do 18º Congresso Mundial de Antropologia da IUAES na Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo central deste artigo é refletir sobre nossa proposta inovadora de ensinar a História da Antropologia e sobre o papel pedagógico transformador destes seminários para a formação de estudantes de Antropologia sob uma perspectiva decolonial e feminista.

A IUAES – *International Union of Anthropological and Ethnological Studies* – foi fundada em 1948, a partir da fusão de associação existente desde o final do século XIX com a ICAES (*International Congress of*

1 Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, em Brasília/DF, no GT 24 – Antropologia, gênero e sexualidade em contextos educativos –, coordenado por Elisete Schwade (UFRN) e Fátima Weiss de Jesus (UFAM/Departamento de Antropologia/PPGAS). Pesquisa desenvolvida no programa de Mestrado do PPGAS–UFSC orientada pela Prof. Dra. Miriam Pillar Grossi e vinculada à organização do 18º Congresso Mundial de Antropologia da IUAES e ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), desenvolvida com financiamento de bolsa de mestrado CAPES/SECADI.

Anthropological and Ethnological Sciences), que havia sido fundada em 1934 em Londres². É uma das associações mais antigas da Antropologia mundial e está intimamente relacionada com fundações e apoios internacionais nos mais diversos países. A IUAES promove encontros de cinco em cinco anos, os World Congresses, como foi o caso do Brasil em julho de 2018³. A União é responsável por uma rede intrincada de comissões que são propostas e articuladas por seus integrantes, e que refletem os interesses convergentes de uma comunidade antropológica global. E por isso é uma das responsáveis por importantes articulações teóricas no campo dessa disciplina⁴.

As antropologias mundiais

Tal como analisou Sherry Ortner (2011), as “revoluções na teoria Antropológica” se deram a partir da década de 1960, quando os aspectos políticos e éticos da pesquisa antropológica entre as populações nativas se tornaram de grande importância para o campo da antropologia. Esta nova

2 Dados disponíveis em: <https://www.iaaes.org/history.html>. Acesso em 04/11/2018.

3 Os congressos mundiais já aconteceram nos seguintes países: 1934 Londres, Reino Unido; 1938 Copenhague, Dinamarca; 1948 Bruxelas, Bélgica; 1952 Viena, Áustria; 1956 Filadélfia, EUA; 1960 Paris, França; 1964 Moscou, Rússia; 1968 Tóquio, Japão; 1973 Chicago, EUA; 1978 Delhi, Índia; 1983 Quebec e Vancouver, Canadá; 1988 Zagreb, Croácia; 1993 Cidade do México, México; 1998 Williamsburg, EUA; 2003 Florença, Itália; 2009 Kunming, China; 2013 Manchester, Reino Unido; 2018 Florianópolis, Brasil; 2023 Bhubaneswar, Índia.

4 As comissões atuais da IUAES são: Aging and the Aged (Aging and the Life Course); Anthropology and Education; Anthropology and the Environment; Anthropology, Public Policy and Development Practice; Anthropology of HIV & Aids; Anthropology of Children, Youth and Childhood; Anthropology of Food and Nutrition; Anthropology of Mathematics; Anthropology of the Middle East; Anthropology of Music, Sound and Bodily Performative Practices; Anthropology of Risk and Disaster; Anthropology of Sports; Anthropology of Tourism; Anthropology of Women; Anthropology, Peace and Human Rights; Bioethics; Documentation; Enterprise Anthropology; Ethnic Relations Global Transformations and Marxian Anthropology; Human Rights; Indigenous Knowledge and Sustainable Development; Intangible Cultural Heritage; Legal Pluralism; Linguistic Anthropology; Marginalization and Global Apartheid; Medical Anthropology and Epidemiology; Migration; Museums and Cultural Heritage; Nomadic Peoples; Primatology; Theoretical Anthropology; Urban Anthropology; Urgent Anthropological Research; Visual Anthropology.

perspectiva, que é profundamente influenciada pelos projetos de simetriação da disciplina, esteve claramente presente nesta edição do congresso da IUAES no continente Sul-Americano.

No bojo destas “revoluções” observa-se também o movimento de reconhecimento das múltiplas antropologias produzidas no planeta, denominadas por Gustavo Lins Ribeiro e Arturo Escobar (2012) de antropologias mundiais. Para os autores, neste processo, surgem as antropologias do sul⁵, campo que se desenvolveu a partir da década de 1990. Este movimento foi, em parte, impulsionado pela Fundação norte-americana Wenner Gren pelo financiamento de seminários internacionais e das publicações de pesquisadoras/es financiados pela agência⁶. Destaca-se também a criação da rede global de associações antropológicas, o World Council of Anthropological Associations (WCAA), criada em 2004 em reunião em Recife (Brasil) e que contou com sólido apoio financeiro da Wenner Gren para sua consolidação. Em 2018, durante o 18th IUAES World Congress, após inúmeras negociações, o WCAA passou a integrar a World Anthropological Union (WAU) junto com a IUAES.

As seguintes reflexões orientaram muitos dos debates acerca das autoras e de suas produções, assim como foram também produto dos debates que se deram ao longo dos seminários, reuniões da equipe organizadora do

5 A área de estudo que engloba as antropologias do sul visa a uma reflexão ampliada acerca da produção do conhecimento antropológico para fora do eixo de produção do atlântico norte como forma de expansão das narrativas unívocas acerca da disciplina, de maneira a reconhecer a pluralidade da disciplina e ter uma dimensão verdadeiramente planetária de sua produção (KROTZ, 2005).

6 A Wenner Gren é uma das principais agências financiadoras de pesquisas na área de Antropologia no planeta. Segundo o professor Gustavo Lins Ribeiro e Arturo Escobar (2012), a função de Ribeiro como consultor da Fundação Wenner Gren entre 1992 e 1995 o proporcionou um amplo conhecimento das antropologias sendo produzidas mundialmente com seus fundos, o que o fez perceber que não havia um grande reconhecimento das antropologias feitas fora do eixo do Atlântico Norte. Apoiado pela então presidente da Wenner Gren, Sydel Silverman e pelo editor da revista *Current Anthropology*, Richard Fox, deu início a um processo de articulação que somente nos anos 2000, no Simpósio da Fundação Wenner Gren para a Pesquisa Antropológica de 2003, na Itália, se consolidou e deu origem ao livro *Antropologias Mundiais*, de Gustavo Lins Ribeiro e Arturo Escobar (2012).

Congresso e perspectivas de ação política do evento. Mantendo em mente esses diálogos sul-sul, o evento financiou diversas representantes de populações tradicionais do Brasil e de outros países para participação de mesas e realização de falas. Também proporcionou hospedagem e alimentação para diversas estudantes oriundas de ações afirmativas e de universidades públicas brasileiras. Foram realizadas, ainda, atividades de campo em diferentes comunidades da cidade de Florianópolis que reverteram seus lucros para a própria comunidade visitada. A seguinte reflexão procura articular teoricamente essas perspectivas presentes no seminário e nos diálogos durante a construção do congresso.

Uma das análises que orientou as escolhas de autoras e autores no Seminário foi a de Gustavo Lins Ribeiro e Arturo Escobar, no livro sobre as Antropologias Mundiais (2012). Para os autores, vivemos uma era pós-antropológica, onde não existe uma única Antropologia. Existe uma mudança na posição daqueles que eram antes considerados “objetos de estudo” e entender esta mudança no campo da Antropologia levou à mudanças institucionais e epistemológicas em um movimento global que envolveu a participação das mais variadas vertentes do conhecimento antropológico. Nesse sentido, propõem uma nova geopolítica do conhecimento⁷ que perpassaria a disseminação do conhecimento antropológico, já que a maioria do conhecimento produzido na disciplina tem um *locus* de enunciação marcado geopoliticamente, o eixo “norte” e hegemônico da produção do conhecimento. Esses processos envolvem as geopolíticas econômicas, hierarquias raciais e transnacionais que definem os limites da produção e circulação do conhecimento antropológico. Nesse sentido, a perspectiva das antropologias mundiais busca abraçar uma diversidade epistêmica como um projeto universal, visando a um enriquecimento epistemológico do debate.

Com relação a esse debate, os processos colonizatórios assumem uma importância significativa, já que, segundo Jean Comaroff e John Comaroff,

7 Os autores chamam atenção para aspectos da produção do conhecimento antropológico em que existe uma necessidade de ação política democrática, heterogênea e transacional; partindo da perspectiva de que escrevemos de um ponto de vista nacional particular e do entendimento da predominância de determinadas práticas acadêmicas que envolvem relações de poder desigual no contexto universitário hegemônico.

em *Theory From the South* (2012), a condição do sujeito colonizado não foi simplesmente a de um bem necessário, mas, sim, uma presença desconfortável do outro quem sempre levantou inquietações e agitou as aspirações imperiais. As sociedades coloniais foram formações complexas e possuíam relações imprevisíveis entre colonizadores e colonizados. Muitas dessas/es autoras e autores se inserem nessa corrente de pesquisadoras e pesquisadores que entendem que o esclarecimento ocidental se posicionou como fonte de aprendizado universal para o resto do globo. Para Jean Comaroff e John Comaroff (2012), o processo de constituição da Modernidade e o seu movimento de expansão foram constituídos pelo processo de dominação e apagamento, e dentro de um projeto de uma antropologia não hegemônica deve poder ser narrado também de suas margens, assim como de seu autoproclamado centro.

Um cenário em que existe uma reflexão acerca de uma descentralização das abordagens críticas hegemônicas (mainstream), para Homi Bhabha (1998), seria denominado de paisagem democratizada. Para a construção desta paisagem, defende a necessidade de que uma maior e mais ampla quantidade de pensadores possa ocupar espaços em um determinado contexto de produção de conhecimento. Essa descentralização das abordagens mainstream encoraja diálogos entre diferentes vieses epistemológicos, teóricos e culturais que levantam novas questões aos envolvidos nessa negociação e levam ao que o autor vai chamar de perspectivas “híbridas”⁸. Essas perspectivas que surgem do diálogo e da negociação entre diferentes práticas teóricas e diferentes perspectivas culturais têm um valor de transformação que reside na rearticulação, ou tradução de elementos que pode dar origem a algo que produz lugares híbridos e objetivos de luta, e que desmonta a dualidade de um “verdadeiro revolucionário” *versus* uma “falsa concepção ideológica”. Cada negociação é um processo de tradução e transferência de sentido em que cada objetivo é construído sob o traço

8 O autor propõe um reconhecimento das diferenças culturais em contraponto à noção de uma diversidade cultural, pois a diferença abre espaço para uma enunciação da cultura que seria própria dela, ao invés de uma política de diversidade cultural em que a cultura pode acabar por se constituir como um objeto de conhecimento empírico.

daquela perspectiva que ele rasura (1998, p. 53). E é nesse processo em que uma teoria ex-cêntrica (ex-centric) (BHABHA, 1998) pode surgir.

O trabalho de Faye Harrison (2016) sobre a produção de conhecimento ex-cêntrico no campo da Antropologia reflete sobre a importância de termos uma perspectiva não elitista no pensamento teórico, de atentarmos sobre como ele e por quem ele é expresso. Pensar no lugar de fala é um aspecto importante da descolonização do pensamento antropológico. Para a autora, estamos vivenciando um momento teórico de expansão e multiplicação dos espaços onde vários modos e formas de teorizar tomam lugar e são reconhecidos como tal. Para ela, uma teoria ex-cêntrica estaria relacionada diretamente às intervenções do Sul-Global e a um debate transnacional. Pois é nesse sul global que outras vozes estão surgindo e produzindo um distanciamento da dicotomia informante/etnógrafo, e que permite às/aos antropólogas/os performar dentro de uma nova ética de pesquisa que induz a relações menos hierárquicas no contexto de produção de conhecimento. A antropóloga ainda advoga um Sul global como um *locus* de produção teórica ex-cêntrica significativo, depositando um foco crítico principalmente nas universidades e nos esquemas associados à produção de conhecimento oficial.

Nesse sentido, a noção de posicionalidades apresentada por Ângela Figueiredo (2017) no contexto da produção de conhecimento sobre questões étnico-raciais contemporâneas no Brasil parece bastante apropriada para fundamentar nossa perspectiva epistemológica. Com base nas pesquisas de Patricia Hill Collins (2017), ela afirma que as posicionalidades configuram locais privilegiados e historicamente construídos do ponto de vista daquelas/es que são parte de determinado grupo. Outra autora feminista negra brasileira, Djamila Ribeiro (2017), faz uma revisão desta categoria analítica e propõe a noção de “lugar de fala” como proposta metodológica de análise que não se esgota na experiência individual, pois é relacional.

Os seminários

Um dos principais objetivos dos seminários era repensar perspectivas eurocêntricas da Antropologia. Buscando abordar outras epistemologias e

perspectivas da disciplina entendendo esses conhecimentos como localizados historicamente e marcados geopoliticamente. Assim, os encontros para conhecer a vida e obra das autoras e autores selecionadas visavam também ao desafio das condições de diálogo do espaço de aprendizado, levando em conta as relações de poder presentes nas vidas das participantes e nas formas de produção da disciplina.

Com estas preocupações optamos por uma metodologia que valorizasse o aprendizado, que estimulasse a produção coletiva e plural do conhecimento antropológico. Propusemos debates que buscassem a pluralidade não só de teorias pesquisadas, mas de experiências e pontos de vistas das pessoas ali presentes, trazendo à tona preocupações políticas e teóricas através do acionamento de categorias de raça, gênero e classe. Na busca por essas formas de conhecer, observamos que normalmente o debate está centralizado, restrito a apenas um determinado grupo de pesquisadores, normalmente homens, brancos e de países do eixo do atlântico norte. As formas de aprender e ensinar que propusemos seriam periféricas, buscam dar espaço para a produção de novas enunciações e o entendimento de que existem muitas formas de conhecimento, e muitas formas de ser intelectual; a dicotomia entre acadêmico e o não acadêmico é efeito de uma disciplina do conhecimento.

Pensar uma Antropologia mundial é também pensar os moldes de ensino regular e os moldes de ensino da Antropologia em seus contextos históricos específicos. Geralmente, esse debate fica estratificado entre as pessoas que têm condições de acesso a esse conhecimento, recursos para participar de associações mundiais e seus encontros em diversos países do mundo, ou pessoas que tenham conhecimento de uma segunda língua que seja hegemônica. Entendemos que a proposta de produção multilíngue das antropologias mundiais deve ser considerada nas políticas de tradução⁹. Esta

9 A questão da tradução foi muito importante no momento de organização do Congresso. Podemos observar essa perspectiva no artigo presente neste livro que foi escrito pela comissão de tradução do evento. Aqui também fazemos menção a uma predominância de materiais produzidos em línguas como Inglês e ao fato de que muitas/os estudantes brasileiras/os não têm domínio da língua.

seria uma importante ferramenta para acessar o conhecimento e as teorias ex-cêntricas produzidas pela antropologia do sul. Acreditamos que, assim, o debate sobre as diferenças e as outras formas de saber e produzir conhecimento seria enriquecido. Esse enriquecimento acontece também no processo de avaliar e repensar as escolhas metodológicas e as configurações estruturais dos espaços acadêmicos levando em conta as diferenças das e dos estudantes. O processo de reconhecimento da invisibilização de autoras e autores negras e negros, LGBT, indígenas, por exemplo, está também pautado na reflexão acerca de noções de aprendizado e educação como práticas emancipatórias. Acreditamos, então, que estudantes da graduação em Antropologia no Brasil teriam muito a aprender com o acesso a essas Antropologias Contemporâneas não Hegemônicas desde o início de sua formação.



As autoras e os autores apresentados nos seminários

Em dez seminários foram refletidas vida e obra das/dos seguintes intelectuais: a pesquisadora afro-surinamesa e educadora residente na Holanda, Glória Wekker; a pesquisadora indiana Amita Baviskar; a pesquisadora estadunidense, professora e ex-presidenta da IUAES Faye Harrison; a pesquisadora e professora colombiana Mara Viveros Vigoya e o pesquisador queniano residente nos EUA Mwenda Ntarangwi. Duas pessoas deste grupo, inicialmente convidadas para serem conferencistas do Congresso, não

compareceram por problemas de ordem pessoal. Todavia, foi muito importante para a equipe de organização do Congresso conhecer suas obras e trajetórias enquanto pesquisadores negros com perspectiva pós-colonial¹⁰.

Glória Wekker é pesquisadora afro-surinamesa lésbica e educadora holandesa, nascida em 13 de junho de 1950. Realiza suas pesquisas nas áreas de gênero e relações raciais, religiões africanas, lesbianidades e paradoxos do colonialismo e raça. Em seu livro recente, *White Innocence* (2017), faz uma análise das relações coloniais nos Países Baixos e a negação veemente da existência de discriminação racial, xenofobia e violência colonial. Questiona a narrativa dominante no país de que não existe preconceito étnico-racial, quando, na verdade, a experiência dessas populações revela o oposto.

Amita Baviskar é indiana e pesquisadora do Instituto de Crescimento Econômico (*Institute of Economic Growth*), em Delhi, nascida em 9 de maio de 1965. Sua pesquisa foca nas políticas culturais de meio ambiente e desenvolvimento na Índia, tanto nas áreas urbanas, quanto rurais. Seus trabalhos abordam temas como: Direitos sobre o meio ambiente e recursos naturais, Resistência popular, Discursos sobre Ambientalismo. Recentemente, tem pesquisado alimentação e ambientes agrários na região oeste da Índia. Sua fala como Keynote no Congresso foi *Anthropology in the Anthropocene: Making Sense of Unstable Worlds* (Antropologia e o Antropoceno: Fazendo sentido em Mundos Instáveis).

Faye Harrison é professora da Universidade Illinois (Estados Unidos), e nasceu em 25 de Novembro de 1951. Durante sua pós-graduação, foi aluna de St. Clair Drake (década de 1970), que lhe ensinou que ativismo e academia não são necessariamente coisas dicotômicas. Vinculada à Antropologia pública e aos estudos decoloniais. Foi presidenta da IUAES (2013-2018) e atualmente é conselheira honorária. Presidiu a mesa de abertura no Congresso, mas presidiu mesas de debate assim como as falas de abertura e fechamento do evento. Foi incluída no programa dos seminários por ser uma teórica negra e por estar na posição de presidência da união.

10 Os dados apresentados foram obtidos a partir de pesquisas para a apresentação de seminários, assim como dos currículos enviados para a secretaria do Congresso.

Mara Viveros Vigoya, colombiana, é doutora em Antropologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris (EHESS) e é economista pela Universidad Nacional de Colombia. É professora da Faculdade de Ciências Humanas, da Escola de Estudos de Gênero e do Departamento de Antropologia da Universidade Nacional da Colômbia, Bogotá. Fundadora e a atual coordenadora da Escuela de Estudios de Género da Universidad Nacional de Colombia. Seus interesses de pesquisa estão focados em assuntos relacionados às intersecções de gênero, sexualidade, raça e etnia na dinâmica social das sociedades latino-americanas. Sua fala como Keynote do Congresso foi *Entre la extraversión y las epistemologías “nuestra americanas”: el lugar de la producción antropológica con enfoque de género*.

Mwenda Ntarangwi, nascido no Quênia, fez Graduação em Ensino de Línguas e Mestrado em Estudos Culturais Swahili na Universidade de Kenyatta. Seu livro *Reversed Gaze, Na African Ethnography of American Anthropology* (2010) é uma importante obra que traz o debate “sobre a fetichização continuada do outro colonial e pós-colonial, e sobre a incapacidade de muitos antropólogos ocidentais de se engajar em uma autorreflexividade verdadeira e analisar suas próprias sociedades” (Paul Tiyambe Zeleza, em comentário sobre o livro *Reversed Gaze*¹¹ no site da editora da Universidade Illinois).

Registros descritivos e afetivos

Os “Seminários da Secretaria” do 18th IUAES World Congress foram realizados nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis), ao longo de 2018, contando com dez encontros de cerca de uma hora, no período das 13 às 14 horas. A escolha deste horário se deu ao fato de que a secretaria do congresso realizava reuniões/almoços da equipe todas as segundas-feiras entre 12 e 13 horas. Os seminários, portanto, seriam atividades após o almoço o que facilitava a logística de integração da equipe.

11 Disponível em <https://www.press.uillinois.edu/books/catalog/27bgn6cx9780252035791.html>. Acesso em 02 set. 2019.

Este também era o horário do início das aulas do CFH (Centro de Filosofia e Ciências Humanas) da UFSC - às 14:20 horas, aproveitando assim um espaço entre o horário de aula das e dos estudantes da secretaria. Inicialmente a proposta era que fosse um seminário fechado, que serviria a propósitos pedagógicos de formação de estudantes que atuavam como bolsistas de estágio (programa PIBE/UFSC) na secretaria do Congresso. Na perspectiva da professora Miriam Grossi, esta formação era fundamental para que as e os bolsistas tivessem acesso a uma reflexão teórico-metodológica sobre o campo da antropologia mundial, que era o objeto das atividades da Secretaria do Congresso.

Em cada seminário estudávamos sobre a vida e obra de uma autora contemporânea da Antropologia que estava no programa do 18th IUAES World Congress¹². Como coordenador desta atividade de formação no campo da História de Antropologia realizei pesquisas e preparei as apresentações sobre as intelectuais dos seminários do primeiro semestre. Optamos pela apresentação de alguns aspectos das vidas e das teorias dessas pesquisadoras/es que pudessem ser relacionados com as experiências de estudantes brasileiras e também vídeos disponíveis na internet. Como a maioria dos vídeos (documentários, conferências e entrevistas) eram em inglês e com o desejo de que a acessibilidade linguística fosse garantida, optamos pelos conteúdos serem traduzidos ou sistematizados pelas pessoas presentes.

O seminário tinha duração de no máximo 50 minutos, incluindo uma apresentação do contexto da antropologia nacional, dados sobre vida e a obra das autoras em questão, utilizando amplamente dados visuais e textuais. As informações eram sintetizadas pelo/a coordenador/a e apresentadas as questões que fossem consideradas mais relevantes. Em todos os seminários se buscou seguir a metodologia colaborativa e horizontal¹³, onde a

12 O Seminário Outros Olhares sobre a História da Antropologia contou com as apresentações de: Simone Lira da Silva, Maria Luiza Scheren, Filipe Tchinene Calueio e Gabriel Dario López Zamora.

13 Os seminários acolhiam desde estudantes de Ensino Médio (vinculados ao projeto CAPES/SECADI de Direitos Humanos e Educação e ao Projeto PIBIC Ensino Médio, ambos com início em 2018 e realizados pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades - UFSC,

participação das presentes era muito valorizada. A apresentação das autoras era feita de forma que todos tivessem espaço de fala e para que o debate pudesse acontecer juntamente à exibição de um vídeo com alguma fala da autora em questão. O debate e a dinâmica colaborativa do seminário eram duas de nossas orientações principais. Buscando produzir uma atmosfera segura para qualquer tipo de contribuição de qualquer pessoa, nossa perspectiva era a de abordar tensionamentos e conflitos através de um diálogo horizontal e respeitoso. Outro foco importante do seminário era o de estudar mais aprofundadamente as categorias de Raça, Gênero e Classe e reforçamos constantemente a importância de se manter esses aspectos em mente na preparação do seminário, sempre buscando trazer reflexões nesse sentido.



Uma das potencialidades do Seminário foi a contribuição de estudantes estrangeiros que participavam da equipe, que compartilharam importantes informações, vivências e análises sobre os contextos de produção de alguns autores estudados. Nesse sentido, tivemos uma contribuição muito importante de Filipe Tchinese Calueio a respeito do contexto religioso de país de origem, Angola. Calueio é estudante de Graduação em Relações Internacionais na UFSC e atuou como bolsista na secretaria cuidando de aspectos relacionados à comunicação com embaixadas e a procedimentos que envolveram as solicitações de vistos para participantes do evento. No dia do encontro em que conversamos sobre Mwenda Ntarangwi, Calueio, paciente e generosamente, nos contou um pouco sobre o contexto cultural e religioso de alguns países do continente africano. Também tivemos o depoimento da

coordenados pela professora Dra. Miriam Pillar Grossi, até pós-doutorandas/os. Levando em conta tal contexto, o nosso princípio era de que todas/os tivessem voz igual durante os encontros, e também tivessem a oportunidade de realizar apresentações – como foi o caso da pós-doutoranda Simone Lira da Silva e da/dos estudantes de Graduação em Antropologia e Relações Internacionais Maria Luiza Scheren, Gabriel Dario López Zamora (Antropologia) e Filipe Tchinese Calueio (Relações Internacionais). Buscou-se a todo o momento não valorizar ou hierarquizar as pessoas por titulação e focar na formação e no processo de construção coletiva do conhecimento.

pós-doutoranda colombiana Juana Valentina Nieto, que no dia do seminário sobre Mara Viveros Vigoya deu um depoimento sobre o contexto da Antropologia na Colômbia e sobre sua experiência como aluna de Graduação na Universidad Nacional, onde foi estudante de Mara.

Para nossa diversa equipe, conhecer a trajetória de Glória Wekker despertou um grande interesse das/dos estudantes, pois envolvia ali questões de representatividade de diversos marcadores sociais das diferenças que eram vividos por aquelas/es jovens, e não somente apresentava alternativas e esperanças de um futuro de dentro da carreira acadêmica. O próprio debate apresentado por Wekker em seu livro recente, *White Innocence* (2017), se refere à invisibilização dos atos racistas no contexto holandês, o que faz um paralelo muito intenso com a experiência das/os estudantes brasileiras. Lembramos aqui com carinho e um certo pesar das tramitações para a vinda da pesquisadora, o que não ocorreu devido ao falecimento de sua companheira de vida e da impossibilidade financeira do Congresso em atender a sua demanda de providenciar uma passagem de uma acompanhante, pois ela se encontrava sensibilizada e impossibilitada de viajar sozinha.



Durante o trabalho de organização do Congresso, as pessoas envolvidas na secretaria do congresso tiveram oportunidade de ter uma

aproximação com intelectuais da Antropologia Mundial e, em alguns casos, oportunidade de se aproximar afetivamente dessas pessoas. A equipe foi composta por uma maioria de mulheres, sendo os integrantes homens, minoria. No quadro de coordenadoras do evento havia apenas um homem homossexual. Contou com diversas/os colaboradoras/es externos e/ou temporários e uma parte significativa da equipe e das pessoas que foram parte dela por algum momento é de pessoas negras, ou não brancas, sendo oriundas de países da América Latina ou africanos, ou LGBT.

II

Inserido no debate sobre as antropologias mundiais e da forma da produção de conhecimento dentro de uma perspectiva pós-colonial, os “seminários da secretaria” da IUAES 18 estavam embasados em uma perspectiva epistemológica e metodológica de uma das muitas propostas das antropologias mundiais. Ou seja, pensada dentro de uma perspectiva que seja construída em conjunto (GROSSI, FERNANDES e CARDOZO, 2018), onde o conhecimento sobre as pesquisadoras estudadas fosse decifrado e traduzido coletivamente para as alunas e alunos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC e participantes dos seminários. Assim, o conhecimento e experiência das próprias pessoas presentes foi o que construiu o debate sobre as trajetórias das pesquisadoras. Seguimos a noção de experiência de acordo com o que a autora Joan Scott (1999) apresenta, ou seja, uma forma de entendimento individual do mundo que reflete um momento histórico. Dessa forma, a experiência das participantes é uma fonte de variados aspectos pertinentes para o debate que os seminários propõem, permitindo a construção de pontes entre a história individual de todas as participantes com um contexto macro de articulações a nível global.

Alinhadas a uma proposta pedagógica e metodológica de aprendizado coletivo, buscando um conhecimento que fosse construído coletivamente, e que, principalmente, aproximasse as e os estudantes do conhecimento antropológico produzido em âmbito mundial, decidimos que o seminário, que inicialmente seria fechado apenas para as pessoas da secretaria, fosse aberto para todas as pessoas. O primeiro seminário foi um

pouco menos movimentado, mas a partir do segundo encontro contávamos com a participação de um número considerável de estudantes de diversos cursos de graduação e pós-graduação – Antropologia Social, Ciências Sociais, Doutorado Interdisciplinar, Relações Internacionais e Letras Inglês. Os seminários contaram com a presença de estudantes de outras nacionalidades, como Argentina, Angola e Colômbia.

O não domínio das línguas estrangeiras costuma limitar ou dificultar o acesso aos conhecimentos produzidos em uma Antropologia em âmbito global. No caso dos seminários, a maior parte do material ao qual tivemos acesso durante a pesquisa foi em inglês. Para que a barreira da linguagem fosse transposta, as participantes que tinham maior domínio da língua foram convidadas a auxiliar na interpretação das falas que foram assistidas. Desta maneira, além de criar um espaço em que a acessibilidade linguística não fosse uma barreira, criamos um ambiente seguro de acolhimento das participantes e para a produção coletiva do conhecimento antropológico em que a pluralidade de visões e interpretações sobre os materiais debatidos era estimulada.



Inspirados pelos debates contemporâneos da Antropologia a nível global e da Antropologia crítica feminista, assim como nos debates pós-construtivistas (FACHIN; JUNGES, 2008) e pós-críticos da educação, buscamos criar um espaço de produção coletiva e que proporcionasse uma sensibilização e aprofundamento das questões de gênero, raça e classe. Com estes espaços, objetivamos contribuir com a formação acadêmica de antropólogas e antropólogos em diálogo com as teorias contemporâneas.

Percebemos, durante o desenvolvimento do Seminário, que diversos participantes pareciam não se sentir confortáveis com o tipo de participação que propúnhamos no projeto, que envolvia maior engajamento individual no projeto coletivo. Concluimos que é muito difícil, por vezes, vivenciar uma dinâmica de aprendizagem diferente das dinâmicas tradicionais aprendidas em suas trajetórias enquanto estudantes no Brasil.

Conclusões

Face ao sucesso dos seminários realizados no primeiro semestre de 2018, mantivemos o mesmo formato no segundo semestre de 2018 e ao longo de 2019, ampliando a participação das/os bolsistas da secretaria do Congresso com o compromisso de também apresentarem seminários, e envolvendo bolsistas de outros projetos e núcleos de pesquisa da Antropologia da UFSC como assistentes. O formato inicial da atividade foi mantido, dando centralidade ao debate entre as presentes e a apresentação de materiais audiovisuais para serem comentados em grupo.

Como o público prioritário dos seminários era inicialmente composto pelas/os bolsistas da secretaria, pudemos observar o impacto das informações e conhecimentos compartilhados desses encontros neste grupo durante o Congresso. Havia um forte interesse, através de pedidos de recomendações de textos de autoras/es oriundas de países africanos e artigos antropológicos, que abordassem as temáticas de decolonialidade e raça. Podemos identificar reflexos dos impactos dessas figuras no processo de aprendizado dessas/es jovens no segundo semestre do ano de 2018, quando as estudantes da secretaria tiveram a oportunidade de escolher autoras/es e preparar um dos encontros dos seminários. Todos buscaram autoras/es do sul global com um recorte especial sobre os debates feministas e de gênero e raça.

No segundo semestre de 2018, foram apresentadas por outras integrantes da equipe e bolsistas, as trajetórias das seguintes autoras: Soheila Mishra Sahashani (Iran); Kabengele Munanga (Congo/Brasil); Patricia Castañeda (México) e Susana Rostagnol (Uruguai). Tais autoras não foram

incluídas no presente artigo pois compuseram um outro momento dos seminários, que foi posterior à escrita deste trabalho. O projeto dos seminários teve continuidade durante o ano de 2019 sob o nome de “Outros olhares sobre a história da Antropologia”, e abordou com mais profundidade antropólogos e antropólogos brasileiros como Mariza Peirano e Egon Schaden, assim como um panorama das antropologias feministas indianas.

Referências

BAVISKAR, Amita. Written on the body, written on the land: violence and environmental struggles in Central India. In: PELUSO, Nancy Lee; WATTS, Michael (Eds.). *Violent Environments*. Ithaca: Cornell University Press, 2001.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.

COLLINS, Patricia Hill. What’s in a name? Womanism, Black Feminism, and Beyond. *Cad. Pagu*, n. 51, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332017000300510&script=sci_abstract>.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. Theory from the South: Or, how Euro-America is Evolving Toward Africa. *Anthropological Forum*, p. 113-131, 2012. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00664677.2012.694169?journalCode=canf20>>. Acesso em: 06 out. 2018.

FACHIN, Patrícia; JUNGES, Márcia. O método pós-construtivista. *Revista do Instituto Humanitas*, São Leopoldo, Unisinos, 2008. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2304&secao=281>. Acesso em: 08 out. 2018.

FIGUEIREDO, Ângela. Descolonização do Conhecimento no Século XXI. In: SANTIAGO, Ana Rita *et al.* (Orgs.). *Descolonização do Conhecimento no Contexto Afro-brasileiro*. Cruz das Almas: EdUFRB, 2017. p. 79-106. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKewiX3JOW_PhdAhVGfPpAKHU0aCewQFjAAegQICRAC&url=https%3A%2F%2Fwww1.ufrb.edu.br%2Feditora%2Fcomponent%2Fphocadownload%2Fcategory%2F2-e-books%3Fdownload%3D96%3Ade>

scolonizacao-do-conhecimento&usg=AOvVaw2Brov07m2Z5KQfZVY-5YjI>. Acesso em: 06 out. 2018.

GROSSI, Miriam Pillar; FERNANDES, Felipe Bruno Martins; CARDOZO, Fernanda (Orgs.). *Sexualidades, Juventude e Práticas Docentes*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2017.

HARRISON, Faye V. Theorizing in ex-centric sites. *Sage Journal*, v. 16, n. 2-3, p. 160-176, set. 2016. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1463499616652516>>. Acesso em: 05 maio 2016.

KROTZ, Esteban. Anthropologies of the south: their rise, their silencing, their characteristics. *Journal of the World Anthropology Network*, p. 147-159, 2005. (E-book)

NTARANGWI, Mwenda; MILLS, David; BABIKER, Mustafa H. M. *African anthropologies: history, critique, and practice*. Londres, Nova Iorque: Zed Books; Dakar: CODESRIA, 2006. p. 250266.

ORTNER, Sherry B. Teoria na antropologia desde os anos 60. *MANA*, p. 419-466, 2011. (E-book)

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

RIBEIRO, Gustavo Lins & ESCOBAR, Artur (Orgs.). *Antropologias Mundiais: transformações da disciplina em sistemas de poder*. Brasília: Editora UnB, 2012.

SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). *Falas de Gênero*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2018.

WEKKER, Glória. *White Innocence: Paradoxes of Colonialism and Race*. Netherlands: Duke University Press Books, 2016.

Credenciamento como espaço para afetos, alteridades e aprendizagens: 18^o Congresso Mundial IUAES¹

Matilde Quiroga Castellano
Soraia Carolina de Mello

Eventos acadêmicos são lugares propícios para múltiplas e entrecruzadas aprendizagens, independente do nível de formação das suas participantes e seus participantes. Parece razoável considerar que, quando a pessoa que vai ao congresso, simpósio ou seminário, está aberta às trocas, intercâmbios, a participar e a escutar outras pessoas, nesses espaços que geralmente são consequência de tantos deslocamentos e onde se vem discutir resultados acumulados durante anos de variadas pesquisas, essas aprendizagens proliferam.

Esse movimento de aprendizagem não é unilateral, e podemos, assim, compreender os eventos também como espaços de ensino-aprendizagem. Essa pessoa que veio aberta a aprender, por sua própria presença, pelo convívio, pela contribuição de seu trabalho, pelas críticas que ela possa ou não receber, pelas alteridades, estimula as citadas aprendizagens não só dela, mas também de outras pessoas e, principalmente, na troca e nos diálogos com outras pessoas, de forma processual e contínua, sempre inacabada.

Eventos acadêmicos, se não têm o formato de uma aula, curso ou disciplina (apesar de muitas vezes oferecerem cursos), podem ainda ser

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior - Brasil (CAPES).

considerados espaços formais de aprendizagem. A produção de conhecimento científico é, de modo geral, um dos resultados esperados desses eventos, e no 18º Congresso Mundial IUAES não foi diferente. É importante ressaltar, contudo, que não é apenas nos espaços que evidentemente se espera encontrar experiências de ensino-aprendizagem – nos eventos (como ouvindo uma conferência) – ou espaços propícios de produção de conhecimento (quando, por exemplo, se produz uma comunicação, resultado inédito de pesquisa, para apresentar no evento) que aprendemos.

Onde mais podemos aprender?

Os debates sobre educação patrimonial, por exemplo, nos lembram como a aprendizagem e a construção de conhecimento de crianças e adultos ocorre também, e às vezes de forma mais significativa, fora dos espaços formais de educação,² porque envolvem significações identitárias e noções de pertencimento e alteridade que nem sempre a educação formal consegue mobilizar. Também podemos pensar nessas aprendizagens operacionalizadas em espaços não formais de ensino através dos estudos culturais ligados à educação, mais especificamente do uso do conceito de pedagogias culturais. Este conceito chega ao Brasil no final da década de 1990 e estabelece forte diálogo com fontes midiáticas, com artefatos culturais e outros produtos de cultura de massa como mobilizadores de aprendizagens.³

2 BRASIL. Educação patrimonial. Histórico, conceitos e processos. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Ministério da Cultura, Brasília, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2018.

3 Marisa Vorraber Costa (p. 19), citando os trabalhos de Shirley Steinberg, Joe Kincheloe e Henry Giroux, lembra que o conceito de pedagogias culturais, apesar de tautológico, uma vez que todas as pedagogias são indiscutivelmente culturais, tem sido uma designação útil para distinguir as pedagogias praticadas para além da escola. COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Para um acesso mais rápido ao debate, é possível ver ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, v. 17 n. 34, p. 48–63, mai./ago. 2015.

As revoluções no sistema de informação e comunicação das sociedades industriais tornaram cada vez mais problemáticas e difusas as distinções entre conhecimento cotidiano, conhecimento da cultura de massa e conhecimento escolar. Foi observando essas permeabilidades que a teoria crítica curricular passou a compreender tanto a Indústria Cultural quanto o currículo escolar como artefatos culturais.⁴

Nesse sentido, é possível pensarmos também na produção de saberes a partir das subjetividades. Esse sucinto debate sobre espaços não formais de aprendizagem é o *link* que gostaríamos de estabelecer com a importância do espaço do credenciamento, em um evento acadêmico de âmbito internacional, como espaço de acolhimento que abre as portas para o sujeito adentrar esse lugar de produção de saberes. Espaço fisicamente contingente, com temporalidades geralmente cíclicas, produtor de documentos, memórias, rastros, registros que possibilitam a construção de histórias próprias e peculiares. Podemos então pensar, também, no evento como acontecimento. Não o acontecimento cartesiano, regrado por causas e consequências, mas o acontecimento operado pela “acontecimentalização” foucaultiana,⁵ operação ligada à análise histórica que cruza, atravessa, relaciona e articula outros tantos acontecimentos, que recebe de bom grado o ineditismo dos acontecimentos inesperados, e que é mais focada na ruptura do que na continuidade.

Se, por um lado, fica mais fácil considerarmos as sucessivas edições do Congresso Mundial IUAES como acontecimentos cartesianos, com causas e consequências evidentes, por outro, o olhar sobre o credenciamento a partir da “acontecimentalização” pode contribuir para considerarmos

Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>> Acesso em: 17 ago. 2018.

4 SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 142.

5 FOUCAULT, Michel. Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos, v. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. P. 335-351.

suas reverberações nas identidades, nas lembranças, nos modos de estar no mundo e na constituição dos sujeitos que por ali, naqueles dias, viveram, transitaram. Esperamos que essas operações tenham sido transformadas, para as participantes e os participantes no evento, de forma benfazeja, a partir de nossa atuação no credenciamento e apesar de sua contingência.

Como construímos o credenciamento?

Ao falarmos particularmente sobre as tarefas relativas à atividade do Credenciamento do 18º Congresso Mundial IUAES, essas começaram no marco da Comissão de Monitoria. Contudo, a partir de uma proposta da Coordenação do evento, por entender as especificidades do credenciamento e as necessidades de planejamento específicas das mesmas, o credenciamento se foi desprendendo da Comissão de Monitoria para atuar com maior autonomia.

Pensar a tarefa do credenciamento em um evento da magnitude que teve este Congresso implica sempre um desafio e um grande compromisso em refletir as particularidades que o atravessam. A partir de nossas experiências participando em outros eventos como assistentes e como organizadoras, levamos em conta que o Credenciamento acaba se tornando a cara visível de qualquer evento e o lugar de referência ante qualquer dúvida ou questão. Entendemos, portanto, que o espaço devia estar à disposição para atender a este tipo de situações de uma maneira satisfatória, e por isso o credenciamento abriu em todos os dias do evento, de domingo até sexta-feira.

Uma das questões principais que surgiu durante os vários encontros que tivemos para planejar esta atividade foi qual seria a melhor estratégia de acolhimento para adotar ante pessoas que viriam de distintos continentes, falando diversas línguas e com diferentes costumes e culturas. Decidimos então, como primeira medida, dividir o Credenciamento em dois grandes setores: Credenciamento de Brasileiras/os (ou residentes no país, uma vez que nos guiamos pela instituição das pessoas inscritas e não pela

nacionalidade das pessoas) e Credenciamento de Estrangeiras/os, com a presença, todos os dias, de Monitoras/es fluentes em línguas estrangeiras.

Outra das escolhas que tivemos que fazer foi a disposição da ordem alfabética que teria o credenciamento. Na maior parte dos países do mundo, este tipo de atividade se faz colocando como referência o sobrenome das/os participantes. Entretanto, pelo fato de a maioria das/os inscritas/os ser de origem nacional e pelo fato também de o evento acontecer no Brasil, decidimos adotar o “modo brasileiro”, o que quer dizer uma ordem baseada no primeiro nome.⁶ Esta opção trouxe, por um lado, algumas pequenas dificuldades em um primeiro momento, mas fomos resolvendo-as com o decorrer dos dias. Por outro lado, serviu para mostrar para as/os participantes estrangeiras/os a lógica brasileira do uso do nome, partindo realmente da ideia de estranhamento como possibilidade de aprendizagem sobre o outro.

Alguns detalhes de caráter prático, mas muito importantes para garantir a agilidade no processo de credenciamento por parte da monitoria, foram resolvidos em reuniões anteriores ao evento. Nelas, as experiências em eventos anteriores, marcadamente as edições do Fazendo Gênero realizadas na UFSC, foram mobilizadas de modo que pudéssemos prever uma série de dificuldades que já haviam ocorrido antes. Deixamos, portanto, todas as etiquetas com os nomes de inscritas e inscritos impressas, organizadas por ordem alfabética e numerada, em folhas também numeradas e contendo número também de inscrição das pessoas, de modo a facilitar que encontrássemos seus nomes em folhas de etiquetas que comumente se soltam. A necessidade de cada pessoa em cada grupo de letras ser atendida por vez, para evitarmos misturar as listas das etiquetas, foi também

6 Neste ponto, é fundamental destacar que ambos espaços do Credenciamento tiveram como eixo fundamental o respeito pelo nome social, evidenciando uma postura política, ética e de respeito para a identidade de gênero autopercebida, que foi orientação constante desde a Coordenação e Comissão Organizadora do evento e que esteve presente durante o Congresso todo. Acreditamos que um espaço de segurança, acolhimento e respeito pelas diferentes formas de existência é fundamental na promoção de trocas de saberes saudáveis e mais equitativas.

decidida anteriormente com base na experiência em eventos anteriores. Dividimos o credenciamento pela primeira letra do primeiro nome de cada inscrito/a, tanto no credenciamento de pessoas vindas de instituições brasileiras quanto de estrangeiras: A-D, E-J, K-N, O-Z.

Pode parecer uma diretriz óbvia para a monitoria atender uma pessoa por vez mas, quando não é uma diretriz lembrada e retomada, e principalmente na presença de mais de um/a monitor/a por bancada, a tendência é que, no ímpeto de tentar ajudar a acelerar o processo e evitar que as pessoas esperem para ser atendidas, as confusões ocorram. Desse modo, quando tivemos mais de um/a monitor/a por bancada, principalmente nos dois primeiros dias de evento, a dupla dividiu a tarefa de atendimento da mesma pessoa, acelerando o processo sem se trocarem ou perderem listas. Essas questões práticas foram muito importantes para a política de acolhimento do Credenciamento, pois foram evitadas longas esperas, desencontros e semblantes de preocupação por parte da equipe de monitoras/es, que poderiam interferir diretamente nas experiências destas/es e das/os demais inscritas/os no decorrer do evento. A paciência, as constantes cordialidade e prestatividade foram, também, de suma importância nesse sentido, e foram percebidas também no retorno, no *feedback* das pessoas que foram aos balcões realizar o credenciamento.

Outra característica de nosso credenciamento, conforme já citado, é que ele foi levado a cabo desde o domingo, dia 15 de julho de 2018, e aconteceu em todos os dias do evento, até o dia 20, possibilitando assim que cada participante se credenciasse quando achasse mais pertinente, sem que isso atrapalhasse sua participação no Congresso. Foram realizados, também, credenciamentos nos quatro hotéis de Florianópolis que tinham grandes grupos de participantes, a fim de facilitar e desconcentrar a quantidade de pessoas nos balcões.

O Credenciamento aberto diariamente se tornou, também, um ponto de referência para as/os participantes, lugar confiável para sanar dúvidas e se obter informações, com uso bastante frequente, nesse sentido, de participantes estrangeiras/os. O constante apoio da Secretaria do evento e

demais comissões organizadoras, com especial enfoque para a Comissão de Monitoria e suas coordenadoras, foi fulcral para o sucesso do credenciamento e precisa, nesse sentido, ser, também, mencionado.

Entre os materiais que foram entregues ao realizar o Credenciamento (bolsa, mapa, crachá, programação, caneta, caneca etc.), destacamos o fuxico⁷ artesanal. Através das cores dos fuxicos, que eram colocados nos crachás de cada participante, era possível identificar o continente de origem da pessoa. Os fuxicos foram encarados como uma lembrança carinhosa, um pequeno presente ou “mimo” do evento, muito bem recebido pelas/os participantes, geralmente gerando sorrisos. Foram lembrancinhas muito pequenas, de cerca de 5 centímetros, mas que mobilizaram muitos dos sentimentos de acolhimento que nos esforçamos para construir. Muitas pessoas nos perguntaram quem tinha feito aqueles fuxicos e o fato de terem sido confeccionados pela mãe da coordenadora geral do evento, Esther Pillar Grossi,⁸ destacada educadora brasileira, também mobilizou esses sentimentos de acolhimento.

7 Fuxico é, segundo a Wikipedia, resultado de uma técnica artesanal passada de geração em geração, de domínio tradicional de mulheres, muito popular no Brasil. O fuxico consiste em trouxinhas de pano, confeccionadas costurando círculos recortados de sobras de tecidos. Costuradas umas às outras, essas trouxinhas formam colchas, toalhas de mesa, peças de vestuário, entre outros, com formas de flores ou pequenos animais.

8 Esther Pillar Grossi é doutora em psicologia cognitiva pela École de Hautes Études en Sciences Sociales de Paris (1985). Em 1970 – com mais 49 colegas-professores – fundou o Geempa, inicialmente “Grupo de Estudos sobre o Ensino da Matemática de Porto Alegre”, e após 1983 “Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação”, associação atuante até hoje, da qual é presidente. Orienta pesquisas sobre ensino-aprendizagem embasadas na Teoria dos Campos Conceituais e na definição de uma quarta teoria sobre o aprender, a saber o pós-construtivismo, ao lado do inatismo, do empirismo e do construtivismo. Também foi Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre entre 1989 e 1992, e deputada Federal pelo Rio Grande do Sul de 1995 a 1992. Disponível em <<http://lattes.cnpq.br/4188681847754674>> Acesso em: 21 ago. 2018.

Algumas considerações

É importante mencionar que, mesmo que de forma parcial e incompleta, atingimos nossos objetivos, pois percebemos que nossos balcões de credenciamento tornaram-se espaços de trocas culturais, de conversas informais e discussões teóricas atravessadas pelos constantes esforços de tradução, em que diferentes olhares sobre o mundo entraram em contato. Neste sentido aconteceram diversas situações durante o evento todo, de pessoas de diferentes países se aproximando ao credenciamento para nos contar como era sua universidade, sobre sua problemática de pesquisa, sobre comidas típicas de sua região ou país, e até pedindo instruções sobre como doar um documento histórico de antropólogos estrangeiros que tinham feito pesquisa no Brasil.

Foi de central importância, precisamos destacar, podermos contar com uma equipe de monitoras/es oriundas/os de diferentes países da América Latina, e principalmente de diferentes regiões do Brasil, para os resultados bem-sucedidos desta importante tarefa, que nos brindou grandes satisfações. Nossa equipe de monitoria, superengajada com o trabalho, “vestiu a camisa” do 18º Congresso Mundial IUAES de maneira literal mas também de maneira simbólica, assumindo as tarefas propostas com grande responsabilidade, esforço, alegria e compromisso. Queremos agradecer especialmente a Aline Neves Aguiar, Aline Carolino, Ana Luisa Hickmann, André Luiz Franco Machado Cardoso, Cecília Barreto de Santana, Denise Pistilli Rodrigues, Gabrielle Gualdieri Pinheiro, Gicele Sucupira Fernandes, Giovanna Barros, Ivi Porfirio, Jainara Gomes de Oliveira, Javier Paez, José Batista Franco Junior, Louise Lima Karczeski, Luis Alberto Fernandez Silva, Marcos Henrique Alves, Maria José Villares Barral Villas Boas, Nelson Soutero Coutinho Neto, Renan Monteiro, Renata de Oliveira Manfio, Rocío Esther Barreto Paucar, Sarah Victória Almeida Rodrigues, Tatiana Aigba, Yarlenis Mestre Malfrán e todas as outras pessoas de diferentes comissões (principalmente a de tradução) e de outras áreas da monitoria que eventualmente nos auxiliaram nesta importante tarefa durante todo o evento.

Em termos de resultados tangíveis podemos dizer que foram credenciadas 488 pessoas de origem estrangeira e ao redor de 1053 pessoas residentes no Brasil, totalizando 1426 pessoas presentes no Congresso.

Para encerrar nosso eixo, gostaríamos de trazer algumas reflexões do antropólogo Roy Wagner e nos arriscar a fazer uma analogia entre sua proposta refletindo sobre o trabalho etnográfico e nossas vivências nos balcões do credenciamento. O que Wagner descreve como “choque cultural” e a possibilidade de tornar visível a cultura do outro e a própria, essa ponte, essa tradução de significados básicos, sentimos que esteve presente (de maneira contingente, mas enfatizamos, não por isso menos real) nas experiências relatadas, nas quais sentimos na pele esse contato com “o outro” e sua cultura.

Referências

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Ubu, 2017.

Deficiência e acessibilidade no 18^o Congresso Mundial da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences – IUAES¹

Anahi Guedes de Mello
Flávia de Mattos Motta
Michele Leão

Introdução

O presente texto representa o esforço de uma reconstituição etnográfica da experiência da Comissão de Acessibilidade do 18th IUAES World Congress, uma comissão que teve a proposta de oferecer serviços de acessibilidade e/ou de apoio humano a participantes com deficiência e/ou com mobilidade reduzida, em consonância, tanto quanto possível, com a perspectiva do Desenho Universal². Como a proposta deste texto é posterior ao evento, não contamos com diários de campo escritos durante a atuação da comissão, com vistas à produção de uma etnografia coletiva sobre nossas práticas. Para tanto, contamos apenas com os registros em e-mails trocados entre

1 Sigla em inglês para União Intenacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas.

2 Segundo a Norma Técnica Brasileira NBR 15290 da ABNT, que trata da acessibilidade em comunicação na televisão, Desenho Universal (Universal Design) é “a forma de conceber produtos, meios de comunicação, serviços e ambientes para serem utilizados por todas as pessoas, o maior tempo possível, sem a necessidade de adaptação, beneficiando pessoas de todas as idades e capacidades. O conceito de desenho universal tem como pressupostos: a) equiparação nas possibilidades de uso; b) flexibilidade no uso; c) uso simples e intuitivo; d) captação da informação; e) tolerância para o erro; f) dimensão e espaço para o uso e interação”.

nós e, muito especialmente, com o que ficou registrado em nosso grupo de WhatsApp³, que foi muito ativo e eficaz para nossa comunicação interna e registro de acontecimentos, discussões, divisão de tarefas e decisões entre nós. Embora a referida comissão tivesse sido criada em meados de 2017, ela só tomou forma definitiva quando, em 25 de maio de 2018, a coordenadora dessa comissão, Anahi, criou o grupo, no WhatsApp, chamado “Acessibilidade IUAES”, a fim de que a comunicação entre todos os membros e a equipe de monitoria da acessibilidade fosse mais rápida e efetiva. Até esta data, portanto, as integrantes da comissão comunicaram-se por e-mail e trocas individuais de mensagens por WhatsApp, mas sem um grupo específico para esse fim.

É interessante ponderar que a relevância desse grupo de WhatsApp nessa comissão tem relação inclusive com a questão que é o objeto central da comissão: a deficiência e acessibilidade. Sendo surda, Anahi prefere a comunicação escrita, estabelecida via tecnologias digitais como o Gmail, o WhatsApp, o Facebook etc. Embora possa ter causado estranhamento em algum momento a membros externos do grupo o fato de a comissão não ter feito nenhuma reunião presencial antes do Congresso, consideramos extremamente satisfatória e funcional a forma como nos organizamos – mesmo com a ocorrência de uma situação anedótica quando uma de nós passou a enviar áudios e Anahi teve de lhes lembrar que não era ouvinte e por isso trocávamos mensagens escritas.

Antes do evento: qual deficiência, qual acessibilidade?

A principal tarefa da comissão de acessibilidade antes da realização do evento foi administrar a identificação das pessoas com deficiência inscritas, a partir de formulário específico sobre deficiência e acessibilidade disponível no momento do registro da inscrição via site da 18th IUAES World Congress. Nessa etapa procuramos saber das pessoas que declararam,

3 WhatsApp é um aplicativo de envio de mensagens instantâneas, áudios e chamadas de voz para diversas plataformas de smartphones.

expressamente ou não, possuir deficiência, se estavam confirmadas sua participação no evento e, caso positivo, que nos especificassem com maiores detalhes as suas demandas por serviços ou recursos de acessibilidade. Para esse procedimento, escrevemos e encaminhamos uma mensagem individual e com conteúdo geral em inglês, espanhol ou português, de acordo com a informação sobre a procedência de cada inscrito(a), ainda que majoritariamente fossem nativos(as) da língua inglesa:

Dear ***,

We are from the Accessibility Committee of 18th IUAES World Congress, to be held from July 16 to 20, 2018 at Federal University of Santa Catarina (UFSC), in Florianópolis, Brazil. We take care of issues related to the accessibility for people with disabilities and/or those with other health conditions. We are contacting you because you have filled out the form specific to this item. We kindly ask you to confirm your participation in 18th IUAES and let us know with more details the accessibility feature that you need. Thank you.

Best regards,

AccessibilityCommittee.

Havia também as que se inscreveram como “pessoas com deficiência”, mas não deixaram claro qual era a sua deficiência e/ou se precisavam de algum serviço de apoio humano e/ou recurso de acessibilidade. Em grande parte, esse erro se deveu ao fato de o formulário conter equivocadamente um item específico incompleto, “Certificate of participation”, ao invés de “Certificate of participation in Braille”, que seriam emitidos e enviados apenas para participantes cegos(as) ou com baixa visão, caso quisessem. Desse modo, muitas pessoas sem deficiência preencheram esse item pensando se tratar de um certificado de participação padrão. Houve pouco retorno à mensagem enviada pela comissão de acessibilidade, mas entre as pessoas inscritas que nos responderam, a maioria agradeceu o cuidado para com as questões da deficiência e acessibilidade no 18th IUAES World Congress para, em seguida, nos avisar que não tem deficiência e/ou que não

precisava de acessibilidade. Outras nos escreveram que não iriam mais participar do Congresso e nos desejaram um “bom evento!”. Entre as antropólogas e antropólogos que declararam expressamente possuir algum tipo de deficiência e nos confirmaram participação, a maioria reforçou suas demandas ao nos detalhar melhor suas necessidades específicas. Ainda, identificamos que a maioria tinha deficiência do tipo física e, portanto, apresentava mobilidade reduzida. Estas pediram para que as atividades em que participariam, majoritariamente em painéis abertos, acontecessem em salas localizadas no térreo, com acesso por meio de rampas e elevadores, a fim de evitar subir escadas e mesmo enfrentar caminhadas longas e/ou com buracos.

O começo: a busca ao estande

Durante o congresso, passamos a contar com uma pequena equipe de monitoras e monitores para atuar somente nas demandas relacionadas à acessibilidade no Congresso. A comissão de acessibilidade precisava de um espaço físico de referência no Congresso para ser identificada pelo público e começar a atuar. Após uma breve negociação com a secretaria geral do evento, à comissão de acessibilidade foi destinada uma mesa circular com quatro cadeiras, instaladas bem ao lado dos guichês⁴ para credenciamento e retirada do material pelas pessoas brasileiras inscritas no congresso. Essa mesa funcionou como stand de atendimento da comissão de acessibilidade e ficava posicionada bem em frente ao final da longa rampa de acesso ao hall do Centro de Cultura e Eventos da UFSC, onde aconteciam os momentos mais congregadores do Congresso, como as solenidades de abertura e de encerramento, as conferências, as mesas-redondas, as apresentações artísticas e os coffee breaks. O referido estande foi planejado para a recepção e atuação nas demandas das pessoas com deficiência, atendendo a diversas solicitações no Congresso, desde o auxílio à compreensão das dinâmicas do

4 Havia dois tipos de guichês para o credenciamento de participantes: um para brasileiros(as) e outro para estrangeiros(as).

evento à necessidade de ajuda para a locomoção de participantes com mobilidade reduzida.

Ao iniciar o Congresso, tínhamos uma planilha de horários do revezamento dos plantões de ocupação dessa mesa para o atendimento durante todo o Evento. Na véspera de abertura, em um domingo, dia 15 de julho, já percebemos a necessidade de identificarmos muito nitidamente aquela mesa como destinada à comissão de acessibilidade, pois as pessoas a usavam para largar material, copos usados ou simplesmente sentarem para descansar, conversarem ou até mesmo usar um notebook pessoal e teclar ali mesmo. No dia da abertura, em 16 de julho, Michele afixou uma folha impressa que identificava o objetivo da mesa. Foram feitas também identificações para os banheiros acessíveis localizados nos prédios do Centro de Cultura e Eventos e do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Nos momentos em que a comissão ocupou o estande, alguns incidentes e diálogos que travamos com pessoas de fora da comissão de acessibilidade evidenciaram as dificuldades do provimento da acessibilidade devido às imprevisibilidades dos acontecimentos no dia a dia. Nos próximos tópicos, apresentaremos diversos episódios que ilustram isso.

“Dá para usar o do térreo!”: a acessibilidade física no Congresso

O stand da comissão de acessibilidade foi responsável por demandas diversas de acessibilidade, informação sobre os espaços e auxílio a eventuais problemas de locomoção durante todos os dias do congresso. Para nós, a presença de pessoas com significativas dificuldades de locomoção, inclusive as idosas, mostrou que foi a “mobilidade reduzida” a que deu a tônica da acessibilidade no Congresso. Houve relatos sobre a dificuldade de locomoção apresentada por grande parte dos participantes do evento. De uma forma geral, a distância entre os prédios onde estavam alocadas as atividades do Congresso dificultava o seu deslocamento, independentemente das pessoas terem ou não deficiência. Acreditamos que essas dificuldades

se devem ao fato de não conhecerem o campus universitário, necessitando de orientações primárias sobre os trajetos. Diante desses episódios, monitoras e monitores da comissão se dispunham a orientar e acompanhar estes participantes até o local de suas atividades. Também as pessoas idosas recorreram à comissão diariamente, solicitando informações sobre os espaços do evento, dúvidas sobre trajetos na cidade e também pediram o acompanhamento de um integrante da monitoria nos trajetos das atividades no Congresso. Outros simplesmente optaram por sentar e ficar descansando ou esperando seus pares em uma das cadeiras que rodeavam a mesa do estande. Por isso, a monitoria composta por Alice, João Victor, Guadalupe e Patrick foi fundamental no atendimento aos participantes. Em um final de tarde, após o fechamento das atividades do Congresso, Alice orientou e acompanhou uma participante idosa a voltar para seu local de estadia. Guadalupe, durante os dias do Congresso, circulou pelos prédios da UFSC onde aconteciam as atividades e, assim, tirou dúvidas e auxiliou as pessoas a se locomoverem entre os espaços.

Maria⁵, uma senhora angolana e com dificuldades de locomoção, desejava muito participar das “experiências antropológicas”, que são aquelas atividades de “saídas de campo” promovidas pela Comissão de Experiências Antropológicas para várias localidades da Grande Florianópolis, com o objetivo de conhecer espaços comunitários plurais e diversos grupos sociais ou comunidades nativas. Essas atividades pressupõem, na maior parte das vezes, deslocamentos pouco acessíveis. Diante disso, Maria procurou a Comissão para que pudessemos ajudá-la no processo de inscrição da atividade. Desse modo, pudemos auxiliá-la no preenchimento dos formulários on-line, pontuando suas necessidades de acessibilidade no espaço físico.

Em outra ocasião, uma participante foi até o estande da Comissão em um final de tarde para demandar a necessidade por muletas, uma vez que esta havia se lesionado durante o evento. Entramos em contato com a equipe

5 À exceção dos nomes verdadeiros dos membros da comissão de acessibilidade, para os demais casos adotamos nomes fictícios.

de segurança do Centro de Eventos, que é responsável pelo empréstimo de cadeiras de rodas para uso em situações de emergência. Contudo, tanto a UFSC quanto a empresa que alugou equipamentos para a organização do evento não têm nem disponibilizam muletas. Falamos com a equipe de atendimento médico para as urgências de saúde no Congresso e, ainda assim, não conseguimos. Uma das alternativas encontradas foi sugerir à participante a locação de muletas, sem deixar de ofertar apoio e auxílio no trânsito das atividades. Apesar da nossa sensibilidade e intervenção neste caso, não é papel dessas instâncias institucionais oferecer muletas nem quaisquer outras órteses e mesmo próteses a participantes de congressos acadêmicos, por serem equipamentos pessoais e de uso mais “privado” que “coletivo”. Se uma participante é surda usuária de implante coclear e o mesmo se quebra ou estraga durante a realização de um congresso acadêmico na UFSC, não cabe à universidade emprestar-lhe um novo. Nessas condições, o empréstimo de equipamentos reconhecidamente de uso por pessoas em situação de deficiência permanente ou temporária só faz sentido em situações que exigem “adaptações razoáveis”:

“Adaptação razoável” significa as modificações e os ajustes necessários e adequados que não acarretem ônus desproporcional ou indevido, quando requeridos em cada caso, a fim de assegurar que as pessoas com deficiência possam gozar ou exercer, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, todos os direitos humanos e liberdades fundamentais (BRASIL, 2008).

Ou seja, quando um determinado ambiente apresenta barreiras, construídas ou naturais, de tal modo que impeçam o pleno acesso dessas pessoas, é responsabilidade institucional executar as devidas adaptações razoáveis no local (SASSAKI, 2010).

Um dos seis ‘box’ sanitários do banheiro feminino, identificado como adaptado e localizado no primeiro andar do centro de eventos, esteve fechado quase todos os dias do Congresso. Uma das integrantes da Comissão se dirigiu à secretaria do evento para questionar e a primeira resposta

ouvida foi “Dá para usar o do térreo!”. Então, foi necessária uma fala sobre acessibilidade. Esclarecida a questão, a pessoa da secretaria ficou de falar com a administração. Mais tarde, a mesma pessoa foi vista no banheiro feminino falando com a funcionária da limpeza sobre o banheiro interditado e argumentado acerca de acessibilidade, o que não deixa de ser uma manifestação sobre o aspecto pedagógico da existência e atuação de uma comissão de acessibilidade num congresso. No dia seguinte, a mesma pessoa nos informou que, conforme a administração do local, o vaso sanitário havia se desprendido e estava interditado pelo tempo necessário à secagem do material utilizado para a fixação.

Outro incidente no mesmo estilo de “usar o do térreo!” foi relatado por um monitor da equipe, que esteve sempre no período noturno no Centro de Eventos da UFSC, até o final da última atividade, em 20 de julho de 2018. O mesmo observou que a rampa de acesso foi fechada antes que todas as pessoas tivessem ido embora, e viu um idoso descendo com dificuldades a escadaria. Novamente uma das integrantes da comissão de acessibilidade dirigiu-se ao balcão da secretaria da empresa promotora do evento. Não obstante a boa vontade e escuta, ficou mais uma vez evidente o despreparo para as demandas da acessibilidade. O primeiro argumento foi “Temos que fechar porque é muito perigoso. Ontem entrou um morador de rua aqui dentro”! (sic) O segundo foi “mas tinha bem pouca gente no fim” e à ponderação de que, pouca gente ou não, um idoso teve que enfrentar com dificuldades uma escada, a resposta foi “só se era um indiano”, pois havia sido cedida uma sala para a reunião de um grupo de antropólogos(as) da Índia. A última resposta à insistência da integrante da Comissão sobre a inadequação do fechamento da rampa foi: “mas não tem problema, é só chamar o vigia e ele abre [para quem tiver dificuldades com a escada]. Mais uma vez foi necessário explicar o que é “acessibilidade”. Finalmente, ficou acordado que, já naquela noite, fosse considerado necessário o fechamento de uma das entradas, seria fechada a da escada.

Os episódios relatados até o momento nos fazem pensar na banalização do que seja deficiência, nas dificuldades das pessoas sem deficiência em

perceberem o que implica a experiência da deficiência. Como a doença ou a morte, a deficiência também é uma forma singular e elementar de acontecimento que aparece na vida de todos nós. Por fazer parte do ciclo de vida, a deficiência se confunde com a velhice de todos os animais humanos e não humanos. E justamente por sermos todos e todas potencialmente pessoa com deficiência um dia, faz-se necessário discutirmos também a singularidade de se ser uma pessoa com deficiência.

Considerações finais pós-congresso

As pessoas com deficiência são um grupo social significativo da população brasileira. Mas falar de deficiência é considerado tabu, seja porque é preferível escamoteá-la para não ferir a nossa sensibilidade para o que é “normal”, belo e saudável, seja porque a fantasia solidarista da caridade vê as pessoas com deficiência como sujeitos passivos ao tratá-las como “especiais”. A pessoa com deficiência é o típico “exemplo de superação”: somente porque tem deficiência e, apesar da deficiência, “se” ela consegue fazer ou se “supera” fazendo coisas que “pessoas comuns” fazem, passa a ser vista como um sujeito extraordinário.

Embora tenhamos focado nosso relato etnográfico nos aspectos inerentes à acessibilidade física, por esta ter sido a maior demanda no evento, vale mencionar algumas lacunas que merecem reflexão futura. A primeira diz respeito à necessidade de incluirmos no formulário específico sobre deficiência e acessibilidade as demandas por acessibilidade dos(das) antropólogos(as) cuidadores(as) de pessoas com deficiência. São antropólogos(as) que são pais ou mães de pessoas com deficiência e que respondem pelo cuidado de seu(sua) filho(a) com deficiência. Tivemos no evento a presença de um antropólogo que era cuidador de um adulto cadeirante e com deficiência cognitiva. O mesmo não constava na relação de participantes que pediram acessibilidade, provavelmente porque não preencheu esse item no formulário por não ser ele uma pessoa com deficiência, mas sim o seu filho. Por isso, acabamos não podendo identificar suas

necessidades por acessibilidade mesmo como pai de um adulto com deficiência. A segunda questão está relacionada à “acessibilidade linguística” do evento, em especial ao modo como foram conduzidas algumas apresentações orais, bem como a tradução do inglês para uma pessoa surda, a exemplo da primeira autora deste trabalho. Houve colegas que debateram e/ou apresentaram suas comunicações ora em português ora em inglês e, mesmo assim, se “esqueceram” seja de traduzir oralmente do inglês para o português, seja de disponibilizá-las também na versão textual em inglês de uma apresentação em PowerPoint, o que gerou exclusão à participação não só de Anahi nos painéis abertos com trabalhos sobre deficiência, mas também dos(das) antropólogos(as) que não entendem inglês falado. Não deixa de ser, inclusive, digno de nota que a responsável pela comissão de acessibilidade teve que abandonar um workshop porque as pessoas, entre elas colegas que a conheciam de longa data, presumiram que Anahi conseguia fazer leitura labial em inglês.

A trajetória de pessoas com deficiência nas universidades sempre esteve repleta de dificuldades devido às inúmeras barreiras arquitetônicas⁶, comunicacionais e informacionais⁷, metodológicas e pedagógicas⁸,

6 Refere-se às barreiras físicas do ambiente, tais como a ausência de rampas e elevadores, banheiros adaptados e de adequações das vias de circulação. A eliminação das barreiras arquitetônicas exige a aplicação da NBR 9050, norma brasileira da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que versa sobre a acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, apresentando, portanto, todos os requisitos técnicos para o cumprimento da acessibilidade física dos ambientes em contextos urbanos.

7 Segundo Vivarta (2003), consistem nas rupturas comunicacionais comuns, por exemplo, nas trocas sociais entre surdos e ouvintes, nas dificuldades de comunicação de pessoas com paralisia cerebral e com autismo, dentre outros. A eliminação de barreiras comunicacionais e informacionais exige diferentes recursos de acessibilidade, desde a presença de intérpretes de língua de sinais para as pessoas surdas usuárias dessa forma de comunicação, e da tecnologia da estenotipia no caso de serem surdas oralizadas e usuárias do português como primeira língua e até a utilização de outras tecnologias assistivas, por exemplo, as tecnologias de comunicação alternativa, além da conversão de materiais impressos em tinta para formatos acessíveis a pessoas com deficiência visual, como é o caso da impressão Braille e da produção de textos digitalizados.

8 Ainda segundo Vivarta (2003), referem-se às barreiras nas formas de organização do espaço pedagógico, incluindo formas de ensino e avaliação, cabendo às professoras e

instrumentais⁹ e atitudinais¹⁰ presentes nos diversos espaços da vida acadêmica. Essas barreiras sociais são formas de discriminação contra as pessoas com deficiência que, sem as necessárias adaptações, ficam impedidas de usufruir de serviços básicos e de participar das atividades cotidianas. Isso porque a educação superior se baseia em um método clássico de transmissão de conhecimentos em que as competências da visão, audição, cognição, mobilidade e saúde plena são tidas como requisitos básicos para o avanço em uma carreira acadêmica. Mas tais requisitos só são possíveis em corpos plenamente capazes, um ideal capacitista (MELLO, 2016) que não se materializa na prática, dada a existência de outras corporalidades dissidentes, como aquelas que corporificam a experiência da deficiência. Desse modo, o engajamento de membros de uma comissão de acessibilidade em qualquer congresso acadêmico implica considerar, sobretudo, a possibilidade de fazer “adaptações razoáveis” nos locais do evento.

Referências

BRASIL. Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. *Diário Oficial da União*, Brasília-DF, 10 jul. 2008, seção 1, edição 131, p. 1. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/99423>>. Acesso em: 17ago. 2018.

professores a atenção à diversidade na condução das atividades acadêmicas e na coordenação das trocas sociais em salas de aula.

- 9 Deacordo com Vivarta (2003), consiste nas barreiras impostas pelo fato de os instrumentos e artefatos culturais suporem um usuário ideal e abstrato, desprovido de quaisquer deficiências sensoriais, intelectuais ou de mobilidade. Sua superação passa pela adoção da noção de desenho universal e pela utilização de tecnologias assistivas.
- 10 São as barreiras devido às atitudes preconceituosas capacitistas das pessoas sem deficiência impostas às pessoas com deficiência. Nesse sentido, as barreiras atitudinais se dão por meio de preconceitos, estigmas e mitos sociais sobre as pessoas com deficiência, marcando-as de forma negativa.

MELLO, Anahi G. Deficiência, Incapacidade e Vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.21, n.10, p. 3265-3276, 2016.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Adaptações razoáveis sob o crivo inclusivista – Parte 1. *Revista Reação*, São Paulo, ano XIV, n.75, p. 14-18, jul./ago. 2010.

VIVARTA, Veet. *Mídia e Deficiência*. São Paulo: Andi/Fundação Banco do Brasil, 2003.

Os traduzíveis e intraduzíveis da vida real

Juliana Ben Brizola da Silva
Julia Vivanco Bercovich
Guilherme Ribeiro Colaço Mäder
Sabrina Testa
Hélène Lambert
Juliette Woitchik
Natalia Pérez Torres
Joaquín Correa
Vinicius Kauê Ferreira
Leonardo de Miranda Ramos
Virgínia Squizani Rodrigues
Desirée Sant'Anna Maestri
Isadora Zuza da Fonseca

Uma comissão voluntária de tradução para um evento acadêmico é composta de várias pessoas, estudantes de pós-graduação e graduação que, por diferentes caminhos, hoje compreendem outros idiomas e servem como pontes entre as que vêm de longe.

A comissão de tradução do 18th IUAES World Congress

A Comissão de Tradução foi uma das primeiras a ser criada dentro da organização do 18º Congresso Mundial da IUAES, em novembro de 2017. Conformada principalmente por estudantes latino-americanos lusofalantes, francófonos e hispanos falantes nativos de diferentes programas acadêmicos, nesse primeiro momento, as tarefas da Comissão tinham a ver com a

tradução de textos nas quatro línguas oficiais do Congresso: português, espanhol, inglês e francês. Esses primeiros textos eram enviados pela Comissão de Comunicação e tinham a função tanto de divulgar o evento quanto de resolver demandas associadas às inscrições. Paralelamente partiu-se para a tradução de textos relacionados com outras atividades do Congresso, como, por exemplo, as experiências antropológicas, a participação de crianças no evento, entre outras. Essa estrutura inicial de trabalho foi conformada por uma equipe pequena, que foi conseguindo atender à maior parte das diversas demandas. Para a organização dessa tarefa foi idealizado um sistema de trabalho *on-line* complementado com reuniões mensais. Essa experiência em rede permitiu otimizar os processos de tradução e edição de textos de acordo com as demandas das outras comissões. Em uma segunda etapa, nas semanas prévias ao Congresso, outras pessoas foram sendo incorporadas à equipe que, desse modo, ficou fortalecida. Ela foi composta por estudantes e profissionais voluntários provindos de diferentes áreas do saber; pessoas que possuíam bons ou ótimos conhecimentos em dois ou mais idiomas. Assim como o próprio congresso, nossa equipe foi marcada pela diversidade: enquanto alguns de nós, embora bilíngues, não dominávamos o idioma oficial do Congresso, o inglês, outros eram fluentes em quatro línguas; enquanto uns traduziam falas simultaneamente com relativa tranquilidade, outros precisavam pedir ajuda para indicar um simples caminho a um congressista perdido.

No entanto, diferente do que se possa imaginar, a diversidade da equipe de tradução configurou-se em unidade. Nós estivemos juntos e juntas o tempo inteiro, fluímos em ritmos e vibrações diversas, mas confluentes. Nossa comunicação interna atenta traduziu-se, literalmente, em nossa comunicação como tradutoras e tradutores, comunicação esta que transcendeu a palavra. A colaboração e o afeto que circularam entre nós se tornaram visíveis no nosso trabalho. Fomos amadores no melhor sentido da palavra. Como bons amadores, fomos curiosos, entusiastas e, por vezes, inexperientes. Nosso amadorismo, inevitavelmente afetado e descompromissado com a excelência, nos permitiu bons acertos, nos possibilitou estabelecer conexões sensíveis, nos levou a ver os erros e acertos como

possibilidades iminentes, como acontecimentos singulares e potencialmente transformadores, como matéria de aprendizagem individual e coletiva.

Inglês como língua franca: o contexto sul-Americano e seus tensionamentos

Embora o inglês não fosse a língua da maior parte dos participantes do evento, foi, sim, a língua que representou a maior porcentagem de demandas de tradução ou assistência, isso porque se sabe que a língua inglesa vem sendo aceita como a língua franca do conhecimento científico, o que leva os pesquisadores a utilizá-la enquanto linguagem acadêmica e de divulgação científica em detrimento da sua língua nativa e da produção de conhecimento do seu país. A contradição foi estarmos na primeira versão do evento em América do Sul, o que supõe uma alta diversidade cultural e linguística até esse momento inédita, que fez com que nos víssemos obrigados a fazer uso da língua hegemônica da ciência e do conhecimento antropológico. Contradição essa que, por exemplo, foi frisada na conferência da antropóloga colombiana Mara Viveros Vigoya que expressou a necessidade de inverter a lógica deste tipo de congresso e optou por realizar sua fala em espanhol, a sua língua nativa. Percebia-se que nesse tipo de situação era desnecessária a tradução simultânea para a língua inglesa, pois a maior parte do público conseguia compreender sem a mediação desse recurso. Nesse sentido, o Congresso colocou em evidência os fundamentos do mundo científico-acadêmico que exige o uso da língua inglesa como condição política e de legitimidade da produção intelectual.

Se a experiência do Congresso mostrou que era possível subverter essa lógica, sendo que o número de pesquisadores não anglo-falantes era de longe maior do que aqueles que tinham o inglês como língua nativa, e sendo localizado o evento no Brasil, foi complexo e desafiador constatar que tenha vigorado o inglês como língua franca de um evento proposto enquanto um “Mundo de encontros”. Trata-se de uma questão que certamente não somente tem a ver com a antropologia, mas que implica o reconhecimento das dificuldades políticas e epistemológicas de produção e divulgação de

conhecimento em todas as disciplinas sem sujeição aos parâmetros hegemônicos – outra questão que foi levantada e vivenciada durante os cinco dias do Congresso.

Sem dúvida, a língua é uma fronteira. Diante da necessidade de trabalhar com uma única língua que facilitasse as trocas e a interlocução entre pesquisadores de todo o mundo, ficou precisamente em evidência a diversidade, muitas vezes irreconciliável, entre culturas, linguagens e maneiras de fazer. Um conflito que, para além de se apresentar como uma dificuldade operacional, pode-se assumir enquanto fonte de construção pluriversal do conhecimento antropológico.

Essa comissão não serviu apenas para a conveniência dos participantes cujo único meio de comunicação era a língua inglesa, mas principalmente para responder a uma necessidade linguística que só se pode compreender no contexto sociocultural brasileiro: a habilidade de comunicar-se em língua inglesa não é de domínio da maior parte da população brasileira. Podemos tentar identificar algumas causas dessa barreira linguística.

De um lado, a posição do inglês no sistema educacional brasileiro: as aulas de língua inglesa, principalmente na rede pública, são insuficientes; e, no ensino superior, inexistentes. Dessa insuficiência no ensino de inglês decorre que este idioma se torna de fato um bem cultural restrito às crianças das classes altas, cujas famílias podem pagar cursos de idiomas e, em alguns casos, escolas bilíngues. Assim como o domínio da língua inglesa, a chamada norma culta da língua portuguesa também é um bem cultural, herdado de família. “Para uns, a aprendizagem da cultura da elite é uma conquista que se paga caro; para outros, uma herança que compreende ao mesmo tempo a facilidade e as tentações da facilidade” (Bourdieu; Passeron, 2013). Assim, no contexto educacional brasileiro, o domínio da norma culta da língua portuguesa ainda é um obstáculo a ser vencido por muitos/as alunos/as que apenas nas últimas décadas começaram a aceder à universidade, e esse obstáculo é ainda maior para aqueles/as cuja língua materna não é o português, como alguns/umas alunos/as indígenas. Num cenário como esse, o inglês, embora importante, deve vir depois do português, se o

objetivo das políticas públicas de educação for a efetiva democratização do acesso ao ensino universitário, e não a continuação de um projeto de universidade internacionalizada acessível somente à elite do país.

Outros fatores importantes devem-se à configuração geopolítica regional. O Brasil é o sexto país mais populoso e o quinto com maior extensão territorial no mundo, ocupando quase metade no continente sul-americano, e o português é falado em todo o seu território e por quase toda a sua população. Na outra metade do continente, o espanhol é a língua mais importante e é língua oficial de quase todos os países, incluindo os mais importantes demográfica e economicamente, com a já mencionada exceção do Brasil. Devido à razoável inteligibilidade mútua entre o espanhol e o português (Jensen, 1989), o conhecimento do português basta para a comunicação interna e, num certo grau, com os países vizinhos do continente sul-americano. Esse cenário é bastante diferente de outras regiões do mundo, em que há uma diversidade de línguas nacionais muito maior, o que contribui para o uso do inglês na comunicação entre falantes de diferentes línguas nessas regiões.

Nesta região do mundo, a compreensibilidade mútua entre o espanhol e o português pode bem ser entendida como uma solução parcial à hegemonia do inglês e, ao mesmo tempo, como um arma de resistência cultural. Eventos como o Congresso em questão mostram que, entre latino-americanos, não é necessário recorrer a terceiras línguas. As diferenças entre os dois idiomas são, boa parte das vezes, superadas com uma fala pausada e alguns rodeios, embora sempre persistam alguns desentendimentos. Estes desentendimentos, porém, podem ser entendidos como ocasiões de aprendizado e conhecimento mútuo, em nível linguístico e cultural, que evitam as generalizações excessivas e lembram as diferenças contextuais, que não por menores resultam menos significativas. Este intercâmbio, precisamente por essas diferenças, se torna sumamente rico e abre possibilidades de cooperação acadêmica e profissional para os antropólogos da região. Contudo, cabe um comentário em sentido contrário. Em momentos de estresse ou dificuldade, estes desentendimentos podem se tornar

um problema. Um episódio acontecido durante o evento foi prova disso. Uma professora vinda do México precisou de atendimento médico e contar com um intérprete para acompanhá-la a caminho do hospital, durante os trâmites administrativos e inclusive durante a consulta facilitou muito o processo, além de trazer tranquilidade. Como na maioria dos casos, a labor do intérprete não se limitou, nesse caso, à tradução literal das falas, mas teve de incluir toda uma explicação sobre o funcionamento do sistema de saúde no Brasil, público e privado, sobre as particularidades burocráticas dos atendimentos e também sobre a cultura médica local. A visita ao hospital foi uma autêntica experiência etnográfica provocada por um imponderável. Esses desentendimentos, porém, se tornam mais delicados em momentos de estresse ou dificuldade.

Sem lugar a dúvidas, conhecer a língua inglesa constitui um privilégio de classe. Sem descartar a existência de exceções, geralmente, o acesso a esse idioma, bem como a qualquer outro idioma *estrangeiro*, depende do acesso a cursos particulares, escolas bilíngues ou, mesmo, intercâmbios no exterior. Ora, mesmo nesta porção privilegiada da população há nuances a considerar, como mostrou a experiência desta comissão. Ter conhecimentos de inglês não equivale a ser fluente nessa língua; apenas aqueles colegas que contavam com a tão precisada fluência conseguiam se comunicar sem dificuldades com os visitantes anglófonos, fazer apresentações orais no idioma e, inclusive, sintetizar o conteúdo de palestras. Para o restante dos colegas, o intercâmbio se reduzia a frases curtas e indicações simples, à custa de muito esforço. Ora, via de regra, a afamada fluência vem atrelada à imersão em contextos anglófonos, seja por experiência internacional, seja em escolas bilíngues. Os tão disseminados cursos de inglês fornecem um domínio formal do idioma, que apenas simula a plasticidade de comunicação oral em contextos reais.

A partir disto é possível entender o Congresso IUAES como uma imersão em campo, o campo da antropologia como disciplina acadêmica. Nesta arena, como ficou claro, a língua franca é o inglês. Ali onde se reuniam antropólogos de continentes ou hemisférios diferentes a comunicação

invariavelmente acontecia nesse idioma, e, claro, estava condicionada pela competência linguística dos seus participantes. Não se questiona aqui a necessidade de uma língua franca e é conhecido por todos o processo histórico que levou o inglês a se constituir como tal. O que, sim, deve ser questionado, nos parece, é o acesso diferencial que antropólogos de diferentes partes do mundo têm a essa língua, precisamente ao domínio dessa língua necessário ao trabalho acadêmico.

Alguns de nós, diante da evidência do privilégio que é dominar outros idiomas, vimo-nos compelidos a tomar um posicionamento político diante de tal questão. Afinal, que idioma deveria ser priorizado conforme o contexto e os diferentes participantes presentes em cada sala de Open Panel, por exemplo? Questionamentos acerca de quem estamos, no fim das contas, incluindo e, portanto, excluindo do debate, se mostraram bastante presentes em diversos momentos e espaços ao longo do Congresso.

Traduzir para Antropólogas/os: reflexões das estudantes que compuseram a comissão de tradução no *18th IUAES World Congress*

A tarefa do tradutor parece basear-se numa dialética um tanto tensa: fidelidade e liberdade, reprodução e recriação, palavra e sentido. Nesses velhos e tradicionais conceitos que, não por acaso, permeiam qualquer discussão sobre tradução, a fidelidade vem associada à literalidade e à palavra, e, portanto, colocada em contraste com a liberdade que o tradutor dispõe em prol da reprodução do sentido na língua estrangeira. Longe de querer reafirmar binarismos, e sabendo que se faz necessário expandir e repensar os termos da oposição, pensar a dialética é refletir sobre a tarefa do tradutor: “[...] a tradução toca fugazmente, e apenas no ponto infinitamente pequeno do sentido do original, para perseguir, segundo a lei da fidelidade, sua própria via no interior da liberdade do movimento da língua” (BENJAMIN, 2010, p. 225).

Para habilitar a voz do narrador ou recriar o discurso alheio nos seus próprios termos, o tradutor faz um enorme esforço de empatia com a

palavra de modo a evocar, mesmo que de forma provisória e precária, alguma afinidade entre as duas línguas. Tal tentativa de empatia coloca, por um lado, o tradutor a meio caminho entre dois mundos e, por outro, admite a diferença entre aquele que narra e quem o traduz, de modo a evitar neutralizar a alteridade singular das palavras do Outro (KOPENAWA; BRUCE, 2015, p. 537). Se estas línguas estão em constante transformação e o tradutor deve fazer emergir a ressonância entre elas num dado discurso – apoiando-se, para isso, na fidelidade à palavra, fidelidade esta colocada à disposição da liberdade para dar sentido –, a língua e a tradução aparecem enquanto devires: “[...] toda tradução é apenas uma forma, de algum modo provisória, de lidar com a estranheza das línguas” (BENJAMIN, 2010, p. 215).

Segundo alguns autores (HANKS & SEVERI, 2014; VIVEIROS DE CASTRO, 2004), a prática etnográfica também pode ser pensada como um empreendimento de tradução entre diferentes culturas; mesmo entre diferentes mundos – a cultura/o mundo do antropólogo, de um lado; a cultura/mundo de seus interlocutores, de outro. Nesse contexto, a tradução não é apenas uma operação linguística que consiste em substituir as palavras de uma língua pelas palavras correspondentes em outra. Em outras palavras, a tradução vai além da substituição literal de um termo por outro. Na antropologia, trata-se de traduzir uma *cultura* diferente para a do/a pesquisador/a (e dos leitores e leitoras) para que os dados de campo se tornem compreensíveis em termos racionais e científicos.

No âmbito do congresso do IUAES, que reúne intelectuais de todo o mundo, pudemos observar esse fenômeno da tradução para além da linguística. Como membros da Comissão de Tradução, fomos tradutores para antropólogos, o que inverte a perspectiva usual descrita acima: como resultado, fomos confrontados com situações inéditas e mal-entendidos sobre o próprio significado da nossa prática. Por exemplo, como parte de nossas atividades de tradução, pediram-nos para fornecer explicações além daquilo que imaginávamos estar envolvido, principalmente quanto a habilidades linguísticas. De fato, chamaram-nos para ajudar pessoalmente aqueles que expressaram a necessidade. Essa configuração criou situações

que seriam inimagináveis no contexto de tradução simultânea por fones de ouvido. Assim, durante uma sessão sobre mulheres indígenas na política na América Latina, aconteceu que um de nossos interlocutores fez perguntas sobre o contexto indígena latino-americano. Nessa situação, a pessoa em questão preferiu conhecer o contexto geral em que a intervenção ocorreu, em vez de ouvir, palavra por palavra, a apresentação traduzida. Da mesma forma, várias pessoas nos perguntaram sobre as razões de uma antropologia engajada no Brasil ou, mais amplamente, sobre o contexto político brasileiro. A compreensão do contexto político do país permitiu que nossos interlocutores compreendessem melhor as intervenções de alguns antropólogos – o tempo previsto para as apresentações deixava pouco tempo para uma contextualização – e também permitiu compreender o engajamento do congresso e da antropologia brasileira (RIAL, 2018), que deu origem a algumas questões dos participantes estrangeiros. A comunicação de Miriam Grossi (2018) na cerimônia de abertura do Congresso nos deu uma visão ampla dessa antropologia engajada, especialmente quando as palavras “fora Temer” e “Lula Livre” ressoaram. Mais amplamente, a necessidade de explicar o contexto surgiu porque a população representada era muito diversa, com falantes de todo o mundo, com campos de especialização muito variados e metodologias heterogêneas, que despertavam curiosidade, questionamentos e até mal-entendidos. Como Pierre Bourdieu (2002, p. 4) diz, “muitos mal-entendidos na comunicação internacional vêm do fato de que os textos não levam consigo seus contextos” [tradução nossa]. Por isso, várias vezes, a tarefa de “contextualizar” era esperada do tradutor.

Às vezes, porém, esses contextos eram os “intraduzíveis da vida real”, em referência aos “imponderáveis da vida real” de Malinowski (1943). O autor clássico da Antropologia já nos ensinava que as ações cotidianas, corriqueiras dos nativos nem sempre estavam ao alcance do método/do olhar antropológico. Os gritos de “Fora Temer!” e “Lula livre!” (infelizmente) já estão aclimatados/estabelecidos em eventos acadêmicos e em quase qualquer espaço coletivo no Brasil. Como explicar – ou: como traduzir? – os gritos de força no meio de solenidades, entoados por muitas

ao mesmo tempo, sem ensaio, mas com uma sincronicidade que só possui quem vive o mesmo drama? É claro que algumas pessoas viajantes estão a par da situação política brasileira, mas isso não foi o suficiente para que todo o simbolismo de um “Temer out” fosse alcançado. No entanto, o “Free Lula”, de alguma forma, se mostrou mais tangível.¹

Assim, nossa experiência de tradução no 18º Congresso Mundial da IUAES nos permitiu perceber que não há *uma* antropologia, mas antropologias e que elas fazem parte de contextos nacionais e internacionais, marcados por relações de poder e resistência. Em escala internacional, Kabengele Munanga, em seu discurso conclusivo ao Congresso, refere-se a uma “hegemonia pós-científica do centro”. O desejo de fazer antropologia diferentemente marcou o Congresso, intitulado: “O Passado, Presente e Futuro da Antropologia”. De fato, embora tenha sido apontado que o passado e o presente da antropologia continuam marcados por um viés colonial, o desejo de construir uma antropologia mais igualitária do futuro foi expresso. Para tanto, é importante o reconhecimento da contribuição das antropologias não hegemônicas e sua visibilidade (RIBEIRO, 2007/3), assim como a necessidade de repensar nossos métodos e teorias (MUNANGA, 2018). Além disso, como argumenta Ribeiro (2007/3), o estabelecimento de novas modalidades de diálogo entre “antropologias do mundo” tem um papel importante a desempenhar. Sobre esse assunto, durante o congresso, houve

1 Desirée, membro da comissão de tradução, relembra seu diálogo com o antropólogo indiano: “Especialmente em uma das minhas últimas atuações como tradutora no evento, que foi, também, uma das mais emocionantes. Logo após tirarmos a foto da equipe de tradução, onde todas as pessoas gritaram “Lula Livre” para a pose, registrando esse evento como um evento que aconteceu durante uma intensa crise política no país, me encontrei com um antropólogo indiano chamado Ananta Kumar Giri. E ele, gentilmente, me disse que rezava todos os dias pela liberdade de Lula, do Brasil e também do nosso mundo, pois, segundo ele, o que acontece com Lula é parte de algo que está em desequilíbrio no mundo todo. Eis a prece: Om Divine Mother# / Om Divine Mother / Please free Lula, free Brasil and free our world. [Aqui está o vídeo, embora eu não saiba se posso publicar, nem onde seria: <https://drive.google.com/file/d/13Pe6wps0wex2FH5U1vTJx-4kegQumr617/view?usp=sharing>].”]

a possibilidade de antropólogos/as se expressarem em sua própria língua, enquanto um PowerPoint em inglês acompanhou sua apresentação. Embora essa configuração tenha dado origem a algumas críticas, ela deu voz a essas outras antropologias e envolveu, às vezes, uma inversão da hierarquia.

Finalmente: poderia o abarcamento de uma maior diversidade de linguagens nos congressos internacionais de antropologia contribuir para uma descolonização da disciplina? E, nesse processo de criação de novas formas de comunicação e circulação de conhecimento, qual seria o papel do tradutor?

Pós-evento: “what about women in the history of Anthropology”

O pós-evento, que se propunha a discutir a presença das mulheres na história da antropologia, foi realizado durante quatro dias no prédio do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, coordenado por Felipe Fernandes e Livio Sansone. Entre as pessoas que compunham as mesas-redondas que se sucediam, havia uma presença majoritária de mulheres e brancas, todas pessoas cisgênero. Entre as conferencistas haviam pesquisadoras da Índia, México e USA, com destaque principal para Subhadra Channa e Faye Harrison, duas mulheres fora do espectro de leitura de branquitude. O público que assistia ao evento, entretanto, era majoritariamente de alunas da UFBA negras, tendo alguns homens e algumas pessoas não cis. Finalmente, havia os tradutores que trabalharam no pós-evento e eram todos brancos, com exceção de Virginia.

Essa iniciativa descritiva em termos de gênero, sexo, raça e origem das pessoas que compunham o evento configura um ato de tomada de consciência do fato de que marcadores sociais da diferença se fazem presentes também no interior de nosso próprio campo (fato aqui representado pelas fronteiras claras entre alunas negras e tradutores brancos), ao mesmo tempo em que não se pôde ignorar que os convites para as comunicações e

conferências incorporavam a diversidade racial e de origem. Essas diferenças se traduziam seguidamente em tensões, não necessariamente agonísticas; na verdade, normalmente bastante produtivas, que diziam respeito sobretudo às questões de raça nos debates entre o público e a mesa.

O evento tinha como línguas o inglês e o português, o que significava que aqueles que apresentavam em inglês tinham de ser traduzidos, consecutivamente, em português, para o público mais geral, enquanto que aqueles que apresentavam em português tinham de ser traduzidos, simultaneamente, para um grupo de seis ou sete pessoas que não compreendia o português. A primeira mesa foi uma espécie de teste de fogo, pois foi ela quem nos fez compreender a importância de desenvolver tal sistema para o evento todo. Felipe Fernandes foi o primeiro a apresentar, e havia preparado um texto em inglês. Ele começou explicando, em português, que apresentaria em inglês, mas que se tratava de um texto já publicado em português sobre uma pesquisa que ele já havia apresentado em sala de aula para muitas das alunas presentes. Após alguns poucos minutos de leitura em inglês, ele foi interrompido por uma aluna do Pós-Afro que, demonstrando indignação, contestou sua escolha pela língua inglesa. Ela disse ser um absurdo que ele apresentasse em inglês quando “a língua que lhe acolhe”, em suas palavras, é o português. Felipe optou, então, pela alternativa de apresentar traduzindo para o português seu texto. Foi apenas a partir da segunda mesa que passamos a adotar de modo mais sistemático o sistema de tradução simultânea/consecutiva.

Sublinhamos o fato que a língua se apresentou neste contexto acadêmico como um marcador social da diferença, pois aqueles que dominavam o inglês eram em sua maioria pessoas brancas, e algumas, inclusive, europeias. Participaram também daquela mesa Ângela Figueiredo e Miriam Vieira, ambas mulheres negras, que falaram em português. A língua foi evocada, nesta situação específica, como produzindo um abismo que deveria ser denunciado. Além disso, descobrimos no banheiro masculino mensagens escritas à caneta – nos muros – com dizeres como “inglês língua de terroristas”, entre outras.

Como já disse, os tradutores eram todos brancos, e quase todos homens, bem como os responsáveis pela mediação entre esse diálogos. Mesmo quando a comunicação se dava entre mulheres negras, ela era mediada por homens brancos, que não ocupavam a posição de público que assistia ao evento. Se pensarmos em termos de fronteiras desenhadas por marcadores da diferença, as diferenças estavam marcadas especialmente pelos tradutores; é onde as diferenças apareciam com maior força. Não havia como não notar o fato. Mas para além de corpos que “simbolizam” algo, eu gostaria de sugerir que éramos corpos que, concretamente, eram receptores dessas tensões. Enquanto pessoas, essas tensões nos atravessavam e eventualmente éramos alvos delas. Não se trata de uma postura vitimista, senão de pensar o lugar atribuído a cada grupo de pessoas nessas relações.

Pequenas subjetividades do trabalho de tradutor

Trabalhar na comissão de tradução da IUAES foi uma experiência sobretudo de atenção, principalmente no início da semana, quando muitas pessoas chegavam de fora e tentavam se localizar nos espaços e conhecer a estrutura do Congresso e, inclusive, nós da comissão, identificados com camisetas cor de rosa. Atenção que envolvia atenção às pessoas que circulavam, às suas expressões, às vezes de interrogação e dúvida, à sua movimentação nos espaços, atenção que envolvia estar disposto não só em interagir verbalmente, mas estar com o corpo disponível para circular, levá-los aos espaços, mostrar as salas, o restaurante universitário, mostrar até como se come o pinhão no dia da festa ‘julina’, estar disposto a lidar com as diferenças étnicas e culturais, com as dificuldades de comunicação e os múltiplos sotaques, e aprender com tais interações.²

2 Isadora, membro da comissão de tradução, relata que numa caminhada com dois participantes do evento no primeiro dia, um indiano e um ugandês, até o restaurante universitário e o prédio do CCE, onde faziam suas apresentações, pisar na grama, ou não, virou uma discussão ontológica, sobre natureza e cultura, em que se chocaram duas visões. Para o ugandês, passar pela grama parecia um contrassenso diante do caminho de ladrilhos, afinal, pisar na grama não a destruiria? O caminho de ladrilhos não serviria para

Também não podemos nos esquecer de mencionar o quão culturalmente diversa foi a própria comissão de tradução, que reuniu não apenas brasileiros, mas também argentinas, belgas, colombianas, haitianos. Considerando o fato de que fomos todos tradutores “amadores”, nossa diversidade cultural, por assim dizer, também nos permitiu fluir pelas diferentes situações que se apresentavam e que sempre nos demandavam traduções para muito além do idioma. Cada uma das pessoas da Comissão de Tradução colecionou alguma narrativa de afeto e cuidado que só se fez possível graças ao intercâmbio cultural e linguístico. Colocar-se na posição de tradutor se mostrou, para todos nós, em alguma medida, desafiador em vários sentidos. Sentimos em nossos corpos os atravessamentos dos marcadores que revelam diferentes idiomas; bem como a exaustão das atividades de tradução consecutiva; sentimo-nos compelidos a nos posicionarmos e a reconhecer que, quando na possibilidade de falar mais de um idioma, a escolha da língua preterida também passa por uma decisão política. Entretanto, acima de tudo, optamos por nos articular em torno do que nos unia, ao invés de enfocar somente o que nos difere. Assim, ao final, os diálogos que construímos entre nós e entre os demais participantes da IUAES revelaram-se um grande exercício salutar de aprendizagem.

Referências

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: HEIDERMANN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. 2.ed. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. In: _____. *Actes de la recherche en sciences sociales*,

preservar a natureza dos pés daqueles que insistiam em atravessá-la? Para o indiano, por sua vez, o contrassenso estava nas palavras do ugandês, pois os ladrilhos eram para ele a morte da natureza e pisar na grama não se constituía numa afronta à vida, mas consistia em reafirmar o caráter holístico da relação entre os seres humanos e a natureza, a cultura como parte intrínseca da natureza. Por fim, atravessados pelas reflexões, atravessamos pela grama.

v. 145, Décembre 2002. p. 3-8. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_2002_num_145_1_2793>.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os Herdeiros - Os Estudantes e A Cultura*. Florianópolis: EdUFSC, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DERRIDA, Jacques. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento./Une certaine possibilité impossible de dire l'événement (Tradução de Piero Eyben). *Revista Cerrados*, v. 21, n. 33, 2012.

GROSSI, Miriam. *Cerimônia de abertura do congresso*. 18º CONGRESSO MUNDIAL DA IUAES, 16 jul. 2018.

HANKS, William F.; SEVERI, Carlo. Translating worlds: The epistemological space of translation. *Journal of Ethnographic Theory*, special issue, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2014.

JENSEN, John B. On the Mutual Intelligibility of Spanish and Portuguese. *Hispania*, v. 72, n. 4, p. 848-852, 1989.

KOPENAWA, Albert; BRUCE, Davi. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p. (Pensadores (os); v. 43).

MUNANGA, Kabengele. A Antropologia Brasileira diante da Hegemonia Ocidental. Keynote no 18º CONGRESSO MUNDIAL DA IUAES, 19 jul. 2018.

NIRANJANANANDA, Swami; SARASWATI, Swami Satyananda; SIVANANDA, Swami. *Shakti Avahan: Invocation of the Divine Mother*. Bihar, India: Yoga Publications Trust, 2013. p. 13.

RIAL, Carmen. Miroirs transnationaux pour l'anthropologie. *Journal des anthropologues*, p. 152-153, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/jda/6944> ; DOI : 10.4000/jda.6944>.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Anthropologies du monde. Cosmopolitique pour un nouveau scénario mondial en anthropologie. *Journal des anthropologues*,

n. 110-111, p. 27-51, 2007/3. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-journal-des-anthropologues-2007-3-page-27.htm>>.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 2, n. 1, Article 1, p. 3-22, 2004.

Articulações e integrações proporcionadas pela comissão de comunicação do 18º Congresso Mundial IUAES

Mariane da Silva Pisani
Alana Aragão Ávila

Introdução

A Comissão de Comunicação do 18º Congresso Mundial da IUAES iniciou seus trabalhos no mês de julho de 2017 e atuou 12 meses até a data final do evento. A Comissão foi coordenada inicialmente pelo estudante Yuri Brah, com o apoio dos jornalistas Dagoberto Bordin (doutor em Antropologia, egresso do PPGAS-UFSC) e Mayra Cajueiro Warren (Agecom-UFSC). Nos últimos meses de preparação do congresso, Mariane da Silva Pisani (doutorada em Antropologia pela USP) assumiu a coordenação da comissão e liderou equipes de estudantes vinculados aos cursos de graduação de Antropologia, Ciências Sociais e Museologia e dos Programas de pós-graduação Antropologia Social e Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Desde o seu surgimento, alguns dos principais objetivos da Comissão de Comunicação foram: a) fazer com que os/as congressistas¹ pudessem se manter informados quanto às datas, aos prazos, às regras oficiais, às

1 Por congressistas compreendemos todos/as os/as expositores/as de trabalhos, os/as Keynotes, os/as coordenadores/as de Open e Closed Panels, os/as coordenadores de Simpósios, os/as coordenadores de Workshops, os/as monitores/as dos eventos, os/as ouvintes das diversas atividades, os/as integrantes da Secretaria Geral do evento e, por fim, as comissões e as presidentes das Associações – nacionais e internacionais – de Antropologia.

atividades e a toda e qualquer informação essencial para o bom andamento do 18º Congresso Mundial IUAES; b) captar as demandas da Coordenação Geral e transmiti-las para das demais Comissões Organizadoras; c) facilitar a comunicação entre todas as Comissões Organizadoras do Congresso. Ou seja, o objetivo geral da Comissão de Comunicação era propiciar uma comunicação eficaz, ágil e fluida entre os diversos atores e atrizes que compuseram o 18º Congresso Mundial IUAES.

Tendo isso em vista, a pergunta que orientou a produção desse artigo foi a seguinte: De que maneiras a Comissão de Comunicação articulou e integrou diversos aspectos e sujeitos ao longo da preparação e do desenrolar do evento acadêmico 18º Congresso Mundial IUAES? Com o objetivo de responder a pergunta, descreveremos a seguir as atividades desenvolvidas pela Comissão de Comunicação ao longo dos doze meses – de julho de 2017 a julho de 2018 – em que atuou de maneira sistemática e incansável.

Comissão de comunicação do 18º Congresso Mundial IUAES e suas articulações

Sendo o objetivo geral da Comissão de Comunicação propiciar uma comunicação eficaz, ágil e fluida entre os diversos atores e atrizes que compuseram o evento científico em questão, é fato que a Comissão de Comunicação precisou atuar em diferentes e diversas frentes de trabalho. Visamos, desde o início das nossas atividades, a uma comunicação inclusiva, otimizada e eficiente – tanto entre o público e a organização geral do evento, quanto entre as próprias comissões organizadoras do congresso. A seguir, descreveremos quais foram as principais atividades desenvolvidas pela Comissão de Comunicação, bem como estas auxiliaram o processo de construção desse evento científico que alcança – desde as suas primeiras edições – proporções mundiais.

Articulações e aproximações entre o público e o 18º Congresso IUAES

A primeira grande etapa de trabalho da referida Comissão foi o planejamento cuidadoso e criação de uma identidade visual do 18º Congresso Mundial

IUAES. Essa identidade visual forneceria, por sua vez, “uma cara” concisa e coesa a toda estrutura do Congresso. Vale destacar ainda que a produção da identidade visual aconteceu em duas etapas.

A primeira etapa, ocorrida entre os anos de 2013 e 2017, foi realizada por Bethy Azevedo e Jussara Bordin, designers gráficas atuando em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que elaboraram os materiais iniciais de divulgação do 18º Congresso Mundial IUAES. Cabe lembrar que essa divulgação internacional, em material impresso em inglês, aconteceu em 2013, durante o *17th IUAES World Congress*, realizado em Manchester (Inglaterra) e entre os anos de 2014 a 2017, anualmente, nos intercongressos da IUAES que foram realizados no Japão, Tailândia, Croácia e Canadá. Ou seja, entre momento de candidatura e eleição do Brasil, enquanto sede do Congresso, e início das atividades da secretaria local.

Já a segunda etapa de trabalho de divulgação aconteceu a partir de julho de 2017 e teve como foco tanto o Brasil como os cinco continentes. O responsável pelo design gráfico do Congresso passou a ser Yuri Brah, estudante do Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFSC que foi o responsável pela criação de dezenas de imagens originais, todas elaboradas exclusivamente para o site oficial do congresso.

Passaram a integrar a equipe de produção gráfica, em maio de 2018, os estudantes Marina Borck, Luiz Fernando Mendes e Virgínia Squizani Rodrigues. Estes, por sua vez, confeccionaram diversos Flyers e Banners, utilizando a identidade visual criada por Yuri Brah como base para a execução de seus trabalhos originais.



Figura 1 – Identidade visual inicial do 18º Congresso Mundial IUAES
Imagem elaborada por Bethy Azevedo e Jussara Bordin.



Figura 2 – Identidade visual final do 18º Congresso Mundial da IUAES elaborada por Yuri Brah.

Uma segunda tarefa da Comissão de Comunicação, que consideramos um diferencial para a organização geral desse 18º Congresso Mundial IUAES, foi o constante e o sistemático contato realizado entre a Comissão de Comunicação e os/as congressistas do Congresso. Esta comunicação esteve inicialmente a cargo da secretaria geral do congresso e contou com o trabalho de Larissa Lannes, Caroline Amabile e Leonardo de Miranda Ramos sob a coordenação de Simone Lira da Silva. A partir de maio de 2018, passou a ser feita pela comissão de comunicação que enviava, semanalmente, Newsletter (Boletim de Notícias) para todos os inscritos no site oficial do evento. Esses Boletins de Notícias continham: dicas sobre a cidade sede do evento (Florianópolis) e sobre o Brasil; sugestões de hospedagens e lugares para alimentação; avisos importantes sobre o evento. Fazíamos questão de incluir uma mensagem alegre e calorosa como diferencial de nosso congresso. A mensagem abaixo, por exemplo, nos proporcionou vários e-mails de agradecimento:

Dear participants,
Only left 14 days for our event!
We are very happy to receive you in Florianópolis city. However, before arriving in our city it is good to remember: we will have a plenty of Pre-Events – happening all over Brazil – before July 16th. Want to know which ones? Check here in the link: http://www.iuaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=615.
In order to make your stay in Brazil more relaxed and safe, do not forget to inform yourself about more practical issues such as:

- Prepare in advance your Power Point in English (these applies only for those who will present during the Congress). You will not want to do this while you are enjoying the natural beauties of our country, right?

- Check the weather forecast for the region of Florianópolis during the event days. Florianópolis has a very crazy climate, so bring your coats, sunscreen and umbrellas;

- It is good to be aware that voltage in Brazil varies. In Florianópolis, for example, we operate with 220v;

- In Brazil the standard electrical outlet is the three pins. Bring your electrical adapters!! Look for more information: https://www.iaaes2018.org/informativo/view?TIPO=&ID_INFORMATIVO=167.

- In case of an emergency you can contact 190 (Military Police) or 192 (Emergency Mobile Assistance Service).

We would like to remind you that during Registration we will be following the alphabetical order (A-Z) considering your first name. For example: Mister Claude Lévi-Strauss should remove his material from the booth indicated by the letter C.

Do not forget to contact us in case of any doubt through the email: secretariat@iaaes2018.org

Best Regards,

Secretariat - 18th IUAES World Congress.

O objetivo dos nossos Boletins de Notícia, portanto, era - além de informar - sanar as dúvidas mais recorrentes que eram recebidas pelo e-mail geral da Secretaria do 18º Congresso Mundial IUAES. Nesse sentido, vale ressaltar como a Comissão de Comunicação sempre buscou trabalhar em conjunto e parceria com as demais comissões organizadoras do Congresso a fim de manter um fluxo constante de diálogo.

O Site Oficial do Congresso foi a plataforma escolhida para comunicação oficial das atividades e novidades referentes ao Congresso, bem como divulgação de prazos e editais de financiamento. Iniciamos a divulgação do Site Oficial do 18º Congresso IUAES em quatro línguas: inglês, português, espanhol, francês. Contudo, com a proximidade da data do Evento, resolveu-se priorizar a atualização dos sites apenas em duas línguas: em inglês - considerada e estabelecida como língua franca do evento -, e o português, língua oficial do país onde o Congresso aconteceu. Vale destacar, nesse

ponto, a intensa e profícua articulação com a Comissão de Tradução – coordenada por Leonardo de Miranda Ramos –, que sempre se mostrou disposta a traduzir e corrigir todo material do site: PT/EN, EN/PT e, ocasionalmente, PT/ES, ES/PT, ES/EN, EN/ES. Por diversas vezes, as coordenações das Comissões de Tradução (Leonardo de Miranda Ramos), de Comunicação (Mariane da Silva Pisani) e de Design Gráfico (Yuri Brah) se reuniram com outras integrantes da comissão organizadora para pensar em propostas de melhoria para que a comunicação do evento fosse mais efetiva.

Podemos registrar, quantitativamente, que tivemos 172 notícias publicadas no site do Congresso: 83 (oitenta e três) notícias foram veiculadas no site em português, 57 (cinquenta e sete) notícias no site em inglês, 29 (vinte e nove) notícias no site em espanhol e 3 (três) notícias no site em francês. Os demais dados veiculados no Site Oficial do 18º Congresso IUAES como Programação Geral, Painéis Abertos, Painéis Fechados, Simpósios, Workshops, Plenárias, Crianças no IUAES, Informações sobre Florianópolis, Experiências Antropológicas, Pós e Pré-Eventos foram criados e redigidos coletivamente por Mariane da Silva Pisani, Simone Lira da Silva, Yuri Brah, Marina Borck, Marília Oliveira, Naomi Neri, Alana Aragão Ávila, Juliana Ben, Mayra Cajueiro e Maria Luiza Scheren.

Para além do Site Oficial, as mídias sociais também compuseram o trabalho da Comissão de Comunicação do 18º Congresso Mundial IUAES. O Facebook e o Instagram surgiram, portanto, com o intuito de alcançar um público mais jovem e divulgar mais rapidamente as informações do Congresso. A página do Facebook foi criada em julho de 2017, com o apoio de Felipe Fernandes, que havia sido responsável pela página Facebook da ABA e foi um canal fundamental de comunicação do Congresso, inicialmente gerenciado por Yuri Brah e, entre março e maio de 2018, por Naomi Neri e Marília Oliveira. Essas mídias foram atualizadas todos os dias antes, durante e depois do 18º Congresso IUAES. Buscamos, assim, atrair maior adesão na Página lançando mão – nas publicações – de recursos visuais. Ou seja, não produzimos apenas textos para divulgar o Congresso, mas também imagens (fotografias, flyers, banners, cartazes), vídeos. Além da

equipe fotográfica e de audiovisual, formada especialmente para o evento, outros membros de comissões também forneceram imagens para a página da IUAES no Facebook – o que contribuiu para o fluxo constante de publicações. Nosso agradecimento especial à Tânia Welter, Aparecida Takigawa e Alana Aragão Ávila, pelas imagens e pelo intenso e competente trabalho desenvolvido por Vera Gasparetto e Mayra Cajueiro, que produziram dezenas de textos, releases e notas sobre as atividades desenvolvidas no 18º Congresso Mundial IUAES.

Na página do Facebook as publicações eram feitas em português e/ou inglês, e procurávamos sempre remeter os/as leitores/as ao site oficial do Congresso. Através do Facebook tivemos a oportunidade de entrar em contato mais direto com os/as participantes, uma vez que os/as mesmos/as podiam interagir nas postagens, bem como nos enviar mensagens privadas. O tempo médio de resposta (calculado automaticamente pelo Facebook) da Comissão de Comunicação era de, no máximo, duas horas. Até o final de 2018 somamos na página do Facebook 2.145 seguidores e uma média de 2.831 pessoas alcançadas semanalmente com as publicações que continuaram, porém em ritmo menor, após a realização do Congresso.

Já a conta criada no Instagram, utilizada com menos frequência, estava sob os encargos de Marília Oliveira, que publicou imagens das equipes trabalhando no pré-evento, reuniões e atividades desenvolvidas pelas comissões organizadoras do Congresso, assim como registros ocasionais agregando postagens de outras pessoas que marcavam a página. Buscou-se atrair maior adesão nessa mídia social através de hashtags como: #IUAES-Brazil; #18IUAES; #IUAESAnthropology; #AntropologiaIUAES; #IUAESBrasil. Nesta rede, não sendo ela a prioridade diante de tantas atividades desenvolvidas, foram totalizadas 16 publicações feitas e 172 seguidores.

A comissão de comunicação em perspectiva com as outras comissões organizadoras

Os integrantes da Comissão de Comunicação tinham de lidar, cotidianamente, com demandas de outras comissões organizadoras do 18º Congresso

Mundial IUAES. Com a intenção de facilitar a comunicação, bem como agilizar a divulgação das atividades desenvolvidas pelas outras comissões organizadoras, a coordenadora da Comissão de Comunicação, Mariane da Silva Pisani, enviava – semanalmente – e-mail para as demais coordenadoras do Congresso para que as mesmas fornecessem pequenos relatos sobre o desenvolvimento das suas atividades diárias.

Nesses e-mails era solicitado às Coordenadoras que as mesmas produzissem pequenos textos e/ou vídeos/fotografias sobre as atividades desenvolvidas periodicamente, tanto sobre o planejamento interno quanto informes necessários aos congressistas. Para divulgação externa, esse material era revisado e traduzido. Ou seja, divulgamos amplamente nas três plataformas utilizadas pela Comissão de Comunicação – o site oficial do Congresso e as mídias sociais Facebook e Instagram – para contato com todos/as congressistas e participantes.

Foi interessante notar que na medida em que as divulgações eram feitas, o fluxo dos e-mails enviados para a Secretaria Geral do Congresso – geralmente contendo dúvidas sobre o mesmo – diminuíram drasticamente. Nesse sentido, a atuação conjunta das coordenadoras da Comissão de Comunicação e da Secretária Geral do Congresso – Simone Lira da Silva – se mostrou bastante profícua e produtiva, bem como facilitou, diminuiu e descentralizou a quantidade de trabalho diário de todos os/as integrantes da Secretaria Geral do 18º Congresso Mundial IUAES.

Comissão de comunicação e a divulgação de pré & pós-eventos relacionados à IUAES 2018

Sete Pré e oito Pós-Eventos foram realizados em articulação com a 18ª IUAES em diferentes universidades do Brasil. Esses eventos possibilitaram que estudantes e profissionais de outros locais do país tivessem a oportunidade de conhecer e compartilhar conhecimentos com antropólogos e antropólogas do Brasil e exterior, subsidiando a construção de uma rede de difusão de conhecimento que beneficiou tanto os antropólogos brasileiros quanto os antropólogos estrangeiros no decorrer desse processo.

Em prol da divulgação desses eventos e para uma maior aproximação entre a organização destes e os possíveis interessados, a comissão de comunicação realizou entrevistas junto aos/as coordenadores dos eventos e, a partir delas, construiu textos para a promoção dos pré e pós-eventos. Os textos foram divulgados por meio dos Boletins de Notícia (*Newsletter*) e do site da *18th IUAES World Congress*.

A intenção foi permitir que os/as estudantes e profissionais visualizassem as redes por trás da construção desses eventos, tanto no que diz respeito à trajetória dos/das idealizadores quanto à importância do tema e dos/das convidados no cenário da antropologia mundial. Com a divulgação dos textos a partir das entrevistas foi possível ter um panorama de como esses pré e pós-eventos se articulavam com a *18th IUAES World Congress* na produção e promoção de conhecimento antropológico, democratizando a discussão ao localizá-la ao redor do país.

As imagens do congresso

Tivemos uma equipe formada especialmente para trabalhar no registro e produção audiovisual do 18^o Congresso Mundial IUAES. Ângela Ferreira, Marina Rieck Borck e Suzana Martins Costa trabalharam arduamente nesse processo e, ao final do evento, tivemos o total de 7 teasers (pequenos vídeos) produzidos, apresentação de 2 powerpoint e mais de 600 registros fotográficos das atividades desenvolvidas ao longo dos dias do Congresso, a saber: plenárias, painéis abertos e fechados, *coffee breaks*, retratos de alguns participantes do Congresso, registros em áudio, depoimentos de participantes e equipe do evento, peças de teatro, almoços, confraternizações, a eleição da IUAES 2022, dentre outros. Após o congresso foi produzido um vídeo de 10 minutos enviado às agências financiadoras como relatório do congresso.

Partindo dos ensinamentos da antropóloga Sylvia Cauby (2008) sobre a relação existente entre textos e imagens fotográficas e fílmicas, e sua constatação de que a imagem torna presente aquilo que está ausente e as palavras “significam imagens mentais impressas na mente em função de

nossa experiência com objetos” (CAUBY, 2008, p. 460), podemos afirmar, então, que os usos da câmera fotográfica e da câmera de filmagem – no processo de registro do 18º Congresso Mundial IUAES – nos auxiliou na produção de um registro histórico do evento. Uma vez que tanto as fotografias, quanto os filmes, “embalsamam” o tempo e “congelam” momentos, nos permitindo ver e rever esses momentos posteriormente, acreditamos que a produção audiovisual do Congresso foi um diferencial positivo nas atividades desenvolvidas pela Comissão de Comunicação.

É interessante perceber que todas essas atividades – que foram realizadas coletivamente pela Comissão de Comunicação do 18º Congresso Mundial IUAES –, quando revisitadas, nos ajudam a compor uma parte de uma possível etnografia do próprio congresso. Nesse sentido, confirmamos o que as antropólogas Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha afirmam: “o método etnográfico aponta para uma ética de interação, de intervenção e de participação construída sobre a premissa da relativização, onde o tema da interpretação desponta como central” (ECKERT; ROCHA, 1998, p. 2). Foi a partir da intensa interação com os/as congressistas – seja pessoalmente ou via Internet – que a Comissão de Comunicação conseguiu intervir e participar ativamente na construção do 18º Congresso Mundial IUAES. Nesse momento posterior de escrita, conseguiu também descrever as particularidades dessa construção. Ainda segundo as autoras, é do encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados que o método etnográfico torna-se possível. Podemos afirmar, portanto, que o trabalho da Comissão de Comunicação serviu como um registro – seja por escrito, seja audiovisual – das atividades desenvolvidas pelo coletivo de antropólogos e antropólogas que se fizeram presentes nesse evento acadêmico-científico.

Conclusões

Ao longo deste artigo buscou-se apresentar como o trabalho da Comissão de Comunicação articulou e integrou não só informações, como sujeitos na preparação e realização do 18º Congresso Mundial IUAES. Para além de

dados numéricos, acreditamos que as pessoas e os percursos que desenvolvemos são parte fundamental desta história.

Um evento acadêmico extrapola *check-lists* e e-mails. Nossa Comissão de Comunicação fez jus a esse pressuposto. O trabalho que desenvolvemos foi marcado por reuniões, demandas e articulações, assim como por cafés, conversas informais e afeto compartilhado. Nesse aspecto, fizemos parte de algo maior do que as 83 notícias veiculadas através do site oficial do evento ou dos quase 3 mil perfis alcançados semanalmente no Facebook. Esta comissão fez parte de uma organização que por anos trabalhou e construiu uma das narrativas do que foi o 18º IUAES.

Sabendo que o texto escrito aqui é parcial e jamais daria conta da amplitude das experiências em torno da construção do evento acadêmico retratado, nos propomos a explorar um dos caminhos possíveis na construção deste relato. Partindo de nossas experiências, tentamos incluir os dados, os afetos e os sujeitos envolvidos em ambos, compartilhando a rede que se formou para o sucesso dos nossos propósitos enquanto comissão. Joan W. Scott afirma que “experiência é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação” (SCOTT, 1999, p. 48). Nesse sentido, compartilhamos aqui nossa experiência e deixamos em aberto a multiplicidade de interpretações, afetivas e formais, possíveis do que foi ser e estar comissão de comunicação do 18º Congresso Mundial IUAES.

Referências

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. A interioridade de experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 107-136, 1998.

CAUBY NOVAES, Sylvia. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana*, v. 14, n. 2, p. 455-475, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200007>. Acesso em: 03 nov. 2018.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: LEITE DA SILVA, Alcione; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). *Falas de Gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 21-55.

Welcome to Florianópolis!

Uma descrição etnográfica da recepção dos congressistas da IUAES no aeroporto de Florianópolis

Alessandra Caroline Ghiorzi
Denise Pistilli

Introdução

O Congresso Mundial da *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* (IUAES) envolveu uma série de atividades nos bastidores para que o evento pudesse ocorrer, sendo que muitas delas iniciaram antes de começar o Congresso. Entre elas, a dupla que escreve este artigo é uma parte da equipe que ficou responsável pela recepção dos congressistas no Aeroporto de Florianópolis. Enquanto Denise Pistilli veio de São Paulo para atuar como monitora na Comissão de Transportes, Alessandra Ghiorzi exerceu a função de coordenadora dessa Comissão, pela sua ligação com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Assim, o presente ensaio tem como objetivo descrever as aventuras e adversidades que envolveram esse traslado entre o aeroporto e os locais de hospedagem dos congressistas da IUAES, bem como fazer um breve relato das experiências geradas por essa e outras atividades no decorrer do Congresso.

Recepção e classificação: a organização do acolhimento no Aeroporto e os estereótipos como forma de classificação dos congressistas

A UFSC como instituição e Florianópolis como cidade do sul do Brasil apresentam as condições mais que suficientes para terem sediado um encontro antropológico de grandes dimensões como a IUAES. Tanto Florianópolis como a UFSC possuem uma infraestrutura adequada e paisagens in-críveis, suficientes para atrair a atenção daqueles congressistas que vieram ao primeiro congresso da IUAES sediado na América do Sul.

Entretanto, receber pessoas vindas de 94 países dos quatro continentes do mundo foi uma atividade árdua, divertida e, por vezes, exasperante. A equipe do aeroporto, que contou com cerca de 13 pessoas – sendo 9¹ monitores, 1² coordenadora e 3³ pessoas ligadas à empresa de transporte contratada pelo Congresso – transportou cerca de 1.000 pessoas entre os dias 14 e 15 de julho de 2018, somando um total de 30 horas trabalhadas⁴.

Para receber os congressistas no Aeroporto de Florianópolis, montamos uma estratégia construída coletivamente antes e durante os dias 14 e 15, que antecederam o evento. Em primeiro lugar, ocupamos um espaço do aeroporto em frente ao desembarque, onde colocamos (no chão mesmo) nossas mochilas, equipamentos de monitoria e nossa sacola com comidas e águas compradas em supermercado próximo ao aeroporto, para que o Congresso não precisasse arcar com o alto custo da comida nessa localidade. Nesse “cantinho” também colocamos a garrafa de café trazida gentilmente pelo monitor Jessé, que mora próximo ao aeroporto.

1 Ana Cristina Lemos; Caio Russo, o “Cacau” (inglês e espanhol); Denise Pistilli (espanhol e inglês); Edmarcius Novaes; Gisele Rodrigues (inglês); Jessé da Silva (espanhol); Karla Knerin; Mateus de Noronha Fajardo Silva, o “Ninja” (inglês) e Vitor Vieira Machado (inglês e espanhol).

2 Alessandra Ghiorzi.

3 Thiago Santos Cardoso (motorista da van); Gilberto Medeiros, o “Giba” (dono da empresa de transportes e motorista da Doblò) e Gabriela Machado (inglês).

4 No sábado, o horário foi das 10h às 24h e no domingo das 8h às 24h.

Sem qualquer autorização do aeroporto para nos instalarmos lá, tivemos por várias vezes nossas sacolas e mochilas examinadas pela equipe de segurança e de limpeza. Logo que nos identificavam como as donas dos objetos, esses trabalhadores se afastavam sem qualquer reclamação. No segundo dia de nosso trabalho viramos figuras conhecidas pelos trabalhadores do aeroporto, que inclusive nos auxiliavam informando se havia mais alguém na sala da Alfândega e do desembarque, onde se localiza a esteira. Os profissionais contratados por empresas de *transfer* também passaram a nos conhecer, fazendo piadas do tipo: “você não vai embora daqui nunca?”.

Além do nosso “cantinho” fixo, também montamos uma escala de horários, sempre que possível, com dois monitores e a coordenadora de transportes. Todos sempre uniformizados com a camiseta do evento. Um deles segurava uma placa na qual estava fixado o cartaz do evento e o aviso: “TRANSFER | IUAES”. Enquanto isso, outra pessoa monitorava o painel de chegadas das aeronaves, anotando os horários de alguns voos que poderiam trazer congressistas como, por exemplo, Congonhas, Guarulhos e Porto Alegre.

Sempre que algum congressista saía pela porta de desembarque e avistava nossa equipe, ele vinha em nossa direção e recebia algumas instruções como, por exemplo, a necessidade de fazer a troca de câmbio, posto que no final de semana seria mais difícil trocar suas moedas por Reais. Além disso, informávamos que o evento havia disponibilizado transporte para o seu hotel, mas que eles teriam que esperar o desembarque das demais pessoas de seu voo e que isso poderia demorar. Caso não quisesse esperar, o congressista era informado que poderia pegar um táxi ou um Uber. Para aqueles que esperavam pelo transporte, oferecíamos-nos para cuidar de suas bagagens para que eles pudessem ir ao banheiro, fazer a troca de câmbio ou comer. Assim, “nosso cantinho” ia se enchendo de malas e pessoas das mais diversas origens.

Alguns congressistas ficaram muito admirados por termos disponibilizado o serviço de transporte ou apenas por ver que organizadores do Congresso estavam no aeroporto para recebê-los. Houve pessoas que só

passavam para cumprimentar e avisavam que haviam alugado um carro ou iriam de táxi ou Uber para seu destino, principalmente brasileiros e estadunidenses. Outras demonstravam bastante satisfação por estarmos ali e se ofereciam para o transporte – muitos deles eram brasileiros, argentinos e mexicanos.

No entanto, um grupo especial de pessoas demonstrou uma maior necessidade pelo transporte. Elas vinham normalmente de países do hemisfério leste, como Índia, Polônia, Rússia e China. Apesar da difusão da língua inglesa para comunicações em placas de aeroportos ocorrer em diversos países, bem como de outros códigos internacionais, não é possível afirmar que a organização espacial seja também montada da mesma forma em diferentes países, principalmente no caso de países com culturas tão distintas das regras anglo-centradas. Além disso, muitos dos que vinham para o Congresso não falavam inglês e não podemos pressupor que todas as pessoas estão familiarizadas com essa língua. Um exemplo que elucida a não hegemonia dessa linguagem aeroportuária foi vivenciado pela Alessandra quando recepcionou um congressista polonês. Após ser orientado a fazer o câmbio naquele momento em um local bem próximo ao “nosso cantinho”, ele não se sentiu seguro em ir sozinho, acreditando que não conseguiria voltar até o local onde nos encontrávamos. Nesse momento, um grande grupo de congressistas desembarcava de vários voos, mas com o terror demonstrado pelo colega estrangeiro, que chegou a segurar o punho de Alessandra para que ela não saísse de perto dele durante todo trajeto, esta teve que deixar a equipe de recepção e acompanhar seu colega polonês.

Além disso, também houve alguns casos em que congressistas não identificaram nossa equipe, passando direto por nós em direção ao centro do aeroporto, local contrário à saída, onde qualquer brasileiro saberia identificar. Essas pessoas geralmente se mantinham paradas no meio do saguão, olhando para as placas do aeroporto e com mapas e dicionários na mão. Percebendo a recorrência desse fenômeno, passamos então a abordar qualquer pessoa que tivesse um “fenótipo estrangeiro” e que demonstrasse a linguagem corporal descrita. Assim, um monitor levava a placa, mostrava

para a pessoa e perguntava em inglês se ela estava no evento. A maioria abordada respondeu que sim e com isso conseguimos acolher mais pessoas, talvez as que mais precisavam de nosso apoio. Com a recorrência desses casos, os monitores passaram a sacudir as placas quando viam qualquer pessoa que “aparentasse” não ser brasileira.

Apesar do relativo sucesso de nossas investidas em pessoas que “aparentavam” ser estrangeiras, essa é uma classificação racista; isso porque o “binário branco/não-branco” (Brah, 2006, p. 333) atuou de modo decisivo em nossa recepção e ao longo de todo o Congresso. Segundo Avtar Brah (2006), esse binarismo foi construído a partir do termo corrente “pessoas de cor” utilizado, entre outros países, na Grã-Bretanha, um “código colonial para uma relação de dominação e subordinação entre colonizador e colonizado” (Brah, 2006, p. 333). Com isso, a ideia de que existe um fenótipo ou uma cor da pele propriamente brasileiro, chinês ou indiano demonstrou a inviabilidade dessa classificação e também fez emergir uma série de desencontros. A inviabilidade dessa classificação pode ser notada em uma conversa tida no aeroporto, na qual um congressista indiano repetiu algumas vezes que Jessé parecia muito ser indiano, quase que inconformado ou pelo menos muito admirado com o fato de nosso monitor ser brasileiro. Sobre os desencontros, no aeroporto e durante todo o Congresso, por vezes falamos em inglês com pessoas brancas vindas de países *hispano-hablantes* e até mesmo com brasileiros brancos. Aliás, falar em inglês com brasileiros talvez tenha sido a piada mais contada durante todo o evento.

Além do marcador de cor, outra característica levada em consideração pela equipe foi a vestimenta, que não diferentemente da questão racial causou alguns equívocos. Em primeiro lugar é preciso considerar que muitos indianos trajavam roupas típicas de seu país, região, ou de uma certa parte da população de seu país, bem como possuíam marcas corporais de sua cultura, como foi o caso de um congressista que carregava uma pintura vermelha em formato redondo aplicado no centro da testa, entre as sobrancelhas, chamada de *bindi*. Muitos indianos também trajavam o *dhoti* ou o *kurta*. Enquanto parte das mulheres indianas usava o *sari* e a *dupatta*.

Entretanto, a expectativa de que todo indiano tivesse uma cor específica e trajasse uma roupa particular trouxe novos desencontros. Durante o evento, a Alessandra procurava pelo *Open Pannel* (OP) de uma professora indiana que havia conhecido na noite anterior. Nessa busca, entrou em todas as salas em que haviam mulheres indianas trajadas com *sari* ou *dupatta*, causando até certo tumulto e incômodo para aqueles que apresentavam e assistiam ao OP. Depois de percorrer todas as salas dos três andares dos dois blocos onde ocorriam os OPs, ela decidiu entrar em uma sala na qual a temática a agradava. Apenas após se sentar e organizar seu material de anotações que ela pôde identificar que a colega indiana que ela tanto procurava estava na sala, sem *sari*, nem *dupatta*.

Com isso, receber os congressistas estrangeiros no aeroporto levou a duas importantes aprendizagens. A primeira é que a diferença dos códigos e línguas dos países tornou a recepção altamente necessária. A segunda, e talvez a mais importante, foi a desconstrução dos estereótipos difundidos sobre determinada cultura. No próximo tópico abordaremos alguns problemas gerados e as soluções decididas durante o traslado dos congressistas, bem como as experiências positivas que a atividade de monitoria e coordenação gerou.

Um caos que deu certo (ou não): follow me!

O objetivo inicial de realizar o *transfer* de congressistas era levar apenas as pessoas que estavam hospedadas em quatro hotéis parceiros do evento, localizados em distintas partes da cidade, um no centro, dois próximos à UFSC e outro na Lagoa da Conceição. Além disso, havíamos nos comprometido com a organização geral do evento que não deixaríamos desamparadas as pessoas que vinham da Ásia exatamente pela diferença cultural existente entre nossos países. Essa última decisão acarretou alguns problemas. Muitos dos congressistas vindos da Ásia estavam em hotéis que não eram os conveniados; outros estavam hospedados em casas alugadas por meio do aplicativo Airbnb, o que causou dois tipos de problemas distintos.

No caso das pessoas que alugaram uma casa ou quarto para se hospedar durante o evento, muitas dessas localidades eram de difícil ou impossível acesso para a van. Aqui é importante informar que boa parte da cidade de Florianópolis é composta por morros íngremes de ruas estreitas, sendo que muitos dos morros não possuem estrada para carros, apenas escadarias. Houve o caso de uma chinesa, por exemplo, que não conseguimos deixar na porta da casa que ela havia alugado pelo Airbnb, posto que a van não conseguia “subir o morro”. Era noite e deixar uma congressista estrangeira na beira de um morro de Florianópolis não era uma boa ideia. O motorista entrou em contato com a pessoa que alugou o quarto para a congressista, que se negou a descer para buscá-la. Nessa ocasião, várias pessoas se encontravam na van à espera de chegar em seu hotel. Assim, o motorista e a congressista resolveram que ela subiria sozinha. Em outra situação, a van quase tombou devido ao local de hospedagem da pessoa. Decidimos, então, por prudência, não atender às pessoas que estavam hospedadas pelo Airbnb, o que chegou a causar um incômodo e várias reclamações por parte de uma professora brasileira. Essa decisão também foi elaborada posto que esses desvios de rota e paradas a mais faziam com que a van demorasse por vezes uma hora ou mais para voltar para a segunda viagem, deixando “nosso cantinho” cheio de pessoas furiosas e cansadas.

Muitos dos congressistas viajaram cerca de 20 e até 30 horas. Outros haviam esperado por voos cancelados e tinham passado o dia no seu aeroporto de origem ou de conexão. Então, lidávamos com pessoas falando diferentes idiomas (principalmente espanhol, inglês e português) com diferentes acentos, por vezes impossíveis de serem compreendidos e pedindo informações das mais variadas sobre o Congresso, ao mesmo tempo em que nos pressionavam para entrar na van. Das pessoas que ficavam conosco esperando a van, muitas estavam bastante tranquilas, se conhecendo, conversando, tocando contatos, fazendo Exchange, comprando chips brasileiros etc. Mas conforme o tempo passava, muitas ficavam bem irritadas, perguntando a todo momento sobre o transporte. Com a demora da van, muitas pessoas passaram a se agrupar por regiões e dividir um Uber –

isso ocorreu muito com os brasileiros mais jovens. Mas houve o caso também de dois indianos. Era noite de domingo, eles demonstravam muito cansaço e demandavam bastante atenção, principalmente do monitor Caio Russo, o Cacau. À certa altura da hora, a mulher informou que o marido estava passando mal e que eles decidiram arcar com um táxi para a região da Lagoa da Conceição posto que eles só possuíam cartão para efetuar o pagamento. Eles foram então guiados até o taxi, nos certificamos do valor acordado e problema resolvido. Entretanto, fatores-surpresas ocorreram durante a recepção.

Um fator-surpresa foi que muitas pessoas não possuíam o aplicativo do Uber, que permite fazer viagens mais baratas que às dos táxis. Assim, toda a equipe de transporte passou a pedir Uber pelo seu próprio aplicativo para essas pessoas, sendo que a maioria dos congressistas pagou em dinheiro diretamente para o motorista. Mas houve um caso isolado: duas pessoas passaram a pressionar a equipe, afirmando que seu transporte havia sido garantido pela organização do evento, negando-se a pagar a corrida de Uber e a esperar pela van. Assim, a coordenadora fez o pagamento para essa viagem. Outro fator-surpresa foi a quantidade de bagagem. A van tinha capacidade para 14 pessoas, quando as malas permitiam, posto que muitas pessoas trouxeram mais malas do que era possível colocar no bagageiro da van, fazendo assim com que as malas ocupassem os espaços destinados às pessoas.

No dia de domingo, com o aprendizado do dia anterior e em comunicação com a coordenação geral do evento, decidimos solicitar uma Doblò da mesma empresa para auxiliar no transporte desse dia. Essa estratégia fez com que diminuísse o tempo de espera de alguns dos congressistas, mas não solucionou o problema por completo. Isso porque por vezes três voos desembarcavam ao mesmo tempo, trazendo um grande contingente de congressistas. Em vários momentos tivemos cerca de 30 pessoas aguardando no “nosso cantinho”.

Nesses momentos, a ordem de entrada na van deveria respeitar o itinerário mais rápido para que a van voltasse logo e assim fizesse outra viagem. Então, separar os congressistas por regiões da cidade – UFSC, Centro e

Lagoa da Conceição – foi a alternativa sugerida pela Gabriela para nos auxiliar com sua expertise nessa logística jamais vivida na mesma dimensão por qualquer monitor ou pela coordenadora do transporte. Mas separar os congressistas por regiões não foi uma tarefa tão simples. Muitos congressistas não paravam de conversar entre si. No meio dessa confusão, Alessandra subiu em um degrau que havia em nosso “cantinho” e pediu, em um inglês (para baixo de básico), que todos prestassem atenção e dissessem qual era seu hotel de destino. Para a surpresa de Alessandra, essa ação foi acompanhada de uma filmagem, feita por um dos congressistas. A expressão daquele que filmava era de um sorriso e uma certa felicidade, como alguém que não queria perder aquela cena da memória. Pensando que esse fenômeno pode ter sido causado pelo inglês básico, ou pela falta do uso de palavras adequadas em inglês, a coordenadora passou a pedir para os monitores bilíngues realizarem essa triagem. No entanto, além de conversarem entre si, os congressistas também tinham bastante interesse em dialogar com os monitores.

Esse intercâmbio que ocorreu durante todo tempo em que estivemos no aeroporto deve ser interpretado como um momento de confraternização das diferentes nacionalidades. Entretanto, essa demanda por diálogo atrapalhava a organização das pessoas para a entrada na van. Embaraçados, os monitores não conseguiam organizar o grupo, pois não podiam encerrar a conversa de modo polido. Como coordenadora, Alessandra entrava na roda, pedia licença e dizia que precisava do monitor. Em um desses casos, Cacau foi chamado para organizar os congressistas por regiões, uma vez que a van estava chegando e o embarque deveria ser rápido. Do mesmo modo que Alessandra, mas com um inglês fluente, Cacau subiu no degrau e disse: “Preciso da atenção de vocês agora!” – momento em que todos pararam e olharam atentamente para ele, que continuou: “quem vai para o Centro levante a mão”, as pessoas responderam prontamente. E assim seguiu a fala de Cacau, pedindo que cada pessoa identificasse seu hotel. Após esta triagem, o monitor chamava um grupo específico que ia para a mesma região para embarcar na van, então palavras como “follow me!” e “come to me!”

foram repetidas incessantemente no aeroporto. A habilidade linguística de Cacau, porém, não encerrava o problema.

Como separávamos os congressistas por regiões, quando chamávamos aqueles que iam para o centro da cidade, por exemplo, muitos que iam para outra região seguiam o coletivo, sem compreender que ainda não era a sua vez de embarcar. Uma possibilidade de interpretação desse fenômeno é que boa parte dos congressistas não falava inglês e nem mesmo espanhol. Então, quando viam as pessoas se dirigindo à van, achavam que chegara o momento delas também. Explicar que elas ainda teriam que esperar era sempre um constrangimento, pois muitas vezes essas pessoas já estavam na calçada do aeroporto com suas grandes malas e seus rostos cansados. E isso ocorreu por diversas vezes e em outros contextos.

Algumas pessoas da organização do Congresso ficaram responsáveis por buscar certos congressistas no aeroporto. Nessas viagens, muitos deles levaram pessoas das quais não tinham responsabilidade apenas para contribuir com a equipe de transporte. Em uma dessas situações um dos professores da UFSC decidiu levar duas pessoas a mais, além da qual tinha sido designado a buscar. Entretanto, um congressista que ia para outra região da cidade entendeu que receberia carona do professor e foi seguindo-o até o carro, momento em que o professor pediu desesperadamente para a Alessandra salvá-lo daquela situação. Apesar de a coordenadora ter explicado ao congressista que ele não iria naquele carro, ele continuou. Tempos depois em conversa com o referido professor, Alessandra descobriu que esse congressista era russo e só sabia falar três palavras inteligíveis para nós: IUAES, Rússia e o nome do seu hotel.

Quando “nosso cantinho” ficava vazio, a equipe toda vibrava ou suspirava fundo, dependendo do cansaço que já sentíamos, um ato sempre conjunto sem qualquer combinação prévia. Os voos com congressistas normalmente chegavam juntos, então por vezes tínhamos um intervalo de 15 minutos a 2 horas de descanso. Nesses momentos, podíamos ir ao banheiro, conversar, reclamar do tratamento que recebíamos de alguns congressistas, fumar, nos conhecer e avaliar o andamento do trabalho, aprimorando-o para o próximo desembarque.

Apesar de todo o percalço envolvido na organização do transporte, como pode ser visto nesse tópico, o intercâmbio entre monitores vindos de diversos Estados brasileiros e congressistas de 94 países distintos gerou um ambiente, tanto no aeroporto quanto nos demais dias do evento, de troca de conhecimento acadêmico, mas também uma solidariedade entre aqueles que trabalharam nas comissões e confraternização entre monitores e congressistas. Uma interpretação para isso é que a própria ideia da monitoria foi pensada a partir de uma perspectiva antropológica e interdisciplinar ampla, fruto das trocas e intercâmbios que acontecem durante a pós-graduação, congressos e redes de contatos que se formam e consolidam durante eventos como esse. Colaborar com a execução do *Congresso Mundial da IUAES* possibilitou que conheçêssemos pessoas em diferentes etapas de nossa formação (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado), oriundas de diferentes campos disciplinares (Antropologia, Linguística, Ciências Sociais, “Trabajo Social”, Jornalismo etc.), falantes de diferentes línguas, o que contribui a “ampliar la mirada” e a confirmar uma tese defendida por vários autores (Bourdieu & Wacquant, 2014; Guber, 2005; Martínez, 2007): de que a Antropologia surge justamente dessa diversidade de enfoques e metodologias que caracterizam as Ciências Sociais e Humanas, na qual nos estamos formando. Também foi importante conhecer pessoas de diferentes lugares da América Latina (Argentina, Cuba, Haiti), de diferentes regiões do Brasil (Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Recife, São Paulo etc.) e de alguns países africanos (Benin, Senegal etc.).

Graças a esta enriquecedora experiência, conhecemos mais sobre as pesquisas que vêm sendo feitas nos nossos campos de estudo, contribuindo para nossa formação acadêmica e a construção de redes de contato. Outros temas, distantes de nossas áreas de estudo, também trouxeram experiências sobre a produção no campo da antropologia mundial como, por exemplo, as pesquisas ligadas aos grupos étnicos poucos estudados no Brasil e Argentina, como são os ciganos, que pelo o que pudemos acompanhar, foram temas abordados em vários dos trabalhos apresentados nos painéis de congressistas europeus.

Entretanto, durante a organização do evento também houvera desencontros e desencontros, dinâmicas que acompanham os laços de quem se propõe a trabalhar ou conviver conjuntamente. Uma questão bastante debatida em nossa comissão foi a carga horária de trabalho. Enquanto vários monitores trabalharam mais de 40 horas, alguns não apareceram para exercer a monitoria. Em conversa com a equipe da Comissão de Transporte, podemos constatar que todos que trabalharam além das horas solicitadas o fizeram ou por vontade individual ou por identificar a necessidade de sua presença, já que os colegas que deveriam substituir seu turno não apareceram. Em conversa com alguns dos monitores que trabalharam em tempo integral, a resposta é a mesma: passar o dia ajudando pessoas de diferentes nacionalidades e figuras emblemáticas da antropologia mundial foi uma experiência que não poderia ter ocorrido apenas assistindo ao *Open Painel (OP)*, já que nessas funções a troca de conhecimento e aproximação por meio de amizades se apresentou mais enriquecedora. Mas o que não podemos perder de vista é a vontade de como cada monitor pretende se inserir no Congresso, seja cumprindo as 20 horas e participando como congressista no restante do tempo, seja apenas atuando como monitor. Essa escolha deve ser de cada monitor e não da coordenação.

Referências

- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.
- GUBER, Rosana. *El salvaje metropolitano*. Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- MARTÍNEZ, Miguel. *La investigación cualitativa etnográfica en Educación*. Manual teórico-práctico. México: Trillas, 2007.

Coordenação da monitoria IUAES 2018: descrevendo as ações e os desafios

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro
Samira de Moraes Maia Vígano

Este texto é o resultado das reflexões sobre as experiências vivenciadas no processo de coordenação de monitoria do *18º Congresso Mundial da IUAES*. O objetivo deste artigo é esclarecer e abordar a importância da monitoria nos eventos, como também demonstrar – através das vivências da coordenação – como ocorreram as ações e quais os desafios encontrados no decorrer do processo. Assim sendo, tal escrita é baseada em um relato de experiência¹ apoiada em teóricos como Bernard Charlot (2003) e Claude Dubar (2005). Alguns dados quantitativos também serão trazidos como forma de retratar o envolvimento que foi necessário para a efetiva ação de monitoria, bem como depoimentos de alguns partícipes da monitoria.

Importa ressaltarmos que não se tem aqui a intenção de repassar essa experiência como uma verdade absoluta, mas sim de contribuir para eventos futuros, até mesmo porque, essa troca, em forma de relato, é um movimento que nos ajuda a refletir sobre as ações e superar os desafios.

Inicialmente, é importante explicarmos que o monitor ou a monitora de um evento é o sujeito que focaliza seus esforços para auxiliar na realização dos trabalhos, e é comum que execute tarefas antes, durante e após o

1 O relato de experiência é um texto que descreve precisamente uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para sua área de atuação. Ele busca trazer as indicações e as vivências ocorridas durante a experiência, e tem uma base científica mesmo sendo uma descrição, obedecendo a normas e padronizações da ABNT.

evento. É comum nos trabalhos de monitoria o contato com pessoas de diversas procedências; estar na diversidade de contato com distintas culturas oportuniza o aprendizado e o fortalecimento de elos acadêmicos, relevantes, principalmente, no processo de formação inicial. Essa “experiência é, indissociavelmente, relação consigo, relação com os outros/as professores/as e colegas, na relação com o saber” (CHARLOT, 2003, p. 47). Assim, a monitoria é compreendida como instrumento para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, pois estabelece novas práticas pedagógicas e possíveis perspectivas de integração entre diferentes saberes curriculares, fortalecendo a articulação entre teoria e prática, conjuntamente aos processos de socialização. Isso que dizer que “a socialização não é essencialmente o resultado de aprendizagens formalizadas, mas o produto, constantemente reestruturado, das influências presentes ou passadas dos múltiplos agentes de socialização” (DUBAR, 2005, p. 24).

A coordenação de monitoria do 18º Congresso Mundial da IUAES ocorreu na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no município de Florianópolis, Campus Trindade, e foi composta inicialmente por 4 (quatro) pessoas acadêmicas da mesma universidade. Essas pessoas iniciaram os debates e os ajustes para a atuação dialogando com a coordenação geral do evento, sendo dada como primeira tarefa a de descrição do edital² de monitoria e os critérios para a inscrição no site³. Ao pensarmos em um edital de monitoria, tivemos que avaliar todas as possibilidades de ação de um monitor ou monitora, entendendo que se trata de um evento internacional que deve acolher pessoas de várias localidades e que é necessário pensarmos em pessoas atuando que possam interagir com toda essa diversidade. A monitoria é uma oportunidade de contribuir diretamente para a construção e implementação do evento, por esse motivo, deve ser pensada com o devido

2 Edital no site do evento no link: http://www.pt.iaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=594.

3 Link para a inscrição de monitoria do 18º Congresso Mundial da IUAES, aberto em 12/03/2018 e encerrado em 10/05/2018: http://www.pt.iaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=594.

cuidado para que possa agregar na construção do conhecimento científico e acadêmico de cada partícipe do evento. É um trabalho coletivo, por isso, devemos compreender cada sujeito de forma singular.

Coordenar algo não é tarefa fácil; requer um olhar acolhedor e ao mesmo tempo um olhar organizativo, criterioso e pontual; e saber dosar cada um desses critérios é recriar-se a todo tempo. É necessário que pensemos em cada um e uma como pessoas que estão ali para contribuir para o evento, mas que estão buscando novos saberes, resultando em uma parceria em que juntos e juntas vamos agregar e aprender; e que, mesmo diante das dificuldades geradas no decorrer das ações, pois havia um grande número de pessoas envolvidas, é preciso que haja uma disponibilidade para o acolhimento e a troca de experiências, como percebemos no depoimento que segue.

A experiência de ser monitora no congresso mundial da IUAES excedeu minhas expectativas. Primeiramente o encontro me proporcionou experiências imensuráveis, tanto no sentido acadêmico, no qual pude entrar em contato com estudos antropológicos inéditos para mim, pude compartilhar experiências em outras línguas, como também ser monitora de autores que leio desde minha graduação. Contudo, pude também me conectar e estreitar laços com outros estudantes brasileiros da antropologia de todos os lugares do Brasil e do mundo, compartilhando sentimentos que estarão sempre fixados em minha memória. Dito assim, ir ao encontro para ser monitora expandiu meus horizontes antropológicos e emocionais (Ana Caroline – Mestranda em Ciências Sociais/UFCG).

Sobre as formalidades necessárias para construir a monitoria do congresso, o edital apresentou-se como instrumento de base. De acordo com os critérios expostos no edital houve a divisão em duas modalidades de monitoria. Na modalidade 1: o acadêmico ou acadêmica – para ser monitor ou monitora – deveria ser estudante da graduação ou pós-graduação com matrícula ativa no semestre 2018.1 em alguma das Instituições de Ensino

Superior sediadas na grande Florianópolis⁴, públicas ou privadas. Na modalidade 2: destinamos a possibilidade de monitoria para estudantes de outras partes Brasil, América Latina e outros países do mundo, sendo necessário ser estudantes de cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia, Arqueologia, Ciências Sociais, Museologia e áreas afins de Instituições de Ensino Superior sediadas no Brasil, América Latina e outros países do mundo (ver edital com as descrições das funções, habilidade e responsabilidades dos monitores e monitoras do evento – *link* na nota de rodapé 2).

Vencida a etapa de escrita e divulgação do edital, continuamos a nos reunir e organizar os *e-mails* e as chamadas no *site* do evento. A isenção da inscrição no evento, como contrapartida para a atuação na monitoria, fez com que houvesse uma quantidade consideravelmente boa de pessoas interessadas. Assim, foi importante levarmos em conta todos os critérios de seleção divulgados no edital para conseguirmos definir quem faria parte dessa jornada conosco.

Tivemos um total de 489 inscritos e aprovamos 298 monitores em duas etapas: 57 pessoas ficaram em suplência; foram chamadas posteriormente, conforme a necessidade, totalizando o número de 355 pessoas selecionadas para compor a equipe de monitoria. Entretanto, nos dias do evento tivemos um total de 318 monitores e monitoras compondo a equipe. As 37 pessoas que não compareceram ao evento justificaram sua ausência, relatando que não conseguiram verba da universidade de origem para a viagem ou que seu trabalho não foi aprovado pelo comitê científico do 18º Congresso Mundial da IUAES.

Cabe ressaltarmos que é importante trazermos estes dados para que se tenha ciência da magnitude do evento e da quantidade de pessoas envolvidas, as áreas, as localidades e as formações.

4 A Grande Florianópolis é uma das maiores regiões do estado brasileiro de Santa Catarina. Ela é formada pela união de 21 municípios agrupados em 3 microrregiões.

Tabela 1 – Dados quantitativos

Quantitativos da Monitoria	
Inscritos/as	489
Chamados/as nas duas etapas	298
Suplentes	57
Chamados/as para atuar	355
Atuantes efetivos	318

Fonte: Elaboração das autoras com base nas inscrições.

Dos 298 selecionados nas duas etapas, temos os seguintes dados: na primeira foram 176 pessoas e na segunda chamada foram 122 pessoas (os dados dos suplentes não fizeram parte desse levantamento). É necessário explicarmos que os dados em relação a sexo e gênero não serão trazidos, porque não fizeram parte da ficha de inscrição, e não entendemos que essa divisão deva ser realizada apenas pelo nome descrito no formulário *on-line*.

Tabela 2 – Modalidade e quantidade

1ª Chamada	
Modalidades	Pessoas
Modalidade 1	70
Modalidade 2	106
2ª Chamada	
Modalidade 1	70
Modalidade 2	52

Fonte: Elaboração das autoras com base nas inscrições.

Verificamos que temos um total de 140 pessoas inscritas na modalidade 1 e de 158 na modalidade 2, o que demonstra uma maior participação das instituições de ensino superior de outras regiões, haja vista que muitos e muitas vêm apresentar suas pesquisas. Outro fato que merece nosso destaque é que houve um grande número de estudantes da graduação interessados e interessadas em atuar na monitoria, o que demonstra a compreensão acadêmica dada ao evento.

Tabela 3 – Formação

Formação	Quantidade
Graduação	147
Mestrado	54
Doutorado	47
Pós-Doutorado	2
Sem identificação	48

Fonte: Elaboração das autoras com base nas inscrições.

Tivemos um total de 44 instituições de ensino superior envolvidas na monitoria. O contato com a coordenação de cada uma dessas instituições contribuiu com a divulgação do evento e com a eficácia na chamada da monitoria. Dessas instituições vieram os monitores e as monitoras da graduação e da pós-graduação dos cursos de Antropologia, Arquivologia, Ciências Sociais, Museologia, entre outras. Constatamos que o maior número de estudantes foi proveniente de instituições públicas do Brasil e vinculado à área de Antropologia.

Essas instituições encaminharam estudantes fluentes e não fluentes em diversos idiomas. Como se trata de um evento internacional, onde a língua inglesa seria a base para as conversações e para as apresentações, solicitamos que a equipe de monitoria obtivesse uma segunda língua, preferencialmente o inglês, mas outros idiomas também foram aceitos, tendo em vista a dimensão do Congresso da IUAES. Assim, os monitores e monitoras desempenharam seu papel, dialogando em pelo menos 7 (sete) idiomas diferentes. Da universidade, sede do evento, obtivemos um total de 97 estudantes da graduação e pós-graduação atuando na equipe de monitoria, sendo que, desse total, 58 eram fluentes em inglês ou espanhol. Destacamos a atuação de 4 (quatro) monitoras indígenas paraguaias que colaboraram como tradutoras e guias nas feiras temáticas. Elas falavam espanhol e línguas nativas como: qom e nivaclé. Contamos, também, com 2 (dois) monitores indígenas Guarani que eram fluentes em kaiowa, e ainda, dentre as necessidades linguísticas e comunicativas do evento, dispusemos de 4 (quatro) monitoras intérpretes da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Tabela 4 – Universidades

Instituições envolvidas	
UFRG	IFSC
UFRGS	PUCRS
UFRJ	UAHC
UFRRJ	UDELAR
UFS	UDESC
UFSC	UEL
UFSCar	UEM
UFSM	UERJ
ULB	UFAM
UNAM	UFBA
UNB	UFCE
UNEB	UFF
UNICAMP	UFFS
UNIESP	UFGD
UNIFESP	UFMG
UNILA	UFMT
UNILAB	UFOPA
UNIMONTES	UFPA
UNIR	UFPB
UNIRIO	UFPE
UNISUL	UFPeI
USL-B	UFPR

Fonte: Elaboração das autoras com base nas inscrições.

Tabela 5 – Idiomas

Idiomas
Alemão
Espanhol
Francês
Inglês
Italiano
Japonês
Português

Fonte: Elaboração das autoras com base nas inscrições.

Dando continuidade ao relato de experiência da coordenação de monitoria do 18º Congresso Mundial da IUAES, focaremos nas divisões e nos principais ajustes. Por conseguinte, partimos para as reuniões com as demais comissões do evento buscando descobrir as demandas de cada uma, pois a monitoria dentro de cada comissão era o que faria com que as ações ocorressem, e pensar em um perfil específico foi pensar em como desejávamos que cada atividade acontecesse.

As atividades na coordenação eram muitas, os desafios cresciam a cada dia com a aproximação do evento, visto que evidenciamos a necessidade de dividirmos a monitoria em setores. Os setores fizeram parte de uma estratégia eficaz para a distribuição de pessoas por atividades de monitoria. A ideia foi descentralizar as atividades da monitoria e os setores serviriam como marcadores de ação. Compreendemos que o compartilhamento das atividades quando bem elaborado resulta sempre em bons resultados. Desta maneira, os setores obtiveram a seguinte divisão: 1. Credenciamento; 2. Infraestrutura; 3. Acadêmico (*keynotes*, simpósios, plenárias, *open panel*, *closed panel*); 4. Atividades externas (experiências antropológicas; festa; jantar por adesão); 5. Arte e Cultura (feira de artesanato; atividades artístico-culturais; lançamento de livros, CD, DVD, Revistas); 6. Outras atividades (crianças no evento; reuniões e encontros de redes; mostra audiovisual; exposição de fotografias). Cada setor foi composto por diversas atividades e cada atividade contou com uma coordenação própria. Por este motivo, a equipe da monitoria recebeu orientações de cada uma das coordenações.

Seguem os dados de cada setor e a quantidade de monitores e monitoras que o integrou.

Tabela 6 – Alocação da equipe de monitoria

Alocação	Quantidade
Setor 1	24
Setor 2	20
Setor 3	151
Setor 4	20
Setor 5 (volantes e outras comissões)	103
Total	318

Fonte: Elaboração das autoras com base nas inscrições.

Ao dividirmos por setores a equipe de monitoria, intencionamos ver as especificidades de cada área e como a monitoria poderia contribuir para cada uma. Essa setorização agregou na nossa ação e conseguimos, com isso, fazer uma primeira reunião de monitoria para explicar como seriam as divisões, dando, assim, a possibilidade de cada um dos monitores e monitoras escolher em que setor atuaria. Oportunizar a cada estudante escolher um local para atuação e disponibilizar um tempo para que pudessem assistir às palestras e apresentar suas pesquisas eram prioridades da monitoria, haja vista que todas as ações deveriam incorporar a constituição identitária do ser pesquisador ou pesquisadora. Essa constituição identitária, segundo Dubar (2005), é dinâmica e decorre de movimentos que envolvem a vivência social e profissional; ela se move de diferentes formas através dos tempos e dos processos de socialização entre os sujeitos. Isso faz com que as identidades sejam debatidas e conduzidas por meio de vários olhares e processos de socialização que fortalecem a profissão, já que o “espaço de reconhecimento identitário depende estreitamente da natureza das relações” (DUBAR, 2005, p. 155), como podemos perceber nesses dois depoimentos das monitoras:

A participação na monitoria do IUAES 2018 me proporcionou experiências de grande importância, tanto intelectuais como sociais. Estar atuando como monitora nos aproxima do entendimento da organização de um evento internacional a nível global, bem como nos permite conhecer pesquisas

científicas de diferentes partes do mundo, estabelecer contatos com outras instituições nacionais e internacionais, assim como assistir pesquisador@s relevantes não só brasileir@s, como de distintas partes do globo ampliando nossos conhecimentos das ciências antropológicas e etnológicas. Para além de alargar conhecimentos institucionais e intelectuais, foi um momento de rever e inscrever amizades, tomar um café informal com intelectuais que admiramos, assistir à programação cultural, apresentar um pouquinho de nossa Ilha, receber alguém na hospedagem solidária, melhorar o uso de línguas estrangeiras, infinitos diálogos e experiências pessoais de trocas ímpares na nossa Universidade (Onete, Graduanda em Antropologia/UFSC).

Eu tive a melhor das experiências; traduzindo acabei conversando com pesquisadores do mundo tudo, pude apresentar a esses pesquisadores um pouco da cultura brasileira e em especial da cultura Kaingang, presente na feira de artesanato indígena. Nesses momentos em que levava os congressistas até a feira, era quando podia rememorar todas as aulas de Etnologia Ameríndia I; como eu lembrava a palestra da professora Joziléia na X SAB/Sul logo me aproximei dela e contei que tinha lembrado dela e do texto de CRÈPEAU (2006), que eu estava levando aqueles pesquisadores todos ali porque entendia que a maioria deles estudava populações nômades modernas e que muitos deles estavam pesquisando simbologia, mitologia e ritual, mas que poucos pareciam compreender que a arte kaingang, assim como a laklano/xokleng e a guarani, muito além do artefato em si, tem toda uma simbologia e um ritual agregados. Do ponto de vista do aprendizado e das trocas, a melhor experiência (de fato antropológica) foram mesmo os almoços no RU e o passeio gastronômico pelos pontos de venda da feira internacional que ocorria ali na alameda de frente ao prédio da reitoria; um dos momentos mais icônicos foi “ensinar” a uma pesquisadora e um pesquisador malaios como se tirava a polpa da laranja da casca (Priscila - Graduanda em Antropologia/UFPel).

No decorrer das atividades de coordenação, o diálogo com os monitores e monitoras começava a fluir cada dia mais, pois os contatos por e-mail eram diários, o que fez com que começássemos a criar um vínculo, algo que é realmente primordial em um evento que se dedica a um estudo aprofundado do ser humano. Compreendemos que essa relação de coordenação está intimamente ligada aos processos de relacionamento humano, do olhar-se e do reconhecer-se. Buscamos, assim, dentro de nossas possibilidades de ação, efetivar os desejos e anseios desses monitores e monitoras, compreendendo os processos de pesquisa que envolvem esse percurso.

Nos depoimentos a seguir, podemos perceber o sentido que a atividade de monitoria dá para o processo de pesquisa, e como essa relação monitores x coordenação deve ser conduzida com respeito e acolhimento.

Já fui monitor em diversos eventos, mas o que eu tive um maior envolvimento foi a IUAES, pois foi algo diferente, sair do Nordeste para ter contato com diversos antropólogos de todo o mundo, foi algo novo para mim e também como um evento nesse nível foi produzido com tanto amor e respeito com todos que estavam fazendo parte foi de uma sensibilidade incrível e isso só me serviu como um grande aprendizado, aprendizado esse que levo comigo desde então, pois respeitar seu par de pesquisa é de uma essência amadurecida de um antropólogo. E foi assim que eu fui recebido por todos, com todo respeito e amor do mundo para trabalhar, mas não só trabalho e sim construir e mostrar como nós brasileiros e nós Nordestinos sabemos receber e sabemos acolher e respeitar de uma forma sem igual (Heytor – Mestrando em Antropologia/UFPB).

Participar da Monitoria da IUAES foi uma experiência muito bacana, rica e de grande aprendizado. Enquanto monitor pude contribuir para o andamento das atividades prezando pela organização e disponibilidade para qualquer dúvida dos congressistas e suporte à comissão organizadora, além de poder conhecer muito da Antropologia mundo afora, seus dilemas, desafios e conquistas. Durante os dias do evento, vivenciei uma troca de conhecimentos e saberes das mais distintas culturas.

Ter sido Monitor do 18 Congresso da IUAES foi muito importante para mim, antropólogo em formação, pois potencializou meu desejo de estar, de fazer uma Antropologia que contribua na vida das pessoas e que provoque uma reflexão dos outros e de nós mesmos (Valdeir – Mestrando em Antropologia/UFS).

Como forma de planejamento da ação da monitora, sugerimos que cada participante da equipe acessasse o *site* do congresso⁵ para conhecer sua organização, nomenclaturas, atividades e participantes. Sugerimos, também, que realizassem um planejamento prévio de sua participação no congresso, incluindo atividades acadêmicas e de monitoria, os horários disponíveis e as palestras a que desejavam assistir.

Com o aumento das atividades necessitamos incorporar mais 3 (três) pessoas para nossa comissão de monitoria. Essas novas pessoas contribuíram com a coordenação, com o ajuste de horas e atividades de cada monitor e monitora. As atividades de ajustes de cada membro da monitoria se deram de acordo com a solicitação de cada pessoa, todavia, em alguns setores, tivemos que alocá-las de acordo com a demanda do evento porque havia setores que necessitavam de uma maior atuação e de uma maior disponibilidade em relação aos horários, reconhecimento dos locais dentro da universidade e deslocamentos – UFSC, aeroporto, hotéis, entre outros⁶.

A maioria dos monitores e monitoras utilizou a camiseta da cor vermelha, mas houve a necessidade de diferenciarmos alguns setores e comissões, o que fez com que as cores fossem diversificadas e identificadas para cada ação.

5 <https://www.pt.iaaes2018.org/site/capa>

6 Alguns monitores e monitoras tiveram que se deslocar para buscar participantes do evento no aeroporto da capital catarinense, nos hotéis e ainda disponibilizamos de credenciamento dentro dos principais hotéis em que ficaram ministrantes e participantes do 18º Congresso da IUAES.

Tabela 7 – Camisetas

Cor da camiseta	Atuação em geral
Camisetas rosa	Monitores de Tradução
Camisetas vermelhas	Monitores Gerais
Camisetas verdes	Monitores da Secretaria e do Credenciamento
Camisetas roxas	Coordenadores/as das Comissões Organizadoras
Camisetas pretas	Monitores das Mostras Audiovisual e Fotográfica

Fonte: Elaboração das autoras.

Como orientações gerais divulgadas no Guia para Monitoria⁷ e enviadas para cada um e uma por *e-mail*, foram repassados os seguintes critérios: comprometimento, assiduidade e cordialidade. A equipe da monitoria que atuou durante os dias do evento foi formada por: monitor e monitora de atividade; monitor e monitora volante; coordenador e coordenadora da central de apoio; coordenador e coordenadora de setor/atividade e coordenadoras da comissão de monitoria.

Na semana do evento foi imprescindível a criação de centrais de apoio. As centrais de apoio serviram de base para que os materiais e as dúvidas dos monitores e monitoras fossem solucionadas com maior eficácia. Para isso, as centrais foram divididas nos 3 principais centros de atividades do congresso: uma no Centro de Eventos, outra no Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH e a última no Centro Sócio Econômico – CSE.

As centrais de apoio da monitoria do 18º Congresso Mundial da IUAES funcionaram durante toda a semana nos três períodos do congresso. Cada central de apoio ficou responsável em direcionar os monitores e as monitoras para as salas com as atividades, direcionar os volantes⁸ e entregar os

7 Guia feito pela equipe de organização do evento com o objetivo de expor e esclarecer as ações da monitoria do 18º Congresso Mundial da IUAES.

8 Volantes eram os monitores e monitoras que ficavam circulando pelo campus e por dentro dos centros onde havia atividades a fim de ajudar os e as participantes e os monitores ou as monitoras que estavam responsáveis nas salas.

materiais. No Centro de Evento, em especial, foi necessária a atenção para a entrega dos fones de ouvidos durante as conferências no auditório em que houve tradução simultânea. Nessa central houve a entrega das camisetas para as monitoras e para a comissão organizadora, e também foi realizada a entrega do passe de almoço do restaurante universitário – RU⁹. As centrais ainda se dispuseram a repassar informações gerais do evento, já que se tratava de um local estratégico para participantes e palestrantes.

Cabe aqui evidenciarmos novamente que obtivemos um grande número de pessoas atuando na monitoria que era proveniente de outras localidades do Brasil e do restante do mundo. Como se tratava de um congresso internacional, as portas foram abertas para todos e todas que se dispusessem a contribuir com essa grandiosa atividade. A empreitada foi grande, e como tal, gerou conflitos, mas que foram rapidamente solucionados, pois o diálogo foi uma constante no decorrer das ações. Mesmo antes do evento, as trocas de *e-mails* eram diárias, buscamos responder às dúvidas, ajudar nas demandas referentes à localização, hospedagem e dinâmica de apresentação de trabalhos, já que muitos dos monitores e monitoras vieram participar do congresso com a intenção de apresentar suas pesquisas e debater com seus pares.

Conseguimos realizar 3 (três) reuniões gerais de monitoria. As duas primeiras reuniões foram realizadas com participantes da Grande Florianópolis e estiveram presentes cerca de 100 pessoas na primeira e na segunda um número que chegou a quantificar 80 pessoas. Nestas reuniões elas puderam conhecer um pouco do evento, sobre o desenvolvimento de algumas atividades específicas, bem como retirar dúvidas e pontuar questões inerentes à prática. A terceira reunião foi no primeiro dia do congresso, em que já havia monitores e monitoras de outras regiões, sendo que este encontro objetivou o reconhecimento do espaço físico universitário e demais

9 Cada monitor e monitora recebiam um passe para o RU para poder almoçar ou jantar, de acordo com o período em que estavam em atuação.

demandas pertinentes às alocações de cada um ou uma nos dias e horários de sua atuação.

Na semana anterior ao evento, alguns monitores e monitoras da Grande Florianópolis e de outras regiões (que já estavam na cidade) se dispuseram em colaborar na montagem do material do evento. Foi uma força-tarefa intensa e necessária, já que deveríamos montar pelo menos 2.000 bolsas. A bolsa continha em torno de 14 itens, entre eles, caneca, caneta, vários folders e crachá, e foi entregue aos participantes, palestrantes e equipe de coordenação e monitoria.

No primeiro dia do evento a monitoria reconheceu a UFSC e trabalhou no credenciamento. As ações efetivas da monitoria em simpósios, comissões, volantes ou painéis foram na segunda-feira. Neste dia, as atividades de monitoria foram dificultadas pelo deslocamento dos monitores e monitoras até a universidade, haja vista que alguns e algumas não conheciam bem a cidade. No entanto, conseguimos movimentar outras pessoas de comissões que se dispuseram a colaborar. A integração, nesse caso, foi primordial, afinal, um evento se faz com a coletividade. No decorrer da semana, as ações foram fluindo com mais facilidade, pois já havia um conhecimento maior do espaço e das atividades que cada um ou cada uma tinha que realizar. O grupo atuante superou as expectativas, foi bastante empático e proativo.

Por fim, reiteramos que esse relato apresenta as considerações a partir da vivência na coordenação da monitoria do 18º Congresso da IUAES, buscando desenvolver as ações significativas que ocorreram antes, durante e após o congresso. Para tanto, nos centramos em estabelecer ponderações e reflexões, embasadas na experiência, e intencionamos que tais experiências possam contribuir para outros eventos desse porte, constituindo identitariamente os sujeitos em constante movimento de socialização.

Referências

CHARLOT, Bernard. O sujeito e a relação com o saber. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). *Formação de Educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: EdUNESP, 2003.

DUBAR, Claude. *A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Crianças no *IUAES*

Dalânea Cristina Flôr
Jucilaine Zucco
Juliana da Silva Euzébio
Juliane Di Paula Queiroz Odino
Letícia Cunha da Silva
Regina Ingrid Bragagnolo
Rita de Cácia Oenning da Silva
Saskya Bodenmuller

Crianças no *IUAES* foi um evento político e lúdico que oportunizou a acolhida de crianças cujos familiares estavam inscritos no evento *18th IUAES* que aconteceu em Florianópolis entre 16 a 20 de julho de 2018, e que salientou o protagonismo infantil e a importância da reflexão e da presença das crianças em eventos e para o desenvolvimento da Antropologia. Considerando que crianças são protagonistas capazes de criar e refletir sobre a cultura (SILVA, 2008; COHN, 2002) e sobre diferenças e desigualdades diversas, influenciando ativamente em mudanças e tomando o brincar como linguagem mediadora fundamental nesse processo, o evento contou com 32 crianças de diferentes nacionalidades, gêneros, grupos sociais e étnicos. Essas vivenciaram por uma semana momentos de troca entre si e entre a equipe de organizadoras/es e monitores/as, advindos/as de diferentes lugares do Brasil. Contaram com um momento especial no Congresso Mundial, onde puderam interagir com os/as participantes do evento como um todo, o Seminário das Crianças. A primeira experiência de acolhida das crianças na UFSC foi realizada em 2010, no Seminário Internacional Fazendo Gênero, e repetida em 2013 e 2017 já no espaço e em parceria com o Núcleo de Desenvolvimento Infantil

- NDI. No decorrer dessas experiências, as crianças puderam desfrutar, nas propostas de acolhida, de um amadurecimento em torno dos aspectos que envolviam a relação adulto-criança e criança-criança e, conseqüentemente, de suas dinâmicas de acolhida (ODININO, 2014; WIGGERS, BRAGAGNOLO, 2014). Este aprofundamento foi sendo desenvolvido por meio de um envolvimento do projeto com o evento como um todo, no envolvimento integral da equipe organizadora nas atividades durante a acolhida e num envolvimento com as pautas da programação do evento, onde as crianças puderam se sentir parte desse. Esse processo consolidou-se como um rico e profícuo espaço de problematização acerca das práticas de cuidado das crianças, do papel do estado e das famílias, do protagonismo infantil, do caráter do encontro de crianças e adultos, entre outras.

Conjugando com os debates do feminismo, o “Crianças no 18th IUAES” se concretizou como um ato político em defesa dos direitos das mulheres pesquisadoras, no seu direito de levar filhos/as para lugares públicos e de trabalho e reivindicação de mulheres e homens que querem partilhar a vida acadêmica com suas crianças, a exemplo da experiência histórica da pauta das mulheres pela luta por creches desde os anos 1970 (ROSEMBERG, 1984). Crianças no IUAES foi também um espaço para a visibilização dos povos indígenas do sul do Brasil. Foi ainda um evento que possibilitou a visibilização de uma Educação Infantil pública e de qualidade dentro das Universidades, sendo acolhida dentro do NDI da UFSC. A participação das professoras do NDI e o conhecimento que possuíam sobre o espaço, materiais e possibilidades pedagógicas disponíveis, sobretudo o conhecimento sobre a especificidade do trabalho já desenvolvido na instituição, favoreceram o planejamento dessas ações e a execução das atividades junto às crianças durante a semana.

Assim, o objetivo do Crianças no IUAES no decorrer da acolhida as crianças, foi organizar tempos e espaços para que as crianças de diferentes idades, gêneros, culturas, línguas e identidades se conhecessem, interagissem e produzissem sentidos e significados sobre essa diversidade. Planejada pela equipe organizadora para acolher 30 crianças, as inscrições podiam

ser feitas pelo site do evento e pessoalmente nos dias do evento no local da acolhida, enquanto houvessem vagas. A busca por vagas foi um pouco maior que o esperado e, ao final, pôde-se acolher 32 crianças de 2 a 12 anos, entre elas 20 meninas e 12 meninos, sendo duas suíças, uma mexicana, um japonês, crianças de diferentes estados do Brasil, diversas delas indígenas xokleng e uma parintintim, que tendo acompanhado seus pais e cuidadores no Congresso, durante uma semana puderam se conhecer, partilhar saberes, jogos, brincadeiras e reflexões.

No centro do debate sobre a importância da acolhida encontra-se a relação social estabelecida entre adultos e crianças, sobretudo nestes espaços de produção e circulação de conhecimentos; também a problematização dos modos como se desdobram as relações intergeracionais, que traz à tona a importância de um aprofundamento acerca da condição social das crianças nos diferentes contextos. Destaca-se ainda a dimensão política pela via da corresponsabilidade da prática de cuidado dos diferentes agentes sociais. Nas propostas de sua programação vêm sendo problematizados os vínculos sociais estabelecidos culturalmente entre crianças e seus pares e entre os adultos; as masculinidades e feminilidades atribuídas ao dualismo da paternidade/maternidade; o papel do estado enquanto promotor de políticas de cuidado das crianças, tomado para além das esferas intrafamiliares e doméstica; bem como uma proposta de acolhida voltada para uma escuta sensível, num partilhamento de experiências lúdicas e pedagógicas entre crianças e adultos e na exaltação do protagonismo infantil.

Numa sociedade onde o tempo livre é cada vez mais escasso e as relações mediadas cada vez mais por máquinas e pela tecnologia, o encontro e o espaço do livre brincar, assim como uma programação de atividades com linguagem apropriada ao grupo, fizeram desse evento um lugar especial para as crianças partilharem experiências. Toda a programação contou com uma variedade de profissionais e pesquisadores/as interessados/as em contribuir com a temática, contatados/as por meio das reuniões gerais de planejamento do 18º Congresso Mundial da IUAES. Estes/as diferentes agentes contribuíram tanto na realização de intervenções como apresentação da peça de

teatro “Donzelas Guerreiras”, integração das crianças indígenas que seriam acolhidas pelo projeto “Este Lugar Também é Seu”¹ durante este período com as demais crianças inscritas no evento, realização de pintura corporal indígena ministrada por Laura Parintintim, realização de jogos diversos, inclusive com a participação especial de Esther Pillar Grossi, oficina audiovisual e a produção de um documentário com as crianças oferecido pela equipe da Usina da Imaginação², passando por visitas à LaBrinca (brinquedoteca do Colégio Aplicação da UFSC), às exposições “Índios do Brasil” e “Tecendo Saberes pelos caminhos Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng”, no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC; pelo oferecimento de passeios, a proposição de painel fechado sobre a temática “Dilemas intergeracionais e interculturais: políticas de cuidado, corresponsabilidade do cuidado, protagonismo infantil e vivências da maternidade em diferentes contextos” finalizando com o Seminário XIII “Diálogos Antropolúdicos: sobre imaginários e corporificações interculturais”. Tendo em vista que se tratava de um grupo múltiplo em vários sentidos (etário, étnico, cultural, social, de gênero etc.), o planejamento precisou ser flexível e teve como eixo principal a brincadeira, que se caracterizou como meio pelo qual as crianças se comunicaram e interagiram, superando as barreiras linguísticas, a timidez e o estranhamento inicial.

A chegada das crianças no primeiro dia e a constituição desse coletivo foi um grande desafio para a equipe que, portanto, organizou a recepção

-
- 1 O Projeto de Extensão “Este lugar também é seu: uma contribuição para a permanência dos acadêmicos indígenas na UFSC”, coordenado pela pedagoga Dalânea Cristina Flôr, realiza, desde 2016, o acolhimento das crianças, filhas dos acadêmicos da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, durante o período em que as aulas ocorrem no Campus desta Universidade, em Florianópolis. Junto ao acolhimento das crianças, o projeto tem o objetivo de proporcionar a troca interétnica entre crianças indígenas e crianças matriculadas nas diferentes escolas de educação básica localizadas no Campus Universitário; possibilitar a ampliação dos conhecimentos das crianças indígenas a partir do uso de diferentes espaços/projetos da UFSC e proporcionar a interação das crianças com servidores docentes e técnicos administrativos em educação da Instituição e acadêmicos de diferentes cursos.
 - 2 Desenvolvido e filmado por Kurt Shaw, Rita de Cácia Oenning da Silva e Sandra Oenning da Silva, membros da Usina da Imaginação.

dessas em um parque ao ar livre, onde estavam disponíveis brinquedos de areia, galhos, folhas, balanços, escorregadores e muitas árvores. Na medida em que as crianças foram ocupando esse espaço, as vozes e silêncios foram se tornando indicativos – para os adultos – das interações e formação de vínculos de afeto e brincadeiras entre as crianças. Algumas delas, especialmente as estrangeiras, demoraram para se integrar com as demais. A organização de um “circuito” com desafios de movimentos, encabeçada pela equipe do NDI, marcou o início das proposições pedagógicas, sendo que essa proposta possibilitou a integração das crianças entre elas, com os adultos e com o espaço. Crianças, sobretudo as indígenas, que já conheciam o espaço conduziram as que não conheciam; crianças maiores conduziram as menores; gestos e movimentos indicaram os caminhos e os desafios impostos como subir, descer, se equilibrar, passar por túneis, pular em colchões, rolar em rampas e passar por teias de tecidos que finalizaram em uma roda de contação de histórias sobre respeito à diversidade que foi marcada por uma intensa participação das crianças. O gelo havia sido quebrado e, a partir disso, alguns vínculos de amizade entre as crianças já eram visíveis.

Importante destacar que, durante essas atividades, as interações e as brincadeiras entre as crianças superaram as expectativas e promoveram interessantes diálogos interculturais e interétnicos. Na exposição “Tecendo Saberes pelos caminhos Guarani, Kaingang e Laklãnō-Xokleng”, foram as crianças xokleng quem apresentaram aspectos da sua cultura e da vida as demais crianças. Já na exposição “Índios do Brasil” uma importante reflexão surgiu na interação e dos significados de mundos entre elas: uma criança suíça e uma indígena se colocam em frente a uma imagem de mulheres indígenas nuas sendo carregadas amarradas por homens brancos vestidos e armados. A menina suíça ri e aponta para os seios da mulher à mostra, indicando seu estranhamento para o menino indígena. Ele rapidamente lhe mostra que o que lhe incomoda na imagem é algo bem diferente e aponta para as armas nas mãos dos homens brancos. O diálogo silencioso entre os dois acabou ali, mas ecoou pelo museu, repleto de significado.

O evento possibilitou uma ampliação dos espaços de articulação, trocas, diálogos cotidianos a partir das fronteiras interétnicas e reconfigurações identitárias (TASSINARI, 2001; 2014) que vêm ocorrendo, ao longo de três anos, por meio do Projeto “Este Lugar também é Seu”, entre crianças indígenas e não indígenas no contexto da UFSC, sendo o NDI um desses espaços. No estabelecimento dessas relações, diversos saberes e práticas pedagógicas nos pareceram contribuir para a valorização da identidade das crianças indígenas traduzida nos modos de representar sua identidade étnica e sua cultura. Observamos relações de estranhamentos (TASSINARI, 2014) nas interações iniciais, especificamente no intercâmbio entre indígenas e não indígenas nas perguntas: “*ele é índio? ela é índia?*” – perguntas essas associadas aos olhares direcionados às vestimentas, seus rostos, cabelos das crianças indígenas. Aqui ficou evidente dois aspectos: primeiro um olhar estereotipado relacionado à imagem índio com enfeites, poucas vestimentas (sendo que moramos no sul do Brasil e registramos cenas em período de inverno). O silenciamento inicial das crianças indígenas nos fez refletir acerca da necessidade de aproximarmos as crianças, permitindo um diálogo intercultural. Diante do silêncio das crianças indígenas as respostas eram dadas pelos adultos, que afirmavam sua identidade étnica.

À medida que fomos conversando sobre os costumes das comunidades indígenas, confirmando com elas um dado ou outro sobre sua cultura, relacionando hábitos de indígenas e não indígenas, apreciando exposição, filmes e histórias sobre a cultura indígena, percebemos um processo de ressignificação das relações sociais indígenas e não indígenas acerca da diversidade étnica e cultural que ora se aproximavam ora se diferenciavam (GRANDO, 2014). Assim, durante o congresso da IUAES as crianças indígenas se mostraram muito confortáveis com o espaço do NDI, sendo elas as anfitriãs, transitando confortavelmente pelos espaços, solicitando materiais que sabiam que existiam, brincando com as outras sem qualquer dificuldade, respondendo a perguntas sobre si com muita facilidade.

Outro aspecto importante a ser destacado foi que durante o evento houve uma riqueza de trocas entre crianças de diferentes idades.

A presença de um bebê indígena e dos adolescentes que o acompanhavam tensionou as dinâmicas de divisão de proposição de atividades por faixa etária, revelando um rico campo de possibilidades proporcionado por este tipo de encontro entre adultos e crianças, mediado pelo cuidado. As crianças pequenas participaram de todas as atividades, contando com a interação de todas as crianças, seus cuidadores e monitores/as, atentando-se às práticas de cuidado e afeto. Um adolescente indígena acompanhava seu irmão bebê de quase dois anos, fazendo o papel de “cuidador”. Este fato gerou uma situação muito peculiar e que deu visibilidade àquela ideia de que precisa de uma aldeia para cuidar de uma criança. O bebê, transitando pelo meio das outras crianças, brincando, caminhando livremente pelo parque, vai até os brinquedos de parque, sobe e desce, pega um objeto ou outro com o qual se depara e brinca especialmente de futebol com seus parceiros de idade mais avançada. Ele não quer brincar isoladamente; faz questão de ficar entre as crianças maiores, principalmente entre as crianças indígenas. O tempo todo é acompanhado pelo irmão adolescente, que não demonstra nenhum desconforto ou sobrecarga com o papel que assumiu. As outras crianças indígenas jogam bola, correndo pelo campo, mas o tempo todo cuidam para não esbarrar no bebê e o ajudam sempre que ele precisa, sem, no entanto, deixar que este cuidado atrapalhe suas brincadeiras. O cuidado das crianças indígenas maiores com o bebê fica tão evidenciado que, com o tempo, vemos as crianças não indígenas também demonstrando certo cuidado com o bebê, o que não costumamos ver na cultura não indígena.

Uma das interações mais difíceis de iniciar foi a dos estrangeiros não falantes do português – entre os suíços e o japonês com as demais crianças; no entanto, essa interação aconteceu mediada pelos organizadores e pelos jovens indígenas, que acharam no futebol um primeiro ponto para o vínculo. Na brincadeira de futebol as expressões corporais permitiam a comunicação não verbal, já que eram crianças de três nacionalidades distintas, todas bilíngues, falantes de outra língua para além da sua materna. Essa mediação deu certo pela sensibilidade e pelo desejo de cada uma das crianças em superar seu isolamento dado pelo lugar linguístico/cultural.

Depois de algumas jogadas e rebatidas, o menino indígena convidou o menino japonês para cabecear a bola ao invés de chutar; para tanto, faz gesto corporal de avanço e elevação de corpo, o que não foi entendido pelo menino japonês. Então o menino indígena repetiu o mesmo movimento, mas desta vez com a bola na mão, apontada para a cabeça. O menino japonês faz sinal afirmativo com a cabeça, os dois sorriram e a brincadeira continuou; um jogava a bola com a mão e o outro cabeceava a bola. Aqui, para além do diálogo sobre as possibilidades ou impossibilidades linguísticas, nos interessou pensar que o jogo/brincadeira de futebol transporta fronteiras interétnicas, permitindo aproximar e estabelecer relações que na continuidade do evento objetivaram ampliar o reconhecimento das diferenças identitárias e interculturais.

Assim, a despeito das diferenças linguísticas, culturais e de gênero entre as crianças participantes, foi notório que a brincadeira se constituiu numa “linguagem universal” que ultrapassou as dificuldades de comunicação verbal e estabeleceu um elo, uma ligação entre estas crianças (sejam elas estrangeiras, indígenas e de regiões tão diferentes de nosso próprio país), e destas com os adultos. Foram proporcionadas intervenções focadas na ludicidade – desde a organização dos espaços até o planejamento das atividades rotineiras. A recepção das crianças e as atividades desenvolvidas durante o evento se deram preferencialmente no ambiente do parque, ao ar livre, deixando claro que a sua estada no evento tinha uma intenção de interação pelo espontâneo, das relações possíveis que cada um fosse costurando por si pelo brincar, favorecidas pela organização do contexto e da riqueza do espaço do NDI. Destacando o brincar como linguagem universal, uma espécie de *mana* (MAUSS, 1974) que circulava entre todas as crianças, as relações se construíram de modo dinâmico e alegre, costurando seus vínculos e seus afetos a partir de gostos e experimentações muito originais, através de jogos e de brincadeiras como a de casinha, de fazer filme, de escolinha, de estudante, de barco, de bola etc. Segundo Benjamin, “nada é mais próprio da criança que combinar imparcialmente em suas construções as substâncias mais heterogêneas” (BENJAMIN, 1985, p. 246-247).

Para Benjamin, a “imitação está em seu elemento na brincadeira e não no brinquedo”, ou seja, imitar não é reproduzir, mas identificar-se para compreender. “A criança quer puxar alguma coisa e se transforma em cavalo, quer brincar com areia e se transforma em pedreiro, quer se esconder e se transforma em bandido ou policial” (BENJAMIN, 1985 p. 108), quando não se transforma em “moinho de vento e trem”, imitando não só as pessoas, mas toda espécie de coisas (BENJAMIN, 1985, p. 108). A brincadeira foi tida pela equipe organizadora do evento e na prática das crianças como uma política entre mundos, uma linguagem que consegue ir do particular ao universal, uma estética que, embora tenha regras, vale mais pelo jogo que pelo resultado, pela performance e pelo improvisado que pelo espetáculo em si, pelo momento prazeroso que pela obrigação e vale muito mais pela repetição do brincar que pelo possuir o brinquedo. Benjamin evoca a polissemia da palavra *spiele* na língua alemã, que como verbo representa ao mesmo tempo brincar e jogar ou representar (teatro). Entre o brincar e o jogar, o autor aponta as vias de confluência que os instalam em uma direção própria da repetição, em que o “*de novo*” é o prenúncio de uma trajetória que não cessa (BENJAMIN, 1985). Assim foi o brincar durante a semana no IUAES: iniciava na hora da chegada e seguia até a hora de sair do NDI, no final da tarde e em vários casos seguindo no estar junto das crianças depois do evento, que passaram a costurar relações novas entre seus respectivos pais ou responsáveis – ocupando também um lugar especial para os adultos organizadores em suas interações com as crianças, por meio de uma escuta atenta e sensível bem como uma grande disposição para fluir em seus repertórios lúdicos para, com e entre crianças.

Uma das brincadeiras mais populares durante o encontro das crianças foi a do Gato e do Rato. A brincadeira consistia em uma grande roda, onde no lado de dentro estava o gato, querendo fugir; já do lado de fora o rato, que deveria fugir tão logo esse escapasse da cerca humana, que por sua vez deveria impedir sua saída da roda. A brincadeira foi sugerida por uma das crianças quando, na oficina de audiovisual, se propôs jogos onde cada um pudesse assumir personagens. Foi também essa brincadeira que

as crianças quiseram levar para o Seminário das crianças, um espaço central no evento reivindicado pela equipe organizadora, pensando em tornar central o que nos eventos anteriores havia sido periférico – a presença das crianças no evento.

A partir da interação das crianças no congresso da IUAES, podemos trazer algumas reflexões sobre a brincadeira e a importância da mesma como lugar de comunicação, vínculo, afeto, experiência e, portanto, apontar o livre brincar como uma política e uma estética fundamental ao ser humano. Foi no sentido de expor e valorizar a ludicidade, fazer pensar na importância do improviso e do livre brincar na vida das crianças (e, por que não dizer, dos adultos) que organizamos o Antropolúdicos, um seminário das crianças que ocupava o espaço privilegiado do evento. Nesse, as crianças puderam apresentar o que combinassem entre si, e elas decidiram chamar os/as demais participantes do evento a partilharem regras de jogo e brincadeiras trazidas por elas e vivenciadas pelo grupo durante a semana como um todo.

O Seminário das Crianças, intitulado “*Diálogos Antropolúdicos: sobre imaginários e corporificações interculturais*”, teve como proposta levar também a uma plateia maior do evento o diálogo mediado pela oficina de audiovisual com as crianças acolhidas no 18th Congresso da IUAES ministrada durante o evento. Tanto o seminário quanto a oficina foram concebidos como um jogo (também antropológico) que valoriza a ludicidade. A oficina se caracterizou como um diálogo do imaginário das crianças onde foram exploradas suas compreensões sobre diferenças e semelhanças culturais e de gênero, sobre o lugar do brincar e das crianças em diferentes sociedades, relação com a natureza, protagonismo das crianças etc. Como resultado da oficina foi produzido um filme, também apresentado pelas crianças para o grande público no último dia do evento e disponível no link <https://vimeo.com/280968965> e no site de Usina da Imaginação www.usinadaimaginacao.org. A ideia foi abrir assim o espaço da fala antropológica às próprias crianças para exporem de forma lúdica e do modo como desejassem seu imaginário e suas percepções sobre variações de ser, brincar e viver no mundo, exercendo assim uma antropologia da diferença e da diversidade. No filme “Crianças no

IUAES” elas mostram o que lhes agradou nesse encontro e trazem reflexões bem importantes sobre diferenças e sobre a superação delas. Zoe (08 anos) inicia o filme, se mostrando surpresa ao saber que estava sendo filmada, e diz: *Então eu posso dizer o que eu quiser?*, o que nos lembra que o desejo e a escolha da fala da criança não são consideradas em muitos contextos. O filme também mostra a facilidade da criança em estabelecer amizades, estabelecendo novas conexões e novas relações. Outra questão interessante de destacar é o que nos diz Leticia (10) sobre seus desejos de mudança da sociedade: ela afirma querer mudar o preconceito e o machismo, pois acha que são duas coisas ruins. Também Lucas (18), um adolescente indígena que acompanhou todos os dias seu primo Francisco (6 anos), revela que entre os xokleng as crianças pequenas são cuidadas por todos e não apenas pelos pais e avós, sendo realmente parte de uma comunidade maior. Enfim, o filme revela não apenas as atividades do evento, mas também os desejos e os imaginários das crianças sobre o mundo e sobre seus outros.

Sem dúvida alguma podemos afirmar que um dos diferenciais do 18th Congresso Mundial da IUAES foi: a presença das crianças, dos indígenas em grande quantidade; das mulheres quilombola; das agricultoras; de transsexuais; prostitutas; das negras e negros; muitos deles que têm sido tradicionalmente alvo de estudo antropológico. Ter um espaço e uma proposta planejada e estruturada para atender as crianças foi preponderante, conforme relato dos próprios participantes ao decidirem por sua participação no mesmo. Crianças no IUAES ocupou um lugar especial na programação mais geral do evento, com um posicionamento conceitual e político onde as crianças, sujeitos que contribuem para o conhecimento antropológico, devem ganhar destaque no seu saber fazer, e onde a antropologia da criança, que se atém a estudar o crescimento, o aprendizado, o trabalho, as brincadeiras das crianças etc., passa a ser também uma possível antropologia com as crianças, ou, mais ainda, num limite radical, uma antropologia pelas crianças.

Nesse sentido podemos nos perguntar: em que que as crianças em eventos podem contribuir para o debate e a construção e desconstrução

do conhecimento antropológico? O que a antropologia pode aprender com a participação das crianças em seus eventos? Um clássico na disciplina é que pesquisadores antropólogos costumam levar seus filhos a campo. O que pode surgir do fato que passem a levar seus/suas filhos/as a eventos onde esses também tenham vez e voz amplificada? Qual a antropologia que podemos construir a partir dessa presença e de um olhar sensível ao pensamento e contribuição das crianças? Numa sociedade onde os sujeitos da pesquisa se tornam agentes, contribuindo cada vez mais na produção de conhecimento antropológico, as crianças ocupariam qual lugar? Como se configura a responsabilidade do cuidado e o direito de participação das crianças pequenas nas mais diferentes esferas sociais? Perguntas como essas, entre outras, guiaram essa recepção, a programação, a participação de diferentes agentes, a acolhida em sua dimensão política da corresponsabilidade da prática de cuidado de crianças pequenas, a construção do vídeo e o Antropolúdicos, Seminário das Crianças. Esperamos que possam seguir ecoando em nossas mentes para eventos seguintes, para a política da construção do conhecimento antropológico, e quiçá nas nossas vidas cotidianas, onde possamos sair do lugar de autoridade antropológica para deixar falar também aqueles e aquelas que nos desafiam a pensar de novo e de novo o mundo: as crianças.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. Brinquedos e jogos. In: _____. *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GRANDO, Beleni Salete. Jogos dos povos indígenas: possibilidades interculturais de ensinar e aprender. In: TASSINARI, Antonela M. I.; ALMEIDA, José

Nilton; RESENDIZ, Nicanor R. (org.). *Diversidade, educação e infância: reflexões antropológicas*. Florianópolis: EdUFSC, 2014. p 173-196.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: EdUSP, 1974.

ROSEMBERG, Fúlvia. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso da creche. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 51, p. 73-79, 1984.

SILVA, Rita de Cácia Oenning. Performance narrativa, literatura oral e subjetivação entre crianças pequenas: o caso do lobo mau que casou com a vovozinha. In: MONTARDO, Deise Lucy; DOMINGUES, Maria Eugenia (org.). *Arte e sociabilidades em perspectiva antropológica*. Manaus: EdUFAM, 2014.

ODININO, Juliane Di P. Q. Crianças Fazendo Gênero: Reflexões sobre o lugar da primeira infância e da responsabilidade social da família e da creche. In: ASSIS, Gláucia de O.; MINELLA, Luzinete S.; FUNCK, Susana B. (org.). *Entrelugares e Mobilidades: Desafios Feministas*. Tubarão: Copiart, 2014.

TASSINARI, Antonela M. I. Práticas corporais indígenas em espaços interculturais: entre o ritual, o trabalho e o esporte. In: TASSINARI, Antonela M. I.; ALMEIDA, José Nilton; RESENDIZ, Nicanor R. (org.). *Diversidade, educação e infância: Reflexões antropológicas*. Florianópolis: EdUFSC, 2014.

TASSINARI, Antonela M. I. Escola indígena: da civilização à tradição: os projetos de escola entre os índios do Iaçá. In: LOPES DA SILVA, Aracy; LEAL Mariana. K. (org.). *Antropologia, história, educação: a questão indígena na escola*. São Paulo: Global, 2001.

WIGGERS, Verena; BRAGAGNOLO, Regina. Reflexões sobre o lugar da primeira infância na creche e na pré-escola. In: ASSIS, Gláucia de O.; MINELLA, Luzinete S.; FUNCK, Susana B. (org.). *Entrelugares e Mobilidades: Desafios Feministas*. Tubarão: Copiart, 2014.

Instalações e interações, arte e vida

Andrea Vieira Zanella
Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto
Thainá Castro Costa

A comissão de instalações artísticas emergiu de uma conversa, de alguns palpites e uma inquietação. Como fazer de um evento tão potente, com pessoas de lugares diversos e culturas distintas, um espaço de estudos, trocas e, ao mesmo tempo, de acolhimento e afecções? Várias comissões estavam já trabalhando nesse sentido, como, por exemplo, a comissão de bem-estar, a comissão responsável pelas crianças, a comissão de cultura. Mas a possibilidade de participantes estarem nas atividades por elas promovidas não era certa. Poderiam alguns/mas virem ao Congresso Mundial de Antropologia e retornarem aos seus locais de trabalho, seja no Brasil ou em algum outro dos mais de 90 aqui representados, com a experiência acadêmica em sentido estrito.

Nossa aposta estava alicerçada na compreensão de que o pensar não se descola do sentir, pois a cognição está amalgamada à emoção e à vontade. Trata-se de conexões constitutivas das possibilidades de estar em relação com o conhecimento já produzido e com as diversas práticas culturais, condição para a emergência de algum novo, na ciência, na arte e na vida.

Com essa aposta é que trouxemos a arte para espaços não canônicos. Dos museus e galerias, a trasladamos para as salas de aula, os auditórios, os corredores, os jardins da universidade. Seja na forma de pequenos detalhes nas paredes, mesas e no chão, seja na forma de instalações com propostas

[VOLTA AO SUMÁRIO]

imersivas, esteve a arte presente no evento a provocar conexões, movimentos, proximidades. Arte na vida, arte para a vida, arte potência de vida.

Para a construção e desenvolvimento da proposta, investimos na constituição de um grupo de trabalho e assumimos a tarefa de pensar os espaços em que as atividades do evento aconteceriam. Em encontros informais as ideias foram emergindo: ideias-respostas à comissão geral do evento que nos indicava suas necessidades, ideias-propostas cunhadas no diálogo com nossas experiências, potências e expectativas.

Foram constituídas três frentes de trabalho: uma, encarregada de preparar as salas e auditórios em que as atividades acadêmicas aconteceriam; outra, que construiu 3 geodésicas; por fim, a terceira frente trabalhou em parceria com a comissão da feira de artesanato com a preparação do espaço físico que acolheu os/as artesãos/ãs e suas artes.

Para as salas de aula e auditórios, confeccionamos fuxicos que foram afixados nos batentes das portas de cada espaço de trabalho, a anunciar, a distância, tratar-se de lugar de acolhida de alguma atividade do evento. Os fuxicos e as coloridas fitas a eles acopladas estiveram presentes também no auditório Garapuvu, em colunas que sustentavam cestarias de povos originários do Brasil e bonecas negras confeccionadas pela artista da cidade Dalvelisa Medeiros da Costa.

Essas bonecas, altivas e esguias, ocuparam o palco principal do evento junto com cestas de variados tamanhos, confeccionadas por artistas indígenas de lugares variados. Estavam entremeados às bonecas e cestos alguns metros de chita, tecido com o qual foram confeccionados os fuxicos. A chita é um tecido popular, pura expressão de brasilidade. Tecido de algodão florido e de cores alegres, a chita está presente de norte a sul do Brasil em vestimentas de festas juninas, em cortinas, toalhas de mesa e objetos de decoração. No congresso a chita esteve presente em todos os espaços, seja nos fuxicos afixados nas paredes, nas toalhas das mesas dos auditórios e lançamento de livros, seja em pequenas flores que foram colocadas sobre as mesas em vasos confeccionados com a técnica de papelagem.

A equipe da comissão de instalações artísticas trabalhou arduamente na confecção dos vasos e fuxicos. Foram vários encontros para que

garrafas plásticas ou de vidro descartáveis, resgatadas de seu destino, fossem transformadas, com pequenos pedaços de jornal e cola feita à base de água e amido de milho, em vasos. A areia assentou as flores confeccionadas com fuxicos de chita. Um trabalho coletivo, conectivo, que agregou pessoas de diferentes gerações e gêneros, em tardes regadas a conversas e alegria. Corpos disponíveis ao encontro com corpos outros, trocas intensas que foram se concretizando na medida em que os fuxicos e garrafas foram sendo confeccionados.

As discussões mais recentes dos campos dos museus deflagram que as instituições e metodologias que temos atualmente não dão conta das demandas sociais que vivemos. Deste modo, nos propomos a pensar uma museologia atualizada, condizente com as realidades dadas no século em que vivemos, e que se busque a dialogar e representar diferentes atores sociais. Neste sentido, nos apropriamos de Hélio Oiticica em sua reflexão “museu é o mundo”, possibilitando que os objetos se deslocassem e dialogassem para além das 4 (quatro) paredes das instituições museais. Por isso, para além da acolhida nas salas e nos auditórios, entendemos que seria importante ocupar espaços não tradicionais da Universidade, gerando reflexões autônomas aos indivíduos que se permitissem interagir com a arte. E foi assim que surgiram as geodésicas dos sentidos. As geodésicas podem ser entendidas como a menor distância que une dois pontos – o que na prática deu origem a construções cupulares, existentes desde a antiguidade e utilizadas por diversos povos.

Estas instalações foram projetadas com o intuito de retirar os objetos dos espaços sacros dos museus e exposições deslocando-os pelo território, ocupando a Universidade, e propondo a todos os públicos presentes que vivessem as experiências sensoriais das geodésicas a partir de seus próprios referenciais. Para isso, foram confeccionadas três geodésicas com canos de PVC e parafusos. Todo o processo foi artesanal e colaborativo, contabilizando mais de 20 horas de trabalho entre o GT. As geodésicas foram dispostas da seguinte maneira:

Geodésica 01 – Sons do Brasil: Teve como proposta criar um espaço de descanso onde os públicos pudessem usufruir dos diversos sons

característicos no Brasil. Para isso montamos uma playlist com 36 horas de músicas advindas de todas as regiões, além de sons cotidianos, tais como: buzinas, anúncio de produtos em feira etc. No interior da geodésica o público se deparava com um banco circular e 07 (sete) caixas de som de diversos períodos (década de 1960 até os dias atuais).

Geodésica 02 – Sincretismo e visualidades: Esta geodésica buscou explorar a visualidade das práticas sincréticas brasileiras, portanto, foram disponibilizados 05 (cinco) minialtares com divindades sagradas de várias religiões. Esta instalação é intermediada com redes de pesca que se inter põem à visão do espectador. Disponível ao público estava um filtro de barro com canecas de diversos materiais, os quais poderiam ser acessados e livremente utilizados.

Geodésica 03 – Cheiros e memórias: Nesta geodésica buscou-se propor uma experiência olfativa. Sem qualquer informação escrita, o público se deparou com 12 caixas cruas de MDF em diversos formatos e tamanhos, cada uma continha um aroma: canela, chá mate, orégano, coentro etc.

As geodésicas foram experiências muito bem-sucedidas entre os públicos presentes, sendo diariamente acessadas e largamente utilizadas. A geodésica dos sons se tornou um lugar habitual para pequenos cochilos, havendo muitos registros orais junto à Comissão solicitando a não desmontagem da instalação após o evento, o que mostra que, para além do público externo, a própria comunidade acadêmica se identificou com um espaço de descanso rápido. A geodésica dos cheiros gerou grandes conversas entre os públicos sobre suas memórias.

O trabalho da comissão de instalações artísticas objetivou, assim, grandes e pequenas produções, em geodésicas e detalhes. Os fuxicos grandes, dispostos nas entradas de cada uma das salas do evento, combinavam com os pequenos fuxicos afixados no crachá de cada participante. A delicadeza e a força marcante das flores das estampas vivas das chitas, assim como as proposições das geodésicas, expressavam os sentimentos dos integrantes.

A feira de artesanato foi outro acontecimento que contou com a colaboração da comissão de instalações. O desejo de imprimir também no

espaço da Feira a arte e beleza dedicada ao evento, materializada pela comissão de instalação, se uniu à profunda vontade de tornar o espaço da Feira belo e carregado de significados, também transmitidos por cada objeto vendido. A princípio, o encontro de integrantes da comissão de instalação e da feira de artesanato foi permeado por ideias tão vivas quanto as cores da chita. Aos poucos, flores, cestas, cheiros e outros elementos decorativos dividiram lugar com a necessidade de garantir mesas, cadeiras e outros materiais para estruturar e proporcionar conforto aos expositores e uma boa apresentação dos produtos.

A disposição para o trabalho e a boa energia que fluíram do encontro de integrantes das duas comissões favoreceram a equação das necessidades para a estruturação da Feira. As mesas e parte das cadeiras foram emprestadas do Patrimônio da UFSC. Os arquitetos que compunham a comissão de instalações desenharam a planta baixa pensando na disposição das mesas – com suas diferentes medidas – no espaço disponível para a Feira. Ajudaram, também, com outros membros da equipe, na montagem da Feira, carregando mesas, cadeiras, estantes, painéis. Enquanto isso, parte da equipe se empenhava em recortar flores de chita para colar nas toalhas de algodão cru que revestiram as mesas dos expositores não indígenas.

Na área da Feira dedicada aos povos indígenas, as toalhas foram pintadas pelos indígenas com os grafismos característicos de cada uma das três etnias do Sul do Brasil ali representadas: Guarani, Kaingang e Xokleng. Enfim, o empenho da comissão de instalações artísticas foi imprescindível para a estruturação e beleza da feira de artesanato. Sonhos concretizados em detalhes únicos, que combinaram perfeitamente com as pessoas que expuseram e venderam seus objetos e com aqueles que prestigiaram a Feira.

Ao final do evento fica o registro de um trabalho potente, construído por um grupo de pessoas que teceu afetos amalgamados ao desejo de provocar afecções. As pessoas que integraram a comissão de instalações artísticas, às quais agradecemos a parceria e oportunidade de trocas, foram: Silvia Zanatta da Ros, Alexander Cordoves Santieban, Valentina Nicoletti, Adriana Barbosa Ribeiro, Leticia Zanella Sais, Mariana Zobot Pasqualotto,

Deysi Garcia Rodrigues, Luis Enrique Lazaro Garcia, Danelis Gonzalez Pavon, Debora Luiza Pereira, Renan De Vita Alves de Brito, Luiza dos Santos Mattos, Laura Cordoves Prieto, Thainá, Castro Costa Figueiredo Lopes, Luciana Silveira Cardoso, Fernanda do Canto, Maria Luisa Marco-lino, André Franco Cardoso, Augusto Alencar Barbosa, Caroline Santos e Souza, Mayara Lacal Cunha, Pedro Cesco Litwin, Rodrigo Vieira Silveira e Taynara Cassetari.

Encontro de saberes e fazeres na feira de artesanato do 18^o Congresso Mundial da IUAES

Aline Ramos Francisco
Elis do Nascimento Silva
Joziléia Daniza Jagso Kaingang
Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto
Larissa Mattos da Fonseca
Maria Dorothea Post Darella
Raquel Mombelli
Tânia Welter

Este artigo trata da organização e realização da Feira de Artesanato do 18th IUAES World Congress, que ocorreu entre 15 a 20 de julho de 2018 nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina. Além de espaço para divulgação e venda de artes, artesanatos e produtos, a Feira foi espaço para intercâmbios e encontro de culturas, saberes e fazeres de artesãos e artesãs indígenas, quilombolas e locais residentes em contextos rurais e urbanos do Brasil e exterior.

O início do processo

A ideia de organização da Feira de Artesanato do 18th IUAES World Congress envolvendo comunidades indígenas, quilombolas e artesãs locais surgiu em novembro de 2017 durante a reunião da coordenação do evento com a direção do Museu de Arqueologia e Etnologia (MARQUE/UFSC).

Participaram desta reunião Vanilde Rohling Ghizoni (diretora do MARquE), Maria Dorothea Post Darella (coordenadora e professora do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica), Carla Rocha (integrante da Comissão de Antropologia Visual), Miriam Pillar Grossi (coordenadora geral do Congresso) e Simone Lira da Silva (secretária geral do Congresso).

A comissão para organização da Feira foi formada em maio de 2018 e contou com a participação efetiva das professoras do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (LIIMA/UFSC) Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto, Aline Ramos Francisco, Joziléia Daniza Jagso Inácio Schild e Maria Dorothea Post Darella; das estudantes de graduação e pós-graduação em Antropologia (PPGAS/UFSC) Larissa Mattos da Fonseca, Jacqueline Candido Guilherme; e das antropólogas Raquel Mombelli, Elis do Nascimento Silva e Alessandra Ghiorzi. Foram fundamentais também os apoios das integrantes da Comissão de Articulação com as comunidades indígenas, quilombolas e ciganas formada por Edviges Marta Ioris, Francine Rebelo, Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro, Joziléia Daniza Jagson Kaingang, Maria Dorothea Post Darella e Raquel Mombelli.

Organizando a feira

A Comissão de Organização da Feira utilizou a seguinte dinâmica de trabalho: realização de reuniões presenciais e a distância para tomada de decisões, divisão de tarefas entre integrantes, envolvimento da comunidade acadêmica nas atividades da comissão e trabalho integrado com outras comissões e coordenação geral do Congresso. A cada reunião e decisão, novos encaminhamentos foram sendo necessários: escolha do local para realização da Feira, solicitação de autorização de uso do espaço, elaboração do croqui, definição da quantidade de artesãos e artesãs participantes e convite para sua participação, verificação e reserva de uma sala para guardar os materiais durante a noite, contratação de profissionais de segurança, contratação de vans e compra de passagens para deslocamento de artesãos e artesãs

indígenas e quilombolas, reserva de espaço para hospedagem de artesãos e artesãs indígenas e quilombolas, compra de alimentos para artesãos e artesãs indígenas e quilombolas, decoração do espaço, cadastramento dos artesãos e artesãs participantes, elaboração de materiais de divulgação no site do Congresso e outros meios de comunicação social, contratação de mesas e cadeiras, organização de um quadro de horários para que as integrantes e monitoras da comissão pudessem acompanhar a Feira.

A Comissão Organizadora definiu que convidaria oito (8) artesãos e artesãs de cada grupo indígena dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, somando 24 pessoas, cinco (5) artesãos/artesãs de comunidades quilombolas e sete (7) artesãs locais. O convite para a participação de artesãos e artesãs das etnias Guarani, Kaingang e Laklãnõ Xokleng foi feito por estudantes do Curso de Licenciatura Indígena da UFSC. Participaram da Feira vinte e dois artesãos e artesãs (22) residentes nas seguintes aldeias indígenas do sul do Brasil: *Guarani* – Mymbá Roká (Biguaçu), M’Biguaçu, Morro dos Cavalos, Maciambu, Gengibre; *Kaingang* – Serrinha, Votouro; *Xokleng* – Bugio e Laklãnõ e duas (2) artesãs indígenas dos Povos Nivaclé e Qom, do Paraguai.

Os contatos para participação das artesãs e artesãos quilombolas foram feitos pela antropóloga Raquel Mombelli. Participaram da Feira cinco (5) artesãs que residem nas seguintes comunidades *quilombolas* de Santa Catarina: Morro do Fortunato (Garopaba), Comunidade Toca (Paulo Lopes), Comunidade Invernada dos Negros (Campos Novos), Comunidade São Roque (Praia Grande). Além destas, participou da Feira uma (1) artesã da comunidade quilombola de Penalva, estado do Maranhão.

O contato com as artesãs locais da região de Florianópolis, algumas feirantes em espaços da UFSC, foi realizado por Alessandra Ghiorzi. Participaram da Feira quatro (4) artesãs locais, representando a tradição do artesanato urbano, de inspiração açoriana e afro-brasileiro.

Organizando e ocupando o espaço da feira

A definição do local da Feira, vão central entre os blocos C e D do Centro de Ciências da Educação (CED), ocorreu juntamente com a coordenação geral e a Comissão de Infraestrutura. A definição levou em conta alguns fatores: a) local que pudesse abrigar as pessoas de possíveis chuvas e ventos; b) bem-estar dos artesãos e artesãs, muitos/muitas anciões/anciãs e acompanhados de famílias e crianças; c) espaço com boa circulação, conforto e visibilidade; d) boa localização, neste caso, entre o prédio onde foi realizada grande parte das atividades acadêmicas no período da manhã, o restaurante universitário e o Centro de Cultura e Eventos – onde estavam situadas a secretaria, o credenciamento, o estande da ABA, o estande de acessibilidade; onde foram realizados os lanches, as conferências, as plenárias, os simpósios e atividades artístico-culturais.

A ocupação do espaço físico da Feira foi planejada juntamente com a Comissão de Instalações e previu: um espaço para exposição e venda de artesanato de 24 artesãos e artesãs indígenas do Brasil e exterior; um espaço central livre onde se poderia realizar atividades artísticas, reuniões, espaço para encontros e descansos e o terceiro espaço para exposição e venda dos artesanatos das artesãs e artesãos quilombolas e locais.

A decoração das mesas e balcões para a exposição e venda do artesanato também foi planejada e realizada com a Comissão de Instalação. As mesas dos artesãos e artesãs quilombolas e locais foram decoradas com chitas. Já as mesas das comunidades Guarani, Xokleng Laklãnõ e Kaingang foram decoradas com tecido juta natural pintado com grafismos indígenas. Os grafismos indígenas foram pintados por estudantes da UFSC pertencentes às etnias Guarani, Xokleng Laklãnõ e Kaingang. Tal atitude, além de revelar o envolvimento dos/das estudantes indígenas da UFSC na realização desta feira, demonstra também o respeito pela tradição artesã entre os povos tradicionais, uma vez que os grafismos representam seus valores culturais e sociais. Verificamos que a produção do artesanato nas sociedades indígenas é uma forma de expressão da cultura e de ver mundo.

A UFSC mais colorida e alegre

Durante cinco dias, a UFSC ficou ainda mais colorida e alegre com a presença de artesãos e artesãs indígenas, quilombolas, locais e seus colares, pulseiras, artes e artefatos em madeira (animais, cachimbos), balaios, cestas, cestarias, brincos, roupas, bonecas, artes de papel, toalhas de crochê e tear, bordados, artes de vidro, sabonetes, geleias, cremes de dendê, bolachas. Estes produtos expressam tradições culturais e habilidades de cada artesão e artesã.

Além da exposição e venda de artes, artefatos, artesanatos e produtos, ocorreram interações muito produtivas e significativas, tanto em termos artísticos quanto políticos. Foram recorrentes encontros e trocas de saberes, fazeres e afetos entre artesãos e artesãs, entre eles/elas e suas famílias, entre eles/elas e congressistas e comunidade em geral. Observamos também interações e diálogos entre artesãos e artesãs quilombolas e indígenas nos espaços da Feira, durante os espaços de alimentação ou durante os translados entre o local da hospedagem¹ e a UFSC. Foram frequentes os encontros e re(encontros) entre artesãos, artesãs e estudantes indígenas na UFSC, muitos deles/delas com relações de parentesco. Ouvimos diversos comentários emocionados destes/destas estudantes também sobre a importância de apropriação daquele espaço por indígenas. Observamos artesãs quilombolas interagindo com as indígenas sobre técnicas, produtos e participando das brincadeiras coletivas como rodas de capoeira.

Foi no espaço da Feira que indígenas Guarani e Xokleng Laklãnõ conheceram a situação por que passam os/as artesãos e artesãs indígenas Kaingang e suas famílias, vindos de diversas aldeias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em Florianópolis, durante os meses de verão. Para vender seu artesanato, eles/elas têm sido alojados nos últimos três anos no Terminal

1 A hospedagem ocorreu na sede social do Sindicato dos Trabalhadores no Poder Judiciário Federal no Estado de Santa Catarina (SINTRAJUSC), a quem agradecemos, no bairro do Campeche (Florianópolis).

do Saco dos Limões, sem qualquer apoio do poder público ou condições adequadas para sobrevivência. Conheceram também o movimento reivindicatório que tem sido realizado por esta população junto à prefeitura de Florianópolis e ao Ministério Público. O grupo reivindica a construção da “Casa do Artesanato Indígena” para guardar e vender o artesanato e abrigar as comunidades Kaingang, Guarani e Xokleng Laklãnõ durante sua estadia em Florianópolis. Esta seria uma forma mais digna de expor e vender a arte indígena e promover a interação da cidade com estes povos. Como o projeto encontrava-se em fase de negociação durante a realização do Congresso, foi muito importante o encontro e o diálogo entre os artesãos e artesãs indígenas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul para conhecimento e reflexão.

Conforme havíamos intuído, o espaço central foi ocupado para encontros, descansos, reuniões e apresentações artísticas. Foi o caso dos Corais Guarani, que se apresentaram e venderam seu CD, dos apitos com cantos de pássaros diversos que foram tocados pela artesã Luciana Vângri Kaingang, das rodas de chimarrão, das brincadeiras das crianças, da criação de brinquedos, da produção de artesanato, das rodas de capoeira.

Diversas artesãs indígenas e quilombolas participaram das atividades acadêmicas do 18th IUAES World Congress, em destaque, de painéis fechados, painéis fechados, simpósios, conferências, encontros de redes e lançamentos de livros.

Considerações finais

O retorno recebido de artesãos e artesãs sobre sua participação na Feira foi positivo. Afirmam que puderam conhecer um novo espaço, estar em diálogo com outros e outras artesãs, em contato com a comunidade acadêmica, além de expor e vender seus produtos. Embora tenha sido amplamente divulgada pela Comissão Organizadora, a venda não atendeu às expectativas da maioria dos/das participantes. Em contrapartida, alguns depoimentos destacaram a importância do encontro entre artesãos e artesãs e do espaço privilegiado proporcionado pelo Congresso para visibilidade de sua arte.

Hospedagem solidária e alternativa no 18º IUAES: intercâmbios de experiências e vivências concomitantes ao World Congress

Raquel Mombelli
Flávia Cristina de Mello

Atentas à grande diversidade de origens e realidades sociais apresentada pelas pessoas inscritas no 18º Congresso Mundial da União Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, a IUAES, a Comissão Organizadora do evento elaborou a proposta de uma rede de hospedagem que pudesse acolher pesquisadoras/es de outras partes do país e do mundo, contando com a solidariedade dos participantes do evento que morassem em Florianópolis e com a receptividade da comunidade local da Ilha.

Inspiradas pela experiência da edição de 2017 do Congresso Mundo de Mulheres/Fazendo Gênero, ocorrido também na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), as experiências de hospedagem solidária mostraram-se extremamente ricas e interessantes aos que delas participaram, além de isotópicas ao tema desta edição do Evento: “Um Mundo de Encontros: O passado, o presente e o futuro do conhecimento antropológico”. Assim, com o objetivo de incentivar e viabilizar a participação de pesquisadoras/es de 92 países diferentes, desenvolvemos canais que estimulasse arranjos de Hospedagem Solidária, nos quais inscritos no Congresso trocassem informações sobre hospedagem e pessoas moradoras de Florianópolis disponibilizassem suas casas para acolher participantes de outras cidades e países.

[VOLTA AO SUMÁRIO]

Além disso, organizamos uma lista de possibilidades de hospedagens alternativas, com preços mais baixos que hotéis convencionais, em estabelecimentos que concordassem em oferecer algum tipo de desconto ou atendimento especial aos inscritos no Congresso, relação de estabelecimentos que denominamos “Hospedagem Alternativa”. O link de Hospedagem Alternativa, disponibilizado no site oficial do IUAES, também foi pensado aos moldes da experiência do Congresso Fazendo Gênero/Mundo de Mulheres para congressistas que não desejassem ou não tivessem recursos financeiros para ficar em hotéis e que não quisessem ou não conseguissem propostas de hospedagem solidária.

Acreditamos termos alcançado o objetivo de incentivar a vinda de congressistas que não teriam condições de comparecer ao evento sem o apoio à hospedagem, e relatos das vivências de participantes da proposta de hospedagem solidária revelam ricas oportunidades de troca de experiências, tanto do ponto de vista social quanto cultural, para os visitantes e para pesquisadores, estudantes, famílias e moradores locais que abriram suas casas para acolher voluntariamente congressistas de origens diversas.

Uma das primeiras providências para viabilizar os arranjos de Hospedagem Solidária foi a divulgação da ideia entre as pessoas envolvidas na Comissão Organizadora, o que resultou efetivamente na acolhida de dezenas de pessoas nas casas das próprias pessoas envolvidas na organização do evento, em particular de estudantes brasileiros que estavam inscritos como monitores.

Criamos também um link na página do evento, que remetia a uma página criada no site de relacionamentos Facebook, para viabilizar a comunicação direta entre as pessoas dispostas a receber participantes em suas casas e pessoas inscritas no Congresso. A partir do Facebook¹, as pessoas interessadas acessavam o grupo fechado através de uma solicitação de participação e, ao ingressarem no grupo, apresentavam suas ofertas ou demandas de hospedagem. Foram mais de 200 solicitações de pedido de

1 <https://www.facebook.com/groups/1994384427547594/requests/>.

entrada na comunidade do Facebook “Hospedagem Solidária do IUAES”. Os participantes da comunidade do Facebook tinham nacionalidades diversas: Índia, Rússia, Itália, México, Colômbia, Portugal, Chile, Estados Unidos e Bélgica. Do Brasil, vinham de vários estados: Pará, Mato Grosso, Bahia, Rio de Janeiro, Natal, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Ceará, Brasília, Goiânia, entre outros. A comissão desempenhou um papel de mediação, controlando as autorizações de solicitações de ingresso na comunidade, identificando lugares e instituições de procedência, assim como as atividades vinculadas ao congresso, sem, contudo, interferir ou se responsabilizar pelos acordos realizados. Para auxiliar na comunicação, a Comissão Organizadora disponibilizou tradutores para intermediar o diálogo nas quatro línguas oficiais do 18º IUAES: português, inglês, francês e espanhol.

No acompanhamento das tratativas de “Hospedagem Solidária” nos deparamos com o fato de que parte das pessoas inscritas no IUAES preferia contatos em esfera privada, fora de redes sociais. Além disso, ficou evidente um corte geracional na comunicação entre participantes das comunicações sobre Hospedagem Solidária. Os mais jovens buscavam, e mesmo preferiam, se comunicar através de redes sociais. A grande maioria das pessoas que acessaram a página do Facebook tinha menos de 40 anos. Acima desta faixa etária, encontramos certa resistência das pessoas a oferecerem suas casas em esfera pública e preferiram escrever para o e-mail da Comissão de Hospedagem Solidária ou contatar diretamente alguma pessoa conhecida da comissão organizadora para disponibilizarem um quarto em suas casas. Diante destas constatações, disponibilizamos um e-mail no site do evento através dos quais colhíamos informações de pessoas demandando e ofertando hospedagem solidária e colocamo-los em contato, conforme afinidades linguísticas.

Outra dimensão interessante de ser observada é que se evidenciou uma rede prévia, particularmente entre brasileiros/as e antropólogos/as do Mercosul, de relações sociais entre pesquisadoras/es e estudantes que participaram do evento, que se revelou fundamental para a distribuição das inúmeras hospedagens ocorridas durante o evento. Um breve levantamento

de hospedagens mostrou que estas redes foram configuradas através de amizades pessoais, relações de pesquisa e/ou trabalhos de campo que foram acionadas para agrupar participantes do evento previamente e que determinaram parte da hospedagem solidária que ocorreu durante o evento.

À medida que a demanda de pedidos de Hospedagem Solidária aumentava e o congresso se aproximava, o reforço para que os/as congressistas locais abrissem suas casas foi intensificado, de forma a garantir que o máximo de congressistas fossem recepcionados. Foi dado foco especial ao envio de novas mensagens por meio das redes sociais, em especial para monitoras/es locais para acolherem monitoras/es externos em suas casas, promovendo a aproximação dos congressistas nesta condição e entendendo serem os estudantes público-alvo fundamental das ações de apoio à estadia durante o evento. A presença significativa de estudantes e jovens pesquisadoras/es foi garantida também por um edital de apoio, com recursos da Wenner Gren, e subsídios para transporte e alimentação que auxiliaram a vinda de uma centena de congressistas dos países do Sul Global. Ficamos felizes diante da constatação de que a proposta de Hospedagem Solidária somou-se a um conjunto de ações que, além de proporcionar ricas trocas culturais, foi vital para viabilizar a participação de muitas pessoas que não teriam condições de participar do 18º IUAES sem estas ações.

Para além da hospedagem solidária, constatamos que a página do Facebook atuou como canal de comunicação durante o congresso, com relação a ofertas de caronas ou propostas de compartilhamento de serviços de transporte, como táxis, uber, etc. para deslocamento dos locais de hospedagem até a UFSC. A bolsista Maria Luiza Scheren destacou-se na etapa final de organização da hospedagem solidária pelo Facebook, colocando estudantes em contato para hospedarem-se juntos e dando uma série de explicações para que pudessem ter um lugar para ficar durante o Congresso. Destacamos, em particular, um grupo de estudantes da UNILA que veio em uma van da universidade e que proporcionou caronas diárias a um grupo grande de estudantes que estavam hospedados com eles. Outras articulações se deram ainda durante a abertura do Congresso, com jovens que não

tinham onde dormir, sendo levados por vários membros da comissão organizadora para suas casas. O mesmo aconteceu no final do Congresso, quando alguns congressistas decidiram ficar mais alguns dias em Florianópolis e foram levados para a casa de membros da comissão organizadora, já como amigos.

Por tudo isso somos imensamente gratas a todos/as, professoras/es, pesquisadoras/es, estudantes, comunidade universitária e população de Florianópolis, que abriram suas casas para receber as antropólogas e antropólogos congressistas de várias partes do Brasil e do mundo.

Acreditamos que as ações ligadas à Hospedagem Solidária, assim como várias outras ações pensadas para facilitar o acesso e a acolhida das antropólogas e antropólogos que vieram à UFSC participar deste lindo evento, que foi o 18º Congresso Mundial da IUAES, contribuíram efetivamente para tornar o congresso mais humano, mais afetivo e rico em vivências, propiciando expandir as redes de pesquisa e também de trocas culturais. Além disso, foi condição indispensável para muitos que não teriam como participar do Congresso se não através desta proposta, o que muito nos alegra.

Deixamos aqui o nosso muito obrigada, mais uma vez, pela hospitalidade generosa daqueles que receberam, pelas possibilidades das trocas, encontros e expansão de mundos e olhares pela realização desta proposta. Esperamos que esta experiência continue acontecendo nas próximas edições do *IUAES World Congress*.

ANEXO

Texto-convite da hospedagem solidária

Abra sua casa para a hospedagem solidária!

Considerando a grande procura de Hospedagem Solidária, a organização do 18º Congresso Mundial IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences) convida os monitores(as), professores e estudantes moradores de Florianópolis e São José, para acolherem voluntariamente em suas casas congressistas que irão participar do evento, entre os dias 16 e 20 de julho de 2018, no Campus da UFSC – Florianópolis.

Esta ação, além de proporcionar ricas trocas culturais, é vital para viabilizar a participação de muitas pessoas que não têm condições de custear sua estadia.

Para viabilizar a comunicação entre residentes locais e os congressistas, criamos um endereço de Facebook, onde os interessados poderão acordar diretamente entre si a hospedagem solidária através do link <https://www.facebook.com/groups/1994384427547594/requests/>

Seja solidário. Aproveite a oportunidade de conhecer novas pessoas.

Agradecemos o seu apoio e estamos à disposição para esclarecimentos.

Comissão Hospedagem Solidária

Raquel Mombelli

Flavia Mello

Feira de livros e lançamentos: reuniões, diálogos, polifonias (Parte I)

Giselle Guilhon (UFPA/UFSC)
Gláucia Assis (UDESC)
Guilherme Laus (UFSC)
Juana Moreno (UFSC)
Juliana Okawati (UFSC)
Márcia Calderipe (UFAM)
Renata Maia (UFSC)

*“O blues é sempre cantado
por uma terceira pessoa,
aquela que não está ali.”*

Duke Ellington

Pré-Liminaridades (1ª fase) – diálogos e polifonias presenciais

Giselle Guilhon

Minha inserção na Comissão de Lançamentos de Livros, CDs, DVDs e Revistas se deu no contexto da III Reunião Geral da Comissão Organizadora do 18th IUAES World Congress, realizada no dia 08 de maio de 2018, entre 16h e 18h, na sala 110 do CFH da UFSC. Compareci à reunião na condição de membro da Comissão de Bem-Estar, da qual estava participando desde o início de abril.

A III Reunião Geral teve por finalidade, além de socializar as atividades de cada comissão organizadora, identificar, a partir do relato de seus coordenadores, bem como das indicações das professoras Miriam Grossi

[VOLTA AO SUMÁRIO]

(Coordenação Geral) e Tânia Welter (Coordenação das Comissões Locais) – as demandas e necessidades mais urgentes de cada Comissão. Havia 38 pessoas presentes, vinculadas a 18 das 24 comissões organizadoras do evento. Depois de ouvidos todos os relatos, decidiram-se questões importantes, tais como onde seria realizada a Festa de quinta-feira, 19 de julho (fixando-se a quadra da Escola de Samba Consulado), e também a data da reunião subsequente.

A condução polifônica de Miriam Grossi, ao longo de todas as etapas de preparação do evento, possibilitou que os múltiplos “eus” envolvidos com a organização do 18th IUAES participassem do processo dialógico de elaboração do congresso em total pé de igualdade, o que produziu uma ambiência marcada pelo bem-estar, pela boa convivência, pela cooperação espontânea entre as comissões e por uma profunda ressonância entre as pessoas de todas as equipes.

O que caracteriza a polifonia é justamente a atitude da pessoa de maior autoridade dentro de determinado contexto organizacional, que atua como regente de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes, todas representantes de determinado universo e marcadas pelas peculiaridades que lhes são inerentes. Essas vozes e consciências não expressam a vontade daquela que rege; são, antes, sujeitos de seus próprios discursos, possuindo independência excepcional na estrutura da “obra”. Foi exatamente o que experimentamos sob a regência de Miriam! Jamais, em toda a minha trajetória acadêmica, a noção de “solidariedade orgânica”, proveniente da divisão especializada do trabalho, concebida por Emile Durkheim (1858-1917) em seu clássico *Da Divisão do Trabalho Social*, publicado em 1893, fez tanto sentido para mim:

Enquanto a [solidariedade mecânica] implica que os indivíduos se pareçam, esta supõe que eles diferem uns dos outros. A primeira só é possível na medida em que a personalidade individual seja absorvida pela personalidade coletiva; a segunda só é possível se cada um tiver uma esfera própria de ação e, conseqüentemente, uma personalidade. É preciso, pois, que a

consciência coletiva deixe descoberta uma parte da consciência individual, para que se estabeleçam essas funções especiais que ela não pode regulamentar; além disso, esta região é extensa, mas a coesão que resulta desta solidariedade é mais forte. [...] Aqui, pois, a individualidade do todo aumenta ao mesmo tempo que [a individualidade das] partes; a sociedade se torna mais capaz de se mover em conjunto, ao mesmo tempo que cada um de seus elementos tem mais movimentos próprios. Esta solidariedade se assemelha àquela que se observa nos animais [ditos] superiores. Cada órgão, com efeito, tem sua fisionomia especial, sua autonomia e, por conseguinte, a unidade do organismo é tanto maior quanto mais acentuada for a individualização das partes. Em razão dessa analogia, propomos chamar orgânica a solidariedade devida à divisão do trabalho (DURKHEIM, 2007 [1893], p. 44-45).

Após várias deliberações e encaminhamentos, Miriam mostrou-se preocupada com o fato de que certas ações, necessárias à organização de atividades específicas do Congresso – a exemplo da Feira de Livros e dos Lançamentos de Livros, CDs, DVDs e Revistas –, sob a responsabilidade de suas respectivas comissões, ainda não tinham sido postas em prática, de modo que fez um apelo aos presentes (àquelas e àqueles que tivessem disponibilidade) para que se integrassem a essas equipes no sentido de somar forças, já que estávamos a dois passos (dois meses) do início do Congresso e ainda não tínhamos os mapas desses territórios completamente desenhados.

Às vésperas de eu viajar (a trabalho) para Belém/PA, onde permaneceria pelos próximos 45 dias (14/05 a 28/06) – meu acordo de Colaboração Técnica com a UFSC (2017-2019) prevê uma ou duas idas ao ano a Belém –, no intuito de cumprir uma agenda que incluía, entre outras atividades, ministrar uma disciplina no Programa de Pós-graduação em Artes (PPGArtes) da UFPA, avaliar candidatos ao Mestrado e ao Doutorado e participar de seis bancas (três de Mestrado e três de Doutorado) de defesa, eu não seria, pela lógica das coisas, a pessoa mais indicada a integrar a equipe de Lançamentos, ou qualquer outra equipe, naquele momento, além da que eu já fazia parte. Seguir, entretanto, a “lógica das coisas” – entenda-se,

nesse contexto, “lógica das coisas” por “crença nas restrições circunstanciais de ordem administrativa, econômica, física e temporal” –, com base em circunstâncias concretas, nunca foi o meu forte! Entre manter-me no conforto dos *scripts* previsíveis ou me arriscar na instabilidade das experiências incertas, prefiro sintonizar com os imponderáveis oceânicos das marés.

Ao ouvir o apelo (*blues*) de Miriam, não pensei duas vezes. Como quem se sente convocada a desempenhar determinada função social, para a qual eu me sentia estranhamente capacitada a exercer, e cuja recusa seria, por isso mesmo, uma enorme falta de cortesia, ofereci meus préstimos à Comissão de Lançamentos, num espírito público de querer colaborar. Uns dias depois, antes de eu viajar para Belém, procurei o então coordenador da Comissão de Lançamentos, Bruno Reinhardt, que me colocou a par do andamento e das necessidades imediatas da Comissão, que não eram outras senão: 1) Entrar em contato com uma lista de editoras universitárias, editoras de revistas de Programas de Pós-graduação em Antropologia e livrarias especializadas em títulos de Ciências Humanas, convidando-as a participar, por meio de Edital disponibilizado no site do evento, da Feira de Livros do 18th IUAES; e 2) Organizar as sessões de Lançamentos de Livros, que ocorreriam em todos os dias do evento. Como as inscrições para os lançamentos de livros continuavam abertas, indo até o dia 31 de maio, não tínhamos ainda acesso à lista de autores e organizadores, com seus respectivos títulos a serem lançadas no Congresso. Bruno já estava em contato com algumas editoras internacionais, de modo que eu fiquei de entrar em contato com as nacionais. A evidência da urgência em colocarmos o projeto da Feira de Livros e o planejamento dos Lançamentos em movimento fez com que eu sugerisse à professora Miriam que convocássemos a equipe de Lançamentos, composta, até aquele momento, por Bruno Reinhardt e Jainara Oliveira, além de mim, que acabara de entrar, e de Karin Vêras, que havia se colocado à disposição como apoio, para uma reunião extraordinária, no sábado, 12 de maio, já que eu embarcaria no dia 14 para Belém.

A reunião foi realizada no dia 12 de maio de 2018, das 16h às 17h, na casa da professora Miriam Grossi, em Florianópolis. Estiveram presentes, além de mim e de Miriam, as colegas Ana Lúcia Brizola (Comissão Editorial) e Karin Maria Vêras (Comissão de Bem-Estar). Sentadas num círculo circunscrito pelos sofás da sala – para cujo centro nossas mãos convergiam alternadamente em direção ao bule que encheria nossas xícaras de chá, ou em direção aos potinhos de geleias, de sabores variados, que levaríamos à boca em pequenas colheradas –, conversamos animadamente sobre as demandas mais urgentes da Comissão de Lançamentos.

Essa reunião foi de grande utilidade para que começássemos a nos familiarizar com a estrutura imaginária da Feira de Livros e com as regras gerais dos Lançamentos. A Feira seria instalada, com aproximadamente 10 (dez) estandes, no *hall* da Reitoria, e funcionaria das 10h às 19h, em todos os dias do evento. Quanto aos Lançamentos, também estavam programados para acontecer diariamente, das 12h às 14h. Nos dias 16, 17, 19 e 20 de julho seriam realizados no *hall* da Reitoria; no dia 18 de julho, no Museu de Arqueologia e Etnologia – MARquE da UFSC. Haveria basicamente 4 (quatro) tipos de lançamentos: de autores individuais, de obras organizadas, de coleções e de editoras de revistas e/ou periódicos de Programas de Pós-graduação em Antropologia.

As tarefas da Comissão de Lançamentos [e Locação de Espaços para a Feira de Livros] ficaram assim distribuídas: Ana Lúcia faria, junto à Dype (empresa que confeccionou os formulários de inscrição), um levantamento da quantidade de autoras e autores já inscritos, repassando a lista com os nomes dessas pessoas e de seus respectivos títulos (livros que seriam lançados) para a Comissão de Lançamentos. Bruno e Giselle [eu] ficamos, como já estávamos, com a incumbência de escrever para as editoras nacionais [Giselle] e estrangeiras [Bruno] de Antropologia, divulgando o Edital de Locação de Estandes e, ao mesmo tempo, informando-as sobre a isenção de taxa de inscrição para antropólogas e antropólogos editores.

Miriam sugeriu que estreitássemos, no decorrer do processo, o diálogo com autores e autoras, buscando atender, dentro do possível, às

demandas individuais de cada um/a como, por exemplo, sincronizar (ou dessincronizar), de acordo com a necessidade, o lançamento do/a autor/a “X” com o dia do seu PaineL.

Começamos também a decidir sobre o que iríamos servir (comes e bebes) no dia do lançamento. Pensamos, inicialmente, em servir licor, mas Ana Lídia nos fez recordar que, se quiséssemos servir bebida alcoólica, teríamos que pedir autorização à Reitoria. Para não complicar, Miriam sugeriu que servíssemos chá ou suco, acrescentando a ideia de encomendarmos os “docinhos do Ricardo”, da Ricardinho Delícias. A recepção dos *brigadeiros* e do *doce de mamão* – receita de Dona Esther Grossi, mãe de Miriam – foi o maior sucesso, sobretudo entre os estrangeiros, como podemos constatar através dos relatos de Juliana Okawati e Guilherme Laus, monitores da Comissão de Lançamentos:

[...] destaco as boas relações que geralmente começavam com a entrega de um pratinho de doces. Assim que os autores se acomodavam nas mesas destinadas ao lançamento, nós, monitores, levávamos os brigadeiros e também o doce de mamão que era o primeiro passo para conversas. A maioria dos brasileiros, conhecedora desses doces, agradecia e simpatizava com o ato. Já os estrangeiros, curiosos e entusiasmados com aquele prato “exótico”, queriam saber do que se tratava: ingredientes, modo de preparo etc. Traduzi inúmeras vezes a simples receita e a partir daí iniciávamos um caminho para os mais diversos assuntos. Não foram poucas as vezes em que, após o encerramento das atividades, ainda permanecia ali sentada nas mesinhas conversando com os novos colegas (Juliana Okawati).

Os brigadeiros conquistaram inclusive o afeto dos funcionários da Reitoria e de vários amigos, que sabendo da minha atuação na Comissão, questionavam-me sobre os docinhos: “hoje vai ter de novo?”, porque segundo a opinião popular e particular, os brigadeiros eram, de fato, muito gostosos. Cheguei a fazer um pratinho para as senhoras que cuidam da limpeza da Reitoria, em agradecimento (Guilherme Laus).

Pré-liminaridades (2ª fase) – diálogos com editoras, livreiros e autores

Giselle Guilhon

Nos dias subsequentes, já em Belém, dei início ao diálogo que iria até o final do evento, com as editoras e livrarias nacionais indicadas por Bruno, com editores de revistas de pós-graduação em Antropologia e com os autores (brasileiros e estrangeiros) que já haviam realizado sua inscrição no Edital de Lançamentos.

Para fins de divulgação do Edital de Locação de Estandes na Feira de Livros, enviei e-mails aos Editores: Editora Contexto, Editora 34, Martins Fontes, Ubu, Terceiro Nome, Vozes e Zahar; às editoras universitárias Editora Fiocruz, Editora UnB, Editora Unicamp, Editora UFRJ, Editora da UFRGS, Editora da UFSC, EDUERJ, EDUFBA, EDUFPA, EDUSP e Fundação Editora UNESP; e às livrarias Ofício das Letras, República do Saber e Livros & Livros. Destas, acabaram participando da Feira de Livros, distribuídas em 10 (dez) estandes: as editoras nacionais Vozes e Ubu, que compartilhou um estande com quatro editoras menores (Cultura & Barbárie, Elefante, N-1 Edições e Papéis Selvagens) e com o coletivo CIRANDA, grupo de pesquisa vinculado ao PPGArtes/UFPA; as editoras universitárias EDUFSC, EDUERJ e Editora da UFRGS (Revista Horizontes Antropológicos); as livrarias Livros & Livros, de Florianópolis, com sede na UFSC (que também abrigou a Editora 34), Ofício das Letras e República do Saber; além do Instituto de Estudos de Gênero (IEG), em parceria com a Revista de Estudos Feministas (REF); e da ABA Publicações, editora da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Como todas as Feiras de Livros que integram a estrutura dos congressos científicos, esta teve por finalidade o livre comércio de obras específicas da área de atuação dos participantes do Congresso. Dois estandes, entretanto, ultrapassaram esta função: o estande do IEG/REF, que além de colocar à venda os livros produzidos pelo Instituto de Estudos de Gênero e pela Rede de Estudos Feministas, expôs, em vitrines, toda a sua produção; e o

estande exclusivamente expográfico da ABA – composto de quatro vitrines, com duas prateleiras cada, com finalidade de exibir os livros da ABA Publicações, um Painel multicolorido, diagramado com imagens de algumas capas de livros, parecendo um grande mosaico, e dois banners com textos explicativos (bilíngues) sobre a Associação Brasileira de Antropologia –, idealizado por seu vice-presidente, Antônio Carlos Motta de Lima (UFPE).

Além do material expositivo, queríamos, para o estande da ABA, um ambiente agradável e convidativo, que fizesse com que as pessoas, ao passarem, sentissem vontade de entrar, sentar e lá permanecer um tempinho. Daí que surgiu a ideia de colocarmos duas poltronas com mesinhas, criando um recanto que possibilitasse uma interação mais aconchegante entre os visitantes. Decidimos – Antônio e eu –, de comum acordo, emprestar duas poltronas e duas mesinhas de uma loja de decoração de Floripa, especializada em móveis de demolição. O resultado de toda a produção só pôde ser apreciado no dia 16 de julho, quando se abriu, oficialmente, a Feira de Livros. Mas ainda faltava algo. Algo que desse um toque mais “orgânico” para o ambiente: uma flor, uma planta ornamental... Consultei amigas que entendem do assunto e logo comecei a receber fotos de ráfias, philodendrons etc. O congresso já tinha começado e não havia tempo para complicar. Enviei uma mensagem à Miriam Grossi perguntando se ela teria alguma planta ou flor decorativa em sua casa para emprestar. Logo no dia seguinte veio a boa nova: “Giselle, passa na secretaria do IUAES e pega aquela orquídea branca que está lá para colocar no estande da ABA”. E assim foi feito. A orquídea deu um toque de leveza para o estande.

Para fins de divulgação do Edital de Lançamentos de Livros do 18th *IUAES World Congress*, escrevi aos editores das revistas e periódicos acadêmicos: Aceno (UFMT), Amazônica (UFPA), Antropológicas (UFPE), Antropolítica (UFF), Anuário Antropológico (UnB), Cadernos de Campo (USP), Horizontes Antropológicos (UFRGS), Mana (Museu Nacional), RAU (UFSCAR), Revant (USP), Revista Campos (UFPR), Revista Entre-Rios (UFPI), Revista Mandaú (UFAL), Revista Pós Ciências Sociais (UFMA), Revista Vivência (UFRN), Teoria e Sociedade (UFMG) e Wamom (UFAM).

Destas, inscreveram-se e participaram, efetivamente, dos Lançamentos, as revistas *Áltera* (UFPB), *Anuário Antropológico* (UnB) e *Mandaú* (UFAL). O periódico acadêmico *Anuário Antropológico* (UFRGS) não lançou nenhum número novo, mas seus exemplares estavam à venda no estande da Editora da UFRGS.

Uma vez concluídas as etapas de inscrição, seleção e divulgação das Editoras e Livrarias que participariam da Feira de Livros, iniciei uma intensa troca de e-mails com autoras e autores que se inscreveram no Edital de Lançamentos de Livros. (A essas alturas eu já tinha assumido a coordenação da Comissão de Lançamentos, em substituição ao Bruno Reinhardt que, por motivos de força maior, não pôde mais continuar atuando como coordenador da Comissão.)

Pré-liminaridades (3ª fase) – do mapa ao território

**Giselle Guilhon, Juana Moreno, Juliana Okawati,
Renata Maia e Márcia Calderipe**

Os Lançamentos que seriam realizados nos dias 16, 17, 19 e 20 de julho no *hall* da Reitoria foram pensados e organizados pela Comissão de Lançamentos com base nos títulos das 103 (cento e três) obras inscritas pelos congressistas, que apontavam para 17 (dezesete) campos temáticos da Antropologia: Etnologia Indígena; Imagem, Diferença, Espaço, Territorialidade; Perícia Antropológica; Antropologia da Ciência; Oriente Médio, Ásia Central, Imigração, Refugiados; Migrações, Êxodos, Refúgios, Exílios; Gênero, Feminismo, Sexualidade, Teoria Queer; Antropologia [Brasileira] de Cláudia Fonseca, Antropologia Espanhola, Novas Antropologias; Conhecimentos Meteorológicos; Antropologia da Música; Antropologia da Dança; Antropologia da Religião; Antropologia da Saúde; Consumo/Cultivo de Drogas, Segurança Pública, Moralidades; Teoria Antropológica / Temas Diversos; Morte; Consumo de Alimentos na Escola; e Interfaces entre Educação Pós-Constructivista e Antropologia. Os lançamentos dos títulos das coleções “Ação Saberes Indígenas na Escola” (ASIE) e Instituto “Brasil Plural”

(IBP), por sua vez, seriam, por vontade de seus autores e organizadores, realizados, simultaneamente, no dia 18 de julho, no Museu de Arqueologia e Etnologia (MarquE) da UFSC.

A partir dessa classificação genérica, autores, organizadores e livros foram distribuídos nas cinco sessões de lançamentos, realizadas, respectivamente, nos dias 16, 17, 18, 19 e 20 de julho de 2018. Dos 120 (cento e vinte) títulos lançados, 52 (cinquenta e dois) compõem coleções, perfazendo um total de 9 (nove) Coleções: Coleção “Ação Saberes Indígenas na Escola” (4 livros, 6 cartilhas e 3 DVDs); Coleção “Antropologia em Laboratório” (7 livros); Coleção “Brasil Plural” (11 livros); Coleção “Conflitos, Direitos e Sociedade” (2 livros); Coleção “Políticas Públicas, Administração de Conflitos e Cidadania” (4 livros); Coleção “Diferenças” (4 e-books); Coleção “Teoria dos Campos Conceituais” (3 livros); Coleção “Ensinagens” (4 livros); e Coleção “Antropologia da Dança” (4 livros). Somando-se às 120 (cento e vinte) obras lançadas, computam-se, ainda, 3 (três) periódicos editados por Programas de Pós-Graduação em Antropologia: Revista *Áltera*, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Revista *Mandaú*, da Universidade Federal do Alagoas (UFAL); e *Anuário Antropológico*, da Universidade de Brasília (UnB).

Um número aproximado de 180 (cento e oitenta) pessoas, entre editores e/ou responsáveis pelos lançamentos (em torno de 10), organizadores (em torno de 70) e autores (em torno de 100), provenientes de 55 Instituições de 12 (doze) países do globo – Alemanha, Argentina, Áustria, Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Inglaterra, Japão, México, Polônia, Portugal e República Tcheca –, lançou suas obras no hall da Reitoria nos dias 16, 17, 19 e 20 de julho. Listamos nominalmente, abaixo, em ordem alfabética, as universidades e instituições representadas pelos autores, organizadores e editores nos Lançamentos de Livros realizados nesses quatro dias:

Austrian Academy of Sciences (Áustria), Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias (México), Corporación Universitaria Comfauca (Colômbia), El Colegio de Michoacán (México), Escuela Nacional de Antropología e Historia (México), Friedrich Schiller Universität Jena

(Alemanha), Instituto Universitário de Lisboa (Portugal), International Women's Anthropology Conference (EUA), Osaka University (Japão), Oxford Brookes University (UK), Roehampton University (UK), Universidad Autónoma de Tamaulipas (México), Universidad de Antioquia (Colômbia), Universidad de Buenos Aires (Argentina), Universidad Nacional Autónoma de México (México), Universidad Nacional de Colombia (Colômbia), Universidad Pedagógica Nacional (Colômbia), Universidade Nova de Lisboa (Portugal), University of California (EUA), University of Iowa (EUA), University of Oklahoma (EUA), Univerzita Hradec Králové (República Tcheca), Uniwersytet Jagielloński (Polônia) e Uniwersytet Wrocławski (Polônia).

Universidades brasileiras, agrupadas por região: Norte: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal de Tocantins (UFT); Nordeste: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Regional do Cariri (URCA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Universidade Federal da Bahia (UFBA); Centro-Oeste: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Brasília (UnB); Sudeste: Universidade de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal de Viçosa (UFV); Sul: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Além das universidades brasileiras e estrangeiras listadas acima, estavam representadas, ainda, nos Lançamentos realizados no hall da Reitoria, as seguintes instituições: Centro de Trabalho Indigenista (CTI), Escola Básica Antônio Paschoal Apóstolo (Prefeitura Municipal de Florianópolis) e Instituto Egon Schaden (SC).

As Coleções “Ação Saberes Indígenas na Escola” (ASIE) e Coleção “Brasil Plural”, lançadas coletivamente no Museu de Arqueologia e Etnologia (MARquE) da UFSC no dia 18 de julho envolveram, respectivamente: 1) Coleção “Saberes Indígenas na Escola”: 23 (vinte) organizadores e mais de 250 (duzentos e cinquenta) autores, entre indígenas, pertencentes às etnias Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklânõ, e não indígenas, que atuam em Escolas localizadas em Terras Indígenas de Santa Catarina; e Coleção “Brasil Plural”: 12 (doze) organizadores de 5 (cinco) coletâneas e 7 (sete) autores individuais, todos vinculados ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Brasil Plural, representantes, até onde conseguimos averiguar, de 8 (oito) instituições brasileiras: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPA-GRI). Não estão computados aqui nem o número de autores participantes das obras organizadas da Coleção “Brasil Plural”, nem a relação de universidades e/ou instituições que esses autores representam.

Impossível darmos a dimensão exata da riqueza contida nos livros e produções audiovisuais lançados no 18th IUAES *World Congress*. Precisaríamos, utopicamente, de uma equipe de, no mínimo, uns vinte pesquisadores, dispostos a entrevistar, durante o Congresso, cada um dos autores e organizadores dessas obras. Ao final, teríamos em mãos uma enormidade de relatos sobre trabalhos de campo e de laboratório que nos conduziria a leituras e reflexões específicas, relacionadas às temáticas trabalhadas por cada um. Estas nos levariam, por sua vez, a escrever textos interessantíssimos sobre a antropologia de cada pesquisador, de cada pesquisadora. Como esse mapeamento só existe no plano do desejo,

contentemo-nos, por ora, com uma descrição sucinta dos assuntos abordados nos grupos temáticos inseridos em cada sessão de Lançamentos.

1ª sessão: 16 de julho / segunda-feira / 12h às 14h / hall da Reitoria

ETNOLOGIA INDÍGENA

Nesse grupo foram apresentados estudos e coleções etnográficas, frutos de pesquisas realizadas com as seguintes etnias interlocutoras: Kaiowá, Guarani, Guarani Mbyá e Xavante (no Brasil), entre outros povos indígenas situados na Bolívia, Colômbia e México. Dentre os temas tratados, destacaram-se: morte, existência, imortalidade, resistência indígena, desenvolvimento, migração, gênero, mídia e comunicação. Dos sete títulos lançados, seis foram produzidos individualmente e um coletivamente, envolvendo o trabalho de cinco autores. Participaram desse grupo temático, presencialmente ou representados, os seguintes autores: Bruno Martins Morais e Daniel Calazans Pierri (Centro de Trabalho Indigenista - CTI); Gabriela Zamorano Villarreal (El Colegio de Michoacán, México); Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp), Carolina Buenrostro Pérez (ENAH, México); Cristina Amescua Chavez (UNAM, México), Edith Perez Flores (CRIM, México); Junji Koizumi (Osaka University, Japão) e Lourdes Arizpe (UNAM, México); Elena Nava Morales (UNAM, México); Arturo Manuel González Rosas (ENAH, México); e Laura R. Graham (University of Iowa, Estados Unidos).

IMAGEM / DIFERENÇA / ESPAÇO/TERRITORIALIDADE

Nesse bloco temático foram apresentados estudos sobre relações interétnicas, com ênfase nas realidades de populações indígenas (no Uruguai) e negras (no sul do Brasil), bem como reflexões sobre espaço, imagens, diferenças, fronteiras e mobilidade humana, com foco nas cidades. Dos quatro livros lançados, dois são de autoria individual e dois de autoria co-

letiva, envolvendo a participação de quatro autores em cada coletânea. Participaram presencialmente desse grupo temático os seguintes autores: José Exequiel Basini Rodriguez (UFAM); Deyse de Fátima do Amarante Brandão (doutoranda UFRN), Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (UFPB), Marco Aurélio Paz Tella (UFPB) e Olavo Ramalho Marques (UFRGS).

PERÍCIA ANTROPOLÓGICA

Esse bloco temático trouxe dois estudos pontuais sobre perícia e laudo antropológicos, relacionados a populações tradicionais no Brasil, na luta pela regularização de seus territórios e quanto ao impacto de projetos desenvolvimentistas frente a seu modo tradicional de vida. Os dois livros são de autoria de uma única pesquisadora: Maristela de Paula Andrade (UFMA).

ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA

Os títulos desse grupo temático abordaram aspectos relacionados à produção científica antropológica, em sua interface com a Medicina e a Saúde, apresentando aspectos relacionados à contribuição da Antropologia ao processo de construção da Ciência. Foram lançados três livros de autoria coletiva, envolvendo a participação de 15 (quinze) pesquisadores – 9 (nove) organizadores e 11 (onze) autores: Carlos Steil (UFRGS), Claudia Fonseca (UFRGS), Denise Fagundes Jardim (UFRGS), Emerson Giumbelli (UFRGS), Fabiola Rohden (UFRGS), Glaucia Maricato (UFRGS), Heloisa Paim (UFRGS), Larissa Costa (UFRGS), Lucas Besen (UFRGS), Marko Monteiro (Unicamp), Marta Amoroso (USP), Paula Sandrine Machado (UFRGS), Pedro P. Ferreira (Unicamp), Rodrigo Toniol (Unicamp) e Vitor Richter (UFRGS).

LANÇAMENTOS COLETIVOS DE EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Esse grupo lançou 7 (sete) títulos da Coleção “Antropologia em Laboratório” e 1 (um) título sobre mitologia guarani, todos publicados pela

Editora da UFSC. Os assuntos abordados nas sete coletâneas lançadas giraram em torno dos seguintes temas: campo, experiência e agência, patrimônio e seus campos, educação e infância, educação indígena, consumo e cultura material, arte e sociabilidade, violência e justiça. Essas sete coletâneas foram organizadas pelos seguintes grupos de pesquisadores: Alberto Groisman (UFSC), Bianca Ferreira Oliveira (UFSC), Priscila Noernberg (UFSC), Rose Mary Gerber (EPAGRI) e Fernanda Cruz Rifiotis (UFSC); Alicia Norma Gonzáles de Castells (UFSC) e Jeana Laura da Cunha Santos (UFSC); Antonella Maria Imperatriz Tassinari (UFSC), José Nilton de Almeida (UFRPE) e Nicanor Rebolledo Recendíz (UNP); Antonella Maria Imperatriz Tassinari (UFSC), Beleni Saléte Grandó (UFMT) e Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque (UERJ); Carmen Rial (UFSC), Angela Maria de Souza (UNILA) e Sandra Rubia da Silva (UFMS); Deise Lucy Montardo (UFAM) e Maria Eugenia Domínguez (UFSC); Teophilos Rifiotis (UFSC) e Danielli Vieira (UFSC).

LANÇAMENTOS DE PERIÓDICOS

Nesse grupo foram lançadas três revistas acadêmicas, vinculadas a Programas de Pós-Graduação em Antropologia: *Revista Áltera* – Journal of Anthropology, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), trazendo um dossiê sobre o fazer antropológico; *Revista Mandaú*, da Universidade Federal do Alagoas (UFAL), com um dossiê sobre Antropologia e Imagem; e *Anuário Antropológico*, da Universidade de Brasília (UnB). As revistas foram organizadas, respectivamente, pelos seguintes pesquisadores: *Áltera*: Caio Nobre Lisboa, Débora Allebrandt, Marcos Castro Carvalho, Patrícia dos Santos Pinheiro, Pedro Francisco Guedes do Nascimento e Soraya Fleischer; *Mandaú*: Débora Allebrandt, Fernanda Rechenberg e Marcos Albuquerque; e *Anuário Antropológico*: Antonádia Borges, Cristina Patriota de Moura, Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama, Henyo Trindade Barretto Filho e Soraya Fleischer.

2ª sessão: 17 de julho / terça-feira / 12h às 14h / hall da Reitoria

MIGRAÇÕES, ÊXODOS, REFÚGIOS, EXÍLIOS / ORIENTE MÉDIO, ÁSIA CENTRAL,
IMIGRAÇÃO, REFUGIADOS

Nos dois grupos em tela, os autores trouxeram reflexões sobre realidades locais contemporâneas e deslocamentos caracterizados por migrações, êxodos, refúgios, exílios, indicando conexões entre diferentes territórios e histórias de vida. Dos 5 (cinco) títulos lançados, 4 (quatro) foram produzidos coletivamente e 1 (um) individualmente. Os Lançamentos contaram com a participação presencial dos seguintes autores/organizadores: Ângela Mercedes Facundo Navia (UFRN); Gláucia de Oliveira Assis (UDESC) e Janaina Santos de Macedo (UFSC). [Os pesquisadores Leonardo Schiочhet (Austrian Academy of Sciences) e Florian Mühlfried (Friedrich Schiller Universität Jena), representado pelo primeiro, inseridos no grupo temático Oriente Médio, Ásia Central, Imigração, Refugiados, acabaram lançando seus 3 (três) títulos, a pedido de Leonardo, no dia 20 de julho, junto aos pesquisadores do grupo temático Teoria Antropológica.]

GÊNERO / FEMINISMO / SEXUALIDADE / TEORIA QUEER

Nesse bloco temático foram lançados dois títulos sobre masculinidade, abordando sua diversidade e os sentidos da paternidade. O Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades (NIGS) lançou vários títulos na interface Antropologia/Gênero/Educação, abordando temas como feminismo, juventude, sexualidades, homossexualidade, mulheres no futebol, mulheres com deficiência e lideranças femininas em contexto afro-religioso. Ao todo, foram lançados 11 (onze) títulos: 8 (oito) produzidos individualmente e 5 (cinco) coletivamente. Participaram presencialmente desse lançamento temático, entre autoras/es e organizadoras/es: Alinne de Lima Bonetti (UNIPAMPA), Caroline Soares de Almeida (NAVI/UFSC), Díjna Andrade Torres (doutoranda UFSC), Elisete Schwade (UFRN), Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA), Mara Viveros Vigolla (UNAL), Mariane da Silva Pisani

(UFSC), Melina de la Barrera Ayres (UFSC), Miriam Pillar Grossi (UFSC), Robson Fonseca (UFSC), Sabrina Deise Finamori (UFMG) e Tânia Welter (Colaboradora UFSC/Instituto Egon Schaden).

ANTROPOLOGIA [BRASILEIRA] DE CLÁUDIA FONSECA / ANTROPOLOGIA ESPANHOLA / NOVAS ANTROPOLOGIAS

Nesse grupo temático foram lançados três livros: *Etnografia, o Espírito da Antropologia. Tecendo Linhagens. Homenagem à Cláudia Fonseca*, organizado por Cláudia Turra Magni (UFPel) e Flávia de Mattos Motta (UDESC); *A Questão Nacional e a Antropologia Espanhola*, de Christina de Rezende Rubim (UNESP); e *Novas Antropologias*, de Olivia von der Weid (Pós-Doutoranda IESP/UERJ).

CONHECIMENTOS METEOROLÓGICOS

Esse bloco temático contou com o lançamento de apenas um livro: *Meteorologistas e Profetas da Chuva: conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera*, da Coleção “Antropologia Hoje”, do pesquisador Renzo Romano Taddei (UNIFESP).

3ª sessão: 18 de julho / quarta-feira / 12h às 14h / MARQUE

COLEÇÃO AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA – ASIE, NÚCLEO SC

O material – 4 (quatro) Livros, 6 (seis) Cartilhas e 3 (três) Produções Audiovisuais –, de autoria coletiva, contou com a participação de mais de 250 professores, entre indígenas das etnias Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklãnõ, e não indígenas que atuam nas Escolas das Terras Indígenas do estado de Santa Catarina, Brasil. O Projeto favoreceu o aprimoramento das atividades didático-pedagógicas de professores Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklãnõ em torno de práticas e saberes relacionados à temática ‘Territórios de Ocupação Tradicional em Santa Catarina: Passado e Presente’, fomentando ações que fortalecem esses saberes e práticas e

servem como base para elaboração de atividades e materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens. Os livros (1) *Tape Mbaraete Anhetengua: fortalecendo o caminho verdadeiro*; (2) *Kófa ag Jykre: aprendendo com os Anciões*; (3) *Kófa ag Jykre: aprendendo com os Anciões – Caderno de relatos pedagógicos de professores Kaingang e Guarani do Oeste de Santa Catarina*; e (4) *Ãg Tõ Laklãnõ Xokleng – Consciência Laklãnõ Xokleng em Ação: jeitos de ensinar e aprender na Terra Indígena Laklãnõ* foram organizados pelos seguintes pesquisadores: (livro 1) Maria Dorothea Post Darella, Ana Maria Ramo y Affonso, Clarissa Rocha de Melo, Victoria Tricarico Alvim, Carlos Maroto Guerola e Ana Cláudia Colombera; (livros 2 e 3) Maria Dorothea Post Darella, Juliana Akemi Andrade Okawati, Luciana Fernandes da Silva, Luana Máyra Silva, Carlos Maroto Guerola e Ana Cláudia Colombera; (livro 4) Maria Dorothea Post Darella, Marian Ruth Heineberg, Lays Cruz Conceição, Carlos Maroto Guerola e Ana Cláudia Colombera.

COLEÇÃO BRASIL PLURAL

Elaborada por pesquisadoras e pesquisadores vinculados ao INCT Brasil Plural, instituto de pesquisa que congrega profissionais da área de Antropologia e afins de várias instituições de Ensino Superior no Brasil, entre as quais a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE). O INCT apresentou 11 (onze) títulos, sendo 6 (seis) coletâneas e 5 (cinco) livros individuais, com discussões sobre etnologia indígena, territorialidades, políticas públicas, saúde, performance, música, práticas tradicionais e Estado. As 6 (seis) coletâneas apresentadas foram organizadas, respectivamente, pelos seguintes grupos de pesquisadores: (1) Deise Lucy Montardo (UFAM) e Márcia Calderipe Farias Rufino (UFAM); (2) Esther Jean Langdon (UFSC) e Márcia Grisotti (UFSC);

(3) Esther Jean Langdon (UFSC) e Marina Denise Cardoso (UFSCAR); (4) Nadia Heusi Silveira (integrante do NESSI/UFSC), Clarissa Rocha de Melo (ASIE-MEC/Núcleo UFSC) e Suzana Cavalheiro de Souza (UNIPAMPA); (5) Paulo Roberto Raposo Alentejano (UERJ), Vânia Zikán Cardoso (UFSC), John Dawsey (USP) e Tereza Fradique (UNL); (6) Sônia Weidner Maluf (UFSC) e Érica Quinaglia Silva (UnB/UFPA). As 5 (cinco) produções individuais, por sua vez, são de autoria dos seguintes pesquisadores: (1) Edviges Marta Ioris (UFSC); (2) Emilene Leite de Souza (UFAM); (3) Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque (UERJ); (4) Rafael José de Menezes Bastos (UFSC); e (5) Rose Gerber (EPAGRI).

4ª sessão / 19 de julho / quinta-feira / 12h às 14h / hall da Reitoria

ANTROPOLOGIA DA MÚSICA

Esse grupo temático lançou 7 (sete) títulos, sendo 3 (três) coletâneas e 4 (quatro) trabalhos individuais. Os livros giraram em torno dos seguintes temas: universo musical indígena; paisagens sonoras no Nordeste; relações de gênero na música brasileira; tecnologia, educação e participação no rádio; movimento Hip Hop em Florianópolis, São Paulo e Lisboa; Capoeira Angola. Participaram presencialmente dos lançamentos os seguintes autores: Magda Pucci (Diretora do Grupo Mawaca) e Berenice de Almeida (Educadora Musical); Roberto Marques (URCA/UECE); Rodrigo Cantos Savelli Gomes (Professor de Artes/Música no Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Florianópolis); Guilherme Gitahy de Figueiredo (UEA), Leni Rodrigues Coelho (UEA) e Núbia Litaiff Moriz Schwamborn (UEA); Ângela Maria de Souza (UNILA); João Batista de Jesus Felix (UFT); Celso de Brito (UFPI).

ANTROPOLOGIA DA DANÇA

Nesse grupo temático foram lançadas a Coleção “Antropologia da Dança” (volumes I, II, III, IV), organizada por Giselle Guilhon (UFPA, em

Colaboração Técnica com a UFSC); o livro *Viva Pareia: dança, corpo e brincadeira no Cavalo-Marinho de Pernambuco*, de Maria Acselrad (UFPE); e o livro *Cuerpos en Movimiento: antropología de y desde las danzas*, de Patricia Aschieri (UBA). Sete autoras participaram presencialmente do lançamento: Ana Cláudia Pinto da Costa, Ana Cláudia Moraes de Carvalho e Ariane Roberta Pimentel Gonçalves (doutorandas no PPGArtes/UFPA); Daniela Botero Marulanda (doutoranda no PPGAC/UFBA); Karin Maria Vêras (recém-doutora pelo PPGAC/UFSC); Patricia Aschieri (UBA) e Giselle Guilhon (UFPA/UFSC).

ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO

Nesse grupo foram apresentados livros sobre cuidados, enredos e feitu-
turas no contexto do Candomblé afro-brasileiro; sobre a Santeria-Ifá cuba-
na no Chile e na Bolívia; religiosidade no Estado de Santa Catarina (Brasil);
e sobre a tradição sufi na Turquia, totalizando seis livros individuais e um
DVD. Participaram presencialmente desse lançamento os seguintes auto-
res e autoras: Giselle Guilhon (UFPA); Juan Manuel Saldivar Arellano (Uni-
versidad Autónoma de Tamaulipas, México), Miriam Rabelo (UFBA); Pedro
Martins (UDESC) e Tânia Welter (Instituto Egon Schaden).

ANTROPOLOGIA DA SAÚDE

Os títulos – 6 (seis) livros individuais e 1 (uma) coletânea – desse
grupo utilizaram ferramentas da Antropologia para pensar temas como
Estado, políticas, agenciamentos sociais e questões geracionais na saúde,
além de lançar um olhar diferenciado sobre doenças e sobre como estas
são vividas pelos sujeitos. Participaram desse grupo temático os seguintes
pesquisadores, entre autores e organizadores: Érica Quinaglia Silva (UnB/
UFPA); Everton de Oliveira (Unicamp); Tamanini Marlene (UFPR); Beatrice
Cavalcante Limoeiro (doutoranda UFRJ); Soraya Fleischer (UnB); Gustavo
Ruiz Chiesa (UNIPAMPA); Ednalva Maciel Neves e Mônica Franch (UFPB).

Nesse grupo foram lançadas duas Coleções: Coleção “Políticas Públicas, Administração de Conflitos e Cidadania” e Coleção “Conflitos, Direitos e Sociedade”, num total de 3 (três) livros individuais e 3 (três) produções coletivas, apresentando estudos comparativos sobre consumo e cultivo de drogas no Rio de Janeiro e em Buenos Aires; sobre consumo e controle de drogas no Brasil e Estados Unidos; reflexões sobre políticas públicas de segurança municipal; rotinas burocráticas e moralidades; administração de conflitos e cidadania; além de um estudo etnográfico com apostadores de turfe. Participaram desse lançamento, entre autores e organizadores, os seguintes pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF): Ana Paula Mendes Miranda, Flávia Medeiros, Frederico Policarpo, Joelma de Souza, Lúcia Eilbaum, Marcos Alexandre Veríssimo da Silva, Maria Stella Amorim, Roberto Kant de Lima, Rômulo Labronicie Talita Miriam do Amaral Rocha e Azevedo.

5ª sessão / 20 de julho / sexta-feira / 12h às 14h / hall da Reitoria

TEORIA ANTROPOLÓGICA / TEMAS DIVERSOS

Nesse grupo, foram lançados 3 (três) títulos contributivos à Teoria Antropológica – uma introdução à Antropologia Social, um título que discute o papel da Antropologia no mundo globalizado, e outro acerca da compreensão e do conteúdo emancipatório da Antropologia. Além destes, foram lançados mais 3 (três) títulos abordando Temas Diversos como: desenvolvimento sustentável, cultura da água e parentesco. Participaram desse bloco os seguintes autores: Joy Hendry (Oxford Brookes University, UK); Petr Skalník (Univerzita Hradec Králové, República Tcheca e Uniwersytet Wrocławski, Polônia) e Marcin Brocki (Uniwersytet Jagielloński, Polônia); Luís Roberto Cardoso de Oliveira (Universidade de Brasília); Edward Sankowski e Betty J. Harris (University of Oklahoma, USA); Suzanne

L. Hanchett (International Women’s Anthropology Conference, USA); e Dwight Read (University of California, USA). O grupo temático Oriente Médio/Ásia Central/Imigração/Refugiados, representado pelo autor/organizador Leonardo Schiocchet (Austrian Academy of Sciences, Áustria), foi inserido, a pedido de Leonardo, nessa bateria de lançamentos, apresentando 3 (três) títulos.

MORTE / CONSUMO DE ALIMENTOS NA ESCOLA

Nesse grupo foram lançados dois títulos referentes a cada um dos subtemas, sendo uma coletânea organizada por Alejandra María Rodríguez Guarín, vinculada à Corporacion Universitaria Comfacauca (Colômbia) e uma produção individual, de autoria de Clara Saraiva, da Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO PÓS-CONSTRUTIVISTA E ANTROPOLOGIA

Nesse bloco foram lançadas duas coleções da educadora brasileira Esther Pillar Grossi: Coleção “Teoria dos Campos Conceituais”, com três títulos sobre aprendizagem, democracia e autores clássicos da área; e Coleção “Ensinagens”, com três títulos focados nos seguintes temas: interação social na sala de aula, escola e família, agressividade na aprendizagem. Também houve o lançamento do título *A Festa está Dentro de Nós*, livro de poemas sobre a vida.

ANTROPOLOGIA VISUAL / GÊNERO / SEXUALIDADE / CURSO DE VIDA / SAÚDE / EDUCAÇÃO INDÍGENA / INTERCULTURALIDADE

Nesse bloco foram lançados 4 (quatro) e-books pertencentes à Coleção “Diferenças”. As 4 (quatro) produções coletivas foram organizadas, respectivamente, pelos seguintes pesquisadores: (1) *Olhar In(com)formado: teorias e práticas da Antropologia Visual* – Mariano Báez Landa e Gabriel O. Alvarez; (2) *Gênero, Sexualidade e Curso de Vida* e (3) *Gênero, Sexualidade e Saúde* – Camilo Albuquerque de Braz e Carlos Eduardo

Henning; (4) *Educação Indígena e Interculturalidade: um debate epistemológico e político* – Alexandre Ferraz Herbetta e Mariano Báez Landa – todos vinculados à Universidade Federal de Goiás (UFG).

Os Lançamentos de Livros realizados nos dias 16, 17, 19 e 20 de julho ocorreram no mesmo espaço – *hall* da Reitoria – da Feira de Livros, que funcionou das 10h às 19h em todos os dias do evento. Participaram da Feira de Livros, distribuídos em 10 (dez) estandes: as editoras nacionais (1) *Voices*; (2) *Ubu*, em parceria com as editoras *Cultura & Barbárie*, *Elefante*, *N-1 Edições*, *Papéis Selvagens* e Grupo de Pesquisa *CIRANDA* (PPGArtes/UFGPA); as editoras universitárias (3) Editora da UFSC, (4) Editora da UFRGS (*Revista Horizontes Antropológicos*) e (5) *EDUERJ*; as livrarias (6) *Livros & Livros* (junto com a Editora 34), (7) *Ofício das Letras* e (8) *República do Saber*; além dos estandes expográficos (9) do Instituto de Estudos de Gênero (IEG), em parceria com a *Revista de Estudos Feministas* (REF); e (10) da *ABA Publicações*, editora da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Gláucia Assis

Conforme destacado na sessão “Pré-Liminaridades (1ª fase) – diálogos e polifonias presenciais”, a regência polifônica de Miriam Grossi possibilitou que as várias comissões organizadoras do evento fossem se articulando e definindo suas ações. Com o tempo e os prazos sempre em nosso encaixe, as comissões foram também se redesenhando. Foi justamente essa capacidade de articulação de Miriam que fez com que Giselle Guilhon se sentisse, naquele 08 de maio de 2018, convocada a ingressar na Comissão de Lançamentos, primeiro como colaboradora de Bruno Reinhardt (então coordenador), e depois – quando Bruno não pôde mais atuar na Comissão – assumindo completamente a coordenação. No decorrer do processo, outras pessoas – Márcia e Juana em meados de junho; Guilherme, Juliana e Renata em 05 de julho; e Gláucia (eu), em 15 de julho – foram se integrando à Comissão de Lançamentos, até que esta chegasse à sua configuração “definitiva”, constituída de 7 (sete) pessoas comprometidas com o êxito da Feira de Livros e das 5 (cinco) sessões de Lançamentos do 18th IUAES.

Sempre em diálogo com a Coordenação Geral, Giselle conduziu, no mesmo diapasão dialógico e sensível de Miriam, a Comissão de Lançamentos, distribuindo as tarefas de acordo com a disponibilidade e preferência de cada integrante da Comissão. A liderança polifônica de Giselle, em ressonância com a de Miriam, foi determinante para que tivéssemos uma equipe disposta a cooperar, trocar e se fazer presente na Feira e nos Lançamentos. A independência com que pudemos atuar, com o apoio de nossa regente e sua participação ativa, em vários momentos, constituiu-se num aprendizado marcante. Sob a liderança de Giselle e seu sorriso, iniciamos a semana e o 18th IUAES transitando pela Feira de Livros e atuando nos Lançamentos, que se constituíam, diariamente, em experiências espontâneas de *communitas*, regadas a muita conversa, docinhos, interações, encontros, trocas e afetos, como teremos oportunidade de constatar através das narrativas que compõem a Parte II deste artigo.

Referências

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DURKHEIM, Emile. *Fato social e divisão do trabalho*. Apresentação e comentários de Ricardo Musse. São Paulo: Ática, 2007.

TEDLOCK, Dennis. A tradição analógica e o surgimento da antropologia dialógica. Tradução de E. R. Henriques. *Anuário Antropológico*, v. 1, n. 1, p. 183-202, 1986.

TURNER, Victor. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Tradução de Michele Markowitz e Juliana Romeiro. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2015.

Feira de livros e lançamentos: afetos, encontros, prazeres (Parte II)

Giselle Guilhon (UFPA/UFSC)

Gláucia Assis (UDESC)

Guilherme Laus (UFSC)

Juana Moreno (UFSC)

Juliana Okawati (UFSC)

Márcia Calderipe (UFAM)

Renata Maia (UFSC)

“[...] os anthropological blues sugerem que a etnografia é o resultado de um processo que articula cognição e emoção, assim como perda e enriquecimento, chamando a atenção para uma dimensão importante da interpretação antropológica que não pode ser mensurada.”

Luís Roberto Cardoso de Oliveira

Liminaridades 1 – (inter)subjetividades, Evidências simbólicas, *communitas*

Giselle Guilhon e Gláucia Assis

Entre a virtualidade inorgânica do “mapa” e a organicidade corpórea do “território” há uma grande distância. Após vários meses de planejamento e organização, em diálogo intenso com editoras, livrarias e autores, os espaços físicos da Feira de Livros e das sessões de Lançamentos começaram, finalmente, a se delinear. De domingo (15 de julho) para segunda-feira (16

de julho), em questão de horas, e nos dias subsequentes (16, 17, 18 e 19 de julho), livrarias, livreiros, editoras, editores, autoras e autores foram ganhando vida no *hall* da Reitoria, e também no MARquE, da UFSC.

Os dez estandes da Feira de Livros, ocupados por sete editoras comerciais, três editoras universitárias e três livrarias, além dos estandes ex-pográficos do IEG/REF¹ e da ABA Publicações², evidenciavam a diversidade e a amplitude da produção livresca nacional no âmbito das Ciências Sociais e, mais especificamente, da Antropologia, em diálogo com vários outros campos do saber.

É possível que nossa experiência como integrantes da Comissão de Lançamentos, e também como autoras [Márcia, Juliana, Gláucia e Giselle], seja totalmente diversa da experiência dos demais autores que participaram das sessões de lançamentos, ou mesmo dos editores e livreiros que participaram da Feira de Livros.

A Parte II deste artigo, assim como a Parte I, não tem a pretensão de dar conta – etnograficamente falando – da totalidade das experiências vividas no contexto da Feira de Livros e dos Lançamentos do 18th IUAES World Congress. Precisariamos, para tal feito, de várias encarnações e, ainda assim, as almas implicadas no evento já seriam outras – transformadas. Assim sendo, optamos por compartilhar, respondendo, uma vez mais, ao chamado (*blues*) de Miriam Grossi, nossas experiências (também *blues*) – em seus vários tons, *rhythms and... blues* – como quem narra suas impressões de viagem, considerando não apenas a viagem horizontal, aquela em que percorremos o território físico, mas também a viagem vertical, interna, subjetiva e intersubjetiva.

Conforme evidenciamos na Parte I deste artigo, a condução polifônica de Miriam possibilitou que as múltiplas vozes, dos vários atores sociais participantes das comissões organizadoras do Congresso, fossem expressas e ouvidas, respeitando-se suas individualidades e modos de ser em todas as

1 IEG: Instituto de Estudos de Gênero; REF: Revista Estudos Feministas.

2 ABA Publicações: editora da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

etapas de construção e realização do evento. Também destacamos a autonomia dos coordenadores de cada Comissão e o espírito de cooperação espontânea estabelecido entre as comissões, geradores, de acordo com nossa percepção, de forte ressonância entre as pessoas de todas as equipes.

Exaltamos, uma vez mais, a maestria e sensibilidade de Miriam em conduzir, polifonicamente, um grupo multiétnico, multicultural e multidisciplinar de mais de cem pessoas. Poderíamos, nesse ponto de nossa reflexão, nos contentar com o fato indiscutível de que a tal ressonância que sentimos entre nós resultara, unicamente, de sua regência polifônica. No entanto, ao revisitarmos com maior acuidade nossas memórias – aquilo que experimentamos antes (pré-liminaridades), durante (liminaridades) e depois (pós-liminaridades) do evento –, detectamos um segundo ingrediente, igualmente potente, na regência de Miriam: sua incrível capacidade de conduzir um número significativo de pessoas na direção de um mesmo objetivo, mantendo-as, ao longo de todo o percurso, coesas, cooperativas e produtivas. Na tentativa de elucidarmos tal fenômeno, recorreremos, uma vez mais, ao sociólogo Émile Durkheim, que intuía, a seu modo, há mais de um século, a natureza e origem dessa força: “Se todos os corações vibram em unísono, não é em consequência de uma espontânea concordância preestabelecida; é que uma mesma força os move numa mesma direção. Cada um é levado por todos” (2007 [1893], p. 23). E conclui: Um sentimento coletivo que irrompe numa assembleia não exprime simplesmente o que [possui] de comum com todos os outros sentimentos individuais. [...] se esse sentimento ressoa em cada uma delas, é graças à energia especial que se deve precisamente à sua origem coletiva (DURKHEIM, 2007 [1893], p. 22-23).

Sentimento coletivo... Energia especial... Origem coletiva... Que sentimento coletivo é esse que irrompe em determinados agrupamentos e não irrompe em outros? Qual a natureza dessa “energia especial”? Se nasce da interação coletiva, por que não brota em todas as coletividades? Fosse ela universal (embora seja), e pudesse ser produzida (embora possa) em todo e qualquer lugar (do planeta), por que só se manifesta e se torna disponível em certos contextos especiais?

Que força tão poderosa é esta que nutre singularmente o espírito, produzindo alegria e entusiasmo transbordantes a ponto de ignorarmos o cansaço, o sono e o desgaste físico? Que força invisível – ainda que palpável e perceptível – é esta que faz com que pessoas de diferentes culturas, línguas e países vibrem seus corações em uníssono como se fossem velhas amigas? Seria (teria sido) esta uma real experiência de *communitas* espontânea, tal como a concebera Victor Turner?

A *communitas* espontânea é “um confronto direto, imediato e total” de identidades humanas, num estilo de interação pessoal mais profundo do que intenso. “Ela tem algo de ‘mágico’. Subjetivamente, tem uma sensação de poder ilimitado.” Quem de nós nunca vivenciou o momento em que pessoas compatíveis – amigos, pares – compartilham um lampejo de compreensão mútua e lúcida no nível existencial, quando sentem que todos os problemas, não apenas os seus, podem ser resolvidos, sejam eles emocionais ou cognitivos, simplesmente se o grupo que é sentido (na primeira pessoa) como “essencialmente nós” pudesse sustentar sua iluminação intersubjetiva? [...] quando o ânimo, o estilo ou a “forma” da *communitas* espontânea está sobre nós [...] Sentimos que é importante nos relacionarmos diretamente com o outro da forma como ele se apresenta no aqui e agora, para compreendê-lo de um modo simpático (e não empático, o que implicaria algum tipo de contenção, uma não entrega de si mesmo), livre dos obstáculos definidos culturalmente por seu papel, *status*, reputação, classe, casta, sexo ou outro nicho estrutural. Os indivíduos que interagem uns com os outros no modo *communitas* espontânea se tornam totalmente absorvidos num evento singular, sincronizado e fluido. (TURNER, 2015 [1982], p. 65).

Quem participou do 18th IUAES World Congress beneficiando-se da força coletiva imanente da *communitas* – produzida e vivenciada antes, durante e [reverberando, ainda] depois do evento – sabe do que estamos falando.

Liminaridades 2 – diversidade, multiculturalidade, circulação de saberes

Márcia Calderipe

Minha participação na Comissão de Lançamentos de Livros do *18th IUAES World Congress* foi uma experiência gratificante porque trabalhamos coletivamente durante a preparação do evento e nos dias em que transcorreram a Feira e os Lançamentos de Livros. Passei a fazer parte da Comissão no mês de junho e acompanhei a finalização da organização, que começou a ser pensada ainda em 2017. A coordenação desenvolveu uma intensa e afetiva relação com as demais comissões e com os autores no sentido de organizar as sessões segundo os principais temas e necessidades dos proponentes. Entre os membros da própria Comissão, as decisões e relatoria de documentos e comunicações externas foram realizadas de modo a incluir todos os participantes que se dividiram nas tarefas. Durante o evento, o entrosamento do grupo foi gratificante tanto pelas responsabilidades das pessoas em dar conta das tarefas quanto pela solidariedade e afeto entre nós. Houve intensa participação de autores brasileiros e de países como Colômbia, México e Estados Unidos, que inscreveram mais de cem livros em vários temas de pesquisa. Chamou-me atenção o lançamento de várias coleções produzidas por núcleos e institutos de pesquisa que apresentaram o resultado de seu trabalho em redes nacionais de pesquisa. Na sessão realizada no MARquE, da UFSC, houve a participação de indígenas com uma importante coleção de livros didáticos e DVDs voltados para a educação escolar indígena. A palavra foi concedida aos autores e autoras em todas as sessões. Devido ao tempo restrito, podiam apresentar rapidamente seu trabalho, mas percebi que a maioria delas tinha muito a falar sobre a produção do livro e/ou material.

Gláucia Assis

Participei da Comissão de Lançamentos de Livros, coordenada por Giselle Guilhon, juntamente com as colegas Márcia Calderipe e Juana

Valentina, além das monitoras Juliana Okawati e Renata Maia, e do monitor Guilherme Laus.

Minha chegada ocorreu num domingo à tarde, às vésperas do início do evento. Vim para ajudar na organização e encontrei Giselle, com um sorriso franco e aberto, apesar da correria, e a equipe de apoio disposta e feliz em participar. Isso faz toda a diferença quando estamos numa Comissão. As mesas estavam arrumadas e toalhas de chita se espalhavam entre os corredores de livros.

Conversamos rapidamente sobre os últimos preparativos para o grande evento que iniciaria na segunda-feira e fizemos uma escala de quem iria a cada dia. Percebendo que seria importante colocarmos os nomes dos autores sobre as mesas, fomos, Juliana e eu, à Secretaria do evento, a fim de elaborarmos os papéis que seriam colocados sobre as mesas nos dias subsequentes. As tarefas foram aparecendo e sendo realizadas com tranquilidade. Acho que isso se deve muito à coordenação amiga e serena de Giselle.

No primeiro dia, como nos demais, Márcia se alternou com Giselle nos lançamentos. Tínhamos caixa de som e brigadeiros e uma diversidade de pesquisadores a falar de suas várias temáticas de estudo. Foi um espaço muito especial, onde gerações de antropólogas, antropólogos e outros pesquisadores vindos de diferentes campos do saber antropológico se encontraram, o que possibilitou a circulação de saberes e experiências diversas. Autoras e autores eram chamados a falar de suas obras por alguns minutos e depois ficavam nas mesinhas autografando.

O espaço ficou acolhedor para os lançamentos, embora os livreiros tenham reclamado do pouco movimento após as sessões de lançamentos – isso nos primeiros dias. Eu mesma me emocionei ao lançar um livro como coautora, dividindo esse lançamento com Ângela Facundo Navia, Miriam Grossi, Claudia Fonseca e Flávia Motta, entre outras companheiras de lutas e pesquisas. Ouvi-las e compartilhar com elas desse espaço foi uma experiência muito gratificante.

Na quarta-feira o lançamento foi no MARquE. Foi especial porque os saberes indígenas circularam e foram reverenciados e aplaudidos na

universidade. Senti uma imensa alegria por estar lá compartilhando, ouvindo e aprendendo. O lançamento da Coleção de materiais pedagógicos Guarani, Kaingang e Laklano-Xokleng foi relatado pela monitora Juliana Okawati, uma das organizadoras dessa produção:

O lançamento da Coleção “Ação Saberes Indígenas na Escola” (ASIE) foi especial, sendo realizado exatamente nove meses após a abertura da exposição Tecendo Saberes pelos Caminhos Guarani, Kaingang e Lakãñõ-Xokleng – incluída na programação da IUAES. Nessa ocasião, já se pensava e idealizava-se esse momento em que os livros e cartilhas dos três povos indígenas de Santa Catarina chegariam às mãos de seus autores. Passado o período de uma gestação e percorrido um longo caminho, desde a organização do material, revisão, diagramação, publicação, enfim, com data e local marcados – 18 de julho de 2018 no MARquE/UFSC – a Coleção ASIE chegou iluminando e encantando o Congresso Mundial de Antropologia. O material produzido pelos próprios professores indígenas junto às comunidades e, sobretudo, aos anciões e às anciãs, reconhece e valoriza o conhecimento ancestral que parte das experiências e histórias de vida dos mais velhos na direção de uma educação diferenciada. Nessa ocasião, escutamos as vozes dos professores indígenas, das lideranças e dos mais velhos que nos ensinam novas formas de aprender, ser e viver (Juliana OKAWATI).

Na sexta-feira, talvez o dia mais internacional dos lançamentos, essas trocas foram traduzidas do Inglês para o Português, e do Português para o Inglês, evidenciando que o IUAES foi um espaço de muitas trocas. Os lançamentos de livros têm esse caráter de lançar ideias, soprar teorias, pesquisas, convidar-nos a “refletir com”, e os lançamentos e as breves falas dos autores de diversas partes do mundo e diferentes origens étnicas nos convidaram a esse passeio por culturas, saberes e experiências.

Aprendi muito com a Comissão e com a escuta das colegas, e o apoio e parceria dos monitores, sempre atentos ao som, aos pedidos dos autores, muitas vezes em cima da hora, aos docinhos e às solicitações dos livreiros.

Oferecemos o nosso melhor e acho que conseguimos fazer as cinco sessões de lançamentos com a marca da circulação de saberes e afetos que caracterizou o IUAES.

Liminaridades 3 – preparando, recolhendo, doando

Guilherme Laus

Minha atuação na Comissão de Lançamentos de Livros foi marcada pela preparação do espaço para os lançamentos, pelo diálogo presencial com os congressistas que necessitavam de orientações e pelo recolhimento de dois exemplares de cada livro lançado, para que fossem doados à Biblioteca Universitária da UFSC.

Por volta das dez horas da manhã nos encontrávamos no *hall* da Reitoria para organizar e preparar o espaço que receberia os autores. Ao longo da semana, após ver a alegria estampada em seus rostos, fui atribuindo uma importância cada vez maior à tarefa e à Comissão de Lançamentos de Livros. Quanto mais o Congresso se desenvolvia, mais eu percebia a necessidade de preparar o espaço para receber esses autores e autoras que iriam apresentar suas obras – ou, para dizer de um modo metafórico e afetivo, seus “filhos” – à comunidade de antropólogos do 18th IUAES World Congress e à comunidade acadêmica da UFSC. Sendo aluno da quarta fase de Graduação em Antropologia, ainda não tive oportunidade de escrever um livro, mas sonho desde já com esse dia.

Arrumar as mesas e as cadeiras, no intuito de deixar o espaço agradável e confortável para autores e convidados, eram processos diários, atravessados por interpelações de dezenas de autoras e autores, procurando suas mesas específicas ou de convidados perguntando sobre seus colegas, além dos “outros” congressistas e não congressistas que possuíam dúvidas e pediam ajuda, independentemente dos lançamentos. Resumindo, das dez da manhã às duas da tarde, o *hall* da Reitoria se movimentava aos ‘corres’.

Logo que os autores começavam a chegar, eu já os questionava sobre a doação para a nossa Biblioteca, tarefa específica, apenas minha, dentro da Comissão. As doações foram tão diversas quanto os autores e suas pesquisas. Alguns doavam dois exemplares, outros doavam apenas um, outros preferiam não doar, outros não tinham exemplares para doar – ou porque venderam todos os livros no lançamento, ou porque o livro era tão inédito que nem impresso estava, ou porque não conseguiram exemplares com a editora, lançando com apenas algumas cópias da capa, impressas em papel A4. E tiveram aqueles autores generosos que doaram livros que nem estavam sendo lançados, mas com os quais faziam questão de contribuir. Essa ação de doação foi particularmente incrível para a Antropologia na UFSC! Penso nas dezenas de exemplares, resultantes de pesquisas feitas no Brasil e no Exterior, que em pouco tempo estarão disponíveis para leitura em nossa Biblioteca! Ao término de cada sessão de lançamentos, eu me dirigia à Biblioteca para entregar as doações, sentindo, literalmente, o peso das contribuições.

Renata Maia

Quando resolvi me inscrever para participar e trabalhar como monitora no 18th IUAES, confesso que tive receio de me sentir meio deslocada no meio da Antropologia. O que eu não sabia e nem poderia imaginar era que encontraria uma atmosfera surpreendentemente acolhedora e terna no ambiente do evento. Fui escalada para trabalhar na Comissão de Lançamentos de Livros, e posso dizer que foram dias muito enriquecedores. Sair da nossa caixinha acadêmica pode nos revelar um mundo de inúmeros saberes a serem explorados. Além do contato com diversas obras e autores, que a cada dia faziam do evento uma nova experiência de conhecimento, foi especialmente alentador o convívio com os demais integrantes da nossa equipe de trabalho: Márcia, Giselle, Gláucia, Guilherme, Juana e Juliana. Foi um evento realmente sinestésico, cheio de cores, cheiros, sabores e sons. Dias que ficarão guardados numa parte da minha memória reservada às doces lembranças de minha vida acadêmica.

Liminaridades 4 – prazeres, angústias, privações

Juana Moreno

Foi um prazer estar envolvida em diversas atividades do Congresso, mas isso trouxe suas angústias. Não consegui assistir a algumas das reuniões preliminares, pois nos dias anteriores ao evento estava participando de um pré-evento na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Nos primeiros dias de Lançamentos de Livros não consegui participar porque estava coordenando um *Open Panel* sobre maternidade e minha própria maternidade também me tomou tempo. Todas foram atividades prazerosas, envolvendo afetos e responsabilidades, mas demandaram tempo e trabalho. A angústia e a culpa que senti pela minha ausência junto à Comissão de Lançamentos foram sempre apaziguadas pela compreensão afetuosa e solidária de cada membro da equipe.

Um prazer angustiante era quando eu me perdia em conversas com autores, colegas e amigos, aproveitando aquela que seria, possivelmente, a única e curta oportunidade de acontecer, sem abandonar as tarefas que assumi com a equipe da Comissão. O sentimento era parecido quando no caminho – ao guardar, pegar ou cuidar de alguma coisa da organização – não podia evitar a tentação de parar para ver um livro, começar uma conversa ou comer um docinho.

Giselle Guilhon

Meu envolvimento com o *18th IUAES World Congress* começou em 29 de setembro de 2017, quase dois meses após o início formal de minha Colaboração Técnica com a UFSC. Procurei a professora Miriam Grossi a fim de expor e discutir as ideias que eu tinha em mente como alternativas de *Open Panel*. Fazia alguns anos que não conversávamos pessoalmente e foi um enorme prazer revê-la e reativar nosso canal de comunicação. Compartilhei com Miriam meu interesse recente pela Psicanálise e pela Terapia de Integração Craniossacral, além de informá-la sobre o tema de minha

pesquisa aqui na UFSC: “Etnografando Etnografias: mapeamento das pesquisas em Antropologia da Dança realizadas no Brasil entre 1990 e 2020, com ênfase na produção da/na Amazônia e Região Sul”. Miriam me ouviu atentamente, como quem vai processando cada informação, para depois dar uma indicação assertiva: “Acho que debes propor um Painel Aberto que esteja atrelado à tua pesquisa aqui na UFSC! Em outro momento tu propões algo em diálogo com as Terapias Integrativas Complementares, ou mesmo com a Psicanálise!”. Em novembro inscrevemos [Giselle Guilhon e Patricia Aschieri] o Painel Aberto “Panorama da Antropologia da Dança: genealogias, contribuições teórico-metodológicas, pesquisas recentes”; e em abril propusemos [Ana Cláudia Costa, Giselle Guilhon, Natacha Muriel e Patricia Aschieri] o *workshop* “Retorno ao Corpo: o movimento como ponto de partida para a pesquisa antropológica em dança. Experiências compartilhadas de/com/através das danças que pesquisamos – *Kadish* [Ana Cláudia], *Tango* [Natacha], *Butoh* [Patricia], *Sama* [Giselle]”. As duas propostas foram aceitas e inseridas na Programação oficial do 18th IUAES. Ainda em abril de 2018, passei a integrar a Comissão de Bem-Estar, ministrando (para as equipes organizadoras do Congresso) aulas de Yoga mescladas com outras técnicas terapêuticas integrativas. Conforme narrado e contextualizado na Parte I deste artigo – “Feira de Livros e Lançamentos: reuniões, diálogos, polifonia” –, comecei a atuar na Comissão de Lançamentos de Livros no dia 08 de maio de 2018, passando gradativamente a coordená-la.

Quando o Congresso começou, no dia 16 de julho de 2018, eu tinha a melhor equipe de trabalho que alguém poderia almejar: Gláucia Assis (docente da UDESC), Guilherme Laus (graduando em Antropologia na UFSC), Juana Moreno (recém-doutora em Antropologia pela UFSC), Juliana Okawati (Formadora/Supervisora no Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola, junto à equipe Kaingang), Márcia Calderipe (docente da UFAM) e Renata Maia (pós-graduanda em História na UFSC). Foi uma grata satisfação reencontrar a Gláucia, que eu não via há vários anos, assim como conhecer e conviver com os demais integrantes da equipe. Trabalhamos de forma cooperativa e orgânica, um dando suporte ao outro, desempenhando funções

individuais e coletivas, previamente distribuídas, ao mesmo tempo em que nos revezávamos, conforme a necessidade, nas atividades em que estivéssemos impossibilitados de atuar.

Os dias que antecederam o Congresso foram de intensas trocas de e-mails com os autores e/ou organizadores que lançariam livros ou revistas no evento. Como eu já vinha, desde o início da organização dos Lançamentos, dialogando com os autores, continuei exercendo essa função antes e durante o Congresso. Mesmo depois de o evento ter começado, não houve um só dia em que eu não tivesse que fazer alguma alteração na Programação ou atender a alguma demanda especial. [Essas alterações eram feitas tarde da noite, quando eu chegava em casa.] Algumas pessoas escreviam apenas para tirar dúvidas sobre como seriam os Lançamentos; outras pediam coisas mais específicas: mudar a data porque o dia do lançamento coincidia com o dia em que a pessoa coordenaria ou participaria de um Painel; solicitar que alguém se responsabilizasse por seu lançamento por estar impossibilitada de comparecer; informar que os livros não foram impressos em tempo de serem lançados; solicitar impressões apenas da capa do livro, para que fossem colocadas nas mesinhas no dia do lançamento; corrigir ou incluir nomes de autores/organizadores na Programação; perguntar se poderiam enviar os livros após o término do evento para que fizéssemos o depósito na Biblioteca Universitária da UFSC. [Faz quase 2 (dois) meses que o congresso terminou e continuo recebendo livros para depositar na BU.] Todas as demandas foram plenamente atendidas por nossa equipe, exceto uma, que só nos foi possível atender parcialmente. Recebi uma ligação um dia antes do início do evento, de uma pessoa que falava em nome do responsável por um dos lançamentos coletivos de seu grupo de pesquisa. A pessoa em questão solicitava que substituíssemos, em duas obras da Coleção, dois nomes que estavam erroneamente cadastrados como autores desses livros; assim como a inclusão de outros três nomes que deveriam constar como autores de uma terceira obra. Expliquei que só poderíamos fazer essa alteração na Programação virtual, veiculada no site do 18th IUAES, uma vez que o folder da Programação dos Lançamentos já havia sido impresso. Foi nesse momento que a porta-voz do pedido exclamou: “Então queremos que vocês imprimam

[duas mil e quinhentas] erratas e que as coloquem em todas as bolsas dos congressistas, antes da abertura oficial do evento!”. Ela parecia furiosa e raivosa, de modo que não me sobrou alternativa senão responder: “Fique tranquila! Vamos imprimir!” O fato virou anedota.

Os dois primeiros dias da Feira e dos Lançamentos de Livros – 16 e 17 de julho de 2018 – coincidiram com as atividades do Painel Aberto que eu estava coordenando. O Painel iria das 8h30 às 12h e das 14h às 15h30. Os Lançamentos aconteceriam das 12h às 14h. Por precaução, caso eu não conseguisse chegar, pontualmente, às 12h na Reitoria, decidimos – Márcia Calderipe e Giselle Guilhon [eu] – dividir as responsabilidades: Márcia conduziria as sessões dos dias 16 e 17 de julho, e eu conduziria as sessões dos dias 19 e 20 de julho. A sessão do dia 18 de julho, a ser realizada no MARquE, seria conduzida por Dorothea Darella, funcionária do Museu.

Ainda que tudo estivesse bem encaminhado e organizado, eu não conseguia me desligar completamente dos Lançamentos e queria estar na Reitoria, junto com a Márcia e os demais companheiros de equipe naqueles dois primeiros dias. Ao mesmo tempo, estava comprometida com a coordenação do Painel Aberto “Panorama da Antropologia da Dança”, do qual não poderia me ausentar. O Painel começou, nos dois dias, com mais de uma hora de atraso. Optamos por não cortar a fala de ninguém, muito menos abreviar as discussões finais. Uma trama afetiva/intelectiva também se formava ali e não queríamos nos desgrudar. Assim sendo, as sessões da manhã terminaram, na segunda e na terça, após às 13h, de modo que não consegui estar nos Lançamentos às 12h. Enquanto assistia às apresentações do Painel, recebia solicitações várias por e-mail e *whatsapp* relacionadas à Feira de Livros e Lançamentos. Se fosse alguma demanda urgente, respondia, discretamente, na mesma hora. Se não fosse urgente, deixava para responder no intervalo ou quando fosse possível.

Estar no Painel e não poder estar nos Lançamentos nos dois primeiros dias foi um exercício forçado de desapego para mim. Eu me sentia ligada aos autores, queria estar com eles, conhecê-los ou reconhecê-los pessoalmente, ouvi-los, prestigiá-los. Queria estar em dois lugares ao mesmo tempo,

mas só podia estar em um. O prazer de estar no Painel contrastava com a angustiante privação de não estar nos Lançamentos.

Liminaridades 5 – aproximações / estranhamentos, encontros, trocas

Juana Moreno

No âmbito dos “Lançamentos” tive vários encontros marcantes. Para começar, conhecer Guilherme, Juliana, Renata, Giselle, Gláucia e Márcia, uma equipe comprometida, solidária e amorosa. Tive o grande prazer de conhecer e conversar com Lourdes Arizpe, antropóloga mexicana que admiro, leio e cito, e como se não bastasse, receber de presente seu livro com uma linda dedicatória: “Para Juana Valentina, companheira de estudos sobre mulheres indígenas”. Também foi um grande prazer reencontrar colegas colombianos, alguns depois de muitos anos, apresentando seus livros, suas pesquisas e sentir, através do Congresso, o vínculo que ainda nos conecta, uma identificação com uma origem, um contexto e um sonho comum. Isso foi forte no reencontro com minha professora de faculdade, Mara Viveros, a quem tinha recebido no aeroporto no dia anterior. Encontrei-a na primeira sessão de lançamentos, entrando entusiasmada no *hall* da Reitoria para conhecer o lugar onde iria apresentar o seu livro no dia seguinte. Eu estava de saída para pegar minha camiseta do Congresso, de modo que ela postergou a captura de seu livro para ir junto comigo buscar a camiseta, aproveitando para pedir uma para ela também, mas no meio do caminho lembramos que era hora de irmos para os nossos *Open Panels* (OPs) e nos despedimos. Essa pequena cena resume o que muitos de nós vivenciamos: a potência dos encontros, a vontade de aproveitar tudo e a impossibilidade física de dar conta.

Guilherme Laus

A língua foi, sem dúvida alguma, uma ordem a se destacar sobre minha experiência, e acredito que não somente para a minha própria, mas

para a maior parte dos meus colegas, também monitores e partícipes de Comissões. Lembro-me bem do primeiro dia do Congresso, quando o Secretário Geral da IUAES, Junji Koisumi, que também estava participando do lançamento como autor, perguntou-me sobre o lugar onde ele deveria ficar no recinto. No entanto, eu não estava conseguindo entender [o que ele estava dizendo], pois além de não ser fluente em Inglês, o sotaque japonês (dele) complicava bastante, e fiquei constrangido ao perceber que ele tinha pressa e eu não estava conseguindo ajudá-lo. Mas teve experiências boas também, como na interação com o americano que, após ser atendido, disse que meu Inglês era muito bom, e que eu podia relaxar. E outra americana que agradeceu a ajuda dizendo que eu era “*super cute*”.

Resumindo, numa tentativa de não me estender demais, foi uma semana incrível. Não foi fácil, pelo contrário, foi difícil. Hospedei sete pessoas de fora, totalmente desconhecidas, e me vi na minha própria casa lidando com o estranhamento. E por horas diárias contribuí com a organização dos Lançamentos dos Livros, junto da equipe, sempre envolto na dinâmica constante de pessoas circulando pela Feira e participando dos Lançamentos. Das bandejas de brigadeiros às toalhas de mesa floridas que coloriam os livros, passando pelos rostos orgulhosos dos autores, por seus autógrafos, pelas línguas diversas que eram escutadas no interior do recinto, pelos agradecimentos e falas sobre as pesquisas de cada um, os Lançamentos de Livros foram sendo construídos, ao mesmo tempo em que ajudaram a construir o Congresso.

Juliana Okawati

Os lançamentos dos livros aproximaram autores e leitores de diversos contextos. Ainda que dentro de um congresso de Antropologia, o fato de os lançamentos ocorrerem em espaços de circulação aberta – Reitoria e Museu – e no horário comum ao almoço, 12h às 14h, possibilitou que a Antropologia chegasse também nas muitas pessoas que ali tiveram seu primeiro contato com essa ciência, ultrapassando as fronteiras do 18th IUAES World Congress.

Abordada com frequência por pessoas que cruzam aquele espaço diariamente, fui por diversas vezes questionada sobre do que se tratava o evento. Ao explicar, tentando não limitar minha resposta ao nome do congresso, expandi as conversas, discorrendo sobre essa ciência da alteridade, suas diversas áreas de atuação, campo etc., percebendo ali uma possibilidade de trocas. Foi notório o despertar e interesse de tantas pessoas que por ali passaram. Algumas aproveitaram para adquirir livros, para conversar com autores, conhecer um pouco mais, até mesmo retornando em outros momentos.

Giselle Guilhon

Um dos momentos mais emocionantes da minha experiência de contato com os autores – e que marcou a passagem do contato virtual para o contato presencial – se deu na quarta-feira, 18 de julho, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Prestes a dar início ao *workshop* “Retorno ao Corpo”, em parceria com as colegas de *Open Panel* Ana Cláudia Costa (UFPA), Natacha Muriel (UFC) e Patricia Aschieri (UBA), sugeri (em Inglês, Espanhol e Português) que os participantes se apresentassem. No intuito de fazer uma rodada de apresentações em sentido anti-horário, direcionei o olhar para a pessoa mais à minha direita da sala – uma senhora alta, branca, de olhos claros e cabelos grisalhos –, indicando que se apresentasse. A simpática senhora se levantou da cadeira, deu alguns passos na minha direção e disse com forte sotaque britânico: “Hello, Giselle! I’m Joy! Joy Hendry, the english author you’ve been talking to for months!”. Levei alguns segundos para responder, como quem tenta assimilar um holograma que acaba de saltar do computador... dizendo, finalmente: “Hello, Joy!!! What a Joy full surprise!!! It’s a pleasure to meet you in person!!! Abracei calorosamente a autora inglesa de origem escocesa, Joy Hendry, professora emérita da Oxford Brookes University, em Oxford, UK. Dez dias após o encerramento do Congresso, enviei um e-mail aos autores, perguntando se gostariam de contribuir com nossa etnografia. Joy estava entre os autores que responderam:

Fiquei muito feliz em poder oferecer meu livro didático aos brasileiros e outros professores antropólogos, e a melhor parte foi que um deles se ofereceu para traduzi-lo para o Português. A editora e eu estamos muito satisfeitas e esperamos que haja uma editora brasileira disposta a publicá-lo. *Compartilhando Nossos Mundos: uma Introdução à Antropologia Social e Cultural* já está disponível em Japonês, Grego, Turco e possivelmente Mandarim, então seria bom adicionar outra língua importante. O livro vende bem para alunos do primeiro ano e os ajuda a começar a entrar no campo, então eu adoraria pensar em estudantes brasileiros fazendo o mesmo (Joy HENDRY).

Os antropólogos norte-americanos Betty Harris e Ed Sankowski, da University of Oklahoma, autores do livro *Some Problems and Possibilities for Sustainable Development*, também nos enviaram um pequeno relato:

Edward Sankowski e eu corremos de nossa quarta e última sessão do *Open Panel* que coordenávamos para os Lançamentos de Livros. Ed trouxera uma maleta para o campus contendo nossos livros para facilitar o transporte para a universidade. Chegamos um pouco tarde e Suzanne Hanchett indicou que o nome de Ed tinha sido chamado. Quando seu nome foi chamado pela segunda vez, juntei-me aos nossos anfitriões, incluindo Miriam Grossi, para apresentar brevemente nosso livro. Mesmo assim, o nome de Ed foi chamado novamente, e ele também se juntou aos nossos anfitriões para discutir o livro. Cada apresentador foi aplaudido entusiasticamente. Ed e eu nos sentamos à nossa mesa e separamos os livros, dois dos quais seriam doados para a biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina. Quando perguntamos, alguém [Guilherme] foi enviado para receber os dois livros. Nós tínhamos lanches gostosos em uma bela toalha, enquanto conversávamos com compradores e trocávamos informações com Suzanne Hanchett na mesa ao lado. No final do Lançamento de Livros, conhecemos Juliana Andrade Okawati, estudante de pós-graduação em Antropologia da UFSC. Ela sentou-se conosco e discutiui seu passado familiar, a Antropologia e a História do estado [de Santa Catarina] e do Brasil. Seu marido também tem antecedentes poloneses. Ela está pensando em ir para a Europa para

obter um PhD. Que experiência interessante e divertida! (Betty HARRIS and Ed SANKOWSKI).

A antropóloga estadunidense Suzanne Hanchett – cofundadora da Companhia Planning Alternatives for Change (PAC), com sede em Pasadena, Califórnia, USA, e atual gestora (2017–2018) da ONG International Women’s Anthropology Conference (IWAC), com sede em Nova York, USA –, citada na narrativa de Betty Harris e Ed Sankowski, também nos enviou algumas linhas: “Adorei a oportunidade de participar dos Lançamentos de Livros no IUAES deste ano. Minha única sugestão, no sentido de aprimorar, para uma próxima vez, é de que organizem as apresentações dos autores num espaço mais silencioso. Meus agradecimentos pela grande hospitalidade!”. Suzanne lançou o livro *Water Culture in South Asia: Bangladesh Perspectives*.

A antropóloga Laura Graham, da Universidade de Iowa, USA, com quem tive uma intensa troca de e-mails ao longo de todo o processo de organização dos Lançamentos, escreveu em meados de agosto:

Você recebeu as cópias que enviei? Fiz uma dedicatória num deles para você. Ficarei na aldeia Xavante até 18 de agosto e é difícil pensar em escrever algo agora. Tive a impressão, pelo menos na sessão dos lançamentos de Etnologia Indígena, que os autores falavam entre si. Teve pouco público, além dos próprios autores. Só isso, nesse momento. Mesmo assim, foi uma experiência boa e gostei.

De fato, havia menos gente circulando na sessão do dia 16 de julho do que nas outras sessões de Lançamentos, uma vez que era o primeiro dia do Congresso e muitos ainda estavam chegando e/ou se ambientando. Os dois exemplares do livro de Laura Graham – *Performance de Sonhos: discursos de imortalidade Xavante* – chegaram às minhas mãos em fins de julho. Só fui reparar que havia uma dedicatória para mim em um deles quando fomos – Juliana, Guilherme, Márcia e eu – depositar os livros na Biblioteca da UFSC. Isso aconteceu no dia 31 de julho de 2018, por volta do meio-dia, uma

hora antes, portanto, da Reunião de Avaliação do Congresso, conduzida por Miriam Grossi e Tânia Welter, da qual participamos com as demais Comissões organizadoras do 18th IUAES.

O autor Celso de Brito, da Universidade Federal do Piauí, também nos enviou uma pequena contribuição: “Lançar meu primeiro livro em um clima descontraído e, ao mesmo tempo, enobrecido pela presença de muitos antropólogos renomados, tornou-se algo significativo em minha trajetória acadêmica. Fico muito satisfeito por ter realizado meu ‘ritual de iniciação’ no universo editorial da Antropologia durante o 18th IUAES”. Celso lançou o livro *A Roda do Mundo: a Capoeira Angola em tempos de globalização*. Fui até sua mesinha de autógrafos no final da sessão de lançamentos de quinta-feira, 19 de julho, propondo que trocássemos nossos livros: um exemplar, à sua escolha, da Coleção Antropologia da Dança, por um exemplar de seu livro sobre Capoeira. *Dealed!*

Lançar coletivamente os 4 volumes da Coleção “Antropologia da Dança” no 18th IUAES *World Congress*, contando com a presença de seis autoras de artigos da Coleção – Ana Cláudia Costa, Ana Cláudia de Carvalho, Arianne Gonçalves (doutorandas no PPGArtes/UFPA), Daniela Marulanda (doutoranda no PPGAC/UFBA), Karin Vêras (recém-doutora pelo PPGAC/UFBA) e Patricia Aschieri (docente na Universidade de Buenos Aires), que tive o prazer de receber (todas, exceto Daniela e Karin) em minha casa, foi uma experiência prazerosa e gratificante, que levarei na memória como um dos registros e resultados mais importantes de nossa intensa colaboração.

Pós-liminaridades – retorno à vida normal?

Guilherme Laus

Passados dez dias do término do Congresso, sinto que já consegui digerir boa parte do sentimento de êxtase que me envolveu entre os dias dezesseis e vinte de julho de 2018. Durante uma semana, o ato de sentar se limitou às *Keynotes* noturnas ou a um Painel ou outro que consegui adentrar pela metade. Porém, toda a experiência do Congresso se mistura a uma

ambiguidade feliz, vivenciada por alguém que trabalhou e se esforçou fazendo o que gosta; experimentando, simultaneamente, o cansaço e o orgulho compartilhados de companheiras e companheiros de estudo que se debruçaram por muito tempo – meses, anos – para que tudo funcionasse de forma eficaz em cinco dias específicos. E funcionou! Muito bem, por sinal!

Referências

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. *Desvendo evidências simbólicas*. Compreensão e conteúdo emancipatório da Antropologia. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2018.

DURKHEIM, Emile. *Fato social e divisão do trabalho*. Apresentação e comentários de Ricardo Musse. São Paulo: Ática, 2007.

LACAN, Jacques. *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Versão brasileira de M. D. Magno)

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Perspectivas do Homem. Tradução de Jorge Constantino Pereira. Lisboa: Edições 70, 1986.

OLIVEIRA, Luís R. Cardoso de. *Desvendando evidências simbólicas*. Compreensão e conteúdo emancipatório da Antropologia. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2018.

TURNER, Victor. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Tradução de Michele Markowitz e Juliana Romeiro. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2015.

ANEXO I

Lista geral de autoras/es, organizadoras/es, editoras/es que participaram dos lançamentos de livros no 18th IUAES

Alberto Groisman (UFSC)
Aldo Litaiff (UFSC)
Alejandra María Rodríguez Guarín (UNICOMFACAUCA, Colômbia)
Alexandre Ferraz Herbetta (UFG)
Alicia Norma Gonzáles de Castells (UFSC)
Alinne de Lima Bonetti (UNIPAMPA)
Ana Claudia Moraes de Carvalho (UFPA)
Ana Cláudia Pinto da Costa (UFPA)
Ana Maria Ramo y Affonso (UFSC)
Ana Paula Mendes de Miranda (UFF)
Ângela Maria de Souza (UNILA)
Angela Mercedes Facundo Navia (UFRN)
Antonádia Borges (UnB)
Antonella Maria Imperatriz Tassinari (UFSC)
Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)
Arianne Pimentel Gonçalves (UFPA)
Arturo Manuel González Rosas (ENAH, México)
Beatrice Cavalcante Limoeiro (UFRJ)
Beleni Saléte Grandó (UFMT)
Berenice de Almeida (Grupo Mawaca)
Betty J. Harris (University of Oklahoma, EUA)
Bianca Ferreira Oliveira (doutora pela UFSC)
Bruno Martins Morais (Centro de Trabalho Indigenista – CTI)
Caio Nobre Lisboa (mestrando UFPB)
Camilo Albuquerque de Braz (UFG)
Carlos Eduardo Henning (UFG)
Carlos Maroto Guerola (UNILAB)
Carlos Steil (UFRGS)
Carmen Rial (UFSC)
Carolina Buenrostro Pérez (ENAH, México)
Caroline Soares de Almeida (UFSC)
Celso de Brito (UFPI)
Christina de Rezende Rubim (UNESP)
Clara Saraiva (UNAL, Portugal)
Clarissa Rocha de Melo (ASIE/MEC – Núcleo UFSC)
Claudia Fonseca (UFRGS)
Cláudia Fonseca (UFRGS)
Claudia Turra Magni (UFPel)
Cristina Amescua Chavez (UNAM, México)

Cristina Patriota de Moura (UnB)
Daniel Calazans Pierri (Centro de Trabalho Indigenista – CTI)
Daniel Tavares (UFAM)
Daniela Botero Marulanda (doutoranda UFBA)
Danieli Vieira (IFSC)
Débora Allebrandt (UFAL)
Deise Lucy Oliveira Montardo (UFAM)
Denise Fagundes Jardim (UFRGS)
Deyse de Fátima do Amarante Brandão (doutoranda UFRN)
Dijna Andrade Torres (doutoranda UFSC)
Doris Dornelles de Almeida (UFV/ doutoranda na Roehampton University, Inglaterra)
Dwight Read (University of California, EUA)
Edith Perez Flores (CRIM, México)
Ednalva Maciel Neves (UFPB)
Edviges Marta Ioris (UFSC)
Edward Sankowski, (University of Oklahoma, EUA)
Elena Nava Morales (UNAM, México)
Elisete Schwade (UFRN)
Emerson Giumbelli (IFRGS)
Emilene Leite de Sousa (UFMA)
Érica Quinaglia Silva (UnB/UFPA)
Esther Jean Langdon (UFSC)
Esther Pillar Grossi (UFSC)
Everton de Oliveira (Unicamp)
Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama (UFRGS)
Fabiola Rohden (UFRGS)
Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA)
Fernanda Cruz (UFSC)
Flávia de Mattos Motta (UDESC)
Flavia Medeiros (UFF)
Florian Mühlfried (Friedrich Schiller Universität Jena, Alemanha)
Frederico Policarpo (UFF)
Gabriela Zamorano Villarreal (El Colegio de Michoacán, México)
Gabriel O. Alvarez (UFG)
Giselle Guilhon (UFPA, em Colaboração Técnica com a UFSC)
Gláucia de Oliveira Assis (UDESC)
Gláucia Maricato (UFRGS)
Guilherme Gitahy de Figueiredo (UEA)
Gustavo Ruiz Chiesa (UNIPAMPA)
Heloisa Paim (UFRGS)
Henry Trindade Barretto Filho (UnB)
Janaina Santos de Macedo (doutoranda UFSC)
Jeana Laura da Cunha Santos (UFSC)
João Batista de Jesus Felix (UFF)
Joelma de Souza Azevedo (UFF)

John Dawsey (USP)
José Exequiel Basini Rodriguez (UFAM)
José Nilton de Almeida (UFPE)
Joy Hendry (Oxford Brookes University, UK)
Juan Manuel Saldivar Arellano (Universidad Autónoma de Tamaulipas, México)
Juliana Akemi Andrade Okawati (ASIE/MEC – Núcleo UFSC)
Junji Koizumi (Osaka University, Japão)
Karin Maria Vêras (recém-doutora pela UFBA)
Larissa Costa (UFRGS)
Laura R. Graham (The University of Iowa, EUA)
Lays Cruz Conceição (doutoranda UFSC)
Leni Rodrigues Coelho (UEA)
Leonardo Schiocchet (Austrian Academy of Sciences, Áustria)
Lourdes Arizpe (UNAM, México)
Lucas Besen (UFRGS)
Lucia Eilbaum (UFF)
Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (UFPB)
Luis Felipe Kojima Hirano (UFG)
Luís Roberto Cardoso de Oliveira (UnB)
Magda Pucci (Grupo Mawaca)
Mara Viveros Vigolla (UNAL, Colômbia)
Marcia Calderipe (UFAM)
Marcia Grisotti (UFSC)
Marcin Brocki (Jagiellonian University, Polônia)
Marco Aurélio Paz Tella (UFPB)
Marcos Alexandre Dos Santos Albuquerque (UERJ)
Marcos Alexandre Veríssimo da Silva (UFF)
Marcos Castro Carvalho (pós-doutorando UFPB)
Maria Acselrad (UFPE)
Maria Dorothea Post Darella(UFSC)
Maria Eugenia Domínguez (UFSC)
Maria Stella Amorim (UFF)
Mariane da Silva Pisani (UFSC)
Mariano Baez Landa (UFG)
Marina Denise Cardoso (UFSCAR)
Maristela de Paula Andrade (UFMA)
Marko Monteiro (Unicamp)
Marlene Tamanini (UFPR)
Marta Amoroso (USP)
Melina de la Barrera Ayres (UFSC)
Miriam C. M. Rabelo (UFBA)
Miriam Pillar Grossi (UFSC)
Mónica Franch (UFPB)
Nadia Heusi Silveira (UFSC)
Nicanor Rebolledo Resendíz (UNP)
Núbia Litaiff Moriz Schwamborn (UEA)

Olavo Ramalho Marques (UFRGS)
Olivia von der Weid (pós-doutoranda IESP/UERJ)
Patricia Cristina Aschieri (UBA, Argentina)
Patrícia dos Santos Pinheiro (pós-doutoranda UFPB)
Paula Sandrine Machado (UFRGS)
Paulo Raposo (UERJ)
Pedro Francisco Guedes do Nascimento (UFPB)
Pedro Martins (UDESC)
Pedro P. Ferreira (Unicamp)
Petr Skalník (University of Wroclaw, Polónia)
Priscila Noernberg (UFSC)
Rafael José de Menezes Bastos (UFSC)
Renzo Romano Taddei (UNIFESP)
Roberto Kant de Lima (UFF)
Roberto Marques (URCA/UECE)
Robson Fonseca (UFSC)
Rodrigo Cantos Savelli Gomes (Prefeitura Municipal de Florianópolis)
Rodrigo Toniol (Unicamp)
Rômulo Labronici (UFF)
Rose Mary Gerber (UFSC)
Sabrina Deise Finamori (UFMG)
Sandra Rubia da Silva (UFSM)
Sônia Weidner Maluf (UFSC)
Soraya Fleischer (UnB)
Suzana Cavalheiro de Jesus (UNIPAMPA)
Suzanne Hanchett (PAC / IWAC, USA)
Talitha Miriam do Amaral Rocha (UFF)
Tânia Welter (Instituto Egon Schaden)
Teophilos Rifotis (UFSC)
Tereza Fradique (UNL, Portugal)
Vânia Zikán Cardoso (UFSC)
Vitor Richter (UFRGS)

ANEXO II

Lista de Autoras/es Indígenas que participaram dos Lançamentos de Livros no 18th IUAES

LIVRO GUARANI TAPE MBARAETE ANHETENGUA – FORTALECENDO O CAMINHO VERDADEIRO

Adailton Kuaray Moreira
Adriana Moreira
Adriano de Oliveira
Adriano Morinico
Afonso Cláudio Karaí
Ailton Silveira Júnior
Alexandro Ortega Gonçalves
Angélica Benites
Augustinho Moreira
Augustinho Moreira
Carlos da Silva
Cecília Brizola
Celita Antunes
Clarice de Souza Padilha
Cláudio Ortega Mariano
Cleber Ailton de Souza
Daniel Crescêncio
Daniel Timóteo Martins
Darci da Silva
Davi Timóteo Martins
Denise Monteiro Vieira Adam
Eliezer Vera Antunes
Elizandro Karaí Antunes
Elizete Antunes
Eunice Antunes
Fabiano Alves
Fábio da Silva
Gennis Martins Timóteo
Gislaine Fagundes
Gislaine Fagundes
Inácio da Silva
Irineu Benite
Irineu Ortega Mariano
Ismael de Souza
Joana Paula Fagundes

Joana Vangelista Mongelo
João Batista Antunes
João Batista Gonçalves
Joel Ramires
Jorge Ortega Mariano
José Benites
Juçara de Souza
Julia Gracieli Pereira Narsizo
Lucas Oliveira da Silva
Marcelo Benite
Márcia Antunes Martins
Márcia Macena
Márcia Mariano
Marco Antonio Oliveira da Silva
Marcos Moreira
Marinês da Silva
Mayara M. L. Padilha
Mônica Ribeiro Raimundo
Nico de Oliveira Vera
Nilton da Silva
Nirio da Silva
Norberto Martines
Quirina Gonçalves
Raiane Benites Samaniego
Regina Gabriel Costa
Ricardo Benite
Rodrigo Benites
Ronaldo Costa
Samuel de Souza
Santa Lopes
Santiago Oliveira
Simone Matias de Oliveira
Tiago Timóteo
Wendefly de Freitas e Silva

Adair Correia da Silva	Cleia Salvador
Adair Pacífico	Cléverson Mendes
Ademir Garcia	Creide Alípio
Adilson Barbosa	Cristiane Noeli Pinheiro Lemes
Adilson Floriano	Cristiane Norberto
Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazi	Cristina de Fátima Silva
Adriana Ferreira da Cruz da Silva Milioransa	Daiane Ribeiro Lemos
Adriana Loureiro Rodrigues	Dalgir Pacífico
Adriane de Veiga	Daniel Cadete
Adroaldo Antonio Fidélis	Daniel Scheren da Cruz
Alcides Jacinto*	Ederson Kofej Nascimento
Alcione Belino de Almeida	Edilvania de Paula dos Santos
Aldacir Valendorf de Almeida	Edimara Alves
Aldecir Alípio dos Santos	Edite Mendes
Alécio de Paula	Eliane Gaspar Alípio
Alexandra Vãn Fej Paliano	Eliel Inácio
Alexandre da Veiga	Elielson Belino
Altair Alves de Oliveira	Elinei Pedroso
Altemiro Alves de Oliveira	Elisandra Pedroso
Ana Márcia Gonçalves	Elisane Ungrej Ferreira Doble
Ana Paula Narsizo	Elizangela dos Santos
Anderleia Aparecida Kegir Jacinto	Elizete Neris
Anderson Vieira	Elizete Pedroso
Andreia Francisco	Eloir Gonçalves
Angélica Nascimento Fernandes	Ercílio Gaspar
Anisia Fátima Magistralli Belino	Eva Feliciano
Antonio de Oliveira	Ezequiel da Silva
Ari Neris	Ezoneide Alípio
Arilson de Oliveira Belém	Fabrizia Krig Paliano
Armindo Pinto	Fátima Copatti Belino
Arnaldo Alves de Assis	Felipe dos Santos
Belarmino da Silva	Felipe Luiz Montemezzo
Bernardo Rodrigues	Geomir Fortes
Bruna Laís Turra	Geovani Pinheiro
Carina Inácio	Géssica P. da Silva
Catarina Roque	Getúlio Narsizo
Cátia Moreira	Geziane dos Santos
Celestiel Kri da Silva	Gilmar Mendes dos Santos
César dos Santos	Giova Inácio
Charlene Lopes	Graciele Belino
Charles Marcos Luiz	Iara Campolim
Clair Roque	Indiamara de Oliveira
Clarice Paliano	Irene Antunes de Oliveira
Claudemir Pinheiro	Ivania Mendes

Ivanir de Oliveira
Izoleide Alípio
Jairo Narcizo
Jaison Ferreira
Janete da Veiga
Janete de Paula
Janete Ferreira
Janice Domingos
Jeciane Alves de Oliveira
Jeferson Mytanh Nascimento
Jéssica Aparecida Rodrigues
João Batista Antunes
João Carlos dos Santos
João Maria Pinheiro
Joaquina Jymi Fej da Silva
Jocemar Kovenh Garcia
Joel de Oliveira
Joice Paliano
Jonatas de Oliveira
Jorge Nascimento
Josiana Gonçalves
Jubis Nascimento Fernandes
Juciane Pinheiro
Jucimara Gonçalves
Juliana Teresinha de Oliveira
Jurema de Fátima de Oliveira
Jussara de Oliveira Belém
Jussara Lopes
Juvenal Norrigga Mendes
Laudineia Tanh Kanhero dos Santos
Leci Pinheiro
Lenir Pinheiro
Levi Feliciano
Librantina Belino
Lirio Cassol
Lirio Costa dos Santos
Loreni Nojrig Paulo
Lucas Antônio Junior Antunes de Lima
Lucas Garcia
Luciano Fernandes
Luiz de Paulo
Márcia Campos Novos Rodrigues
Márcio Pinheiro
Marcos Roberto Fernandes
Maria Santina de Oliveira
Maria Santina de Paulo
Mariane de Almeida Paulino

Marilde Luiz
Mário Antunes
Marizete Antunes
Marizete da Veiga
Maura Fumagalli
Michele de Carvalho dos Santos Borba
Mirian Antunes
Moacir Francisco
Nilson Belino
Nilton Belino
Odair Victor dos Santos
Paulo Márcio Pinheiro
Pedro Alves de Assis
Pedro de Oliveira
Priscila Neris
Quezia Ferreira dos Santos
Raquel Roque
Rodrigo S. da Rocha
Ronelsson Luiz
Rosane da Silva
Roseni dos Santos
Rosilei Barbosa
Rute Barbosa de Paula
Sanara Mefej Salvador
Sandra de Oliveira
Sandra de Paula
Sandro Alves da Silva
Santa Maria Antunes
Silmara dos Santos
Silvones Karai Martins
Simone Tomas
Simoni Fernandes
Sirlei Alves de Assis
Sirlene Jagneri Neris
Solange Refe Loureiro
Sonia da Luz Oliveira Borges
Sonia Mara Luiz
Suzana Neres
Terezinha Guerreiro Ercigo
Valdecir Aires Paulo
Valdelir Pinheiro
Valdemir Pinheiro
Valdir Belino
Valéria Feliciano da Silva
Valmor Venhrá Mendes de Paula
Vanda de Oliveira
Vanisse Domingos
Volmir Palhano

LIVRO LAKLĀNŌ–XOKLENG *Āg tō Laklānō–Xokleng āg jákle vānhló zi kũ: āg jóba mē óg jávān kũ tō óg ze jógpalag já. Consciência Laklānō–Xokleng em ação: jeitos de ensinar e aprender na terra indígena Laklānō*

Abraão Kovi Patté
Acir Caile Priprá
Adelina Patté
Alair Patté
Alfredo Namblá Priprá
Altieres Nandjavu Priprá de Almeida
Amanda Patté
Anderléia S. C. da Silva
Átila Mokli Patté
Bela Vacra Aihú Ndili Weitchá
Berenice Ndili
Carli Caxias Popó
Cleber Christiano França
Coctá Camlém
Copacãm Tschucambang
Cuvei Clendo
Cuvei Clendo
Cuvei Clendo
Edione Ioô Weitchá
Edison Rodrigo Pinheiro da Silva
Edu Priprá
Eloísa Sueli França
Elton Vaipon Weitchá
Fernando Mongconan Reis
Indiamara Doeie Priprá
Isabela Patté
Ivo Clendo
Jaciará Kuwü P. de Almeida
Jair Ghoguin Crendo
João Adão Nunc–Nfoonrom
João Criri
João Patté
Joaquim Mõngconã
José Cuzugn Ndili
Josefina da Silva (Telé)
Josiane Tschucambang
Kan Man Criri
Keli Regina Caxias Popó

Kundin Camlém
Kundin Ndilli
Kuvei (Paulo) Weitchá
Kuvei (Paulo) Weitchá
Lalan Priprá
Laura Patté
Lenise Sabrina Firintain Patté
Lilian Patté dos Santos Lemos
Margarete Patté
Maria Kula Patté
Maria Patté
Marili de Almeida
Marlene Patté
Melissa Mõngconã
Micael Vaipon Weitchá
Miriam V. P. de Almeida
Nacau Gakran
Nandjá Patté
Nbu Paula Martins
Ndilli Jeremias Patté
Neli Ndili
Neuton Calebe Vaipão Ndili
Nisceia Culá Martins
Osias Patté
Patté Vanhecú Filho
Rodrigues Pinto Reis
Rosa Priprá
Silvana Gonçalves
Solange Kavan Patté
Vacla Bela Camlem
Vanda Camlem (Nuten)
Vilma Couvi Patté Cuzugni
Voie Camlém
Vougcé Camlém
Walderes K. P. de Almeida
Willi Ndilli
Youo Maurina Ingaclã

ANEXO III

Relação de instituições, empresas, órgãos e ONGs representadas nos Lançamentos de Livros do 18th IUAES

Alemanha

Friedrich Schiller Universität Jena

Argentina

Universidad de Buenos Aires

Austria

Austrian Academy of Sciences

Brasil

Grupo Mawaca

Centro de Trabalho Indigenista – CTI

Escola Básica Antônio Paschoal Apóstolo

Prefeitura Municipal de Florianópolis

Região Norte

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Universidade Federal do Pará – UFPA

Universidade Federal de Tocantins – UFT

Região Nordeste

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Universidade Regional do Cariri – URCA

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Região Centro-Oeste

Universidade de Brasília – UnB

Universidade Federal de Goiás – UFG

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

Região Sudeste

Universidade de Campinas – Unicamp

Universidade de São Paulo – USP

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Universidade Federal Fluminense – UFF
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Universidade Federal de Viçosa – UFV

Região Sul

Instituto Egon Schaden
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Universidade Federal do Paraná – UFPR
Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
Universidade Federal de Pelotas – UFPEl
Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Colombia

Corporacion Universitaria Comfacauca
Universidad de Antioquia
Universidad Nacional de Colombia – UNAL
Universidad Pedagógica Nacional

Czech republic

Univerzita Hradec Králové

EUA

International Women’s Anthropology Conference – IWAC
Planning Alternatives for Change – PAC
University of California – UCLA
University of Iowa
University of Oklahoma

Japan

Osaka University

Mexico

Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias
El Colegio de Michoacán
Escuela Nacional de Antropología e Historia – ENAH
Universidad Autónoma de Tamaulipas
Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM

Poland

Uniwersytet Jagielloński (Jagiellonian University)

Uniwersytet Wrocławski (University of Wrocław)

Portugal

Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE

Universidade Nova de Lisboa – UNAL

United Kingdom

Oxford Brookes University

Roehampton University

Comissão de bem-estar do 18th IUAES: um encontro de mundos, um mundo de encontros

Alexandra Eliza Vieira Alencar
Ana Cláudia Mastrocola Garcia
Camila Sissa Antunes
Cinthia Creatini da Rocha
Giselle Guilhon
Karin Maria Vêras
Marinês da Rosa

e toda a nossa Egrégora¹

Foi em uma das primeiras Reuniões Gerais de organização do 18th IUAES que a semente da Comissão de Bem-Estar se infiltrou em solo fértil. Quando uma de nós “brincou” (com certo ar de seriedade) dizendo que precisaríamos de muita respiração, massagens e toda a energia possível para levarmos a “empreitada” do Congresso adiante, de imediato a coordenadora geral do evento, Professora Miriam Pillar Grossi, anunciou que, de fato, esta seria uma frente de trabalho desejável e que teríamos muito a contribuir. Naquele diálogo, uma inquietação surgiu de maneira especial: um misto

1 Egrégora provém do grego *egrégoioie* designa a força gerada pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais de duas ou mais pessoas, quando se reúnem com qualquer finalidade (<https://osegredo.com.br/voce-sabe-o-que-e-uma-egregora/>). Este texto foi produzido coletivamente por um grupo de mulheres e é permeado por “atravessamentos outros” desconhecidos. A autoria é múltipla e marca nossa postura epistêmica-política em afirmar que o conhecimento não é fruto de um processo individual, mas é sempre produzido na interação de ideias fractais.

de sensações conduzindo o pensamento a se deleitar sobre a potência (e urgência) em assumir uma comissão que prezava, justamente, a importância de orquestrar o campo sutil, imanente das relações que se consolidavam e que estavam por vir, visíveis e invisíveis. De outra parte, ecos de uma tendência acadêmica racional poderiam fazer com que aquele “chamado” ou convite fosse menosprezado, uma vez que no universo intelectual é com o paradigma da supremacia da mente que estamos acostumados a operar.

Neste sentido, as experiências vivenciadas por nossa Comissão e por tod@saquel@s que, de um modo ou outro, foram “afetados” por ela, trouxeram aprendizados deveras instigantes. Mergulhar nessa missão foi tarefa para algumas, poucas, mas preciosas mulheres que se somaram para manifestar seus dons. Cada uma, um misto de trajetórias distintas, mas muito similares também. Somos pesquisadoras, estudantes, antropólogas, dançarinas, cantoras (ainda que de banheiro), mães, esposas, filhas, artistas, negras, brancas, praticantes de terapias alternativas, professoras (de distintas áreas), militantes, feministas – dentre outras tantas atuações que nos fazem acreditar que para tornar o mundomais humano, precisamos ecoar diariamente práticas de autocuidado e bem-estar. Assumimos, neste coletivo, o propósito de – em uma dimensão micro do fractal mobilizado entre tantas outras redes e comissões atuantes na organização do evento – fazer (como de fato fizemos) “a diferença”. Gabriel Tarde (2007), em uma síntese da complexidade de seu pensamento, afirma que “o real é um caso do possível”. Pois bem, a Comissão de Bem-Estar foi um dos possíveis realizáveis durante o 18th IUAES. Trabalhamos canalizando o equilíbrio emocional, espiritual, intelectual e energético, prezando as relações entre os envolvidos no processo de organização do evento e, posteriormente, com os participantes, durante a sua realização.

Para nós, escrever este *paper* atravessado pelas mãos de sete mulheres, todas aptas, por formação, a fazer da Antropologia um ofício nobre, implica reafirmar aquilo que Roy Wagner (2010) estabeleceu sobre o diferencial de nossa disciplina: não reduzir a alteridade a uma tipologia social, mas reconhecer os diferentes estilos de *criatividade*, que correspondem a

diferentes modos de entendimento. Sendo assim, ao atuarmos na interface do fazer antropológico e da promoção do autocuidado e do bem-estar – por meio de vivências em distintas práticas psicofísicas terapêuticas – como princípios fundantes das relações que permearam o 18th IUAES, apostamos que este trânsito seria possível, criativo e desejável, entre dimensões e/ou mundos que nos compõem (de dentro pra fora e de fora pra dentro), individualmente e coletivamente.

Deveras, alguns irão pensar que o título desta breve reflexão é pouco original, um “copiar-colar” do mote do próprio Congresso. Mas consideramos que não poderia ser melhor o encaixe para sintetizar a atuação de nossa Comissão: percorremos mundos com nossas práticas de bem-estar, universos internos de cada pessoa que ousou embarcar conosco; espaços-tempos outros que diluíram tensões das demandas urgentes que foram solucionadas (sempre) da melhor forma possível; estimulamos a empatia, para que cada um@ se colocasse no lugar do outro e partilhasse algumas emoções bastante profundas que, ao virem à tona, evidenciaram o quanto a comunicação sem palavras é efetiva; realinhamos a autoconfiança pessoal e coletiva; chamamos a presença de nossos ancestrais, de cada um@ que se fez presente neste plano e em outros, imagináveis ou não.

Inicialmente, as práticas foram dirigidas @ colegas (estudantes e professor@s da UFSC) que estavam envolvid@s com a organização do evento. Por quase três meses (foram onze semanas), até os preparativos finais para o começo do 18th IUAES, nos encontramos semanalmente para práticas de bem-estar oriundas de diversas vertentes, tais como da tradição afro-brasileira, do yoga, das abordagens psicossomáticas europeias (massoterapia e osteopatia), do reiki, dentre outras. Compusemos, assim, uma Comissão de Bem-Estar eclética e transdisciplinar, como também ousada e periférica, pois que aberta aos saberes e fazeres diversos e, muitas vezes, divergentes da construção de conhecimento habitual do campo antropológico. Nesta que foi considerada a primeira etapa do trabalho resultante da Comissão de Bem-Estar, as atividades foram realizadas conforme planejamento e organização da equipe. Foram grandes os aprendizados desses

momentos, vivências direcionadas como parte da necessidade de “estarmos bem”. Nessas atividades prévias ao evento, abarcamos um total de mais de cinquenta pessoas em dez diferentes práticas.

As práticas realizadas estiveram orientadas por diferentes tradições. Naquelas pautadas nos referenciais e valores da cultura afro-brasileira trabalhamos as ancestralidades, oralidades, o movimento pela coletividade e comungabilidade. Nessa proposta, a intenção foi potencializar os encontros entre membros das equipes de organização, motivando a descoberta conjunta e o poder da presença de cada um@. Por sua vez, as práticas assentadas nas vertentes de tradição oriental, como o yoga, trouxeram um conjunto de benefícios físicos, emocionais e psíquicos, comprovando a eficácia de ferramentas e recursos simples que nos levam a ampliar a consciência, respirar com qualidade (lenta e profundamente), alongar o corpo com movimentos integrados, silenciar a mente conectando-se ao momento presente, relaxar e ativar energias que podem “ser” parte de nosso cotidiano constantemente. Já nos momentos de massagens, toques, posturas conjuntas, abraços, rodas, ou seja, quando estivemos fisicamente atreladas umas às outras, manifestamos e sentimos o alento de acolhermos e sermos acolhidas. Nesse sentido, trabalhamos, especialmente para o Congresso (e também para a vida!) o sentimento de que cada um@ exerce a autorresponsabilidade em cuidar de si, realizar e cumprir suas tarefas pessoais, mas sempre com a consciência de que vivemos em sociedade e de que, portanto, nossa natureza é contarmos umas com as outras, uns com os outros.

Além dessas práticas programadas e realizadas em um espaço de bem-estar que esteve em funcionamento durante o congresso, ou em outros espaços no período pré-congresso, e que atenderam, em geral, a grupos de até dez pessoas, conduzimos outros três momentos que abarcaram um público bem maior. O primeiro desses encontros foi realizado no encerramento da última reunião-oficina, voltada para os monitores da UFSC que trabalhariam no Congresso. Ali fizemos um grande círculo, mexemos e soltamos nossos corpos, respiramos com vigor, equalizamos a estrutura física. Envolvermos o grupo em uma dinâmica de movimento coletivo, denominada “cardume”, no

intuito de potencializar, por meio desta técnica, o sentimento de família que a equipe formava. Concluímos essa interação com o toque afetivo no colega, massagens e abraços que passaram a ser “instituídos” como ações corriqueiras entre aquel@s que pertenciam à organização do evento. Para algum@s, “tocar” ou receber o “toque” do outro pode ter gerado sensações diversas. Procuramos enfatizar que o corpo de cada um@ é um templo a ser reverenciado e, assim, mantendo-nos nessa proposta, com respeito, confiança e admiração, fomos rompendo com certos padrões culturalmente arraigados, que muitas vezes estão latentes, a exemplo da aversão ao toque, especialmente no interior do universo acadêmico.

A segunda grande dinâmica realizada, já durante o 18th IUAES, envolveu a comissão de monitores chegados de distintas partes do país. O grupo de quase cem pessoas estava pronto para receber as informações pertinentes à atuação de cada um@em atividades específicas do evento, quando fizemos nossa apresentação, envolvendo-os em movimentos de alongamento, concentração e relaxamento do corpo e da mente. Naquele momento, ao olhar para as expressões de boa parte d@s presentes na sala, havia um misto de estranhamento e curiosidade. Talvez por estarem vivenciando uma situação que dificilmente seria imaginada como experiência dentro da universidade. O que é interessante- se é justamente através da antropologia e do método etnográfico que nos colocamos aptos a vivenciar diferentes possibilidades de aprendizado no contato com o outro e em lugares que geralmente desconhecemos as condutas e posturas desejadas-, de repente @s monitor@s se viram mergulhad@s em uma situação de “choque cultural” diante do inesperado dentro daquele ambiente racionalizado.

Nossa última e marcante presença ocorreu após a Cerimônia de Encerramento do 18th IUAES. A Comissão já havia acertado os detalhes com a congressista Ana Cláudia Pinto da Costa (Aninha), doutoranda no PPGArtes/UFPA, que atua como focalizadora de Danças Circulares dos Povos, em Belém, PA: ao término da referida Cerimônia, conduziríamos os congressistas até o lado de fora do Centro de Eventos da UFSC para formarem uma grande roda ao ar livre. Ali, o grupo iniciou, numa espécie de apoio físico e

energético à condução de Aninha, uma sequência de danças circulares, até que a última dança se integrasse ao batuque do Grupo Cores de Aidê². As mãos se uniram com mais firmeza ainda e, naquele momento, ação, razão, emoção já não se distinguiam mais. Tod@s fomos completamente tomad@s pela dança. Éramos a própria Dança!

Dentre algumas bases teóricas de nossa disciplina, talvez a Antropologia da Experiência, proposta por Victor Turner (1986), seja um substrato germinal e inspirador para pensarmos as vivências promovidas pela Comissão de Bem-Estar. Na raiz etimológica da palavra “experiência”, proveniente do indo-europeu, *per* significa “tentar, aventurar-se, correr riscos”. Nesse sentido, propor práticas de bem-estar antes e durante o Congresso representou/significou, de certa maneira, uma abertura de novos espaços/campos de experimentação, incluindo aqui a aventura de se expor, de se abrir, de se revelar, compartilhando vulnerabilidades, atravessando e permeando fronteiras, congregando a aventura de criar um espaço de liminaridade, de passagem entre o pessoal e o coletivo, o não verbal e o dissertativo, os afetos e as formalidades –consideradas habituais entre intelectuais.

Abrimo-nos ao entendimento de que, talvez, justamente pela estranheza da proposta apresentada ao universo acadêmico, nossas práticas

2 O grupo Cores de Aidê desenvolve um trabalho de fortalecimento feminino em Florianópolis desde 2015, por meio da prática cultural afro-brasileira do *samba reggae*, originária em Salvador (BA). A escolha do nome faz referência à figura mitológica Aidê, presente nos cânticos de capoeira do Brasil, figura da negra escravizada que recusou sua liberdade em detrimento da obrigação de se casar com o “seu senhor”. O nome, no que se refere às Cores, também reflete as exclusões que perpassam nossas relações sociais, em detrimento da diversidade que compõe o nosso ser e estar no mundo atravessado por várias dimensões como classe, raça, gênero, religião, sexualidade, geração, entre outros aspectos. Assim, Cores de Aidê tem por missão contribuir, através da percussão e do *samba reggae*, para a emancipação das mulheres por meio do fortalecimento da autoestima e da compreensão identitária, bem como da ressignificação dos corpos através da música e dança afro-brasileira que se desenvolve em um ambiente seguro, criado pelas próprias agentes (Maiores informações acessar o site: <http://coresdaide.com.br>, acessado em 13 de agosto de 2018).

permitiram incitar uma série de reflexões que retroalimentam nossos campos de atuação e de saber antropológico. Para este campo da academia, repleto de simbolismos, dogmas e relações de poder, a Comissão de Bem-Estar apresentou a possibilidade de que este seja permeado por outros saberes, com origem em outras culturas e tradições, e que nós, enquanto coletivo também diversificado, compartilhamos a partir de nossas vivências. Tanto com relação às práticas corporais e de sentido relatadas, mas também nas próprias experiências de todos os sujeitos envolvidos nessas práticas, houve certamente uma produção antropológica relacional e transformadora.

O pioneirismo da Comissão de Bem-Estar dentro de um Congresso Internacional de Antropologia coloca a disciplina na contramão da produtividade acadêmica, sustentando, inclusive, que nossas produções podem ser mais potentes se dedicarmos mais tempo para o nosso autocuidado. A efetividade das práticas oferecidas, tanto no âmbito do gerenciamento de estresse pessoal quanto na formação de uma rede de comunicação e de apoio mútuo que se formou entre os participantes, tem muito a nos ensinar sobre a legitimação dos saberes centrados nos sujeitos (intersubjetivos), no campo da Antropologia. Aqui, partimos do nosso campo mais próximo – corpo-mente-emoções – em direção a campos mais amplos de inter-relacionamentos e acesso/ produção de conhecimentos baseados em “saberes tradicionais” e em “experiências vivenciais”.

Nesse sentido, gostaríamos de frisar a importância de termos uma vivência de “Bem-Estar Afro-brasileiro” nesse congresso internacional, realizado pela primeira vez na América Latina, especificamente no Brasil. A partir da ideia de Walter Mignolo (2003), que defende a necessidade de buscarmos outros lugares de enunciação que não estão postos no conhecimento científico, arraigado em parâmetros eurocêntricos, percebemos a importância de trazer noções “outras”, como ancestralidade, oralidade, religiosidade, coletividade – valores africanos e afro-brasileiros difundidos em várias práticas culturais. Nosso país é repleto de epistemologias outras que devem servir como fontes de saber para a transformação do processo de colonialidade, historicamente vivenciado.

Finalmente, podemos afirmar que nossa contribuição para este primeiro Congresso da IUAES realizado em solo latino-americano foi fundamental para a compreensão de que o “bem-estar” não é luxo, tampouco supérfluo, mas, antes, um vetor que opera na matriz relacional da vida das pessoas (no caso, nós mesm@s, mer@smortais intelectuais) que se envolvem, criam vínculos e experiências coletivas. A um só tempo, através das relações sociais que são intrínsecas à existência humana, as práticas de bem-estar só fazem sentido porque as pessoas certamente não são entidades circunscritas em si mesmas.

Apesar das diferentes abordagens, o que nos unifica enquanto grupo é a visão uníssona de que o ser humano é composto de diferentes camadas de sentido, e que para além da racionalidade ou plano mental, podemos atingir, através de terapias e práticas corporais e de sentido, outros lugares do “Ser”. Vale reforçar nosso posicionamento de que atuar no autocuidado, com práticas de terapias alternativas que privilegiam o bem-estar, individual e coletivo, significa atuar em uma frente potencialmente política. Sabemos bem que o momento mundial de tensões oriundas do acirramento e imposição do modelo capitalista-neoliberal-patriarcal-racista-misógino-autoritário tem nos colocado, cotidianamente, em situações de exploração, exclusão e opressão que se multiplicam e intensificam. Nesse contexto, o Brasil, em especial, vive uma de suas maiores crises política, econômica, social e, pode-se mesmo dizer, espiritual. Acreditamos, portanto, que se faz particularmente importante e urgente não desperdiçar nenhuma experiência social de resistência. A Comissão de Bem-Estar do 18th IUAES se mobilizou explicitamente por isso, somos resistência e resistiremos! Para nós, amar é uma arma de guerra!

Referências

BARBOSA, Carlos Eduardo G. *Os Yogasutras de Patañjali*. São Paulo: Primeira Edição, 1999.

CÁRDENAS, Ana María Hernández; MÉNDEZ, Nallely Guadalupe Tello. O autotocuidado como estratégia política. Sustentabilidade e bem-estar para os defensores dos direitos humanos. *Revista Internacional de Direitos Humanos*, SUR 26, v. 14, n. 26, p. 179-188, 2007.

FLAK, Micheline; COULON, Jacques. *Yoga na Educação: integrando corpo e mente na sala de aula*. Tradução de Markus Weininger e Noêmia Soares. Florianópolis: Comunidade do Saber, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDMAN, Márcio. *Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica*. *Etnográfica*, v. X, n. 1, 2006.

HERMÓGENES, José. *Convite à não violência: Em paz com o mundo*. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 2000.

LUTZ, Catherine. *Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalterno e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia – e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TURNER, Victor; BRUNER, Edward M. (org.). *The Anthropology of Experience*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo, *Mana*, v. 8, n. 1, 2002b.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WILLIAMS, Mark; PENMAN, Danny. *Atenção Plena: Mindfulness*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

Reflexões musicais e dramáticas sobre corpos pretos, diáspora, feminismo e diversidade: a programação das comissões de cultura e festa do 18th IUAES Congress

**Alexandra Eliza Vieira Alencar
Fernanda Marcon**

A parceria e a colaboração nas atividades das comissões de cultura e festa do 18th IUAES Congress vêm de uma afinidade e amizade de longa data. Fomos colegas na pós-graduação em Antropologia Social da UFSC a partir de 2007 e estivemos envolvidas com projetos de pesquisa relacionados à arte, patrimônio, cultura popular, música, festas, dança, performances. O convite das professoras Miriam Pillar Grossi e Tânia Welter para a composição e coordenação das comissões nos colocou novamente juntas, trabalhando com as artes, a cultura, a festa. Um desafio bem distinto de outras experiências com relação à organização de congressos, pois era preciso integrar as atividades acadêmicas e científicas com as atividades culturais e de entretenimento, sem que estas parecessem acessórias ou ilustrativas. Como tão bem pontuou a antropóloga Mara Viveros Vigoya no final de sua conferência durante o 18th IUAES Congress, a música (e estendemos aqui a todas as expressões artísticas) também deve ser entendida enquanto reflexão, como algo que tem tanto a dizer à antropologia quanto uma palestra ou conferência. Foi justamente esse o intuito das comissões de cultura e festa ao planejar as atividades que iriam compor o 18th IUAES Congress em Florianópolis.

Desde as primeiras reuniões das comissões, ainda em 2017, fomos provocadas pelas professoras Miriam Grossi e Tânia Welter a pensar uma

programação que pudesse envolver as/os congressistas em uma atmosfera de produção artística e cultural brasileira, enraizada e cultivada na Ilha de Santa Catarina. As opções eram/são muitas e de altíssima qualidade. A curadoria demandou um trabalho em equipe que também envolveu, em um primeiro momento, as professoras Antonella Imperatriz Tassinari e Ilka Boaventura Leite, da UFSC, e a professora Vânia Muller, da UDESC. Acreditamos que nossos olhares, constituídos por pesquisas variadas sobre expressões artísticas e culturais, além do envolvimento direto com essas práticas em nossas vidas particulares, deram à programação a integração pretendida com as atividades acadêmicas do congresso e uma amostra singular da diversidade e potência de nossas manifestações culturais.

Embora Florianópolis, o estado de Santa Catarina e o sul do Brasil, em geral, sejam vistos como espaços “europeizados”¹ pelo restante do país e, inclusive, fora dele, a diversidade étnica e cultural da região é bastante expressiva e costuma ser mais enfatizada pela mídia em datas estratégicas, como o “Dia da Consciência Negra” (20 de novembro) ou o “Dia do Índio” (19 de abril). No âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), há diversos grupos de pesquisa, núcleos de estudo e laboratórios que têm produzido um extenso material a respeito dessa diversidade e sobre os processos de resistência à invisibilização das populações indígenas, comunidades quilombolas, descendentes de africanos e imigrantes mais recentes vindos de outros países das Américas Central e Latina, como haitianos, bolivianos e venezuelanos. As comissões de cultura e festa levaram esses dados em consideração ao pensar a programação, até mesmo pelo momento político vivido pelo país, quando as artes e as ciências humanas denunciam constantemente as consequências do golpe de 2016 para uma expressiva parcela da população brasileira, oprimida historicamente.

Na primeira noite do congresso, logo na cerimônia de abertura, a cantora Dandara Manoela, de Florianópolis, interpretou o Hino Nacional

1 Ver Leite (1996) e Alencar (2006).

Brasileiro. Dandara é reconhecida por sua voz potente e interpretações pulsantes, além de composições que se voltam para sua condição enquanto mulher negra, lésbica e feminista. O que seria apenas mais uma execução do hino – uma formalidade cívica tão desgastada em tempos atuais – catalisou uma atitude de protesto por parte da audiência de congressistas, que ao final ovacionou a interpretação de Dandara e entoou “Fora Temer”, “Lula Livre” e “Demarcação Já”, dando o tom de uma semana de muita reflexão e crítica. Após a primeira conferência com Gustavo Lins Ribeiro, foi realizada, no hall de entrada do Centro de Convenções da UFSC, uma “Quermesse de Abertura”. Em articulação com outras comissões do congresso, foi oferecido um coquetel com comidas típicas das festas de junho, ornamentado com bandeirolas coloridas e a apresentação musical de um dos mais representativos mestres de cultura popular no Brasil, o maranhense Tião Carvalho. O estado do Maranhão é reconhecido por suas magníficas festas juninas, quando as ruas das cidades se enfeitam e as fogueiras pipocam em cada esquina. O convite para a apresentação de Tião Carvalho foi intermediado por outra musicista convidada, Paola Gibram, antropóloga e sanfoneira. Paola é mineira, mas morou em Florianópolis por muitos anos, onde cursou sua graduação em Música e o mestrado em Antropologia. Atualmente vive em São Paulo, onde realiza o doutorado em Antropologia na USP e se apresenta com diferentes grupos musicais, como o de Tião Carvalho. Além de Tião e Paola, foram convidados outros músicos para compor o show da Quermesse de Abertura: o violonista Pedro Cury, o baterista Neno Moura e o percussionista Oswaldo Pomar (Vavá), sendo os dois últimos residentes em Florianópolis. Apresentando composições de Tião Carvalho, Paola Gibram e outros compositores maranhenses, gêneros variados como o forró, o reggae, o bumba meu boi, o carimbó e o maracatu animaram o público que dançou e festejou o início do *18th IUAES Congress*. A apresentação encerrou com uma enorme ciranda e monitoras/es aflitos para que as/os congressistas não perdessem o transporte que os levaria aos hotéis da cidade. Ninguém queria ir embora.

No segundo dia, foram programadas atividades em diferentes espaços do congresso. Ainda durante a pré-organização, fomos procuradas

pela performer e musicista de Florianópolis, Camila Durães, que demonstrou interesse em apresentar a performance feminista: “Medusa enredada: como lembrar? Mas... como esquecer?”. A performance de Camila foi apresentada na manhã do dia 17 de julho, no contexto de um dos 205 *Open Panels* do 18th IUAES Congress. O painel escolhido foi o “Global Feminisms and Queer - Gender and Sexuality Reflections on Globalization, Neoliberalism and Development”, coordenado por Felipe Fernandes e Clementina Baptista de Jesus Furtado. A sala, escurecida para a performance, deu lugar ao som do violoncelo e memórias da artista, comovendo o público presente e também a performer, que sentiu a energia intensa das próprias discussões do painel, impressas naquele ambiente.

Outra atividade da programação cultural ocorreu no espaço popularmente conhecido como “Varandão do CCE”, na UFSC. Foram realizadas atividades musicais programadas para os intervalos do almoço, no horário entre 12h e 14h. Perto deste espaço foi instalada durante toda a semana uma feira de comidas e artesanatos. Também próximo dali foi organizada a Feira de Livros do Congresso, com a participação de diversas editoras e lançamentos de livros. Nesse sentido, configurou-se neste horário um espaço de encontro e lazer para os/as congressistas, que puderam descansar, conversar e ouvir música. Apresentaram-se no Varandão do CCE o grupo Choro Xadrez, a cantora e compositora Letícia Coelho e a DJ Chiara. Interessante notar que não apenas as/os congressistas desfrutaram daquele momento, mas também funcionárias/os da empresa terceirizada responsável pela limpeza da universidade, além de servidoras/es que passavam pelo local em seu horário de almoço. Uma pausa na rotina universitária e um momento de interação para quem trabalha ali todos os dias. Algumas pessoas ensaiaram passos de dança, outras se juntaram à apresentação da DJ e apresentaram performances incidentais ao som dos gêneros musicais trazidos por ela. Os estudos sobre música e dança chamam atenção para a forma com que a Antropologia historicamente tratou a corporalidade, as técnicas corporais e a constituição dos sujeitos. Por vezes, relegamos ao corpo um espaço secundário ou despolitizado, perdendo de vista a natureza eminentemente

social de nossos movimentos e performances corporais². Nós, antropólogas/os, somos um tanto verborráguas/os em nossas performances acadêmicas, é certo. No entanto, aprendemos em campo sobre tantas formas de manifestar ideias e sentimentos que certamente estamos aptas/os a exercitar essas formas em nossos encontros e congressos.

À noite, após a conferência de Amita Baviskar, as/os congressistas foram surpreendidas/os do lado de fora do Centro de Convenções da UFSC com o cortejo do grupo Maracatu Arrasta Ilha, de Florianópolis. O Maracatu de Baque Virado ou Maracatu-Nação é uma prática cultural negra existente há mais de 300 anos no Brasil. Seu cortejo traz como característica marcante uma orquestra percussiva contendo instrumentos como o gonguê, caixa, tarol, mineiro ou ganzá, alfaias e, por vezes, agbê e atabaques. O projeto Maracatu Arrasta Ilha existe na cidade de Florianópolis desde 2002 e tem por objetivo difundir a cultura do Maracatu-Nação ou Maracatu de Baque Virado. Desde a sua fundação, o trabalho do grupo tem contribuído para o apoio na luta pela visibilidade e valorização da população e cultura negra e ao respeito às religiões de matriz africana. Também se coloca em defesa do direito e acesso à cidade enquanto projeto coletivo, público e democrático, valorizando as manifestações artístico-culturais que têm como palco principal a rua, a preservação ambiental, a valorização dos/das trabalhadores/as. No cortejo apresentado no 18th IUAES Congress, o grupo falou sobre a ocupação do espaço da universidade para ensaios e o quanto ainda há que se lutar pela valorização e respeito à cultura negra no ambiente universitário.

O dia 18 de julho foi marcado pela presença das atividades da Rede Global de Antropologia Feminista. Durante todo o dia, as/os congressistas puderam acompanhar diferentes espaços em que a temática feminista na Antropologia esteve sob holofotes. Com duas sessões no Teatro da Igrejinha da UFSC, a peça “Guerreiras Donzelas”, com direção de Brígida Miranda, trouxe para o 18th IUAES Congress a história de duas mulheres: a francesa

2 Uma boa discussão a respeito da controversa separação entre aspectos motrizes e verbais nas Ciências Sociais pode ser encontrada em Carozzi (2011) e Citro (2004).

Joana D’Arc e a chinesa Hua Mulan. A peça, que se utiliza de dança, canto, música pentatônica, artes marciais e teatro de animação, narra a jornada heroica dessas mulheres míticas e traz à tona questões fundamentais a respeito da libertação feminina. A diretora de “Guerreiras Donzelas” teve a iniciativa de disponibilizar uma tradução em inglês para ser projetada em um telão durante a apresentação, o que possibilitou uma importante inclusão linguística dentro das atividades culturais do 18th IUAES. A iniciativa também foi elogiada por Anahí Guedes, antropóloga e pesquisadora referência nos estudos sobre deficiência, por ser a legenda também uma forma de promover o acesso de pessoas surdas ao teatro. A segunda sessão foi dedicada especialmente às crianças que participaram do “Children in IUAES 2018”, um espaço de atividades diárias dedicado às crianças que acompanharam suas mães e pais durante o congresso. Um projeto mais do que louvável e bastante elogiado durante todo o congresso.

Durante a tarde, em meio aos preparativos para o show da noite, veio a notícia de um caso de assédio durante o congresso. Um balde de água fria sobre todas as mulheres, antropólogas, que pensavam participar de um espaço seguro, rodeadas por colegas respeitosos e dignos da profissão que exercem. Não somos ingênuas. Sabemos que não há espaço seguro e profissão imunizada. No camarim, contamos às artistas que iriam se apresentar o que havia acontecido. Elas se entreolharam e compreenderam perfeitamente a atmosfera daquele concerto.

Após a belíssima conferência da professora Mara Viveros Vigoya no teatro Guapuruvu, realizou-se, então, a apresentação musical de Dandara Manoela, François Muleka e Marissol Mwaba. As/o artistas/o fazem parte de uma nova geração de compositoras/e da ilha de Santa Catarina que têm trazido para sua música as temáticas da diáspora, da negritude e do feminismo, aliadas a uma qualidade vocal e instrumental que impressiona a quem as/o ouve. François e Marissol são filhos de uma família de musicistas e músicos da República Democrática do Congo. No Brasil, passaram por São Paulo, Salvador e estabeleceram raízes em Florianópolis. Com Dandara Manoela, cantora e compositora que se transformou em uma referência por

sua militância musical feminista, negra e lésbica, o trio preencheu o teatro com vozes encantadoras e uma reflexão profunda sobre o amor, o corpo negro, a vida das mulheres negras, a força dos caminhos humanos pelo mundo. Talvez uma das experiências mais gratificantes do trabalho na comissão de cultura e festa: compartilhar beleza, encantamento, reflexões musicais e dramáticas sobre muitos dos temas com os quais trabalhamos em nossas aulas, palestras, conferências, painéis; mas também reflexões sobre as mazelas da vida acadêmica, os assédios, as tentativas de invisibilização de nosso trabalho e ideias.

Ainda assim, antropólogas/os também festejam, e o *18th IUAES Congress* soube proporcionar uma experiência festiva única às/aos congressistas. Nosso objetivo principal com a Festa de Encerramento do Congresso, que aconteceu quinta-feira, dia 19 de julho, foi compor uma proposta que somasse entretenimento com intercâmbio cultural. Para tanto, em parceria com o Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado, fundado em 05 de maio de 1986, realizamos nosso encontro na sede da escola, localizada no bairro do Saco dos Limões, após a conferência do antropólogo Kabengele Munanga. A escolha da escola de samba se deu principalmente pela estrutura da sede, que abraçou cerca de 800 pessoas presentes na festa, como também pela proximidade ao campus da UFSC, além de ser um dos espaços etnográficos caros aos estudos sobre o carnaval dentro do campo da disciplina.

Organizamos uma produção intercomissões, pois foram desenvolvidas ações junto à Comissão de Estrutura – disponibilizando ônibus para levar os/as participantes do evento à festa – e, também, através da Comissão de Monitoria, disponibilizamos vales de comidas e bebidas para cerca de 300 monitoras/es, em sua maioria estudantes, que trabalharam durante toda a semana no congresso. Durante a festa, contamos ainda com a Comissão de Tradução, que auxiliou os/as participantes que não falavam português a consumirem comidas e bebidas presentes no cardápio da festa. As atrações culturais da noite foram por conta da escola de samba, que apresentou o que a própria comunidade chama de “Noite de Gala”, com

recepção dos integrantes da mesma vestidos com suas roupas de passistas, mestre-sala, porta-bandeira, dentre outros/as, recebendo com muita alegria os/as participantes, que não se privaram a tirar muitas fotos com os/as integrantes. O show iniciou com uma apresentação de dança de salão ao som do ritmo da gafeira, e por último tivemos a apresentação do “coração da escola”, com os ritmistas da bateria colocando todas/os participantes do congresso para dançar.

Sim, a antropologia mundial dançou ao som do samba. Como resultado, tivemos trocas para além de conversas entre os congressistas, colocando nossos corpos e afetos para dialogarem, vivendo por alguns instantes esse momento de suspensão do tempo e espaço, ao qual Turner (2013) denomina de *communitas*. Muitos/as participantes, inclusive brasileiras/os, mas também estrangeiros/as, comentaram que nunca estiveram em uma sede de escola de samba. A comunidade da Consulado do Samba também estava feliz, mostrando um pouco do trabalho que realiza o ano inteiro em eventos culturais e projetos sociais na sede e no carnaval da cidade, preparando com muito carinho desde o espaço – todo decorado com as cores da escola, o vermelho e branco – até as comidas e bebidas, que através do paladar presentearam as/os participantes com o “gostinho brasileiro”.

Por conta do alvará de permissão sonora da escola de samba, a Festa de Encerramento teve seu fim às 23h. Tal horário, além de deixar as/os congressistas e integrantes da escola de samba com o “gosto de quero mais”, também trouxe reflexões sobre o plano diretor da cidade e os sons que são considerados “tolerados” ou não dentro da nossa sociedade, questões totalmente vinculadas à construção histórica, política e social do nosso país.

Por fim, encerramos uma semana intensa de programação com a apresentação energizante do bloco de percussão Cores de Aidê no dia 20 de julho, sexta-feira. O bloco é formado por mulheres, a maioria aprendizes de dança e percussão, que interpretam o gênero musical do samba-reggae baiano. A Comissão de Bem-Estar preparou também uma sequência de danças circulares que precedeu a apresentação do Cores de Aidê, dando ao fechamento do congresso um clima muito afetuosos.

Com este pequeno relato sobre as atividades e nossa participação na coordenação das mesmas, esperamos poder contribuir para a construção de outros eventos no campo da antropologia que desejem incorporar uma programação cultural e festiva a suas atividades científicas, levando em conta uma integração criativa e interessante entre elas. Esperamos, também, que o legado de resistência e crítica que o 18th IUAES Congress representou seja transmitido às futuras gerações de antropólogas/os e que elas tenham o interesse em construir um caminho para uma “pluriepistemologia libertadora”, como frisou o professor Kabengele Munanga em sua conferência, encerrando esse importante evento.

Referências

ALENCAR, Alexandra. *Cidadão Invisível*. Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

CAROZZI, Maria Julia. *Las palabras y los pasos: etnografías de ladanza em laciudad*. Buenos Aires: Gorla, 2011.

CITRO, Silvia. La construcción de una “antropología del cuerpo”: propuestas para un abordaje dialéctico. *Actas del VII Congreso Argentino de Antropología Social*, Córdoba, 25 al 28 de Mayodel 2004 (ponencia).

LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de Africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. In: _____ (org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporânea, 1996.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. 2.ed. Tradução de Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbuch. Petrópolis: Vozes, 2013.

Antropologia visual no 18 IUAES: a realização das mostras fotográficas

Carla Pires Vieira da Rocha
Carmen Rial
Cornelia Eckert

A experiência da realização de dez mostras fotográficas durante o 18º Congresso Mundial da IUAES (*International Union of Anthropological and Ethnological Sciences*), que ocorreu na cidade de Florianópolis dos dias 16 a 20 de julho de 2018, abrangeu diferentes etapas e processos, durante os quais alguns elementos foram cruciais para o sucesso do evento¹.

1 Além da coordenação, atuaram na organização e realização das dez mostras fotográficas: Adriana Eidt, Ahmadou Mouazamou, Alex Godoy Padilha de Souza, Amanda Do Carmo Kruger, Ana Claudia Romano de Lima, Ana Lucia Rocha, Ana Paula Alves Ribeiro, André Luiz Franco Machado Cardoso, Anna Bárbara de Araújo Vilaça Pilla, Arthur Vinicius Gonçalves Ferreira, Camila Braz da Silva, Caroline Soares de Almeida, Cristhian Fernando Cajé Rodríguez, Danusa Vieira da Silva, Débora Wobeto, Diogo Dubiela, Eduardo Martins Marinho dos Santos, Edviges Marta Ioris, Eliza Abrão Bittencourt, Fabrício Barreto Fuchs, Felipe da Silva Rodrigues, Francieli Zimmermann Ferreira, Franco Dani Araújo e Pinto, Gabriela Zamorano, Guillermo Stefano Rosa Gómez, Izabella Trindade Cavalcante, Jane Seviriano Siqueira, Javier Calixto, Jennifer Cuty, João Martinho Braga de Mendonça, José Luís Abalos Junior, Julia Graziella Grah Sens, Juliano Oliveira Pizarro, Leonardo Palhano Cabreira, Luísa Maria Silva Dantas, Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha, Manoela Laitano Chaves, Márcia Calderipe, Maria Elisabeth Goidanich, Maria Luiza de Quadros Soares Marcolino, Maria Vitória Vieira Capote Gonzaga, Marielen Baldissera, Marília Pereira de Oliveira, Marina Bordin Barbosa, Marina Moros, Matheus Cervo, Metje Postma, Monique Malcher de Carvalho, Naomi Neri Santana, Natália Pérez Torres, Nicole Kunze Rigon, Rafael Derois Santos, Renato Athias, Roberta Simon, Rumi Regina Kubo, Silmara Simone Takazaki, Stefany Hack, Thayanne Tavares Freitas, Tomáz Xavier de Souza, Vanrochris Vieira, Vinicius Drumond Perri, William de França, Yuri Neves e Yuri Schonardie Rapkiewicz.

Todas as mostras ocorreram na Universidade Federal de Santa Catarina, em diferentes locais. A concepção era que os espaços expositivos perfizessem um determinado circuito próximo às outras atividades do evento e que pudessem ser vistos como janelas, possibilitando não apenas um contato com a Antropologia Visual brasileira e a de outros países, mas uma outra perspectiva de abordagem de temáticas diversas presentes nos simpósios, painéis ou conferências do evento. Portanto, os locais escolhidos foram delimitados seguindo uma linha imaginária contínua que incluía o auditório da Reitoria da Universidade (Mostra Audiovisual de filmes etnográficos); as partes superior e inferior do Centro de Cultura e Eventos, que era o prédio principal do evento; a parte térrea do bloco E do CFH; o pátio interno do bloco B do CFH; o prédio do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) e o andar térreo do Museu de Arqueologia e Etnologia (MARQUE)².

O ponto de partida para o trabalho de oito meses da comissão de Antropologia Visual foi o planejamento da Mostra fotográfica 18^o IUAES – *Mundo de encontros: o Passado, Presente e Futuro do Conhecimento Antropológico*. Além de dar continuidade à Mostra de Antropologia Visual implementada desde o último IUAES World Congress, realizado em Manchester, no ano de 2013, na Inglaterra, reunir esse conjunto de ensaios foi dar prosseguimento às outras Mostras de Fotografias que o NAVI (Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem/UFSC) vem organizando há mais de dez anos na Universidade Federal de Santa Catarina, como as dos Congressos Fazendo Gênero e o 13^o Mundo de Mulheres e também reafirmar um convênio com o NAVISUAL (Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS), que foi parceiro na organização e realização destas mostras fotográficas do 18 IUAES.

As temáticas das exposições foram diversas. No que diz respeito à Mostra fotográfica 18^o IUAES – *Mundo de encontros: o Passado, Presente*

2 A comissão de Antropologia Visual também foi responsável pela Mostra Audiovisual durante o 18th IUAES World Congress, coordenada pelo membro do NAVI (Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem/UFSC) e professor da UFPE, Alex Vailati.

e Futuro do Conhecimento Antropológico, o objetivo principal foi divulgar produções fotográficas nacionais e internacionais alinhadas com a temática central do congresso, pautada na reflexão coletiva sobre o momento atual pelo qual passa a Antropologia, considerando um panorama mundial marcado por desigualdades e diferenças culturais. Do total de 43 propostas de ensaios fotográficos enviadas, foram selecionadas 30, abrangendo sete países (Brasil, Colômbia, Portugal, Alemanha, França, México e China). Através das imagens, questões socioculturais contemporâneas ganharam materialidade, englobando pessoas, coletividades, grupos sociais específicos e igualmente processos históricos de interesse social. Grande parte dos ensaios foi enviada via correio, mas alguns estavam programados para ser entregues pessoalmente às vésperas ou mesmo no dia de início do evento. O plano, portanto, deveria prever a montagem desses ensaios de última hora, não perdendo de vista que grande parte da equipe de montagem estaria participando nas atividades do evento, sobretudo apresentando trabalhos em painéis. Mesmo assim, houve tentativas de diálogo com os participantes das mostras, solicitando que enviassem o mais breve possível os trabalhos por correio, visando a amenizar o trabalho de última hora e, com isso, possibilitar que as equipes de montagem pudessem participar mais plenamente das demais atividades do evento.

As outras mostras que ocorreram durante o 18° IUAES abrangem temáticas variadas. A paz e a tensão durante os últimos momentos da ocupação indígena chamada Aldeia Maracanã, que aconteceu entre 2006 e 2013, no Rio de Janeiro, Brasil, foi o tema da mostra *As árvores voltarão a falar*, do antropólogo belga David Bert Joris Dhert. A temática indígena também motivou a exposição *Índios no Brasil*, que reuniu imagens resultantes das pesquisas dos antropólogos Curt Nimuendajú, Sílvio Coelho dos Santos e João Pacheco a partir de três eixos. O primeiro deles, *A sensibilidade etnográfica de Curt Nimuendajú*, apresentou fotografias feitas entre os anos de 1929 e 1935, entre os índios Kayapó, Ramkokamecra, Timbira e Gavião, na região do Brasil Central, e esteve voltado para estimular o debate sobre essa qualidade do olhar etnográfico de Curt Nimuendajú,

assentado no balanço entre retratar a realidade exótica e cotidiana dos povos indígenas do Brasil Central. O segundo eixo, *Uma Visão Geral sobre os Indígenas no Brasil: Regimes de Alteridade*, tratou das memórias visuais e narrativas sobre os indígenas e seu lugar na nação, abordando-as como constituintes de uma construção histórica e identitária singular da nação brasileira. O último eixo apresentou imagens de um dos mais importantes antropólogos brasileiros, Sílvio Coelho dos Santos (1938–2008), professor Emérito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que se destacou ao longo de sua carreira acadêmica, de modo especial nos estudos sobre os povos Jê do Sul do Brasil (Xokleng e Kaingang), trazendo compreensão e visibilidade à continuidade da existência desses povos indígenas e também denunciando as brutais condições dessa existência.

Apresentando um contexto bem mais distante, a mostra *Aprendizado dos conhecimentos da montanha para a construção curricular: uma exposição sobre a ecologia particular, a arte farmacêutica, músicas e costumes do Himalaia Hengduan Tibetano – Corredor Yi* enfocou nas paisagens e práticas de artistas dessa região asiática. Uma delegação de chineses e chinesas trouxe itens vestimentários e louça do grupo étnico Yi que foram expostos junto com as fotografias. Voltamos o olhar novamente para o panorama brasileiro, através da mostra *Pesca no litoral brasileiro e a herança açoriana em Santa Catarina*, que reuniu o trabalho de pesquisadores do NAVI/UFSC em torno de imagens associadas às práticas pesqueiras e o cotidiano em comunidades haliêuticas, refletindo um trabalho de mais de 30 anos do núcleo. Já na *Cartas aos narradores urbanos: etnografia de rua na Porto Alegre das intervenções artísticas*, as imagens encontradas em uma cidade contemporânea consistiram no tema explorado pelos pesquisadores do NAVISUAL/UFRGS. O conjunto de exposições do evento ainda incluiu a *Mostra Pierre Verger*, que apresentou alguns dos finalistas e premiados da VIII edição do Prêmio na categoria de Ensaio Fotográfico, e as mostras relativas às histórias da IUAES e da WCAA, voltadas para recuperar a memória dos encontros que ocorreram ao longo dos anos mais recentes da trajetória de ambas as associações.

A coordenação das mostras envolveu lidar com um leque de questões: planejamento, definição dos espaços expositivos e *layouts* de cada mostra (alguns espaços demandavam submissão de edital; outros, a negociação de data para o período expositivo), meios e suportes de divulgação, quantidade de fotos, impressões fotográficas e de textos, definição de temática, orçamentos, cumprimento de prazos, confecção do catálogo das mostras e também a seleção das equipes responsáveis pela montagem/desmontagem e as encarregadas de monitorar os espaços expositivos, significando esta função acompanhar o dia a dia de visitação às mostras e, caso fosse necessário, fornecer informações a respeito das suas temáticas.

Além de organizar, coordenar significa o exercício de interligar, conjugar. E no caso da organização das exposições referidas, o fato de a proposta reunir uma variedade de mostras (com propostas e suportes diversificados: impressão em papel, madeira, lona) em uma mesma oportunidade implicou sincronizarmos diferentes ações, não apenas no âmbito dessas mostras, mas também com relação às outras atividades, comissões e à coordenação geral do evento, especialmente no que se refere a questões de divulgação, orçamento, seleção de monitoria e reserva de espaços expositivos, compatibilizando as exposições com a disponibilidade dos espaços da universidade. Esse conjunto de ações demandou uma interlocução permanente com essas outras esferas responsáveis pela organização geral do evento. Se isso envolveu estarmos atentas à configuração do circuito e temáticas envolvidos – como acima mencionado –, significou ainda termos em mente que as mostras, inclusive em seu provável ineditismo, sobretudo em termos de volume (ao reunir dez exposições em um mesmo evento), se constituiriam em uma contribuição importante para o sucesso do evento.

Em razão do volume de exposições previsto, uma das questões mais presentes no planejamento das exposições foi a incerteza com relação ao número de participantes da comissão que se envolveriam com a montagem das exposições e também o fato de que grande parte desses participantes não tinha experiência nesse sentido. A ideia primeira relacionada à monitoria de nossa comissão foi a de reunir estudantes universitários com

interesse em antropologia visual e, com isso, a temática das exposições e o que isso poderia significar em termos de conhecimento antropológico se sobrepunha à prática de montagem das mostras, sendo esta quase uma consequência do interesse pelo tema. A preocupação mencionada se referiu, sobretudo, ao fato de a montagem das exposições não se resumir a afixar imagens em um determinado suporte, mas compor, medir, organizar e também observar o *layout* estipulado previamente.

O edital de monitoria do evento estabelecia um período de atividades que compreendia exatamente os dias do evento. Contudo, obedecendo à determinação do edital do espaço onde ocorreria uma das mostras, a montagem da primeira exposição teve início no dia 04 de julho³. De uma maneira imprevista, acabamos contando com o apoio de voluntárias/os (colegas) não inscritos para a monitoria de nossa comissão para essa primeira montagem e também para algumas subsequentes. A reunião desse grupo também foi resultado da divulgação paralela que nossa comissão empreendeu, especialmente em salas de aula, apresentando o projeto de nossa comissão audiovisual a ser realizado durante o evento. Já nos dias programados para as montagens com maior volume de imagens, o trabalho incansável das equipes do NAVI e NAVISUAL foi decisivo para que as mostras estivessem prontas no dia da abertura do evento.

A imprevisibilidade também se estendeu aos trabalhos a serem expostos. Um exemplo é o caso da exposição *Aprendizado dos conhecimentos da montanha para a construção curricular: uma exposição sobre a ecologia particular, a arte farmacêutica, músicas e costumes do Himalaia Hengduan Tibetano – Corredor Yi*. Embora já contássemos com antecedência sobre a necessidade de organizarmos esta mostra, a quantidade de imagens e os tamanhos só nos foram disponibilizados cerca de um mês antes do evento. Se prontamente buscamos atender à demanda expositiva necessária, envolvendo 41 trabalhos com tamanhos que variaram de 400cm

3 No final do artigo se poderá encontrar alguns registros da montagem das exposições fotográficas em diversos espaços da Universidade Federal de Santa Catarina.

x 60cm (1 foto) até 250cm x 60cm (10 fotos), 50cm x 25cm (30 fotos) e ainda alguns trajes, louças e livros, o resultado das negociações em torno da obtenção de vistos de professoras/as da China que viriam ao congresso e trariam esses materiais se manteve uma incógnita até poucos dias antes do evento, gerando também incertezas com relação à viabilidade da mostra.

Por fim, cabe observar que o conjunto das questões apresentadas sobre a coordenação e organização das mostras fotográficas do *18th IUAES Congress*, ao mesmo tempo em que aponta para alguns dos desafios vencidos, sobretudo face à proposta ambiciosa de realizar dez mostras fotográficas simultaneamente, revela a conquista da realização integral do projeto desenvolvido para concretizar essas mostras fotográficas e, em consequência, a presença significativa da Antropologia Visual no *18th IUAES Congress*.



Montagem da exposição “Pesca no litoral brasileiro e a herança açoriana em Santa Catarina”

Fonte: Arquivo NAVI.



Montagem da exposição “As árvores voltarão a falar”

Fonte: Arquivo NAVI.



Montagem da exposição “As árvores voltarão a falar”

Fonte: Arquivo NAVI.



Montagem da exposição “Cartas aos Narradores Urbanos”

Fonte: Arquivo NAVISUAL.



Montagem da exposição “IUAES 2018”

Fonte: ARQUIVO NAVISUAL.



Montagem da exposição “Aprendizado dos conhecimentos da montanha para a construção curricular: uma exposição sobre a ecologia particular, a arte farmacêutica, músicas e costumes do Himalaia Hengduan Tibetano – Corredor Yi”

Fonte: Arquivo NAVISUAL.



Montagem da “Mostra Pierre Verger”

Fonte: Arquivo NAVISUAL.

Relato de experiência desde um mundo de encontros

**Luciana Gransotto
Julia Coelho de Souza**

Este trabalho se propõe a compartilhar a trajetória da vivência de organização das Experiências Antropológicas do 18° Congresso Mundial IUAES (União Internacional de Antropologia e Ciências Etnológicas), realizado em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina, em julho de 2018.¹ O evento mobilizou centenas de congressistas docentes e discentes da antropologia e de outras áreas do conhecimento e da pesquisa em ciências humanas de diversos países latino e norte-americanos, asiáticos, africanos e europeus. As Experiências Antropológicas (EA) foram atividades realizadas durante o Congresso e tiveram como fio condutor a possibilidade de vivência dos/as participantes em diferentes comunidades e espaços urbanos e rurais de Florianópolis e outras cidades catarinenses. As temáticas das EA foram elaboradas em articulação com os eixos de discussão e painéis temáticos do Congresso.

Foram realizadas 21 Experiências durante os 5 (cinco) dias do Congresso e, também, no domingo anterior e no sábado posterior, totalizando uma programação de 7 (sete) dias. O processo de decisão sobre quais comunidades convidaríamos para participar das EA partiu de um posicionamento conceitual e reflexivo a respeito do que se tratavam, de fato, essas

1 Julia Coelho de Souza e Luciana Rodrigues Gransotto atuaram na coordenação da Comissão de Experiências Antropológicas do 18° Congresso Mundial IUAES.

atividades. Foi necessário (re)conhecer os elementos representativos da cidade, de sua pluralidade e trazê-los para o diálogo: as fragilidades e vulnerabilidades, diferenças e hierarquizações sociais e econômicas, a superexploração ambiental, as mobilidades forçadas, os sentidos de pertencimento e de ruralidade, os processos de gentrificação, sua diversidade, crenças, religiões e religiosidades. Buscamos abrir espaços de encontro que visibilizassem as dinâmicas de cada território, ou seja, esses ‘lugares praticados’ (CERTEAU, 1990) constituídos pelas interfaces existentes entre natureza, cultura e relações de poder (PORTO-GONÇALVES, 2012), onde se desdobram estratégias identitárias. As EA representariam, sobretudo, a potência dos encontros – congressistas/pesquisadores(as)/viajantes estrangeiros(as) com comunidades/espços simbólicos – enquanto movimentações inter e transculturais. As reflexões foram desenvolvidas e partilhadas entre a comissão das EA e pesquisadores/as antropólogos/as da Universidade, pensando sobre as realidades e grupos identitários da cidade de Florianópolis e região que constituem importantes núcleos comunitários e que têm, na sua trajetória histórica, processos de resistência frente às diversas formas de exclusão. Muitas possibilidades, propostas e ideias surgiram, especialmente em função das experiências de pesquisa, investigação e articulação que esses/as pesquisadores/as têm ou tiveram com alguns territórios ao longo da sua trajetória acadêmica e militante. Aos poucos e com o tempo, através da interlocução com lideranças locais nas comunidades, fomos estabelecendo os roteiros e as atividades que comporiam as EA.

Para além de uma saída/visita a campo, foi importante estabelecer um processo de reconhecimento dos espaços, mas também dos seus sujeitos e de suas demandas. Nesse sentido, ao integrarmos a comissão das EA, junto aos/às demais (ou tantos/as outros/as) pesquisadores/as, coordenação, outras comissões do Congresso e lideranças para constituição dos roteiros, criou-se uma rede de contatos e de conhecimentos de forma que aqueles espaços acadêmicos (mas também os territórios e comunidades) se aproximassem e se tornassem lugares de trocas, de aprendizados e interconhecimento compartilhado. Dessa forma, a criação de cada roteiro

se desenvolveu a partir do envolvimento com distintas realidades, sensibilidades e lutas.

Trazemos aqui, ainda que de forma breve, os 21 roteiros propostos e realizados durante o congresso²: EA1. Maracatu Arrasta Ilha (prática cultural negra realizada em forma de cortejo, realizada na UFSC)³; EA2. São Bonifácio, terra de Egon Schaden (visita à cidade de Schaden, um dos pioneiros da antropologia no Brasil)⁴; EA3. Roteiro Histórico Programa Afro Catarina (atividade no centro histórico de Florianópolis, visibilizando a história da população escravizada de origem africana)⁵; EA4. e EA6. Experiência comunitária na Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé⁶; EA5. Comunidade da Ponta do Leal: resistências em Palafitas (atividade na comunidade para conhecer a história e os desafios dos processos de organização e distribuição espacial)⁷; EA7. Antropologia Urbana: visita guiada ao centro histórico de Florianópolis (percebendo, através de transformações na paisagem, novas configurações e apropriações da trama urbana, e buscando possibilidades de interação dos/as congressistas com o centro histórico da cidade e com a materialidade do seu patrimônio)⁸; EA8. Área de Proteção Ambiental do Anhatomirim (conhecer o lugar e a comunidade, formada majoritariamente por pescadores artesanais e os desafios enfrentados em função da exploração do turismo)⁹; EA9. Visita à Sede da Biblioteca Comunitária

2 No anexo I – Total de participantes e inscritos nas Experiências Antropológicas – pode-se visualizar o total de pessoas – inscritas, participantes e que atuaram na coordenação de cada experiência. Verificamos que foram envolvidas 60 pessoas na coordenação dos 21 roteiros. O Congresso recebeu 498 inscrições e teve a participação de 406 congressistas. Nos anexos II a IV é possível conhecer as nacionalidades dos/as participantes de 20 roteiros – de EA02 a EA21. Verifica-se que participaram pessoas de 37 nacionalidades dos 5 (cinco) continentes do mundo.

3 Responsável pelo roteiro: Alexandra Alencar.

4 Responsável pelo roteiro: Tânia Welter.

5 Responsáveis pelo roteiro: Cássila Cavaler Pessoa de Melo e Miriam Machado.

6 Responsável pelo roteiro: Alcir Albano Martins.

7 Responsável pelo roteiro: Raquel Mombelli.

8 Responsável pelo roteiro: Alicia Castells.

9 Responsáveis pelo roteiro: Edson Gracindo, Heitor Macedo e Paulo Flores.

Barca dos Livros (visita ao maior acervo de literatura infantil e juvenil de Santa Catarina)¹⁰; EA10. Maracatu Baque Mulher Floripa (movimento cultural que prioriza o protagonismo feminino através da prática do maracatu de baque virado)¹¹; EA11. Território do Axé: Sociedade Espírita São Lázaro (patrimônio cultural relacionado às religiões de matriz africana)¹²; EA12. Ecoturismo na Pinheira (com ênfase nas iniciativas comunitárias de reciclagem e radiodifusão, e perspectiva crítica à especulação imobiliária em áreas ricas em biodiversidade)¹³; EA13. Comunidades do Maciço do Morro da Cruz (uma perspectiva a um emblemático lugar de ocupação antiga pela população africana e seus descendentes e sua relação com as atuais desigualdades étnico-raciais)¹⁴; EA14. Dialogando com a antropologia e os saberes originários (realizado na Terra Indígena Morro dos Cavalos, demarcada em 2008 e que espera homologação para o livre usufruto da comunidade Mbya Guarani)¹⁵; EA15. Visita ao Quilombo Morro do Fortunato (território habitado há mais de um século por quilombolas – que têm seu passado histórico e cultural nesta localidade – marcados por opressão e discriminação racial diretamente ligada à ausência de políticas)¹⁶; EA16. Roteiro no barco-biblioteca com contação de histórias da Barca dos Livros (realizada a bordo de um barco, na Lagoa da Conceição, com contação de histórias sobre a cultura local voltada para o público infantil e infantojuvenil)¹⁷; EA17. Patrimônio cultural em Santo Amaro da Imperatriz: Águas termais (estância termal considerada patrimônio histórico e preservada há mais de 150

10 Responsáveis pelo roteiro: Samira Nagib e Camila Álvares Pasquetti.

11 Responsável pelo roteiro: Alexandra Alencar.

12 Responsáveis pelo roteiro: Patrícia Marcondes Amaral da Cunha e Márcia Regina Calderipe Farias Rufino.

13 Responsável pelo roteiro: Dagoberto José Bordin.

14 Responsáveis pelo roteiro: Raquel Mombelli e Tatiane Cerqueira.

15 Responsáveis pelo roteiro: Luciana Gransotto e Eunice Antunes/Kerexú Yxapyry, ex-cacica da aldeia.

16 Responsável pelo roteiro: Raquel Mombelli.

17 Responsáveis pelo roteiro: Samira Nagib e Camila Álvares Pasquetti.

anos)¹⁸; EA18. Visita a comunidades de pescadores do Ribeirão da Ilha (localidade considerada como maior produtor de ostras do Brasil, tem uma forte comunidade de pescadores artesanais que, além de contar com a produção de renda de bilro, de canoas, balaios e cestos de cipó, enfrenta pressões com a especulação imobiliária e com os impactos socioambientais da maricultura industrial)¹⁹; EA19. Territórios do Axé: Tenda Espírita de Umbanda Juraciara (patrimônio cultural relacionado às religiões de matriz africana)²⁰; EA20. Agricultura familiar: Experiência com agricultores agroecologistas de Imbuia (experiência rural e agroecológica no interior de Santa Catarina, junto às roças, hortas e mesas de agricultores/as participantes da Associação Agroecologia, Desenvolvimento e Educação Ambiental)²¹; e EA21. Territórios do Axé: Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim (patrimônio cultural relacionado às religiões de matriz africana)²².

Em cada um dos Roteiros buscamos encontrar pontos de convergência entre os eixos e discussões do Congresso e as demandas das comunidades. Percebemos, no decorrer desse intenso e marcante processo de articulação, que uma demanda transversal a todos esses territórios e contextos estava e está centrada na busca de visibilidade e reconhecimento pelas lutas travadas, simbólicas ou, efetivamente, em relação ao reconhecimento, respeito e continuidade de práticas sociais enraizadas em culturas e em contextos socioambientais específicos. As histórias desses sujeitos relacionam-se com a busca permanente pela equidade social e preservação ambiental.

Como parte integrante do planejamento das EA, por sugestão da coordenação do Congresso, estabelecemos uma proposta de educação formativa de quatro alunos/as do curso Guia de Turismo, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), para que, além das contribuições durante a realização

18 Responsável pelo roteiro: Dagoberto José Bordin.

19 Responsável pelo roteiro: Carmen Garcez.

20 Responsáveis pelo roteiro: Patricia Marcondes e Marcia Regina Calderipe Farias Rufino.

21 Responsáveis pelo roteiro: Julia Coelho de Souza e Dulciani Allein Schlickmann (Agrodea).

22 Responsável pelo roteiro: Alexandra Alencar.

dos roteiros, em termos de logística, também pudéssemos aproximá-los das questões e preocupações antropológicas inseridas nas proposições de cada atividade²³. Sugerimos a reflexão sobre acolhimento aos/às congressistas, mas também sobre o reconhecimento das fronteiras simbólicas presentes na maioria das comunidades das EA, posto que essa percepção e reconhecimento tanto seriam necessárias à proposta conceitual que se estava buscando quanto fundamentais para a interlocução com os sujeitos envolvidos nas comunidades. Dentro desse contexto, também foram frutíferas as discussões feitas com o grupo da monitoria da comissão das EA. Cerca de 14 (catorze) monitores/as integraram a comissão e estiveram engajados antes e durante o Congresso na plena realização das EA²⁴. Tanto guias quanto monitores/as, sujeitos sensíveis às questões conceituais desejadas e à perspectiva de cada um dos territórios e de suas comunidades, fizeram com que esses encontros fossem espaços de efetiva troca, aprendizados e respeito mútuo. Estabeleceu-se, com eles, um ambiente de ampla acolhida e de cuidado, em detalhes, com o bem-estar tanto de participantes quanto das pessoas das comunidades.

Faltando três semanas para o início do Congresso, fui convidada a fazer parte da comissão organizadora das Experiências Antropológicas, iniciativa que visou promover encontros, convivências, diálogos e interlocuções entre acadêmicos e pesquisadores participantes do 18º Congresso Mundial IUAES

23 Atuaram como Guias de Turismo das Experiências Antropológicas do 18º Congresso da IUAES, os/as estudantes do IFSC, Carla Trein, Geovane Altair da Silva, Maurício André Leão Santos e Telmo Melo. Agradecemos a Associação Brasileira de Antropologia pela concessão de bolsas para esta atividade.

24 Ben Cerqueira Beier (monitor e tradutor), Camila Alvares Pasquetti (tradutora), Caroline Suelen Spitzner (monitora e tradutora), Elaine da Silva (monitora), Gabriela Alano Tertuliano (monitora, tradutora, integrante da Comissão de Experiências Antropológicas e da Secretaria do Congresso), Gennaro Kindel Fattori (monitor e tradutor), Letícia Zanella Sais (monitora e tradutora), Laila Barreto (monitora e tradutora), Luiza Della Giustina Dal Correggio (monitora e tradutora), Maik Bonato (monitor e tradutor), Maria Laura de Barros Lopes (monitora), Patrícia Marcondes Amaral da Cunha (monitora e tradutora), Tatiane Cerqueira (monitora), Valentina Nercolini (monitora e tradutora).

em comunidades nativas e espaços comunitários. Foram 21 experiências que aconteceram em Florianópolis e seus arredores, e para facilitar na logística de informações dos 215 inscritos online, organizei planilhas com todos os dados necessários, como segunda língua, documento, telefone, endereço, se haviam necessidades especiais, alimentação restrita, etc.
Gabriela Alano Tertuliano

Interessou-nos muito, ao longo de todo planejamento do Congresso, articular as diferentes frentes de conhecimento, o que possibilitou diálogos transculturais: encontro de territórios e comunidades locais e pesquisadoras/as de diferentes nacionalidades, interessados/as em pesquisar e vivenciar distintas realidades, lutas e modos de vida locais. Essa perspectiva de planejamento vem de encontro com nossas reflexões enquanto pesquisadoras; sobretudo a partir do estudo interdisciplinar e em ciências humanas, buscamos desvelar e conhecer as interfaces socioambientais e de gênero nos estudos sociais do turismo. Inquieta-nos as formas como o turismo “espetaculariza” a memória (AUGÉ, 2010) e promove cadeias de desigualdade e dinâmicas que ainda remetem ao colonialismo. Interessam-nos as relações entre comunidades e viajantes, não buscando a comercialização pelo espetáculo, mas possibilidades de interconhecimento, valorização e respeito.

Estabelecer interfaces entre o planejado, o desejado, nossas premissas conceituais e a intensa vivência entre tantos mundos e encontros é uma tarefa que nos exige ao mesmo tempo envolvimento, estranhamento e reflexividade. Talvez o amadurecimento efetivo do processo reflexivo – e da narrativa sobre a experiência – se dê em um espaço e tempo ainda maiores que o deste ensaio. Entendendo o processo das EA como a nossa própria viagem, uma viagem distinta da experimentada pelos mais de 300 sujeitos que as constituíram efetivamente, estamos nesse momento vivenciando o segundo entremeio da viagem – aquele que se dá entre o Durante e o Depois. Onfray (2009) sugere esse espaço de Entremeio como o momento aonde se reencontra um lugar, para que depois se cristalize uma versão e, então, se diga ao mundo. Ao reencontrarmos esse lugar de trocas efetivas e afetivas, refletimos sobre uma experiência vivenciada sob diversas

perspectivas simultaneamente. Talvez se possa, através das mobilidades existentes na nossa sociedade, entender e sugerir a prática social do turismo e das viagens com o sentido de (re)conhecer situações invisibilizadas, comunidades que são ‘o outro’ do turismo especulativo e, nas tensões existentes entre os acessos e os mercados, associar-se de distintas formas a dispositivos de fortalecimento e salvaguarda sociocultural, ambiental e identitária.

Esse reconhecimento também está articulado às imagens feitas sobre as comunidades e que são, conforme Maria Gravari-Barbas e Nelson Graburn (2012), moldadas por artefatos e produtos imateriais, fazendo parte da construção dos imaginários sobre os diferentes lugares e povos, preparando o ‘encontro’ e também os ‘confrontos’ com o Outro. É necessário desmistificar os imaginários turísticos de forma que o/a pesquisador/a analise a partir de uma perspectiva sistemática e transversal os seus componentes e a sua genealogia, ainda segundo esses autores. Os sujeitos que visitam são representados aqui pelos/as congressistas e também são viajantes que chegaram em Florianópolis com seus imaginários e expectativas. Eles e elas retornam ao ponto de partida, mas, tocados pelas vivências, não são mais os/as mesmos/as. Louro (2004, p. 13) aponta que na viagem há “formação e transformação, mas num processo que, ao invés de cumulativo e linear, caracteriza-se por constantes desvios e retornos sobre si mesmo”.

Registramos, a partir da experiência de planejar as EA, a oportunidade de (re)pensar a noção da viagem e as vivências no espaço ‘do outro’ através de um saber-fazer, nas esferas teórica e prática, como possibilidade de ruptura dos padrões mercadológicos vigentes, em especial, da cidade de Florianópolis, ilha da magia, mas lugar de disputas, de profundos impactos socioambientais, de turistificação e exclusão social. Na condição de pesquisadoras, somos responsáveis por tomar posicionamentos, pensar, planejar, operacionalizar e praticar um turismo alternativo, de base comunitária, com produção e geração de renda, e que gere uma experiência afetiva e responsável.

Tomamos emprestada a ideia da metáfora da viagem, vinculando-a à nossa experiência inter e transcultural no Congresso e na participação da

elaboração das EA, mas também à própria relação com o espaço do ‘outro’, a possibilidade de viajar e de (se) transformar. Louro (2004, p. 14) escreve: “a viagem interessa-me para refletir não apenas sobre os percursos, as trajetórias e o trânsito entre lugares/culturas ou posições-de-sujeito, mas, também, para refletir sobre partidas e chegadas. Importa-me o movimento e também os encontros, as misturas, os desencontros”.

Referências

AUGÉ, Marc. *Por uma Antropologia da Mobilidade*. Maceió: EdUFAL; UNESP, 2010.

CERTEAU, Michel de. *L’Invention du Quotidien*. Arts de faire. Paris: Gallimard, 1990.

GRAVARI-BARBAS, Maria; GRABURN, Nelson. Imaginaires touristiques. *Revue Interdisciplinaire et Internationale*, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/viatourism/1178>>.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ONFRAY, Michel. *Teoria da Viagem: poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. *Revista Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, ISSN 1807-1384, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2012v9n1p16>>.

ANEXO I – Total de participantes e inscritos nas Experiências Antropológicas

EA	Título da Experiência Antropológica	Equipe coordenação	Total participantes	Total inscrições
1	Maracatu Arrasta Ilha	3	50	*
2	São Bonifácio, terra de Egon Schaden	3	30	33
3	Roteiro histórico do “Programa Santa Afro Catarina”	3	23	26
4	Experiência Comunitária na Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé	2	9	10
5	Comunidade Ponta do Leal, resistências em palafitas	3	15	22
6	Experiência Comunitária na Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé	2	6	10
7	Antropologia urbana: visita guiada ao Centro Histórico de Florianópolis	2	16	40
8	Área de Proteção Ambiental do Anhatomirim (APA Anhatomirim)	4	32	38
9	Visita à sede da Biblioteca Comunitária Barca dos Livros	1	12	17
10	Maracatu Baque Mulher Florianópolis	2	9	21
11	Território do Axé: Sociedade Espírita São Lázaro	2	11	16
12	Ecoturismo na Pinheira	6	20	19
13	Comunidades do Maciço do Morro da Cruz	3	12	23
14	Dialogando com a antropologia e os saberes originários	2	23	44
15	Visita ao Quilombo Morro do Fortunato	3	19	30
16	Roteiro no barco-biblioteca com contação de histórias da Barca dos Livros	3	15	29
17	Patrimônio cultural em Santo Amaro da Imperatriz: Águas termais	3	29	39
18	Visita a comunidades de pescadores do Ribeirão da Ilha	4	20	27
19	Territórios do Axé: Tenda Espírita de Umbanda Juraciara	3	15	15
20	Agricultura familiar: Experiência com agricultores agroecologistas de Imbuia	6	26	37
21	Territórios do Axé: Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim	2	14	12
	Total	60	406	498

* Não foi necessária a inscrição prévia.

ANEXO II – Totais de países de origem dos/das participantes das experiências antropológicas (EA2 a EA11)

	País	Experiências Antropológicas									
		EA2	EA3	EA4	EA5	EA6	EA7	EA8	EA9	EA10	EA11
1	Alemanha	2				1					
2	Angola										
3	Argentina						1		1	2	
4	Austrália	1	1				2				
5	Áustria										
6	Bélgica		1								
7	Bielorrússia		1				1				
8	Brasil	7	3		3	1	1	5	9	2	4
9	Bulgária				1						
10	Canadá									1	
11	Chile		1								1
12	China				1			2		1	
13	Chipre				2			2			
14	Colômbia		1								
15	Croácia						1				1
16	Dinamarca	1	1					1			
17	Equador										
18	Eslovênia	1	1								
19	Espanha										1
20	Estônia							1			
21	EUA	3	3				1	5		2	
22	Finlândia										
23	França						1	1		1	
24	Haiti		1								
25	Hungria	1									
26	Índia	2					1	1			
27	Itália										
28	Japão	4	1		1			1			
29	Letônia							1			
30	México										
31	Polônia	1				1					
32	Portugal				1						
33	Rússia		3		3						
34	Suíça	2				1	1	3			
35	Taiwan							2			
36	Tunísia										
37	Turquia										
38	País não informado							3			

ANEXO III – Totais de países de origem dos/das participantes das experiências antropológicas (EA12 a EA21)

Nacionalidades		Experiências Antropológicas									
		EA12	EA13	EA14	EA15	EA16	EA17	EA18	EA19	EA20	EA21
1	Alemanha	1	2	2							1
2	Angola	1									
3	Argentina		1		2				1	2	1
4	Austrália					1	1			1	
5	Áustria							1			
6	Bélgica	1									
7	Bielorrússia	1									
8	Brasil	4	3	3	7	11		5	2	2	7
9	Bulgária										
10	Canadá										
11	Chile	1									
12	China			4		1	2				
13	Chipre			2							
14	Colômbia										
15	Croácia							1	1		
16	Dinamarca									1	
17	Equador							1			
18	Eslovênia										
19	Espanha					1			1		
20	Estônia			1							
21	EUA		1	1	2			1	1	1	
22	Finlândia				1						
23	França	1	3					2		2	1
24	Haiti										
25	Hungria										
26	Índia	2				1					
27	Itália		2					1	1		
28	Japão			1	1			2		3	1
29	Letônia			1							
30	México	1			2				1	1	
31	Polônia										
32	Portugal			1							
33	Rússia			1				1			
34	Suíça			2	1				1	5	1
35	Taiwan			2		1				2	
36	Tunísia	1							1		
37	Turquia							1			
38	País não informado										

ANEXO IV – Totais de países de origem dos/das participantes das experiências antropológicas (EA2 a EA21)

	Nacionalidades	Total participantes
1	Alemanha	9
2	Angola	1
3	Argentina	11
4	Austrália	8
5	Áustria	1
6	Bélgica	2
7	Bielorrússia	3
8	Brasil	162
9	Bulgária	1
10	Canadá	1
11	Chile	3
12	China	12
13	Chipre	6
14	Colômbia	1
15	Croácia	4
16	Dinamarca	4
17	Equador	1
18	Eslovênia	2
19	Espanha	3
20	Estônia	2
21	EUA	21
22	Finlândia	1
23	França	12
24	Haiti	1
25	Hungria	1
26	Índia	8
27	Itália	4
28	Japão	15
29	Letônia	2
30	México	5
31	Polônia	2
32	Portugal	2
33	Rússia	8
34	Suíça	17
35	Taiwan	10
36	Tunísia	2
37	Turquia	1
38	País não informado	3

Em um “click” tudo se eterniza: breves considerações sobre o registro audiovisual do 18º Congresso Mundial IUAES 2018

**Suzana Morelo Vergara Martins Costa
Ângela Ferreira**

Pela primeira vez desde seu surgimento, o Congresso Mundial da IUAES – décima oitava edição – foi realizado na América do Sul na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. O evento, que contou com 3.080 inscrições, sendo a maioria das inscritas mulheres, precisava registrar imagens de suas atividades. Foi assim que surgiu nossa equipe de audiovisual. No começo, éramos três: Ângela Ferreira, Marina Rieck Borck e Suzana Martins Costa, sendo que no desenrolar do Congresso ingressou em nossa equipe o colega Luiz Fernando Mendes de Almeida¹. Tínhamos duas câmeras fotográficas, uma filmadora e a vontade de realizar o registro de um evento que trouxe para a Ilha de Santa Catarina pesquisadoras e pesquisadores de mais de cinquenta e cinco países do mundo.

O campus da Universidade Federal de Santa Catarina se transformou em um enorme cenário onde circulavam indígenas, crianças, franceses, ingleses, chineses, indianas, finlandeses, mexicanas, croatas, brasileiras, colombianas... e nós, com nossos equipamentos, treinávamos nossos olhares e percepções sensoriais para conseguir captar bons momentos e realizar

¹ Agradecemos a colega Marina Rieck Borck e Luiz Fernando Mendes de Almeida pela grande parceria, pelos registros fotográficos e por fazerem parte da Equipe Audiovisual do 18º Congresso Mundial IUAES 2018.

um interessante registro do que víamos e sentíamos. Chegávamos no 18º Congresso Mundial IUAES pela manhã e passávamos o dia envolvidas com a atividade de registrar o que estava acontecendo no evento, saindo do campus da UFSC ao anoitecer. Nos dividimos em registros fotográficos e registros cinematográficos, nos encontrando diariamente no período da tarde para sentarmos e produzirmos os *teasers* (pequenos vídeos) sobre as atividades registradas naquele dia. Logo em seguida, disponibilizávamos on-line, na rede social do 18º Congresso Mundial IUAES, as imagens editadas de forma a permitir que as pessoas acompanhassem virtualmente as atividades do congresso

Durante o evento foram produzidos sete *teasers*, duas apresentações em PowerPoint para as cerimônias de abertura e encerramento do Congresso e mais de seiscentos registros fotográficos. Após o evento foi produzido um vídeo-relatório para o CNPq, como parte do relatório final de financiamento, e outros vídeos continuam a ser produzidos para outras agências. Devido à grandiosidade do evento, não foi possível realizar a cobertura de todas as atividades acadêmicas que ocorriam simultaneamente. Por isto a equipe acabou por selecionar algumas destas atividades que acreditamos terem sido as mais importantes de estarem registradas e memorizadas.

Destacamos a seguir nossa cobertura da Reunião Plenária da Rede Global de Antropologia Feminista, a homenagem ao Prof. Dr. Silvio Coelho dos Santos, o lançamento de livros em todos os dias do Congresso, o painel aberto 107 “Direitos dos Povos Indígenas versus Museus: como ‘nós’ representamos os povos indígenas e o que eles pensam disso?” e a peça teatral feminista Guerreiras Donzelas.

A Reunião Plenária da Rede Global de Antropologia Feminista fez parte do Circuito Lilás e fora um importante encontro de mulheres antropólogas feministas que discutiram o desafio de se fazer uma antropologia crítica feminista, levantado em quinze pontos de reflexão. Foi um encontro de suma importância no momento de retrocessos e perdas de direitos que o mundo globalizado vem passando, onde pensar em uma ciência humana, subjetiva e em diálogo com os movimentos sociais se faz necessário

na busca por um mundo mais justo e humano. Nós realizamos o registro audiovisual de toda a Reunião, com o foco aberto para mostrar o público presente, aproximando a imagem das pessoas que detinham o lugar de fala, juntamente com fotos do público e detalhes do mesmo.

A homenagem ao Prof. Dr. Silvio Coelho dos Santos também fora outro acontecimento importante do evento, com abertura de exposição fotográfica e falas em sua homenagem no espaço do MARQUE – Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC. Silvio Coelho dos Santos foi um pesquisador catarinense (1938-2008) importantíssimo na luta pelos direitos indígenas, no campo da etnologia e na construção do curso de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Por isto foi escolhido como homenageado no 18º Congresso Mundial IUAES 2018. O registro atentou-se a fotografias em diferentes ângulos, aproveitando a arquitetura do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC para criar fotos não só para mero registro, mas com um olhar artístico por trás, ampliando a sensibilidade da e do espectadora e espectador.

A feira de livros contou com diversos lançamentos, dos mais variados temas antropológicos, sendo um local de encontro e conversas e de troca de capitais culturais. Realizamos a filmagem do ambiente da feira de livros com os livros expostos e os participantes interagindo e trocando ideias e também das falas das autoras e autores que realizaram o lançamento de livros no 18º Congresso Mundial da IUAES. As fotografias seguiram a linha da mostra da interação e coletividade das e dos presentes na feira de livros.

O Painel Aberto 107 “Direitos dos Povos Indígenas versus Museus: como ‘nós’ representamos os povos indígenas e o que eles pensam disso?” trouxe um caro e importante debate para o campo da antropologia e da museologia: a representação dos povos indígenas nos museus. Reflexão que se alarga com o triste incêndio do Museu Nacional, importante instituto para a antropologia brasileira. Afinal qual seria o papel dos museus? O registro do Painel Aberto 107 dividiu-se em registros fotográficos das e dos presentes e o registro em vídeo de depoimentos de pesquisadores e autoridades indígenas sobre o debate trazido pelo encontro.

Registrar a peça teatral feminista “Guerreiras Donzelas” foi outra atividade importante para a equipe de registro audiovisual pois permitiu também acompanhar a atividade das crianças na IUAES. A peça, que conta a história de duas mulheres guerreiras: Joana D’Arc e Mulan, se constrói como uma expressão artística de resistência e possibilitar que a peça fosse disponibilizada on-line foi de grande satisfação. Foi realizado o registro em vídeo na íntegra da peça, buscou-se acompanhar com o olhar da câmera as emoções e intensidades da expressão artística, dando foco e abrindo o quadro conforme as personagens desenrolavam a história de sua contação de histórias. Fotografias foram tiradas buscando apresentar o público presente e realizar o registro estático de ações e emoções das atrizes e público.

Ao todo foram produzidos sete *teasers* ao longo do 18º Congresso Mundial IUAES. Os pequenos vídeos eram pensados antes da própria edição. Pensávamos em enquadramentos, imagens e cortes no ato de fotografar e filmar. Na edição escolhemos as melhores imagens e sons para conseguirmos passar à espectadora e ao espectador um pouco do “clima” do evento e demonstrar as atrações que estavam ocorrendo, bem como criar e contar pequenas histórias vivenciadas no dia em que o *teaser* fora produzido.

Como nos lembra o autor Josep Català Domènech (2011), a subjetividade do espectador tem suma importância na construção de sentido das produções cinematográficas. Com essa consciência, esperamos que os registros fotográficos e audiovisuais do 18º Congresso Mundial IUAES toquem, relembrem e sensibilizem as espectadoras, tal como o Congresso fez conosco.

Entendemos nossa participação no registro audiovisual do evento como um privilégio acadêmico e político. Nossos corpos e nossos sentidos foram tomados pelo espírito do registro de um evento histórico-antropológico cujo espetáculo não se traduz apenas em imagens, mas em inúmeras formas sensíveis que nos permitiram eternizar os milésimos de segundos que cada quadro do filmar capturou. Todos os sentimentos que subjetivamente foram expressos pelos olhares de antropólogos e antropólogas do mundo inteiro, evasivos ou não, se eternizaram por meio das lentes das

câmeras que, como armas (do bem), empunhávamos em nossas mãos. Como éter se evaporando num cosmos de sensações, as lembranças rememoradas gravitarão nas mentes e corpos até o próximo Congresso Mundial de Antropologia que será realizado na Índia em 2022. Até lá, cada palavra e sentimento percebido terão seu efeito inimaginável nas pesquisas de cada um e cada uma dos e das participantes. Quem nos dera ser mil, para capturar em detalhes cada gesto e compartilhar de conhecimentos.

Referências

CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. Transdisciplinariedade da imagem: cinema e arquitetura. In: _____. *A Forma do Real: Introdução aos estudos visuais*. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

Rede de Antropologia Feminista e o Circuito Lilás durante o 18º Congresso Mundial IUAES

Aparecida Shiroko Takigawa
Camila Rocha Firmino
Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro
Gabriela Pedroni
Giovanna Barros Gomes
Isadora Assis Bandeira
Kalena Henckel Pacheco
Matilde Quiroga Castellano
Mariane da Silva Pisani
Miriam Pillar Grossi

O feminismo ama outra ciência: a ciência e a política da interpretação, da tradução, do gaguejar e do parcialmente compreendido. O feminismo tem a ver com as ciências dos sujeitos múltiplos com (pelo menos) visão dupla. O feminismo tem a ver com uma visão crítica, consequente com um posicionamento crítico num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero.
(Donna Haraway)

No âmbito da 18º IUAES, a convite da Profa. Miriam Pillar Grossi, foi formada uma comissão composta por diversas alunas de graduação e pós-graduação que se identificavam como *antropólogas feministas*. A comissão tinha por objetivo planejar e viabilizar o encontro da *Rede Global de Antropologia*

Feminista. Elaborar um dia de atividades num evento desta magnitude exigiu considerarmos uma proposta que viabilizasse as nossas demandas como antropólogas feministas, conduzindo-nos a pensar as pautas que atravessam nosso cotidiano na prática antropológica, bem como refletir sobre os modos de fazer antropologia no globo a partir de um olhar feminista.

Assim, delineamos o Circuito Lilás que reuniria, além do encontro da Rede, atividades artísticas e demais atividades com temática de gênero/feminista já previstas na programação da 18^o IUAES. O encontro da Rede realizou-se por meio de um workshop¹ e uma plenária, mas contou com outras atividades inseridas no Circuito Lilás, como a peça de teatro feminista “Guerreiras Donzelas”, uma recepção no Espaço Cultural Gênero e Diversidades do Instituto de Estudos de Gênero da UFSC e se encerrou com a conferência da Dra. Mara Viveros Vigoya.

Tendo em vista a histórica marginalidade da Antropologia Feminista dentro do campo hegemônico da disciplina, identificamos como questão urgente a ser tratada no encontro da Rede o debate sobre os desafios para realização de uma Antropologia Crítica Feminista. Com vistas a possibilitar essa discussão, planejamos um espaço de debate (Workshop) e um espaço deliberativo (Plenária) que tivessem como resultado um documento-síntese das discussões. Com essa estratégia, buscávamos mapear a percepção acerca dos desafios para o fazer antropológico feminista, desde as mais diversas perspectivas, bem como registrá-la em um documento de modo a possibilitar futuros desdobramentos dessa reunião.

I workshop

A Jornada começou com um Workshop, que foi pensado como um espaço de diálogo onde teríamos a oportunidade de compartilhar nossas vivências, nossas perspectivas feministas, nossas pesquisas e dialogar a respeito das

1 Outros workshops que se identificavam com a temática também formaram parte da proposta de Circuito Lilás.

antropologias feministas que são feitas nos variados locais do mundo. Montamos a primeira atividade do dia pensando em levar uma possibilidade de contato direto entre as participantes, como um momento interativo e de conhecimento mútuo, além de um espaço de elaboração de nossas demandas a serem levadas para o segundo momento da Rede, a Plenária.

Para dar início e mobilizar as participantes para esse diálogo foi escolhido um conceito produzido por uma autora negra brasileira, Conceição Evaristo (2011), teórica até recentemente invisibilizada local e mundialmente. Ao escolher o conceito de “escrevivência”, explicitamos uma perspectiva decolonial cuja proposta visava à colocação, em ação, as vivências individuais das participantes.

A atividade começou com a exposição do conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo (2011). Mulher negra de origem periférica e intelectual de renome, que teve em sua trajetória de vida as marcas indelévels do racismo e da desigualdade de gênero, a produção de Evaristo é propositalmente atravessada por sua trajetória de vida. Além de suas próprias vivências, ela busca, na história de vida de outras mulheres, sobretudo das negras, narrativas que, junto com sua própria história, permitem palavrare a vida e suas agruras. “Escrevivência” é o conceito que a autora encontrou para explicar a “dança da vida”. Ao utilizarmos este referencial teórico, buscamos evidenciar a não neutralidade da produção do conhecimento. Conhecimento que é necessariamente atravessado por nossos privilégios ou ausência deles, desejos, comprometimentos e interpelações.

Após a exposição sobre esse conceito, foi solicitado que as participantes elencassem o que consideravam desafios para a realização de uma antropologia de cunho feminista. Metodologicamente foi pedido para que as participantes se dividissem em grupos de acordo com uma das línguas do Congresso (português, inglês e espanhol). Em cada grupo as discussões fluíram de maneira engajada e espontânea, trazendo diversos elementos que perpassam as vivências dessas mulheres. Cabe destacar que ficou evidente a relevância de um encontro como esse, visto que as mulheres presentes manifestaram que gostariam de ter mais espaço dentro de eventos

acadêmicos para realizar essa discussão, protestando inclusive por mais tempo dentro do Workshop. Para finalizar esta atividade, cada grupo elaborou alguns pontos de seus debates para serem registrados pelas integrantes da comissão organizadora da rede de antropólogas feministas e levados para a Plenária.

A realização desse Workshop foi um indicativo da importância de abrir espaços de fala sobre uma antropologia feminista de forma horizontal e intimista. Na sala se encontravam várias mulheres originárias de diferentes países, com pesquisas e percepções diferentes, mas com extremo interesse de debater mais e mais sobre nossas questões políticas, epistêmicas e sociais. Este primeiro momento deu o tom do que seria o segundo momento da Rede.

II Plenária da Rede Global de Antropologia Feminista na 18^o IUAES

Após o Workshop, tivemos a Plenária da Rede Global, que ocorreu no auditório do EFI-UFSC. Ela tinha como objetivo ampliar a discussão já iniciada no Workshop da Rede e nos demais que fizeram parte do Circuito. Abrimos a Plenária com a seguinte pergunta: *quais os desafios para uma antropologia feminista?*

Contamos com a participação de aproximadamente 150 pessoas, em sua ampla maioria mulheres. Com o auditório lotado, participaram mulheres de diferentes regiões do Brasil e de diferentes nacionalidades do globo. Já esperávamos uma grande adesão das antropólogas nas atividades com temáticas feministas, uma vez que, pela verificação do número de participantes do evento e pelo programa do congresso, percebemos uma expressiva quantidade de trabalhos com temáticas afins ao feminismo e discussões de gênero. Como já era esperada esta multiplicidade de mulheres, buscamos construir uma plenária inclusiva, e, como forma de viabilizar o diálogo entre essas antropólogas, a tradução simultânea foi essencial para que as falas em diversas línguas fossem escutadas por todas.

O início das atividades foi realizado por uma performance do grupo de teatro das oprimidas, *Madalena na Luta*, que abordou as interseccionalidades na categoria “mulher”. *Sobre quem falamos quando falamos em mulheres?* Esta foi a questão que permeou a apresentação e que evidenciou a imprescindibilidade para um projeto feminista que evidencie as diferenças e busque não invisibilizar as desigualdades entre as mulheres.

Na sequência, a abertura foi conduzida pela Coordenadora Geral do *18th IUAES World Congress*, Profa. Miriam Grossi. As reflexões trazidas pelo Workshop realizado foram lidas e ratificadas², não sem pontuações e acréscimos trazidas pelas participantes da Plenária que, em geral, não estavam presentes naquele momento anterior. Uma das questões ampliadas foi: “*Garantir condições de acesso e permanência acadêmica tendo em vista os marcadores de diferença que excluem as mulheres (maternidade, etnia, raça, orientação sexual, identidades de gênero, classe, deficiência, geração e idade, religião, entre outras)*”. Esse ponto contava com apenas alguns marcadores sociais da diferença, mas, ao longo da Plenária, foram sendo inseridos novos de acordo com as falas das participantes. Este item é ilustrativo do momento atual em que se encontra a teoria (e o movimento) feminista, uma vez que parte dos desafios para uma antropologia feminista apontados se refere às desigualdades que se impõem às mulheres, sobretudo quando levados em conta todos esses marcadores sociais de diferença.

Nesse sentido, conseguir acessar a Universidade e ter condições plenas de se desenvolverem enquanto pesquisadoras é o primeiro desafio posto para grande parte das mulheres. Isso porque, como têm denunciado os feminismos contra-hegemônicos (como, por exemplo, os feminismos negro e lésbico), a categoria mulher por si só não contempla as desigualdades entre as próprias mulheres.

A Plenária foi, acima de tudo, um momento de amplo exercício dialógico, com a “palavra” e o microfone abertos para que as participantes se voluntariassem a compartilhar suas impressões sobre a antropologia

2 O documento resultante da Plenária encontra-se no anexo I.

feminista em seus países. Nesse sentido, gostaríamos de destacar alguns pontos que foram compartilhados neste espaço.

- *A maternidade e suas implicações* foram tematizadas ainda no início da atividade. Os movimentos feministas têm relacionado a sobrecarga das mulheres com o trabalho de cuidado (de filhos, idosos ou outros dependentes) com sua pior colocação no mercado de trabalho.
- *A falta de equipamentos públicos capazes de desonerar as mulheres dessas tarefas* (como, por exemplo, creches em período integral, lavanderias e restaurantes populares) afeta a produção acadêmica das mulheres de modo geral e de maneira mais severa aquelas que não têm condições de pagar por esses serviços. Por exemplo, no Brasil, apenas em 2011 foi aprovada a licença maternidade para bolsistas de estudo³.
- A violação de direitos das mulheres na forma de *assédio moral e sexual perpetrados por discentes e docentes nos ambientes acadêmicos* e universitários também foi elencada como ponto crítico. Neste quesito, foram inclusive aprovadas moção de repúdio à decisão do Ministério Público de Santa Catarina pelo arquivamento do processo que indiciou por estupro um professor da UDESC, bem como moção de apoio às vítimas.⁴ As moções denunciam o relatório do inquérito que tipificou o crime assédio sexual, moral e estupro desse professor sobre diversas alunas como “perturbação da tranquilidade”.
- *O aborto e a descriminalização do aborto* foram uma temática levantada pelas antropólogas argentinas, que trouxeram um relato muito tocante e envolvente durante a Plenária, momento em que relataram a articulação do movimento feminista para a aprovação de uma legislação que tornasse o aborto legal, seguro e gratuito,

3 Portaria nº 248, de 19 de dezembro de 2011, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

4 Os textos das duas moções encontram-se no Anexo II.

trazendo fotos e vídeos da onda verde que se espalhou pelas ruas argentinas. Além disso, apresentaram uma reivindicação que foi lida pelas participantes de forma uníssona, contagiando a Plenária com a energia da luta dessas mulheres. Esse momento, inclusive, trouxe a proposta de uma moção a respeito do apoio da Rede a respeito da aprovação da referida legislação na Argentina, como também pela moção de apoio à Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 442, para que seja julgada procedente pelo Supremo Tribunal Federal e declare a inconstitucionalidade da criminalização do aborto no Brasil⁵.

Além das questões pontuadas acima, foram indicadas questões culturais que remetem à dificuldade das mulheres de exercerem a fala em espaços públicos, ilustrada pelo desafio: “*Ter autonomia para falar nos espaços acadêmicos*”. Um outro ponto aprovado na Plenária diz respeito à necessidade de estratégias para enfrentar o problema do silenciamento das mulheres acadêmicas: “*Na prática de ensino, lançar mão de estratégias que permitam o protagonismo às discentes (distribuição de tempo de fala equânime, espaços livres de diálogo, espaços de produção coletiva acadêmica)*”. Observa-se, assim, que o ambiente acadêmico persiste marcado pelo machismo e pela branquitude, e isto reflete nas políticas universitárias e na produção de conhecimento, dificultando a emergência de uma “*Outra Antropologia*”.

Destacamos também que questões metodológicas e epistemológicas foram discutidas através dos seguintes desafios:

1. Valorizar e priorizar as metodologias feministas, bem como a produção científica de antropólogas feministas;

5 Texto da moção lida e aprovada durante a plenária: “MOÇÃO DE APOIO: Nós antropólogas feministas e participantes do XVIII Congresso da IUAES manifestamos nosso apoio à Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 442, para que seja julgada procedente pelo Supremo Tribunal Federal e declare a inconstitucionalidade da criminalização do aborto no Brasil.”

2. Exercer um olhar contra-hegemônico que escape do pensamento heteropatriarcal eurocentrado;
3. Construir um novo cânone baseado nas metodologias e epistemologias feministas, visibilizando na escrita as pensadoras e as próprias interlocutoras de primeira mão e não por meio de outros autores; e,
4. Extrapolar a antropologia feminista para além do campo temático de mulheres, de modo que sua epistemologia passe a ser parte constitutiva do fazer antropológico.

Desta forma, a discussão realizada pela Plenária, no que tange às questões epistemológicas, coincide com os esforços teóricos para definir o objeto da antropologia feminista (MOORE, 1988; ONO, 2003), bem como consolidá-lo enquanto campo de pesquisa e como projeto crítico da própria Antropologia (BONETTI, 2012).

III Peça de teatro “Guerreiras Donzelas”

Após a Plenária da Rede Global de Antropologia Feminista, tivemos a apresentação da peça teatral “Guerreiras Donzelas”, dirigida por Maria Brígida de Miranda, professora de teatro feminista da UDESC, no teatro da UFSC. A peça promoveu um diálogo com as participantes da Plenária ao discutir temáticas como as dificuldades vividas pelas mulheres ao serem impedidas de exercer certas funções públicas. Baseando-se nas histórias de Joana D’Arc e Hua Mulan, foram-se narrando jornadas heroicas destes mitos e representações da libertação feminina. As histórias foram representadas simultaneamente por duas atrizes mulheres, contando em parte as narrativas de cada representação feminina, com ajuda sonora de mais um integrante. Um elemento que facilitou o acesso de todas as participantes ao argumento da peça teatral foi que, durante a mesma, foi disponibilizada, em Datashow, a tradução para língua inglesa para os não falantes do português.

Após a representação teatral, as participantes do Circuito foram convidadas a um almoço coletivo cujo prato principal era uma feijoada, um dos

pratos típicos brasileiros, com opção vegana. O almoço coletivo visava à proporção de maior sociabilidade a mulheres do mundo inteiro que estavam presentes no Circuito Lilás. A feijoada foi oferecida no Espaço Cultural Gênero e Diversidades (IEG/SAAD, SECART), possibilitando que as mulheres da rede conhecessem o espaço conquistado pelo Instituto de Gênero da UFSC após 30 anos de atuação. Além da troca de saberes e conversas informais, foram disponibilizados às participantes livros, revistas e cartilhas publicados pela Editora Mulheres, Instituto de Estudos de Gênero, Gênero e Diversidade na Escola, Revista Estudos Feministas e publicações do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades.

IV exposição no Hall do centro de convenções

Na tentativa de representar antropólogas de universos diferentes, montamos, ao final do dia do Circuito Lilás, um varal com nomes de antropólogas feministas de diferentes regiões do mundo, no hall do Centro de Eventos, local central do 18º Congresso da IUAES.

A exposição destes nomes no principal espaço público do Congresso era uma forma de tornar visíveis mulheres muitas vezes esquecidas na história da disciplina antropológica e o varal possibilitou a todas as participantes do Congresso lembrar nomes de antropólogas que são referências teóricas em nossas pesquisas e descobrir outras antropólogas. Esta homenagem simbólica a antropólogas conhecidas e desconhecidas foi muito marcante para todas as participantes e uma forma de compartilhar publicamente as discussões e trocas realizadas ao longo de todo o dia.

V Reflexões finais

Ao longo de muitos encontros de construção coletiva do “Circuito Lilás” foi se delineando, na equipe, uma reflexão pautada na defesa de autonomia feminista no campo da antropologia. Buscou-se construir alternativas de enfrentamento aos obstáculos do fazer etnográfico, percurso trilhado por nós, mulheres, seguidamente muito solitário. O Circuito Lilás foi uma forma eficaz e produtiva de permitir o encontro e a troca de experiências de

antropólogas feministas de diferentes gerações e vivendo em diferentes lugares do mundo.

Temos aprendido com a teoria feminista que é fundamental reconhecer e explicitar o *lugar de fala* como forma de produção de conhecimento. Localizar quem somos e de onde falamos nos permite questionar a falácia de uma voz universal da ciência e evidenciar que todo campo científico é composto por sujeitos múltiplos (HARAWAY, 1995). A opção por uma epistemologia feminista foi fundamental para uma “análise crítica que procure encontrar o conhecimento científico como produto da inter-relação entre sujeito e objeto” (CABRAL, 2006, p. 25). Relação que é marcada por inúmeros processos de subjetivação envolvendo pesquisadora e pesquisadas. Ao partir desta perspectiva, pudemos colocar em xeque a “objetividade científica” que mascara conhecimentos e interesses dos grupos específicos que ocupam lugares de privilégio no interior de determinado campo de conhecimento e que também se manifesta em congressos de Antropologia. Sabemos que, na história da Antropologia, que reflete também a história da ciência ocidental, foram homens autorreconhecidos como brancos vivendo em países com passado colonial do norte global oriundos de elites econômicas e culturais que ocuparam por mais de um século os lugares de poder e de reconhecimento de fala em espaços de prestígio acadêmico, como são os congressos mundiais de antropologia.

Ressaltamos a importância de termos dado maior visibilidade, no *18th IUAES World Congress*, a perspectivas feministas presentes nos debates antropológicos mundiais. Entendemos que a produção do conhecimento não é neutra, que é sempre localizada a partir dos marcadores sociais de diferença que reforçam as desigualdades. Este posicionamento, de explicitação destas desigualdades, visibiliza e manifesta o caráter político de nossas práticas e de nossa participação na construção do conhecimento, assumindo uma postura crítica.

O fato de pensar a rede de antropologia feminista como “global” tem como objetivo pensar a antropologia feminista como uma ferramenta de análise de situações de desigualdade e opressões em diferentes lugares do mundo. Seguindo Collier e Ong (2005), pensamos que a presença da pers-

pectiva feminista e suas diversas manifestações ao redor do mundo estão marcadas também por valores éticos e morais que orientam diferentes práticas do fazer antropológico demonstrando sua capacidade de contextualização, recontextualização e abstração.

Por fim, consideramos que se faz necessário e imprescindível dar continuidade, nos congressos de Antropologia locais e mundiais, ao caminho que iniciamos, criando, fortalecendo e recriando espaços que permitam captar diferentes demandas e perspectivas teóricas para continuar construindo epistemologias feministas no interior da Antropologia.

Referências

BONETTI, Aline. Antropologia Feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção. *Cuadernos de Antropología Social*, Buenos Aires, n. 36, p. 51-67, 2012.

CABRAL, Carla Giovana. Investigando o caráter situado do conhecimento: reflexões sobre epistemologias feministas e educação científica e tecnológica. *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 2, n. 3, 2006.

COLLIER, Stephen; ONG, Aihwa. Global assemblages, anthropological problems. In: COLLIER, Stephen; ONG, Aihwa. *Global Assemblages: Technology, Politics, and Ethics as Anthropological Problems*. Malden, MA: Blackwell, 2005. pp. 3-22.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulher*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

MOORE, Henrietta. *Feminism and Anthropology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

ONO, Sarah. 2003. Feminisms without women: experimentation and expansion in feminist anthropology. In: ONO, S.; COMITO, J. *Who's afraid of Margery Wolf; tributes and perspectives on anthropology, feminism and writing ethnography - an anthology by students of Margery Wolf*. Lansing: Michigan State University: 2003, p. 1-8. (Working Paper Nro. 277)

ANEXO I

18º Congresso Mundial IUAES Plenária da Rede Global de Antropologia Feminista

As antropólogas de diferentes países do mundo reunidas na Plenária da Rede Global de Antropologia Feminista do 18º Congresso Mundial IUAES, no dia 18 de julho de 2018, na cidade de Florianópolis/SC, debateram sobre os desafios de se fazer uma antropologia feminista, destacando as seguintes prioridades e planos de ação:

- Colocar-se de maneira sensível e empática na escrita e na articulação com atores e temas;
- Ter autonomia para disputar as falas, posições e representações nos espaços acadêmicos;
- Estabelecer diálogos com outros campos temáticos da área da antropologia;
- Complexificar e problematiza a produção de conhecimento, levando em consideração as especificidades dos diferentes atores, respeitando os grupos com os quais articulamos nos trabalhos de campo em seus respectivos países;
- Valorizar e priorizar as metodologias feministas, bem como a produção científica de antropólogas feministas;
- Reconhecer a produção de conhecimento e a reflexividade através de nossos trabalhos, levando em consideração a importância das emoções e dos sentimentos para o fazer antropológico;
- Garantir condições de acesso e permanência acadêmica tendo em vista os marcadores sociais de diferença que excluem as mulheres (maternidade, etnia, raça, orientação sexual, identidades de gênero, classe, deficiência, geração e idade, religião, entre outras.);
- Desconstruir o “olhar” e o “ouvir” como formas privilegiadas de produção etnográfica;

- Exercer um olhar contra hegemônico que escape do pensamento heteropatriarcal eurocentrado;
- Construir um novo cânone baseado nas metodologias e epistemologias feministas, visibilizando na escrita as pensadoras e as próprias interlocutoras de primeira mão;
- Na prática de ensino privilegiar estratégias que permitam o protagonismo das mulheres estudante, a partir de mecanismos como a distribuição de tempo de fala equânime entre homens e mulheres, construção de espaços livres de diálogo, motivar espaços de produção coletiva acadêmica;
- Extrapolar a antropologia feminista para além do campo temático de mulheres, de modo que sua epistemologia passe a ser parte constitutiva do fazer antropológico;
- Pautar a maternidade como condicionante da atuação de mães na academia considerando suas implicações para além da licença maternidade;
- Enfrentar o assédio discente e docente nos espaços universitários e acadêmicos.

Por fim, a Rede Global de Antropólogas Feministas reunida nesta plenária declaram o seu enfático apoio à luta das mulheres argentinas pela legalização do aborto.

ANEXO II

Moção de apoio

Nós antropólogas feministas e participantes do XVIII Congresso da IUAES manifestamos nosso apoio às denúncias trazidas pelas estudantes vítimas de assédio moral, sexual e de estupro infligidas por um professor da Universidade do Estado de Santa Catarina-UEDESC. Temos acompanhado com muita apreensão o andamento e divulgação do relatório do inquérito das dez (10) estudantes, em sua maioria negras, que tipificou o crime de abuso sexual simplesmente como “*perturbação da tranquilidade*”. Consideramos que a referida tipificação desqualifica o crime de assédio, uma vez que desconsidera o vínculo hierárquico entre o professor e as estudantes. Neste sentido, trazemos ao público o apoio às estudantes para que esses crimes não permaneçam impunes. Exigimos que as universidades ofereçam às mulheres um espaço mais seguro para que possam exercer seu direito a uma vida académica livre de violências.

Moção de repúdio

Nós antropólogas feministas e participantes do XVIII Congresso da IUAES **REPUDIAMOS** a decisão do Ministério Público de Santa Catarina pelo arquivamento do processo que indicia por estupro professor da Universidade do Estado de Santa Catarina-UEDESC. O Parecer do Promotor da 7ª Promotoria de Justiça que solicitou o arquivamento do inquérito, acolhido pela Juíza substituta da 1ª Vara Crime do Município de Palhoça, argumenta a ausência de elementos para tipificar o crime de estupro. Consideramos a necessidade de garantir uma investigação comprometido a respeito deste caso, que incorpore a perspectiva de gênero para lograr um melhor entendimento a respeito das complexas relações de poder no âmbito da universidade.

Refletindo sobre a organização dos pré e pós eventos

Alana Aragão Ávila
Tânia Welter
Kelly Silva
Maria Catarina Chitolina Zanini
Luiz Fernando Rojo
Jean Segata
Patrícia Reinheimer

Apresentamos a seguir entrevistas com organizadores e organizadoras de sete pré e pós-eventos do 18th *IUAES World Congress* realizados na Universidade de São Paulo (USP, São Paulo/SP), na Universidade de Brasília (UNB, Brasília/DF), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, Santa Maria/RS), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre/RS), na Universidade Federal Fluminense (Niterói/RJ) e na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ, Seropédica/RJ). As entrevistas foram realizadas pela Comissão de Comunicação do congresso.

PRÉ-EVENTO: **EGON SCHADEN NA ANTROPOLOGIA DO BRASIL E ALEMANHA**, REALIZADO NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (SÃO PAULO) NO DIA 13 DE JULHO DE 2018

Tânia Welter (Instituto Egon Schaden): entrevista realizada em 30 de maio de 2018.

1. BREVE HISTÓRICO DE SUA TRAJETÓRIA PESSOAL ENQUANTO PESQUISADORA E RELAÇÃO COM O TEMA DO PRÉ/PÓS-EVENTO DO QUAL É PROPONENTE.

Tânia Welter – Sou doutora em Antropologia Social. Atuo desde a década de 1980 como professora e pesquisadora. Há alguns anos integro o grupo de pesquisa Práticas Interdisciplinares em Sociabilidades e Territórios/PEST, sediado no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC. Em 2007, eu e o professor Pedro Martins iniciamos uma pesquisa sobre o território colonial de São Bonifácio, Santa Catarina. Foi quando soubemos que esta era a terra natal do antropólogo Egon Schaden (1913-1991) e nos dedicamos a investigar sobre sua vida e obra. Este interesse de pesquisa foi intensificado e ampliado com a passagem do centenário do seu nascimento, em 2013, e com a fundação, em 2014, na cidade de São Bonifácio, do Instituto Egon Schaden – instituição que se propõe a conservar o espólio científico de Egon Schaden e estimular a pesquisa sobre a sua trajetória e temas por ele desenvolvidos. Para avançar no entendimento da trajetória do antropólogo, novas etapas de pesquisa se iniciaram em 2015, com previsão de se estenderem até 2020, enfocando a temática: “A expressão translúcida de Egon Schaden – imigração, território colonial e trajetória antropológica”. A pesquisa busca conhecer detalhes da trajetória pessoal de Egon Schaden, sua origem familiar, formação acadêmica, atividade profissional e produção científica, o que implica buscar elementos para a compreensão de sua ligação com a terra natal de seu pai, Francisco Schaden, nascido na Alemanha e imigrado no Brasil no início do século XX, além da própria passagem de Egon Schaden pela Alemanha. Na pesquisa realizada na Alemanha, entre agosto de 2015 e julho de 2016, tivemos contato com documentos, bibliografias, coleções de museus, ex-alunos, alunas de alunos (3 gerações) que mudaram suas vidas em função do contato com o professor Egon Schaden.

2. RELEVÂNCIA DO TEMA DE SEU EVENTO DENTRO DO CENÁRIO DA ANTROPOLOGIA E SEUS DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS.

Tânia Welter – O pré-evento do 18th *IUAES World Congress* intitulado “Egon Schaden na Antropologia do Brasil e Alemanha” foi realizado na

Universidade de São Paulo no dia 13 de julho de 2018. Este evento foi realizado na universidade que acolheu a primeira cadeira de Antropologia da Comunicação no Brasil implantada pelo professor Egon Schaden após ter atuado como professor visitante, estabelecido redes de cooperação e ter dialogado com diversas universidades da Alemanha. Ele é significativo para lembrar e valorizar a memória do professor Schaden, pois reuniu seu sucessor e último orientando, professor João Baptista Borges Pereira, e sua colaboradora, professora Renate Viertler. É significativo, também, pois contou com a presença da antropóloga Birgit Suhrbier (ex-orientanda do ex-aluno do professor Schaden na Alemanha, Mark Münzel), articulada através da pesquisa realizada por mim e Pedro Martins (USP). Birgt é curadora do Weltkulturen Museum (Frankfurt, Alemanha), que abriga a coleção de desenhos da população Guarani (Brasil) doada pelo professor Egon Schaden.

Por fim, o pré-evento ocorreu em função da cooperação internacional com Alemanha, iniciada pelo professor Schaden na década de 1950 e continuada até os tempos atuais por profissionais da educação do Brasil vinculados à USP, UFSC, UDESC, IES.

3. IMPORTÂNCIA DA MOBILIZAÇÃO DE ESTUDANTES E PESQUISADORES PARA PARTICIPAÇÃO NOS PRÉ/PÓS-EVENTOS. SUAS RESPOSTAS SERÃO UTILIZADAS PARA PRODUÇÃO DE MATERIAL SOBRE OS PRÉ/PÓS-EVENTOS PARA SER DIVULGADO EM NOSSAS MÍDIAS ATRAVÉS DO BOLETIM SEMANAL E NEWSLETTER.

Tânia Welter – A ideia de realização de pré e pós-eventos é muito boa e potente. Estes eventos possibilitaram ampliar os espaços de diálogo e formação para outras cidades além de Florianópolis, criando oportunidades de formação e trocas entre as pessoas que não participaram do 18th IUAES *World Congress* e para os/as conferencistas. Eventos assim são potencialmente desencadeadores de novos processos de cooperação científica.

PRÉ-EVENTO: **INTERNATIONAL SYMPOSIUM ECONOMIC DYNAMICS AND SOCIAL CHANGE IN THE MAKING OF CONTEMPORARY TIMOR-LESTE**, REALIZADO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, DE 3 A 6 DE JULHO DE 2018

PRÉ-EVENTO: **I CONGRESSO DA SEÇÃO BRASILEIRA DA TIMOR-LESTE STUDIES ASSOCIATION**, REALIZADO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, DE 9 A 11 DE JULHO DE 2018

Kelly Silva (Universidade de Brasília): entrevista realizada em 14 de junho de 2018.

1. BREVE HISTÓRICO DE SUA TRAJETÓRIA PESSOAL ENQUANTO PESQUISADORA E RELAÇÃO COM O TEMA DO PRÉ/PÓS-EVENTO DO QUAL É PROPONENTE.

Kelly Silva – Há 18 anos eu e Daniel Simião começamos a fazer pesquisa em Timor-Leste, Estado nacional cuja independência acabava de ser restaurada. Após nos tornarmos professores em IES, continuamos a focar nossa pesquisa e produção acadêmica em dinâmicas sociais características das fronteiras leste-timorenses e nos envolvemos em profícuos diálogos com a comunidade acadêmica internacional e multidisciplinar que realiza pesquisa neste país. Em 2013 tornamo-nos coordenadores da seção brasileira da *Timor-Leste Studies Association*. Há tempos, vários de nossos colegas pediam a realização de um congresso da associação no Brasil. Tendo em conta o congresso da IUAES e o volume expressivo de conhecimento produzido sobre Timor-Leste no Brasil em razão de projetos fomentados pela CAPES, decidimos pela realização do I Congresso da Seção Brasileira da Associação de Estudos de Timor-Leste como um pré-evento da IUAES. Sobre este Congresso, vale a pena destacar que tivemos a proposição de aproximadamente 100 trabalhos, incluindo produção audiovisual. Estes números são bastante expressivos considerando a tradicional opção por pesquisas no Brasil – característica das ciências sociais brasileiras. Ao mesmo tempo, deve-se reconhecer que isso é produto dos fortes investimentos em ciência e tecnologia realizados nos últimos anos pelo Estado brasileiro.

No que diz respeito ao simpósio sobre economia, ele é parte de um esforço conjunto de acadêmicos de diferentes partes do mundo (Brasil, Austrália,

Reino Unido, Portugal, Timor-Leste, EUA, entre outros) para compreender a diversidade de práticas econômicas pelas quais a reprodução social se dá em diferentes contextos leste timorenses. Este simpósio marca também o início de uma nova pesquisa liderada por Kelly Silva, denominada “Parasitando a kultura, produzindo mercados? Etnografias de práxis de governo da economia em Timor-Leste”, da qual toma parte um conjunto de alunos de graduação, mestrado e doutorado. A diversificação da economia é uma das mais fortes ansiedades administrativas do Estado leste-timorense. A fim de também colaborar com o desenho de políticas públicas adequadas ao país, realizamos esse Simpósio para dar visibilidade às complexidades das práticas econômicas nas quais as populações deste país estão envolvidas.

2. RELEVÂNCIA DO TEMA DE SEU EVENTO DENTRO DO CENÁRIO DA ANTROPOLOGIA E SEUS DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS.

SOBRE O CONGRESSO DA SEÇÃO BRASILEIRA DA *TIMOR-LESTE STUDIES ASSOCIATION*

Kelly Silva – O congresso tem o potencial de resgatar conexões esquecidas da história teórica da Antropologia ao trazer ao Brasil antropólogos responsáveis pela abertura das terras altas de Timor-Leste à pesquisa antropológica. Parte destes antropólogos, por várias razões, tinha também conexão com o Brasil e explorarão esses fatos no Congresso.

O Congresso parece-me bastante relevante para a Antropologia também por colocá-la em diálogo com outras disciplinas e por alçar as produções audiovisuais sobre Timor-Leste ao mesmo estatuto das produções escritas.

SOBRE O *INTERNATIONAL SYMPOSIUM ECONOMIC DYNAMICS AND SOCIAL CHANGE IN THE MAKING OF CONTEMPORARY TIMOR-LESTE*

Kelly Silva – Tendo em conta o panorama quantitativo e qualitativo de produção das antropologias realizadas em instituições de ensino e pesquisa do Brasil, os subcampos da antropologia econômica ou da economia são sub-representados. Exemplar deste fato são os pequenos números de fóruns

voltados à abordagem da economia em eventos como a Reunião Brasileira de Antropologia, os Congressos da ANPOCS, etc. Iniciativas abrigadas na UFRJ, UFF, Universidade Federal de São Carlos e Universidade de Brasília, entre poucas outras, estão procurando responder este vácuo. Também considerando a trajetória de institucionalização da antropologia no Brasil – que tomou como objeto de reflexão, sobretudo, fenômenos interiores às fronteiras nacionais – a expertise nela desenvolvida sobre dinâmicas sociais na Ásia e Oceania é escassa. Em decorrência disso, não há um campo e comunidade de interlocução a respeito de tais regiões em operação no país.

Tendo em conta tais elementos de contexto, a realização do simpósio apresenta-se como ocasião para fomentar o debate sobre este subcampo nas antropologias realizadas no Brasil e também para incentivar diálogos internacionais em torno desta problemática.

3. QUAL A REDE DE CONTATOS DENTRO DA ANTROPOLOGIA NACIONAL/MUNDIAL ATIVADA PARA A REALIZAÇÃO DO EVENTO? QUEM SÃO E QUAL A RELAÇÃO DOS CONVIDADOS COM O TEMA DO EVENTO?

Kelly Silva – Para a realização de ambos os eventos, a rede de contatos mobilizada é produto do engajamento de seus organizadores em arenas internacionais de produção acadêmica sobre Timor-Leste. Para tanto, a disponibilização de recursos por parte do Estado brasileiro tem sido essencial. A realização de um pós-doutorado na Austrália por parte de Kelly Silva contribuiu muito para a sedimentação dos diálogos.

Dentre os convidados, destacam-se Prof. David Hicks, Prof. Elizabeth Traube, Prof. Shepard Forman (esses três fizeram pesquisa em Timor-Leste entre os anos de 1960 e 1970), Prof. Gustavo Lins Ribeiro, Profa. Mariza Peirano, Prof. Luis Roberto Cardoso de Oliveira, entre outros.

4. IMPORTÂNCIA DA MOBILIZAÇÃO DE ESTUDANTES E PESQUISADORES PARA PARTICIPAÇÃO NOS PRÉ/PÓS-EVENTOS.

Kelly Silva – Ambos os eventos apresentam-se como oportunidade para visibilizar os resultados de pesquisas realizadas por investigadores lotados em universidades brasileiras e para o engajamento dos mesmos em redes transnacionais de pesquisa.

PRÉ-EVENTO: **MIGRATIONS, CITIZENAND HEALTH**, REALIZADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (SANTA MARIA/RS) DE 11 A 13 DE JULHO DE 2018

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM): entrevista realizada em 02 de julho de 2018.

1. BREVE HISTÓRICO DE SUA TRAJETÓRIA PESSOAL ENQUANTO PESQUISADOR E RELAÇÃO COM O TEMA DO PRÉ/PÓS-EVENTO DO QUAL É PROPONENTE.

Maria Catarina Chitolina Zanini – Minha inserção nos estudos migratórios teve início em meu doutorado na USP, em 2000, quando pesquisei a migração de italianos para o Brasil. A pesquisa etnográfica se desenvolveu entre/com descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul. Posteriormente estudei brasileiros na Itália e orientei trabalhos variados acerca do tema das migrações internacionais.

2. RELEVÂNCIA DO TEMA DE SEU EVENTO DENTRO DO CENÁRIO DA ANTROPOLOGIA E SEUS DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS.

Maria Catarina Chitolina Zanini – As questões migratórias, sejam as históricas ou as contemporâneas, são fenômenos extremamente ricos para se pensar Estados, sociedades, culturas, grupos e suas variadas dinâmicas. Já tendo estudos consolidados na área da Antropologia, nossa proposta de pré-evento pretende refletir acerca de novas possibilidades e diálogos entre

temas migratórios, bem como contribuir para uma melhor formulação de políticas públicas para migrantes no Brasil.

3. QUAL A REDE DE CONTATOS DENTRO DA ANTROPOLOGIA NACIONAL/MUNDIAL ATIVADA PARA A REALIZAÇÃO DO EVENTO? QUEM SÃO E QUAL A RELAÇÃO DOS CONVIDADOS COM O TEMA DO EVENTO?

Maria Catarina Chitolina Zanini – Para o nosso *workshop* foi convidada a Prof. Judith Freidenberg, da Universidade de Maryland (USA), quem tem larga experiência em estudos migratórios. Busca-se, igualmente, por meio da experiência da professora, conhecer o desenvolvimento dos estudos migratórios e suas interfaces entre cidadania/nacionalidade/saúde e a forma como estas questões podem ser estudadas academicamente e também contribuir para a formulação de políticas públicas mais eficazes.

4. IMPORTÂNCIA DA MOBILIZAÇÃO DE ESTUDANTES E PESQUISADORES PARA PARTICIPAÇÃO NOS PRÉ/PÓS-EVENTOS.

Maria Catarina Chitolina Zanini – Há o apoio da UFSM, por meio do CCSH (Centro de Ciências Sociais e Humanas), do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFSM, do MIGRAID-UFSM e da Cátedra Sérgio Vieira de Mello-UFSM. Há alunos de graduação e pós-graduação envolvidos, bem como professores e pesquisadores locais.

PRÉ-EVENTO: ***V NEPESS INTERNATIONAL MEETING: "STUDIES ABOUT SPORTS: INTERDISCIPLINARITY, COMPARATIVE PERSPECTIVES, AND PUBLIC POLICIES"***, REALIZADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (NITERÓI/RJ), DE 11 A 13 DE JULHO DE 2018

LUIZ FERNANDO ROJO (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI/RJ):
ENTREVISTA REALIZADA EM 28 DE MAIO DE 2018.

1. BREVE HISTÓRICO DE SUA TRAJETÓRIA PESSOAL ENQUANTO PESQUISADOR E RELAÇÃO COM O TEMA DO PRÉ/PÓS-EVENTO DO QUAL É PROPONENTE.

Luiz Fernando Rojo – Embora o tema dos esportes não tenha sido o foco principal de minha dissertação de mestrado ou da tese de doutorado, em ambos os trabalhos, as práticas esportivas se mostraram espaços significativos de análise das relações de amizade nos grupos pesquisados (estudantes de Medicina e naturistas). Assim, no pós-doutorado procurei me aprofundar nesta temática, desenvolvendo as relações entre gênero, corpo, sociabilidade e esporte. A partir desta inflexão, realizei pesquisas entre atletas de hipismo (2007/2008), vela (2009/2013) e, atualmente, sobre esportes adaptados (2014/2018). Desde o início desta trajetória tenho atuado no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS), da Universidade Federal Fluminense, onde atualmente leciono no Departamento de Antropologia, bem como no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, e participado do comitê editorial da revista *Esporte e Sociedade*, vinculada a este núcleo. Em 2017 me vinculei ao grupo de estudos sobre Esportes da CLACSO (*Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*) e fui eleito como coordenador da recém-criada Comissão de Antropologia dos Esportes da IUAES.

2. RELEVÂNCIA DO TEMA DE SEU EVENTO DENTRO DO CENÁRIO DA ANTROPOLOGIA E SEUS DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS.

Luiz Fernando Rojo – A Antropologia dos Esportes tem apresentado forte crescimento a nível internacional, com ampliação das temáticas discutidas (constituindo interfaces com a análise dos fenômenos políticos, do turismo e migração, do corpo, gênero, emoções, da Sociologia das profissões, entre outras) e do número de profissionais e estudantes, nos diversos níveis de formação acadêmica, que se dedicam a estes estudos. Diante disso, tivemos, durante a realização do Intercongresso da IUAES, em Ottawa, em 2017, a primeira reunião para a constituição da Comissão de Antropologia dos Esportes da IUAES, que se formalizou poucos meses depois. O pré-evento que estaremos realizando, portanto, se consolida como a primeira atividade oficialmente organizada por esta Comissão e adquire uma relevância significativa para a sequência das atividades desta Comissão.

3. QUAL A REDE DE CONTATOS DENTRO DA ANTROPOLOGIA NACIONAL/MUNDIAL ATIVADA PARA A REALIZAÇÃO DO EVENTO? QUEM SÃO E QUAL A RELAÇÃO DOS CONVIDADOS COM O TEMA DO EVENTO?

Luiz Fernando Rojo – De acordo com os itens anteriores, as redes de contatos ativadas foram: a nível nacional – a rede estruturada a partir dos quatro seminários anteriores organizados pelo NEPESS desde o ano de 2007 e aquelas estruturadas através da organização dos eventos nacionais – tais como as reuniões da Associação Brasileira de Antropologia; no nível internacional – a rede organizada a partir da própria Comissão de Antropologia dos Esportes da IUAES e as oriundas da organização de mesas e simpósios em eventos internacionais, tais como a Reunião de Antropologia do Mercosul e os eventos da IUAES.

4. IMPORTÂNCIA DA MOBILIZAÇÃO DE ESTUDANTES E PESQUISADORES PARA PARTICIPAÇÃO NOS PRÉ/PÓS-EVENTOS.

Luiz Fernando Rojo – A iniciativa da realização dos pré e pós-eventos, principalmente em um país da dimensão do Brasil, possibilita uma ampliação do impacto da realização do congresso da IUAES pela primeira vez em nosso país. Sabemos que muitos estudantes e alguns pesquisadores não terão oportunidade, por diversos motivos, de realizar o deslocamento até Florianópolis, mas com a realização destes pré/pós-eventos, poderão participar da fundamental troca de experiências com os diversos colegas, de vários países, que se dispuseram a participar destas reuniões anteriores e posteriores ao congresso da IUAES, ampliando a capacidade de interlocução internacional, tão importante para o desenvolvimento da Antropologia.

PRÉ-EVENTO: **MAPPING CONTEMPORARY CONTROVERSIES: ECOLOGY, HEALTH AND BIOSAFETY**, REALIZADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS), ENTRE 12 E 13 DE JULHO DE 2018

Jean Segata (Universidade Federal do Rio Grande do Sul): entrevista realizada em 28 de maio de 2018.

1. BREVE HISTÓRICO DE SUA TRAJETÓRIA PESSOAL ENQUANTO PESQUISADOR E RELAÇÃO COM O TEMA DO PRÉ/PÓS-EVENTO DO QUAL É PROPONENTE.

Jean Segata – Eu venho de experiências anteriores de pesquisa sobre tecnologias digitais e sobre relações humano-animal. No primeiro caso, o das tecnologias digitais, o interesse começou na graduação em Psicologia, quando fiz pesquisa sobre a produção de subjetividade na relação com os computadores. Era o início do novo milênio – e tudo, como ele, parecia receber o adjetivo de novo: novas tecnologias, novos relacionamentos, novas formas de educar, novos lugares etc. Na escola onde eu trabalhava o governo estadual instalou computadores ligados à internet e disse que “as novas tecnologias da comunicação e da informação” deveriam fazer parte dos conteúdos escolares. Os professores levavam os alunos, mais por recompensa por bom comportamento em sala de aula e obrigação curricular, do que por incorporação da internet como prática pedagógica. Eles reclamavam de não receberem formação específica, mas também de desconforto geracional –, diziam que os alunos cresceram com os computadores e que eles sabiam tão pouco que sentiam medo de usar uma máquina que os corrigia e operava sob comandos desconhecidos. O medo da máquina, as habilidades motoras de lidar com o cursor do mouse ou com os comandos solicitados fazia parte de um desafio cotidiano de produção de novos sujeitos. A psicologia já tinha boa história de pesquisa na relação com ambientes, desenvolvimento e aprendizagem, principalmente nas vertentes mais externalistas e comportamentais. Mas pouco se falava em subjetividade para além de um processo humano-humano. Foi aí que computadores e internet passaram a ser alteridades significantes em meus trabalhos.

Na sequência, no mestrado em Antropologia Social na UFSC, eu fiz uma etnografia no Orkut. O GrupCiber – Grupo de Pesquisas em Ciberantropologia, coordenado pelo Prof. Theophilos Rifiotis, era pioneira neste campo no Brasil e já se consolidava como uma referência. Seus trabalhos formaram a base do meu trabalho na graduação em Psicologia e, dali em diante, serviriam de lugar para o que eu faria como formação acadêmica pela próxima década. Eu entrei no mestrado com um projeto sobre salas de bate-papo, mas o Orkut apareceu como uma oportunidade para a crítica da repetitiva ideia de “novo” associado às tecnologias. É claro que havia um componente novo: o Orkut forma hoje uma espécie de pré-história das redes sociais (social media), como o Facebook, o Instagram, entre tantas outras. Ele permitia combinar em uma única plataforma modos de interação que foram pouco a pouco desenvolvidos nos anos anteriores. Você podia enviar mensagens como no e-mail, publicar fotos como nos fotologs, escrever pequenos ou longos textos, como no twitter ou nos blogs, e ainda poderia interagir “em tempo real”, em sistemas de bate-papo, como os chats ou o tão conhecido messenger – msn. Contudo, a dinâmica de produção de rede não trazia apenas o apelo dos “novos amigos”, “novos lugares”. Havia uma vontade expressa de reencontrar antigas amizades e se vincular a lugares de interesse comum, sobretudo, lugares de memória – a escola, a cidade onde morava, a viagem da infância etc. Assim, na minha etnografia eu procurei tratar da dinâmica de formação de vínculos e grupos na articulação entre o on-line e o offline, e em termos específicos, da produção de memória coletiva numa comunidade ligada à pequena cidade de Lontras, no interior de Santa Catarina.

No doutorado, eu começo a atravessar a ponte das tecnologias em direção aos animais e à saúde. Eu fiz uma etnografia em clínicas veterinárias, interessado na partilha de tecnologias médicas entre humanos e animais – diagnósticos, artefatos e tratamentos. O centro do trabalho eram os diagnósticos de depressão canina e seu tratamento com psicotrópicos, as “epidemias” de gatos com problemas renais e cães com diabetes e toda uma sorte de “problemas de saúde” em um contexto de camadas médias urbanas.

Nesse momento começa a fazer parte do meu interesse a medicalização dos animais, mas, acima disso, o modo como políticas globais de saúde produzem uma espécie de *shape* nas relações (e nas noções de natureza e cultura), sejam entre humanos, sejam entre eles e os animais. Métricas internacionais, discursos e ações cada vez mais sustentadas por uma mediação tecnológica que subsume particularidades. Para mim, o encontro entre infraestruturas globais da biologia, como o DNA, por exemplo, e das tecnologias digitais, como softwares e algoritmos. Em outros termos, já conhecidos de antropologias de autores como Arturo Escobar, Michael Fisher, Claudia Fonseca ou Nikolas Rose, a molecularização da vida ou os tempos da tecnossocialidade e da biossocialidade.

Seguindo esses caminhos um pouco imprevisíveis – de tecnologias, animais e saúde, eu chego ao meu atual projeto. E tenho feito uma pesquisa etnográfica que começou há três anos em Natal, seguiu para Porto Alegre e recentemente tem acontecido também em Buenos Aires. Nela, eu tenho feito uma etnografia de políticas públicas de saúde voltadas para a vigilância e o controle do mosquito *Aedes aegypti*. Esse mosquito é uma das principais tecnologias performadas pela Medicina Tropical. Ele é conhecido por transmitir os vírus da Febre Amarela, da Dengue, da Zika e da Chikungunya. Assim, desde mais de um século, a sua presença é colocada no centro das políticas de saúde associadas a estas doenças e na mira das ações militarizadas para o seu combate. Militarizadas, eu faço um parêntese, porque o mosquito foi convertido em “inimigo” e, no jargão das políticas, é preciso “vigia-lo”, mapear os “focos de risco”, fazer “campanha”, “lutar contra”, “combater”, “vencer a guerra” e todo um sem fim de jargões herdados das primeiras investidas internacionais da Fundação Rockefeller na América Latina. Somado a isso, esse mosquitocentrismo recalcitrantemente ofusca problemas sociais e econômicos. O mosquito sempre desviou a atenção a problemas estruturais como a falta de saneamento, o acesso a fontes seguras de água e ao alto investimento no uso de veneno químico como sinônimo de “remédio”. Atualmente, com as novas agendas consequentes do zika

vírus, em um contexto onde mulheres são culpabilizadas pelo nascimento de crianças com microcefalia e impedidas de fazer o aborto seguro, insistir no combate ao mosquito como centro de políticas de saúde é uma violação aos Direitos Humanos. E os investimentos para os mosquitos não param de crescer. Eles também chegaram no universo das novas tecnologias. Hoje, projetos locais de vigilância ao mosquito estão alinhados aos interesses dos programas globais para saúde e biossegurança e que têm sido baseados no uso de softwares de modelagem, tecnologias de geoprocessamento, sistemas de mineração de dados e ampliação de DNA, formando o que tem sido chamado de “nova inteligência epidêmica”. A inteligência epidêmica funciona como a militar – você precisa encontrar “o inimigo” antes que ele te encontre. A velha militarização dessas “políticas do mosquito” tem convertido a saúde (novamente) em um assunto de “segurança”. O que eu procuro tornar empiricamente visível em minha pesquisa é a ubiquidade e perversidade do emprego de tecnologias digitais como infraestruturas de políticas e de como elas se convertem em emergentes instrumentos de governamentalidade. Elas operam o que antropólogos como Andrew Lakoff e Carlo Caduff chamam de “biopolítica em tempo real”. Este é, também, o cenário discutido no pré-evento Mapeando Controvérsias Contemporâneas: ecologia, saúde e biossegurança. Eu organizo-o em parceria com o Prof. Theophilos Rifiotis (PPGAS-UFSC) e o grupo de pesquisa que coordeno no PPGAS-UFRGS, o GEMMTE – Grupo de Estudos Multiespécie, Microbiopolítica e Tecnosocialidade.

2. RELEVÂNCIA DO TEMA DE SEU EVENTO DENTRO DO CENÁRIO DA ANTROPOLOGIA E SEUS DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS.

Jean Segata – Há alguns anos que eu tenho insistido na necessidade de a antropologia se abrir a questões que incorporem novas tecnologias, ciência, animais. Emergências sanitárias, em particular zoonoses e doenças vetoriais e suas crises globais de saúde, mas também epidemias e formas de controle têm se tornado um campo de interesses na antropologia. Penso que temas já conhecidos na disciplina sob o rótulo de globalização e transnacionalismo e

suas formas de resistência ganham um fôlego renovado com estas questões específicas, que articulam saúde, ciência, tecnologia, segurança e relação com não humanos. Uma imagem talvez um pouco otimista demais disto é a de que, a partir dos anos de 1970, o pós-colonialismo trouxe mais cor e mais territórios a uma antropologia branca e eurocentrada, como também o feminismo e os estudos de gênero tornaram a antropologia menos masculina e heteronormativa. Para mim, temos uma nova virada acontecendo desde meados dos anos de 1990, com o DNA, a ciência e os animais: seguimos rumo a uma antropologia menos “antropocentrada”. Isso não significa o desprezo pelo humano (ou pelas formas de humanismo), mas um olhar mais atento aos diversos coletivos em que o humano é uma parte e não o todo. Isso significa uma antropologia ainda menos reducionista, que desenvolva a sua capacidade de articular o humano com ambientes, artefatos, tecnologias e outros seres.

3. QUAL A REDE DE CONTATOS DENTRO DA ANTROPOLOGIA NACIONAL/MUNDIAL ATIVADA PARA A REALIZAÇÃO DO EVENTO? QUEM SÃO E QUAL A RELAÇÃO DOS CONVIDADOS COM O TEMA DO EVENTO?

Jean Segata – Os convidados para o evento são destacados/as pesquisadores relacionados ao tema do pré-evento. Eu posso afirmar que essa rede não se constituiria sem o apoio de diversas instituições, como a UFSC, a UFRN, a UFRGS, a CAPES, o CNPq, o CONICET, a React, o GrupCiber-UFSC e a Brown University e a participação contínua em diversos eventos, nacionais e internacionais.

A começar, Frédéric Keck é um contato importante desde meu doutorado sanduíche com o Prof. Philippe Descola, no LAS-EHESS, em 2009. Aquele é um ambiente fértil para esta discussão. Seja mais pela via da etnologia indígena, os animais são uma presença de longa data nos trabalhos antropológicos deste centro. Foi lá que Frédéric Kéck, com Noëlie Vialles, Vanessa Manceron e outros mais começaram um grupo de estudos animais, no qual fui incorporado.

Caetano Sordi é colega de pesquisa do grupo Espelho Animal (PPGAS-UFRGS) e que há muitos anos também pesquisa relação humano-animal, com ênfase em processos de domesticação. Andrea Mastrangelo e Maria Carman fazem parte de uma parceria de pesquisa com a Argentina. Eu desenvolvo parte da pesquisa sobre políticas do mosquito. Financiado pelo CONICET, o trabalho de campo acontece em Buenos Aires e Andrea é minha parceria de trabalho. Soraya Fleischer conheci por intermédio do LACT-UnB, do qual faço parte como pesquisador. Ela pesquisa políticas de saúde há anos e vem fazendo uma pesquisa fantástica que articula gênero e deficiência com as “mães de micro”, no contexto da epidemia de zika em Pernambuco. Rozeli Porto foi minha colega na UFRN e também está pesquisando as redes de acolhimento às mães de crianças com microcefalia no contexto da epidemia de zika em Natal. Alex Nading é um contato iniciado depois que fui selecionado como Visiting Professor na Brown University (fall 2018). Ele tem uma rica etnografia sobre a dengue na Nicarágua e é hoje uma das referências centrais nas discussões de políticas de controle a essa doença em uma perspectiva crítica à Global Health. Joana Cabral vem de um diálogo constituído numa importante rede de pesquisa em antropologia da ciência e da tecnologia, a REACT. Ela tem uma importante pesquisa sobre um tema pouco discutido na antropologia – a Leishmaniose. Luísa Reis Castro, pesquisadora do MIT, já tem sido parceira em outras atividades. Ela pesquisa mosquitos transgênicos e nossos interesses em torno de tecnologias e epidemias são muito próximos. Finalmente, Debora Diniz, Carlo Caduff e Cristiana Bastos são leituras fundamentais. Debora Diniz tem pesquisado a zika em Alagoas. Seu livro sobre o tema foi o primeiro estudo etnográfico que a doença ganhou e já tem tradução nos Estados Unidos, onde tem sido incorporado às leituras de Antropologia Médica e Global Health Studies. Nele, e no premiado documentário com o mesmo nome – “Zika”, ela registra a epidemia no Brasil. Contudo, não é só um registro de números, datas e lugares – como é comum nos estudos epidemiológicos. Diniz conta as histórias de vida de quem viveu no corpo a descoberta da nova doença, quem sofre e quem luta com ela. Carlo Caduff é um proeminente antropólogo suíço

que trabalha no *Global Health Institute* do King's College. Seus trabalhos sobre biossegurança são um sopro de novidade na nossa disciplina. Por fim, entre os convidados externos da evento temos Cristiana Bastos – uma referência fundamental em estudos sobre migração, saúde e trabalho e, no caso em particular do evento, nos estudos sobre colonialismo e imperialismo científico. Além de convidados e convidadas “de fora”, os colegas do PPGAS-UFRGS são parceiros contínuos desde que cheguei àquele programa. Rapidamente me acolheram e integraram às suas redes de pesquisa. O PPGAS-UFRGS é um ótimo lugar para se fazer Antropologia. No pré-evento, em particular, participam Patrice Schuch, Ceres Victora, Claudia Fonseca, Eduardo Dullo, Fabiola Rohden, Arlei Damo, Ruben Oliven e Bernardo Lewgoy.

APRESENTO UM POUCO MAIS OS CONVIDADOS E SEUS TRABALHOS:

a) Debora Diniz, antropóloga, professora na Faculdade de Direito da Universidade de Brasília e pesquisadora da ANIS – Instituto de Bioética, será a conferencista de abertura do V Seminário Mapeando Controvérsias Contemporâneas: “Ecologia, Saúde e Biossegurança”. A sua apresentação, intitulada “A epidemia que não tem fim: Zika e mulheres”, apresentará um conjunto recente de trabalhos da autora relacionados à epidemia de Zika no Brasil. Diniz já recebeu dezenas de prêmios com suas pesquisas sobre Direitos Humanos, gênero e bioética, incluindo o recente Prêmio Jabuti (2017), pelo seu livro *Zika: do sertão nordestino à ameaça global*, recentemente traduzido para o inglês.

b) Alex Nading é uma referência de primeira importância sobre as políticas de vigilância e controle do mosquito *Aedes aegypti*. Nading é antropólogo, professor da Brown University e fará a conferência “Industrial ecology and infrastructures of life support on Nicaraguan sugar plantations”. O seu livro *Mosquito Trails: ecology, health and the politics of entanglement* resulta de uma etnografia sobre a dengue em Ciudad Sandino e é leitura obrigatória para quem se interessa por antropologia da ciência e da técnica, relações humano-animal, epidemias, saúde, ecologia e políticas públicas.

c) “Un monde grippé” é um marco para os estudos da relação humano-animal na antropologia. Trata-se de uma etnografia sobre a gripe aviária, com trabalho de campo em Hong Kong. O seu autor, Frédéric Keck, é antropólogo, pesquisador do Laboratoire d’Anthropologie Sociale, diretor de Pesquisa e Educação do Musée du Quai Branly e fará a conferência “Avian reservoirs: vírus hunters and birdwatchers in Chinese sentinel posts”. No Brasil, além de uma referência sobre zoonoses, biossegurança e relações humano-animal, Frédéric Keck também é conhecido por seus trabalhos de história da antropologia, particularmente, pelo seu importante *Introdução a Lévi-Strauss*, publicado pela Editora Contraponto.

d) Rozeli Porto (UFRN) e Soraya Fleischer (UnB) são antropólogas e têm ampla experiência com etnografias sobre maternidade, parto, gravidez e aborto. Nos últimos anos, elas têm trabalhado em importantes frentes de pesquisa que envolvem o Zika vírus, gênero, sexualidade, saúde e direitos fundamentais. Rozeli realiza etnografia nos serviços de saúde de Natal que atendem pessoas atingidas com a Síndrome do Zika Vírus e Soraya tem feito um trabalho que articula maternidade, estudos de deficiência e saúde com as “mães de micro”, em Recife.

e) Transformações urbanas, enobrecimento, relações humano-animal e as armadilhas da natureza como discurso moral são temas que María Carman, antropóloga e pesquisadora do CONICET (Argentina), tem pesquisado há mais de uma década.

f) Andrea Mastrangelo (Argentina) é antropóloga, professora na Universidad Nacional de San Martín, pesquisadora do Centro Nacional de Diagnóstico y Investigación en Endemoepidemias (CeNDIE) e do CONICET e tem experiências de pesquisa com mineração e relações natureza-cultura e saúde e Joana Cabral de Oliveira é antropóloga e professora de antropologia na UNICAMP, com experiência em etnologia indígena. A Leishmaniose e as suas controvérsias fizeram seus caminhos se cruzarem na antropologia.

Andrea pesquisa a doença em contextos urbanos e Joana na Amazônia. Juntas, elas compõem o painel “Saúde e relações interespecíficas”, que traz um complexo diálogo sobre convivência e contágio entre humanos e animais, xamanismo e sistemas de saúde.

h) “After the next pandemic: notes on serial novelty” é o título da conferência de Carlo Caduff. Ele é antropólogo, professor do King’s College London e tem se destacado por suas pesquisas sobre epidemias, biossegurança, mídia e saúde global. Seu livro *Pandemic Perhaps: dramatic events in a public culture of danger* apresenta o modo como a biossegurança se converteu em uma nova modalidade de governamentalidade – aquela das incertezas, do futuro (pouco tempo após o evento de Porto Alegre a conferência de Carlo Caduff foi publicada em *Medicine Anthropology Theory* (v. 5, n. 4, p. 86-105, disponível on-line).

i) Cristiana Bastos é antropóloga e professora da Universidade de Lisboa. Tem longa experiência de pesquisa sobre trânsitos coloniais, ciências e saberes, HIV-Aids, epidemias no Brasil e no continente africano. Sua conferência “Febre à Bordo: migrações, epidemias e quarentenas” apresentará resultados de sua pesquisa mais recente sobre trabalho e os investimentos portugueses no Hawaii e de como o sarampo atingiu essa população.

j) Luísa Reis Castro é doutoranda em antropologia no MIT-Anthropology, Estados Unidos, e faz etnografia sobre mosquitos transgênicos. Nos conhecemos quando ela estagiou na UFSC na mesma época em que eu fazia pós-doutorado na Antropologia de lá. Comigo, ela comporá um painel sobre novas inteligências epidêmicas.

4. IMPORTÂNCIA DA MOBILIZAÇÃO DE ESTUDANTES E PESQUISADORES PARA PARTICIPAÇÃO NOS PRÉ/PÓS-EVENTOS.

Jean Segata – Acredito que os pré e pós-eventos incrementem as atividades cotidianas de grupos de pesquisa e permitam uma ponte mais sólida entre

pesquisadores/as, que se consolida no IUAES e nos seus desdobramentos futuros. Para mim, é fundamental que estudantes participem destes momentos. Vejo que as redes mais sólidas que tenho hoje começaram a ser constituídas no fim no mestrado e no doutorado, em particular, participando de eventos como estes e/ou fazendo doutorado sanduíche. O IUAES, como um todo, em sua proposta, é fantástico. A antropologia brasileira só tende a ganhar com um projeto como este e a Prof. Miriam Grossi e sua equipe merecem amplo agradecimento. Um evento como este oportuniza um diálogo bem pouco explorado no Brasil, que é aquele com colegas do continente africano, da Ásia e da Oceania. Ele desloca nossos trânsitos mais tradicionais, com colegas latino-americanos, com os Estados Unidos ou com a Europa. Mas, ele acontece de forma intensa – cinco dias com muitas atividades – e assim, eu acredito que estes pré e pós-eventos sejam momentos ímpares para a constituição de novas redes e parcerias de pesquisa. Por terem escala menor e temas mais focados, eles podem permitir mais tempo para o diálogo e interação entre pesquisadores/as de temas específicos de diversos lugares do mundo.

PÓS-EVENTO: **IMMIGRATION AND MATERIAL CULTURE**, REALIZADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFFRJ), EM SEROPÉDICA – RJ, ENTRE 23 E 26 DE JULHO DE 2018.

Patrícia Reinheimer (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ): entrevista realizada em 25 de maio de 2018.

1. BREVE HISTÓRICO DE SUA TRAJETÓRIA PESSOAL ENQUANTO PESQUISADOR E RELAÇÃO COM O TEMA DO PRÉ/PÓS-EVENTO DO QUAL É PROPONENTE.

Patrícia Reinheimer – Tenho graduação em Licenciatura em Artes, com mestrado e doutorado em Antropologia Social. Sou professora do curso e da pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de

Janeiro. O grupo de pesquisa do qual participo e que é proponente do presente evento, o CULTIS (Núcleo de Pesquisa em Cultura, Identidade e Subjetividade), já organizou conjuntamente diversos seminários, além de projetos de extensão e pesquisa voltados para a visualidade e a produção cultural: o seminário “Manifestações artísticas e cultura material” foi o primeiro deles, patrocinado pelo edital PAEP, 2012; os seminários “Família: aspectos contemporâneos” e “Constituição de sujeitos: valores religiosos e moralidades” e o projeto “Sem nome do pai”, voltado para formação em linguagem audiovisual e discussão sobre parentesco e novas configurações familiares e “Oficinas de formação de lideranças: grandes projetos urbanos e seus impactos na Baixada Fluminense”, esse último resultado de uma parceria entre o Cultis e outro núcleo de pesquisa do Departamento de Ciências Sociais, o NAPP, são outros eventos acadêmicos e de extensão organizados por participantes do CULTIS.

Estou inserida em redes de produção de conhecimento no âmbito da Sociologia e da Antropologia da Arte e tenho contribuído ativamente para a institucionalização do campo. Entre várias publicações, a que resultou do seminário Manifestações Artísticas e Ciências Sociais: reflexões sobre arte e cultura material é talvez a mais relevante no contexto desse evento vinculado ao congresso da IUAES/2018.

Atualmente, bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado, da Faperj, estou desenvolvendo um projeto de pesquisa que envolve a organização e digitalização do acervo de documentos de um casal de imigrantes alemães que veio para o Brasil na década de 1930 e, a partir da década de 1950, passou a constituir, no duplo sentido de pertencimento e de construção, o campo cultural da época, tendo contribuído efetivamente para as práticas e os debates aí desenvolvidos. Uma das dimensões dessa investigação diz respeito ao papel do colecionismo na constituição de um estilo de decoração dos espaços domésticos particular a uma nova camada média nas décadas de 1950 a 1970, no Brasil. Esse estilo que naturalizava o consumo de objetos que remetessem a grupos subalternizados usava a linguagem do design para “mo-

“dennizar” as representações sobre a mulher, branca e heterossexual, sem, entretanto, questionar sua posição política e social. A pesquisa mostra um campo artístico que se materializa a partir de práticas, valores e instituições que vão além da produção hoje classificada como arte e encontra continuidade com as práticas de atores classificados atualmente como neo-rurais. O projeto já havia sido contemplado no edital Universal do CNPq, em 2013, e esse pós-evento, que está vinculado à pesquisa, foi financiado pelo edital PAEP, da CAPES, o que vem a confirmar a importância das instituições de fomento para o desenvolvimento científico do país.

2. RELEVÂNCIA DO TEMA DE SEU EVENTO DENTRO DO CENÁRIO DA ANTROPOLOGIA E SEUS DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS.

Patrícia Reinheimer – Este é mais um seminário organizado pelo grupo de pesquisa *Cultis* (Núcleo de Pesquisa em Cultura, Identidade e Subjetividade)¹, apoiado pela *Rede internacional luso-afro-brasileira*², da UFF, e vinculado ao núcleo de pesquisa *NIEM* (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios)³ da UFRJ. O papel da arte e da cultura material, das coleções e dos museus, da migração na construção de identidades étnicas, nas políticas públicas, na delimitação e autonomização de novos campos de conhecimento são alguns dos temas que perpassarão as discussões durante o seminário aqui proposto, fazendo parte do escopo de interesse dos pesquisadores proponentes e participantes do evento. Sendo a relação entre coisas e pessoas e seus processos de deslocamento centrais para pensar as formas de constituição de novos sujeitos e classificações, o lugar atribuído à investigação desses fenômenos na antropologia ainda pode ser reputado periférico em relação a temas considerados mais legítimos.

1 O primeiro seminário do grupo (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3210605823599654>) foi patrocinado pelo edital PAEP, 2012 e resultou em um livro disponível para download (https://www.academia.edu/11291644/Reflex%C3%B5es_sobre_arte_e_cultura_material). Diversos outros já foram realizados, com outros financiamentos.

2 <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1724567660388652>.

3 <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4735353468398187>.

A “virada do objeto” na antropologia trouxe os museus de volta para o centro do debate antropológico. Ao mesmo tempo em que essas instituições passaram a ser questionadas pelo colonialismo de suas práticas, o colecionismo ganhou visibilidade como tecnologia de construção de subjetividades e identidades sociais. As coisas foram trazidas à vida para que novas histórias sejam contadas e a mudança de regimes de valor devido à circulação no tempo e no espaço aponte os objetos, sua produção e consumo como importantes referências através das quais observar as relações, práticas e valores sociais. A circulação de bens culturais, assim como de ideias, valores e ideologias, sempre contribuiu para a formação de novos grupos e fronteiras. No Brasil, a entrada cada vez maior de imigrantes haitianos, bolivianos, coreanos, entre outros tem implicado o abandono de práticas e produtos culturais e a invenção de novos como forma de negociação de identidades e territórios.

As tensões sociais que resultam da circulação de pessoas e coisas são importantes formas de pensar sobre processos coletivos e subjetivos que entram em jogo nos projetos de coexistência. Como as coisas contribuem ou atrapalham os deslocamentos? Que formas de conhecimento podem ser produzidas ou reproduzidas no movimento? Em que situações as coisas podem ser compreendidas como materializações desses novos conhecimentos? Como as hierarquias sociais são desafiadas ou reforçadas nesses processos? Qual o papel das coisas na construção e destruição das reputações que ficam para trás e das novas que se formam nos locais de acolhimento? Que valores são revistos, reforçados ou abandonados? Como a interação entre pessoas e coisas facilita ou dificulta o intercâmbio entre instituições históricas, tradições e comunidades de diferenças? As interseções entre os movimentos de pessoas e coisas, os modos como se constituem mutuamente e os contributos de ambos para a discussão das estratégias de posicionamento, afirmação identitária e objetificação da pertença são algumas das questões de interesse para o evento.

3. QUAL A REDE DE CONTATOS DENTRO DA ANTROPOLOGIA NACIONAL/MUNDIAL ATIVADA PARA A REALIZAÇÃO DO EVENTO? QUEM SÃO E QUAL A RELAÇÃO DOS CONVIDADOS COM O TEMA DO EVENTO?

Patrícia Reinheimer – Foram convidados a participar do evento pesquisadores da UFRJ, da UFRRJ, da Universidade da Colúmbia Britânica – UBC e do Museu de Antropologia da UBC – MOA. Todos pesquisam imigração, cultura material ou ambos.

Miriam Santos foi coorganizadora desse seminário. Tem graduação em Ciências Sociais, mestrado em Ciência Política e doutorado em Antropologia Social. Atualmente é pesquisadora associada do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios e professora associada do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma universidade. Seus temas são principalmente aqueles relacionados com imigração, identidade, socialização, campesinato e gênero.

Fernando Rabossi tem graduação em Antropologia, mestrado em Migrações Internacionais e Relações Étnicas e doutorado em Antropologia Social. Atualmente é professor no Departamento de Antropologia Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ. Tem atuado principalmente nos temas relacionados a mercados, fronteiras, migrações, globalização, etnografia, cultura.

Luis Edmundo Moraes tem graduação em História, mestrado em Antropologia Social e doutorado em História. Atualmente é professor de História Contemporânea da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atua principalmente no campo da História Contemporânea, com temas relativos à política, à memória e aos usos do passado.

Edmundo Pereira tem mestrado e doutorado em Antropologia Social. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Social da UFRJ, Museu Nacional. Atua principalmente com temas relacionados à etnologia indígena, etnicidade, etnomusicologia, cultura popular e patrimonialização.

Andrea Roca tem graduação, mestrado e Doutorado em Antropologia Social. Atualmente realiza uma pesquisa na província da Colúmbia Britânica (Canadá) sobre o chamado trabalho colaborativo entre museus e povos indígenas, processos de descolonização museológica e processos de indigenização dos museus. É professora na University of British Columbia (UBC) e atua principalmente com temas relacionados a museus etnográficos, museus históricos, museus indígenas; objetos, memória e patrimônio; artistas-viajantes e políticas de representação visual sobre os indígenas no Brasil e na Argentina (século XIX).

Nuno Porto é antropólogo e curador das coleções de África e América Latina do Museu de Antropologia da Universidade da Columbia Britânica – UBC. Foi diretor do Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra de 2002 a 2006. Entre 2006-2012, foi membro da comissão para reabertura do museu Dundo, liderado pelo Ministério da Cultura de Angola, que resultou no website www.diamangdigital.net. Seus interesses regionais são distribuídos principalmente ao longo do Atlântico Sul como um espaço de circulação cultural, estendendo-se da África Central e Ocidental (Nordeste de Angola e Cabo Verde) para o Brasil.

E Patrícia Reinheimer, cujos interesses de pesquisa estão relacionados à constituição do campo artístico no Brasil, museus de arte, objetos e coleções e gênero nas artes.

4. IMPORTÂNCIA DA MOBILIZAÇÃO DE ESTUDANTES E PESQUISADORES PARA PARTICIPAÇÃO NOS PRÉ/PÓS-EVENTOS.

Patrícia Reinheimer – Os eventos anteriores e posteriores ao Congresso são uma possibilidade de os estudantes e pesquisadores entrarem em contato

mais próximo com outras redes, universidades e projetos de pesquisa. Esse pós-evento mobilizou uma enorme quantidade de alunos da Baixada Fluminense durante o período de recesso de aulas, assim como alguns participantes internacionais do congresso da IUAES. De mais de 60 inscritos, tivemos uma média de 30 participantes, todos os dias, ao longo da semana. Isso mostra a viabilidade da manutenção de atividades durante o recesso universitário e a disponibilidade das pessoas em participarem.

Relatório final do 18º Congresso Mundial da IUAES

Miriam Pillar Grossi
Simone Lira da Silva

Dados Gerais sobre participantes do 18º Congresso Mundial da IUAES

O 18º Congresso Mundial IUAES foi realizado entre os dias 16 e 20 de julho de 2018 na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O Congresso foi organizado pela *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* (IUAES) em parceria com a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esta edição do Congresso Mundial da IUAES teve como tema principal “Mundo (de) Encontros: o passado, presente e futuro do conhecimento antropológico”.

O Congresso contou com 3.080 inscrições, 1.359 de brasileiros e 1.721 de outros países do mundo. Deste total, fizeram credenciamento no evento 1.541 participantes, sendo 1.053 brasileiros/as e 488 estrangeiros/as provenientes de 55 países. O Congresso teve maioria de inscritas do gênero feminino 61,1% (1.891 inscrições), sendo as inscrições do gênero masculino de 38% (1.168 inscrições) e de pessoas trans ou que não desejaram se identificar de 1% (31 inscrições). Esta proporção permaneceu semelhante entre os que fizeram o credenciamento, sendo 62% do gênero feminino (966 pessoas), gênero masculino 37% (557 pessoas) e 1% (18 pessoas) de pessoas trans ou que não desejaram se identificar.

O Congresso contou com o apoio financeiro do CNPq, Wenner-Gren Foundation, CAPES, FAPESC. Além do apoio estrutural da UFSC, UDESC e IFSC, foram parceiros na organização do evento a World Anthropological Union, World Council of Anthropological Associations, Instituto Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade do Estado de Santa Catarina

Apresentamos na sequência gráficos e tabelas demonstrativas dos valores descritos acima.

Gráfico 1. Inscrições por Gênero

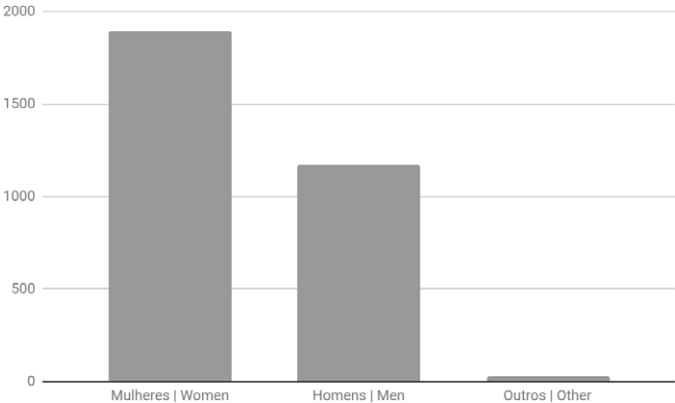


Gráfico 2. Credenciamentos por gênero

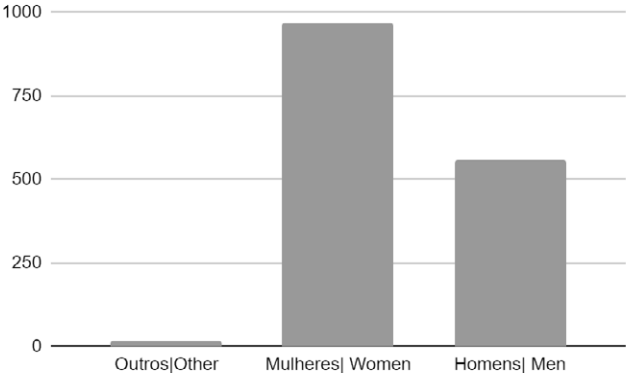


Gráfico 3. Inscrições por faixa etária

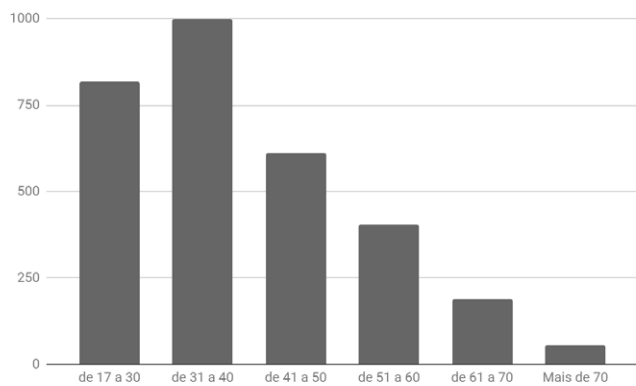


Gráfico 4. Credenciamentos por faixa etária

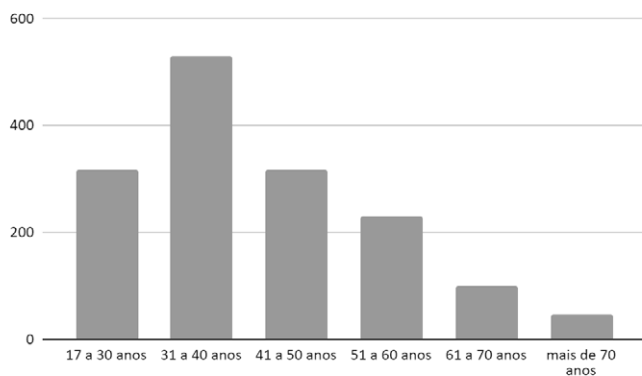


Tabela 1. Número e percentual de inscritas/os em cada categoria de inscrição

Categoria de inscrição	Inscrições	Percentual
PHD Students and Professional IUAES Members (Very Low Income) + Individual IUAES Membership fee	1053	34,0%
Professional IUAES Members (Low Income) + Individual IUAES Membership fee	511	16,5%
Associadas/os ABA: Efetivo, Honorário, Correspondente e Colaborador Tradução	414	13,4%
Monitoria	372	12,0%
Associadas/os ABA: Pós-Graduanda/o, Sócia/o Aspirante	229	7,4%
Professional IUAES Members (Medium Income) + Individual IUAES Membership fee	225	7,3%
Professional IUAES Members (High Income) + Individual IUAES Membership fee	140	4,5%
Native and ethnic – minority population	78	2,5%
Listeners, Observers and IUAES participant companions + Individual IUAES Membership fee	61	2,0%
9m ² exhibition stands rental	10	0,3%
6m ² exhibition stands rental	1	0,0%
Professional IUAES Members (Low Income)	1	0,0%
Total	3095	100%

Tabela 2. Número das propostas de trabalho

Types of Submission	Approved Works	Types of Submission	Approved Works
Open Panel Submission	1873	Photo Exhibition	31
Open Panel	188	Audiovisual Exhibition	18
Closed Panel	27	Workshop Submission	26
Closed Panel Submission	113	Plenaries	8
Submission Symposium	13	Conferencistas em plenárias	43
Conferencistas em simpósios	91	Keynote	4
Books, DVD's, CD's and Magazine Releases	78		

Tabela 3. Número de pessoas inscritas distribuídas por país

Países	Inscritos	Países	Inscritos	Países	Inscritos
Brasil	1721	Costa Rica	5	Nepal	2
Argentina	151	Israel	5	Coreia	2
China	136	Dinamarca	5	Irlanda	2
Estados Unidos	123	Estônia	5	Sérvia	2
Índia	115	Iraque	5	Argélia	2
México	56	Noruega	4	Armênia	1
Japão	53	Indonésia	4	Benin	1
Chile	49	Equador	4	Congo	1
Portugal	41	Turquia	4	Egito	1
Reino Unido	39	Venezuela	3	Bulgária	1
Colômbia	37	Porto Rico	3	Burkina-Faso	1
Uruguai	33	Paquistão	3	Haiti	1
Suíça	31	Cabo-Verde	3	Líbano	1
Polónia	30	Camarões	3	Lituânia	1
Alemanha	29	Escócia	3	Malásia	1
Canadá	22	Etiópia	3	N. Zelândia	1
Itália	21	França	3	Tunísia	1
Espanha	20	Hungria	3	Ruanda	1
Perú	16	Moçambique	3	Tanzânia	1
Holanda	15	Nigéria	3	Lituânia	1
África do Sul	15	Suécia	3	Tibet	1
Rússia	13	Rep. Checa	3	Timor Leste	1
Austrália	11	Romênia	3	Angola	1
Bélgica	11	Bolívia	2	Senegal	1
Bangladesh	11	Kênia	2	Filipinas	1
Croácia	8	Eslovênia	2	Finlândia	1
Áustria	7	Maurício	2	Panamá	1
Paraguai	6	Iran	2	Ucrânia	1
Hong Kong	6	Uganda	2	Zimbabwe	1
Taiwan	6				

Deste total, 1.541 pessoas fizeram credenciamento. Destas, 1.053 são brasileiros/as e 488 estrangeiros/as. As pessoas estrangeiras eram oriundas de 55 países, conforme explicitado no quadro a seguir.

Tabela 4. Número de participantes distribuídas por país

País	Nº	País	Nº	País	Nº	País	Nº	País	Nº
Brasil	1053	Uruguai	14	Austrália	6	Cabo Verde	2	Escócia	1
Argentina	57	África do Sul	13	Bélgica	6	Costa Rica	2	Finlândia	1
Estados Unidos	57	Alemanha	12	Espanha	6	Indonésia	2	Irã	1
Japão	34	Portugal	12	Croácia	5	Irlanda	2	Letônia	1
China	28	Colômbia	11	Áustria	4	Israel	2	Malásia	1
Índia	28	Itália	11	Dinamarca	4	Sérvia	2	Nairobi	1
México	27	Canadá	9	Taiwan	4	Angola	1	Nova Zelândia	1
Chile	22	Perú	9	Estônia	3	Bolívia	1	Ruanda	1
Reino Unido	17	Suíça	9	Holanda	3	Camarões	1	Tailândia	1
França	14	Noruega	7	Paraguai	3	Chipre	1	Timor Leste	1
Polônia	14	Rússia	7	República Checa	3	Equador	1	Tunísia	1
								Uganda	1

Dados gerais financeiros

O Congresso recebeu recursos das seguintes agências financiadoras: FAPESC (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e Wenner-Gren Foundation. O Congresso recebeu também contrapartidas dos seguintes setores e departamentos da Universidade Federal de Santa Catarina, através de acordos firmados com a instituição e a Comissão Organizadora: Gráfica Universitária, Pró-Reitoria de Extensão, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Secretaria de Cultura e Arte e Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Tabela 5. Origem e valores das receitas

Resumo receitas	Total R\$	Total US\$
CNPq/FINEP/FNDCT n° 01/2017 – ARC	R\$ 15.000,00	US\$ 3,978.77
CNPq/FINEP/FNDCT n° 03/2017 – ARC	R\$ 80.000,00	US\$ 21,220.16
CNPq/FINEP/FNDCT n° 06/2018 – ARC	R\$ 40.000,00	US\$ 10,610.08
CAPES n°35.2017 – PAEP	R\$ 104.000,00	US\$ 27,586.21
WENNER GREN FOUNDATION	R\$ 76.703,00	US\$ 20,000.00
FAPESC n°07/2017	R\$ 21.000,00	US\$ 5,570.29
INSCRIÇÕES (Receita Líquida)	R\$ 710.325,26	US\$ 188,415.18
Parte da contrapartida da UFSC	R\$ 11.600,00	US\$ 3,076.92
Total receitas	R\$ 1.058.628,26	US\$ 280,803.25

Tabela 6. Totais das despesas

Natureza da despesa	Valor R\$	Valor US\$
Hospedagens	R\$ 101.702,14	US\$ 26,976.68
Passagens	R\$ 64.596,32	US\$ 17,134.30
Transporte	R\$ 43.814,14	US\$ 11,621.78
Alimentação	R\$ 86.811,90	US\$ 23,027.03
Locação de Equipamentos e Espaços	R\$ 63.410,00	US\$16,819.62
Material Gráfico	R\$ 37.923,67	US\$ 10,059.33
Recursos Humanos	R\$ 142.637,25	US\$37,834.81
Site	R\$ 18.147,30	US\$ 4,813.60
Segurança	R\$ 6.140,00	US\$ 1,628.65
Serviço Médico	R\$ 7.540,00	US\$ 2,000.00
Limpeza	R\$ 10.008,64	US\$ 2,654.81
Montagem	R\$ 16.126,17	US\$ 4,277.50
Atividades Artísticas	R\$ 33.729,23	US\$ 8,946,74
Material Participante	R\$ 52.151,73	US\$13,833.35
Material Comissões Organizadora	R\$ 17.056,50	US\$4,524.27
Material Escritório/ equipamentos	R\$ 15.646,25	US\$ 4,150.19
Publicações	R\$ 73.582,72	US\$ 19,517.96
Reembolsos/ Tarifas bancárias	R\$ 59.785,13	US\$ 15,858.12
Cartório e correios	R\$ 1.701,85	US\$ 451.42
Total geral	R\$ 852.510,94	US\$ 226,130.22
Saldo IUAES e ABA	R\$ 206.117,32	US\$ 54,673.02

Instituições e Comissões organizadoras do 18^o Congresso Mundial da IUAES

INSTITUIÇÕES ORGANIZADORAS

International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES)
Associação Brasileira de Antropologia (ABA)

COMISSÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL DO 18TH IUAES WORLD CONGRESS

**Pela International Union of Anthropological and Ethnological Sciences
(IUAES)**

Faye Harrison (Presidenta IUAES / Universidade de Illinois - USA)
Junji Koisumi (Secretário Geral IUAES / Instituto Nacional de Humanidades e
Universidade de Osaka - Japão)
Mugsy Spieguel (Tesoureiro IUAES / Universidade de Cape Town - África do Sul)
Rajko Mursic (Vice-Presidente Univesidade de Ljubljana - Slovenia)
Subhatra Chana (Vice-Presidenta IUAES / Universidade de Delhi - India)

Pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA)

Antonio Augusto Arantes (Universidade de Campinas)
Antonio Carlos Souza Lima (Museu Nacional - Universidade Federal do Rio
de Janeiro)
Bela Feldman Bianco (Universidade de Campinas)
Lia Zanotta Machado (Presidenta ABA / Universidade de Brasília)
Ruben Oliven (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Pela IUAES e ABA

Gustavo Lins Ribeiro (Vice-Presidente IUAES / Universidade de Brasília -
Brasil e Universidade Autônoma Metropolitana - México)
Miriam Pillar Grossi (Vice-Presidenta IUAES / Universidade Federal de Santa
Catarina - Brasil)

Coordenação

Miriam Pillar Grossi - *Coordenação Geral*

Simone Lira da Silva - *Coordenação Secretaria*

Tânia Welter - *Coordenação das Comissões Locais*

Site e design gráfico

Yuri Brah

Secretaria

Caroline Amábile Vale dos Santos

Filipe Tchinene Calueio

Gabriela Alano Tertuliano

Gabriel Dario López Zamora

Jéssica Ferreira da Silva

Larissa Martins Lannes

Leonardo de Miranda Ramos

Maria Luiza Scheren

Credenciamento

Matilde Quiroga Castellano

Soraia Carolina de Mello

Comissão Infraestrutura

Alessandra Caroline Ghiorzi

Alícia Norma González de Castells

Carmem Vera Ramos

Dilton Mota Rufino

Gabriela Pedroni

Jéssica Ferreira da Silva

Lais Eloá Pelegrinello

Comissão de Tradução

Carla Brito Sousa Ribeiro

Cherry Clarens

Desirée Sant'Anna Maestri

Dora Girardelo Hoff

Gabriel Dario López Zamorra

Guilherme Ribeiro Colaço Mäder

Hélène Lambert

Isadora Zuza Fonseca
Larissa Martins Lannes
Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino
Letícia Zanella Sais
Leonardo de Miranda Ramos - *Coordenação*
Joaquín Correa
Juliana Ben Brizola da Silva
Julia Vivanco
Juliette Woitchick
Matilde Quiroga Castellano
Maximiano Augusto Gonçalves Neto
Mayara Matsu Marinho
Natalia Pérez Torres
Nicolas Bonelli Lima
Sabrina Testa
Valentina Pittol Nercolini
Vinicius Kauê Ferreira
Virgínia Squizani Rodrigues

Comissão de Programação

Gabriel Dario López Zamora
Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino - *Coordenação*
Marina Laet Panella Motta

Comissão Editorial

Ana Lúcia Brizola - *Coordenação*
Leonardo de Miranda Ramos
Mariane da Silva Pisani
Miriam Pillar Grossi
Simone Lira da Silva
Tânia Welter
Yuri Brah

Comissão de Monitoria

Carmen Sílvia Moreira Garcez
Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro e Samira Maia Vigano - *Coordenação*
Jacqueline Silveira
Matilde Quiroga Castellano
Sílvia Rocha Walz
William Araújo Rosa

Comissão de Comunicação

Alana Aragão Ávila
Ângela Ferreira
Mariane da Silva Pisani - *Coordenação*
Maria Luiza Scheren
Marina Borck
Mayra Cajueiro Warren
Suzana Morello Vergara Martins Costa
Vera Fátima Gasparetto
Yuri Brah

Comissão de Cultura

Fabiana Stringini Severo
Fernanda Marcon - *Coordenação*
Lilian Schmeil
Tarsila Chiara Albino da Silva Santana
Vânia Müller

Comissão de Festa

Alexandra Eliza Vieira Alencar - *Coordenação*
Antonella Tassinari
Giovanna Barros Gomes
Jéssica Ferreira da Silva
Tayná Teixeira Chaves Trindade

Comissão Instalações Artísticas

Andréa Vieira Zanella - *Coordenação*
Adriana Barbosa Ribeiro
Alexander Cordoves Santieban
Débora Luiza Pereira
Deysi Garcia Rodrigues
Dianelis González Pavón
Francisca Kaunna Gomes de Souza
Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto
Laura Gabriela Cordonés Prieto
Letícia Zanella Sais
Luciana Silveira Cardoso
Luiza dos Santos Mattos
Luis Enrique Lázaro Garcia
Mariana Zobot Pasqualotto
Neiva de Assis
Renan De Vita Alves de Brito

Nícolas Bonelli
Sílvia Zanatta Daros
Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes
Valentina Pittol Nercolini

Comissão de Experiências Antropológicas

Ilka Boaventura Leite
Luciana Gransotto e Julia Coelho de Souza - *Coordenação*
Luiz Fernando Mendes de Almeida

Comissão de Bem-Estar

Alexandra Eliza Vieira Alencar
Camila Sissa Antunes
Cinthia Creatini da Rocha - *Coordenação*
Giselle Guilhon
Karin Maria Vêras
Marinês da Rosa

Comissão de Crianças

Dalânea Cristina Flôr
Juliana da Silva Euzébio
Juliane di Paula Queiroz Odínino
Jucilaine Zucco
Letícia Cunha da Silva
Kurt Shaw
Regina Ingrid Bragagnolo
Rita de Cácia Oenning da Silva - *Coordenação*
Sandra Oenning da Silva
Saskya Carolyne Bodenmüller

Comissão de Alimentação

Aparecida Shiroko Takigawa
Camila Sissa Antunes
Gabriela Lauterbach
João Paulo Roberti Júnior
Karla Knierim
Nauana Antonello Ramos de Aguiar

Comissão de Hospedagem Solidária e Alternativa

Flávia Cristina de Mello
Raquel Mombelli

Comissão Lançamento de livros, CDs, DVds, revistas

Bruno Reinhardt

Giselle Guilhon - *Coordenação*

Juana Valentino Nieto

Karin Maria Vêras

Márcia Calderipe

Comissão da Licenciatura Indígena

Aline Ramos Francisco

Edvigés Marta Ioris

Evelyn Martina Schuler Zea

Joziléia Daniza Jagso Inácio Jacodsen Schild

Maria Lauri Prestes da Fonseca

Maria Dorothea Post Darella

**Comissão de Articulação com Comunidades Indígenas,
Quilombolas e Ciganas**

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro

Francine Rebelo

Joziléia Daniza Jagso Inacio Jacodsen Schild

Maria Dorothea Post Darella

Raquel Mombelli

Comissão Feira de Artesanato

Aline Ramos Francisco e Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto - *Coordenação*

Elis do Nascimento Silva

Jacqueline Candido Guilherme

Joziléia Daniza Jagso Inácio Jacodsen Schild

Larissa Mattos da Fonseca

Maria Dorothea Post Darella

Raquel Mombelli

**Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de
Antropologia Feminista**

Alana Aragão Ávila

Aparecida Shiroko Takigawa

Camila Rocha Firmino

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro

Francine Rebelo

Gabriela Pedroni

Giovanna Barros Gomes

Isadora Assis Bandeira
Luciana de Freitas Silveira
Kalena Henckel Pacheco
Matilde Quiroga Castellano
Mariane da Silva Pisani
Virgínia Squizani Rodrigues

Comissão acessibilidade

Anahi Guedes de Mello - *Coordenação*
Flávia de Mattos Motta
Michele Leão de Lima Ávila

Comissão coordenadores/as pré e pós eventos

Ângela Maria de Souza (UNILA)
Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA)
Jean Segata (UFRGS)
Lívio Sansone (UFBA)
Luiz Fernando Rojo (UFF)
Manuel Ferreira Lima Filho (UFG)
Maria Catarina Zanini (UFSM)
Maria Eunice de Souza Maciel e Cornélia Eckert (UFRGS)
Patrícia Reinheimer (UFRRJ)
Tânia Welter (IES)

Comissão Universidade do Estado de Santa Catarina

Carla Maria Oliveira Nagel
Carmen Sílvia Moreira Garcez
Gláucia de Oliveira Assis
Pedro Martins
Vânia Müller

Comissão Instituto Federal de Santa Catarina

Karla Knierim

Colaboradores/as Pontuais

Ademir Valdir dos Santos (UFSC)
Amurabi Oliveira (UFSC)
Cauane Gabriel Azevedo Maia (UFSC)
Dagoberto Bordin (Rádio Pinheira)
Isa de Oliveira Rocha (UDESC)
Janaina Santos de Macedo (UFSC)

Larissa Niemann Pellicer (UFSC)

Vanilde Ghizoni (UFSC)

Comissão audiovisual e mostra de fotografias

Alex Vailati - *Coordenação Mostra Audiovisual*

Carmen Silvia Rial, Cornélia Eckert e Carla Pires Vieira da Rocha

- *Coordenação da Mostra de Fotografias*

Adriana Eidt

Alex Godoy Padilha de Souza

Amanda Do Carmo Kruger

Anna Bárbara de Araújo Vilaça Pilla

Ana Claudia Romano de Lima

André Luiz Franco Machado Cardoso

Arthur Vinicius Gonçalves Ferreira

Augusto Gomes

Camila Braz

Caroline Soares de Almeida

Cristhian Fernando Caje Rodríguez

Danusa Vieira da Silva

Débora Wobeto

Diogo Dubiela

Eduardo Martins Marinho dos Santos

Edviges Marta Ioris

Eliza Abrão Bittencourt

Fabrcio Barreto Fuchs

Felipe da Silva Rodrigues

Franco Dani Araújo e Pinto

Guillermo Gomez

Izabella Trindade Cavalcante

Jane Seviriano Siqueira

Javier Calixto

Jennifer Cuty

Jose Luis Abalos Junior

Julia Graziella Grah Sens

Juliano Oliveira Pizarro

Leonardo Palhano

Luísa Maria Silva Dantas

Manoela Laitano Chaves

Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha

Márcia Calderipe

Maria Elisabeth Goidanich

Maria Luiza de Quadros Soares Marcolino

Maria Vitória Vieira Capote Gonzaga
Marielen Baldissera
Mariane da Silva Pisani
Marília Pereira de Oliveira
Marina Moros
Marina Bordin Barbosa
Matheus Cervo
Monique Malcher de Carvalho
Natália Pérez Torres
Naomi Neri Santana
Nicole Kunze Rigon
Rafael Derois Santos
Roberta Simon
Rumi Regina Kubo
Silmara Simone Takazaki
Sílvia Rocha Walz
Stefany Hack
Thayanne Tavares Freitas
Tomáz Xavier de Souza
Vanrochris Vieira
Vinicius Drumond Perri
William de França
Yuri Rosa Neves
Yuri Schonardie Rapkiewicz

INSTITUIÇÕES DE APOIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Gabinete da Reitoria

Pró-Reitoria de Graduação (PROGAD)

Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG)

Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)

Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PRAE)

Secretaria de Cultura e Arte (SECARTE)

Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidade (SAAD)

Agência de Comunicação (AGECON)

Restaurante Universitário (RU)

Centro de Ciências da Educação (CED)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

Centro Sócio-econômico (CSE)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS)

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPSP)
Museu de Antropologia e Etnologia (MARQUE)
Departamento de Antropologia
Departamento de Geociências
Departamento de Sociologia Política
Departamento de Psicologia
Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
Curso de Graduação em Antropologia
Curso de Graduação em Ciências Sociais
Curso de Graduação em Museologia
Editora do Bosque
Núcleo de Publicações do CFH (NUPPe)
Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI)
Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS)
Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI)
Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas (NUER)
Núcleo de Estudos de Populações Indígenas (NEPI)
Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais, Estética e Política (NUPRA)
Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI)
Instituto de Estudos de Gênero (IEG)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

Gabinete da Reitoria

Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (MPPT)

Programa de Pós-Graduação em Música (CEART)

Departamento de Música (CEART)

Centro de Artes (CEART)

Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED)

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA (IFSC)

Pró-reitoria de Extensão e Relações Internacionais

Outras instituições em Santa Catarina

INSTITUTO EGON SCHADEN (IES)

RÁDIO COMUNITÁRIA PINHEIRA

USINA DA IMAGINAÇÃO

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS FRANKLIN CASCAES (PRE-
FEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS)

FACULDADE MUNICIPAL DE PALHOÇA (FMP)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)

Instituições dos Pré e pós-eventos

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

WORLD COUNCIL OF ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATIONS (WCAA)

Agências Financiadoras

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Wenner Gren Foundation

FAPESC – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina

ALESC – Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina

Relação de monitoras e monitores do 18^o Congresso Mundial da IUAES

Andressa da Cruz Martins
Alejandro Rafael Maldonado Fermín
Alessandra Paula Banaszkeski
Alice Magalhães Ribeiro
Aline Carolino
Aline de Paula Regitano
Aline dos Santos Carolino
Aline Neves Aguiar
Amanda Carla Vieira
Amanda de Melo Cruz
Ana Carolyne Brasileiro Torres
Ana Claudia Mastrocola Garcia
Ana Claudia Romano de Lima
Ana Cristina Marques Lemos
Ana Lucia Costa da Rosa
Ana Luisa Hickmann
Anatil Maux de Souza
André Di Franco Michell de Paula
André Luiz Franco Machado Cardoso
Angélica Bicego Ferreira
Anna Bárbara de Araújo Vilaça Pilla
Anne Alencar Monteiro
Arthur Vinícius Gonçalves Ferreira
Beatriz Demboski Búrigo
Ben Cerqueira Beier
Bernarda Pesoa
Bianca Cristina Silva de Moraes
Bianca Hammer Schmidt
Binah Ire
Bruna de Brito Elia
Bruna Soares Overbeck
Caio Calligaris Russo Passarello Antunes
Caio Nobre Lisboa
Camila de Pieri Benedito

Camila Durães Zerbinatti
Camila Horbatiuk Dutra
Camila Santos Oliveira
Camila Vaz Neto Ferreira Correia
Cammilla Rocha Soares
Carolina Ferreira da Silva
Caroline Gatti Sobreiro de Medeiros
Caroline Silveira Sarmento
Caroline Suelen Spitzner
Cássio José Sousa Silva
Cauane Gabriel Azevedo Maia
Cecília Barreto de Santana
Christiane Bittencourt Oliveira Martins
Cláudia Burgos
Clayton Denis Alino da Silva
Daniela Benitez
Danilo Borghi G. Pinto
Danusa Vieira Freire da Silva
Denise Pistilli Rodrigues
Diana Patrícia Bolaños Erazo
Dijna Andrade Torres
Diogo Francisco Dubiela
Dora Girardello Hoff
Edmarcius Carvalho Novaes
Eduarda dos Santos
Elaine Camlem
Elaine da Silva
Elder Luan dos Santos Silva
Elenice Aparecida Coutinho
Eliane Da Silva Barros
Eliel Benites
Elizeth Rosa Lemos Jose Sesa
ElsonAndre de Lima
Elton da Silva Rodrigues

Enrique Polto Taborda
Enrique Rivera
Evanderson Camilo Noronha
Fabiana Assis Fernandes
Fabricio Barreto Fuchs
Fabrício Henrique Cassilhas
Felipe da Silva Rodrigues
Felipe Severo Sabedra Sousa
Felipe Silva Figueiredo
Ferdinando Alfonso Armenta
Fernanda Luiza Godinho
Flordelina Yegros
Francisco Beserra
Franco Dani Araújo e Pinto
Gabriel Pereira de Oliveira
Gabriela Fortunato Castro
Gabriela Pedroni
Gabrielle Bohrer Soares
Gabrielle Gonçalves da Costa Meireles
Gabrielle Gualdieri Pinheiro
Gennaro Kindel Fattori
Gicele Sucupira Fernandes
Giliane Bruna Nicoluzi Rebello
Gilmar Galache
Giovanna Barros
Giovanna Queiroz Ricciardi Leira
Gisele Aparecida Rodrigues
Gleice Kelly Donato Neves
Guadalupe do Nascimento Ferreira
Guilherme Borges Laus
Guilherme de Almeida Abu-Jamra
Guilherme Diana Scroccaro
Guilherme Ribeiro Colaço Mäder
Guilherme Rodrigues de Rodrigues
Guillermo Stefano Rosa Gómez
Günter Bayerl Padilha
Gutierry de Souza Correia dos Santos
Hannah Lúcia Duarte de Oliveira Conceição
Helena Motta Monaco
Helena Moura Fietz
Helena Tavares Goncalves
Hélène Lambert
Heytor de Queiroz Marques
Humberto Garcia
Igor Thiago Silva de Sousa
Isabel de Souza Acker

Isabella Cunha de Freitas Peixoto
Isadora Zuza da Fonseca
Isoldina Nogueira Chindemba Capingana
Iulik Lomba de Farias
Ivan Molina Velasques
Ivi Porfírio
Izabella Cavalcante
Jaciane Goj
Jainara Gomes de Oliveira,
Janaina de Souza Bujes
Janainna Edwiges de Oliveira Pereira
Jane Seviriano Siqueira
Janilce Souza Rosa
Januária Pereira Mello
Jaqueline de Araújo Vieira
Jaqueline GonçalvesPorto
Jaqueline Wiggers Piccini
Javier Paez
Jean Souza dos Anjos
Jessé Phyley Marques da Silva
Jéssica Cunha de Medeiros
Jhéssika Angell Alves e Silva
João Francisco Alves Mendes
João Pedro de Oliveira Medeiros
João Rivelino Rezende Barreto
João Vítor Velame
Jonathan Nunes de Souza
Jorge Garcia de Holanda
José Batista Franco Junior
Jose Luis Abalos Junior
José Muniz Falcão Neto
Joselaine Raquel da Silva Pereira
Juana Valentina Nieto Moreno
Jucilaine Zucco
Julia Corsini Soares Avellar
Julia Paiva Magalhães
Julia Polizeli Lobo
Juliana Akemi Andrade Okawati
Juliette Woitchik
Kalena Henckel Pacheco
Karina Flores Hidalgo
KaterinaVolcov
Keren Santos
Kim Kristtal Schenini
LaísGriebeler Hendges
Larissa Schwedersky

Lauren Predebon
Lays Cruz Conceição
Leandro Barbosa
Letícia Alves da Silva
Liliana Pérez Recio
Lorena Nunes de Araújo
Louise Lima Karczeski
Luana Antunes V. Salvadori
Luana Nascimento Vieira
Luana Pereira Falcão
Lucas de Carvalho de Amorim
Lucas Rocha Salgado
Lucas Santos
Lucas Vinícios Albuquerque Pípolos
Lucas Voigt
Luciano Patrick Dias Gomes
Luclécia Cristina Morais da Silva
Luis Alberto Fernandez Silva
Luis Bryan Angeles Diaz
Luiz Carlos Espindola Junior
Luiza Della Giustina Da Correggio
Luma Viegas Cardoso
Maíra de Mello Silva
Manoela Costa
Manoela Laitano Chaves
Marcela da Conceição Corrêa
Marcelo Elias Bernardes
Marcos Henrique Alves
Maria Clara Fernandes
Maria José Villares Barral Villas Boas
Maria Laura de Barros Lopes
Maria Luiza de Quaros Soares Marcolino
Maria Luiza Pereira Leite
Maria Vitória Vieira Capote Gonzaga
Mariana Reinisch Picolotto
Mariane da Silva Pisani
Marielen Baldissera
Marina Bordin Barbosa
Marina Reche Felipe
Marina RieckBorck
Marina Schneider Camilo
Mateus Fernandes da Silva
Mateus Oka de Farias
Matheus Cervo
Matheus Rodrigues Menezes
Maximiano Augusto Gonçalves Neto

Monique Costa
Monique Malcher
Nadja Silva dos Santos
Naomi Neri
Natalia Conceição Viana
Natasha Lucas de Oliveira Malerba
Nathalia Barcelos Ubialli
Nathália Dothling Reis
Nathalia Müller Camozzato
Nayara Anhanha da Silva
Nelson Soutero Coutinho Neto
Nicole Kunze Rigon
Onete da Silva Podeleski
Otávio Amaral da Silva Corrêa
Pamela Iris Mello da Silva
Patrícia Carola Facina
Patrícia Klock
Patrícia Marcondes A. da Cunha
Patrick Freire Machado
Paula Cristina de Almeida Silva
Paula Grazielle Viana dos Reis
Priscila Poeta Darley
Rafaella Martins Maciel
Raísa Ramoni Rosa
Raíssa da Silva Coimbra Lira
Raissa Taimilles Valério Paiva de Souza
Renan Monteiro
Renan Pinna Nascimento
Renata de Oliveira Manfio
Renata Delucis Hilal Necchi
Renata Santos Maia
Roberta Costa
Roberto Dutra de Souza Júnior
Rocío Esther Barreto Paucar
Rogério Vitor Satil Neves
Roméria Santana da Silva Souza
Sabrina Melo Del Sarto
Saleh El Kadre
Sandra Tanhote Sousa
Sarah Victória Almeida Rodrigues
Sergio Furtado Saar
Silmara Simone Takazaki
Silvia Beatriz Mendonça
Silvia deca neves luz
Stephanie P B Lemos
Taina Torres Mesquita

Tatiana Aigba
Tatiana Neis Elesbão
Tatiele Mesquita Corrêa
Thayane Santana Grubano
Theodoro de Carvalho Teles
Thiago Gomes
Uliana Gomes da Silva
Uyara Nayri Batista de Almeida
Valdeir Gomes de Oliveira
Vanessa Fonte Oliveira
Vanessa Suany da Silva

Vanrochris Helbert Vieira
Vanusa Santana dos Santos
Victória Franco Martin
Vitor Vieira Machado
Vitória Araújo Cêsar Santos
Williane Juvêncio Pontes
Yarlenis Mestre Malfrán
Yérsia Souza de Assis
Yuri Rosa Neves
Yves Marcel Seraphim

Sobre autoras e autores

Alessandra Caroline Ghiorzi

Doutoranda em Políticas Públicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atuou como coordenadora da Comissão de Transportes (Infraestrutura) do 18th IUAES World Congress.

Contato: alessandra@ghiorzi.com.br

Alexandra Elisa Vieira Alencar

Pós-Doutora em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC). Doutora, mestra em Antropologia Social e bacharel em Jornalismo (UFSC). Mãe e negra em movimento pertencente a vários coletivos em Florianópolis (SC) como Maracatu Arrasta Ilha, Grupo Baque Mulher e Aláfia Casa de Cultura. Atuou nas Comissões de Bem-Estar, Festa e Programação do 18th IUAES World Congress.

Contato: xanda.alencar@gmail.com

Aline Ramos Francisco

Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestra em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Foi docente no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou na Comissão da Feira de Artesanato e na Comissão da Licenciatura Indígena do 18th IUAES World Congress.

Contato: aline76@hotmail.com

Ana Cláudia Mastrocola Garcia

Graduanda do Curso de Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Habilitação Plena em Artes Cênicas (FATEA-SP). Terapeuta de Reiki, Radiestesia e Apometria Quântica. Atuou como monitora na Comissão de Bem-Estar do 18th IUAES World Congress.

Contato: ricardoeanaclaudia@yahoo.com.br

Anahi Guedes de Mello

Graduada em Ciências Sociais, mestre e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora vinculada ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) e ao Núcleo de Estudos sobre Deficiência (NED), ambos da mesma universidade. Pesquisadora associada da ANIS – Instituto de Bioética, com sede em Brasília. Atuou na Comissão de Acessibilidade do 18th IUAES World Congress.

Contato: anahigm75@gmail.com

Andrea Vieira Zanella

Docente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, mestrado e doutorado em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Realizou estudos pós-doutorais na Università Degli Studi di Roma La Sapienza e na UFRGS e foi professora visitante da New School for Social Research (Estados Unidos). Atuou na coordenação da Comissão de Instalações Artísticas do 18th IUAES World Congress.

Contato: avzanella@gmail.com

Ângela Ferreira

Graduada em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). Bolsista de Iniciação Científica Fundação Araucária – PIBIC 2016/2017 (IC/FA). Mestre e Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou na Comissão Audiovisual do 18th IUAES World Congress.

Contato: vidabeduina@hotmail.com

Aparecida Shiroko Takigawa

Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou na Comissão de Alimentação e na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: aparecida_takigawa@yahoo.com

Camila Sissa Antunes

Doutora e mestra em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), bacharel em Ciências Sociais (UFSC). Foi professora na Universidade Federal da Fronteira Sul (2010–2015) e na Universidade Comunitária da Região de Chapecó. É membro do NAUI (Núcleo de Pesquisas Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural – UFSC). Atuou na Comissão de Bem-Estar no 18th IUAES World Congress.

Contato: camila.sissa.antunes@gmail.com

Camila Rocha Firmino

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Estudos de Gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: Relações de Gênero, Antropologia dos Esportes, Capoeira, Mulheres, Estudos LGBTTQI, Teoria Feminista e Teoria Queer. Atuou na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: camilafirm@gmail.com

Carla Pires Vieira da Rocha

Pós-Doutora e doutora no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou como coordenadora da Comissão Mostras Fotográficas do 18th IUAES World Congress.

Contato: carlapvrocha@gmail.com

Carmen Rial

Doutora em Antropologia e Sociologia pela Université de Paris V. Atua no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC) e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC). Coordena o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI) e o Grupo de Antropologia Urbana e Marítima, e integra o Instituto de Estudos de Gênero (IEG). Presidente do Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA) e cocoordenadora da União Mundial de Antropologia (WUA). Atuou como cocoordenadora da Comissão de Mostras Fotográficas do 18th IUAES World Congress.

Contato: rial@cfh.ufsc.br

Caroline Amábilé Vale dos Santos

Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Tem experiência na área de Ciência Política. Atuou como bolsista na Secretaria do 18th IUAES World Congress.

Contato: carolamabileeee@gmail.com

Cynthia Creatini da Rocha

Pós-Doutora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFSC). Doutora e mestra em Antropologia Social (UFSC) e Bacharel em Ciências Sociais (UFRGS). Yogue e terapeuta (Yoga e Massagem Ayurvedica). Frequenta o Círculo Feminino da Lua Cheia – Coletivo de mulheres voltado para o autoestudo a partir de embasamentos nas tradições xamânicas. Atuou como coordenadora da Comissão de Bem-Estar do 18th IUAES World Congress.

Contato: creatini@hotmail.com

Cornelia Eckert

Doutora em Antropologia Social (Université Paris V, Sorbonne, França), professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (IFCH-UFRGS). Coordena o Banco Projeto Imagem e Efeitos Visuais (UFRGS) e o Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS). Atuou como cocoordenadora da Comissão Audiovisual/Mostra Fotográfica do 18th IUAES World Congress.

Contato: chicaeckert@gmail.com

Dalânea Cristina Flôr

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou com educação infantil, gestão da educação infantil e formação de professores para a infância, na UFSC. Atuou na Comissão de Crianças do 18th IUAES World Congress.

Contato: d.c.flor@ufsc.br

Denise Pistilli

Graduada em Antropologia Social da FHyCS–Universidad Nacional de Misiones (Argentina). Participou de diversos eventos acadêmicos nos países do MERCOSUL em caráter de expositora, organizadora e coordenadora de grupos de trabalho. Atuou como monitora nas Comissões de Transportes e Credenciamento do 18th IUAES World Congress.

Contato: dpdenisepistilli@gmail.com

Desirée Sant’Anna Maestri

Mestra em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela UFSC com bolsa CAPES–Proex Programa de Excelência Acadêmica. Especialista em Design de Interação pela UNIVALI. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela UFPR. Atualmente é UX Researcher em empresas de design e tecnologia. Principais temas de interesse: design para a experiência, igualdade de gênero, tecnologia, educação. Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: maestri.desiree@gmail.com

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro

Bacharela em Ciências Sociais, mestra e doutora em Antropologia Social (PPGAS/UFSC). Integrante dos Grupos de Pesquisa NEPI–UFSC; INCT–PB; GEC–UFPB e CRIAS–UFPB. Participa da Rede Acadêmica Europeia de Estudos Romani (Romani Studies). Atuou como coordenadora da Comissão de Monitoria, na Comissão de Articulação com Comunidades Indígenas, Quilombolas e Ciganas e na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: edilmanjmonteiro@gmail.com

Elis do Nascimento Silva

Doutoranda e mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC), bacharela em Ciências Sociais pela mesma instituição. Participa do Núcleo de Estudos de Povos Indígenas (NEPI/UFSC), desenvolvendo pesquisas acerca dos efeitos socioambientais de projetos de hidrelétricos às populações indígenas e tradicionais. Atuou na Comissão da Feira de Artesanato do 18th IUAES World Congress. Contato: elis.naser@gmail.com

Fernanda Marcon

Doutora em Antropologia Social (PPGAS-UFSC) e Professora Adjunta da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) campus Laranjeiras do Sul (Paraná). Atuou como coordenadora da Comissão de Cultura do 18th IUAES World Congress. Contato: fersociais@gmail.com

Filipe Tchinese Calueio

Natural do Lobito/Angola. Graduado em Teologia e em Filosofia. Graduando do Curso de Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou na comissão organizadora do 18th IUAES World Congress, mais especificamente na Secretaria, sendo responsável pela assessoria burocrática de participantes estrangeiros. Contato: ecalueio@gmail.com

Flávia Cristina de Mello

Professora Adjunta na área de Antropologia Social na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Pós-Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora e mestre em Antropologia Social pela UFSC. Graduada em Ciências Sociais pela Unicamp. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena. Atuou na Comissão de Hospedagem Solidária e Alternativa do 18th IUAES World Congress. Contato: flaviacdemello18@gmail.com

Flávia de Mattos Motta

É graduada em História e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora Adjunta da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É autora de artigos acadêmicos na área dos estudos de gênero e grupos populares urbanos. Atuou na Comissão de Acessibilidade do 18th IUAES World Congress.

Contato: flaviademattosmotta@gmail.com

Gabriela Alano Tertuliano

Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou como bolsista na Secretaria e como monitora na Comissão de Experiências Antropológicas do 18th IUAES World Congress.

Contato: tertu.gabi@gmail.com

Gabriela Pedroni

Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestrado em Antropologia social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: gabipedroni28@gmail.com

Gabriel Darío López Zamora

Graduando em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) através do programa PEC-G (Programa Estudo Convênio – Graduação). Atuou na Secretaria e na Comissão de Programação do 18th IUAES World Congress.

Contato: dario.lopez.z@outlook.com

Giovanna Barros Gomes

Graduada em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: giovannabarros.gbg@gmail.com

Giselle Guilhon

Doutora em Artes Cênicas (UFBA), pós-doutora em Antropologia Social (UFSC) e em Ciência da Religião (UFJF). Docente da Graduação em Dança e do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARtes) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Em Colaboração Técnica com a UFSC (2017-2019). Coordena o Grupo de Pesquisa CIRANDA. Atuou como coordenadora da Comissão de Lançamentos e na Comissão de Bem-Estar do 18th IUAES World Congress.

Contato: giguilhon@yahoo.com.br

Gláucia de Oliveira Assis

Doutora em Ciências Sociais (Unicamp). Mestra em Antropologia Social (UFSC). Docente de Graduação e Pós-Graduação em História e em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Sócio-Ambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Coordena o Observatório das Migrações e integra o Laboratório de Relações de Gênero e Família (LABGEF). Atuou na Comissão de Lançamento de Livros do 18th IUAES World Congress.

Contato: galssis@gmail.com

Guilherme Laus

Graduando em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou como integrante da Comissão de Lançamento de Livros no 18th IUAES World Congress.

Contato: guilherme_laus@outlook.com

Guilherme Ribeiro Colaço Mäder

Bacharel em Letras e mestre e doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estuda a expressão linguística, sobretudo gramatical, das relações de gênero na sociedade. Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: mader@inventati.org

Hélène Lambert

Graduada em Ciências Políticas e mestre em Antropologia na Universidade Livre de Bruxelas. Esteve em intercâmbio na Universidade Federal de Santa Catarina em

2015. Durante o seu mestrado, se especializou em questões de gênero. Trabalha na ONG da Université Libre de Bruxelles na República Democrática do Congo com questões relacionadas com o acesso das mulheres à saúde, em particular mulheres que sofreram abuso sexual. Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: Ln_lambert@hotmail.com

Isadora Assis Bandeira

Possui graduação em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2017). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: isa.antro@gmail.com

Jean Segata

Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuando também no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Possui Mestrado e Doutorado em Antropologia Social pela UFSC. Tem experiência em cibercultura e relações humano-animal. É líder do GEMMTE – Grupo de Estudos Multiespécie, Microbiopolítica e Tecnossocialidade e coordenador do NEAAT – Núcleo de Estudos Animais, Ambientes e Tecnologias do PPGAS-UFRGS. Atuou como organizador do pré-evento do 18th IUAES World Congress: “Mapping Contemporary Controversies: Ecology, Health and Biosafety”.

Contato: jeansegata@gmail.com

Joaquín Emanuel Correa

Graduado em Letras pela Universidad Nacional de Mar del Plata. Mestre em Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atual doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Pesquisador do Núcleo de Estudos Literários & Culturais, NELIC (UFSC) e do grupo Literatura, Política y Cambio (Facultad de Humanidades, UNMdP). Tem experiência na área de Letras, com ênfase

em literatura e poesia argentina e brasileira contemporâneas. Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: joaquin_medio@hotmail.com

Joziléia Daniza Jagso Inácio Jacodsen Schild

Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Mestra em Antropologia Social – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Coordenadora pedagógica da Licenciatura Intercultural Indígena – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Especialista em Educação de Jovens e Adultos Profissionalizantes – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Graduada em Geografia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó (2010). Atuou na Comissão da Feira de Artesanato, na Comissão da Licenciatura Indígena e na Comissão de Articulação com Comunidades Indígenas, Quilombolas e Ciganas do 18th IUAES World Congress.

Contato: danikjj@hotmail.com

Juana Valentina Nieto Moreno

Graduada em Antropologia pela Universidad Nacional de Colombia (2004). Mestra em Estudos Amazônicos pela Universidad Nacional de Colombia – Sede Amazônia (2006) e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017). Atuou como integrante da Comissão de Lançamento de Livros no 18th IUAES World Congress.

Contato: juananieto@yahoo.com

Jucilaine Zucco

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Possui Especialização em Teorias e Metodologias de Ensino: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Graduação em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela mesma universidade. É professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/CED/UFSC). Atuou na Comissão de Crianças do 18th IUAES World Congress.

Contato: jucilaine@hotmail.com

Julia Vivanco Bercovich

Graduação em Antropologia (UFSC) e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER-UFSC). Suas principais áreas de pesquisa são em antropologia da violência, antropologia do contemporâneo e antropologia das populações afro-brasileiras, atuando principalmente nos seguintes temas: sujeitos contemporâneos, antropologia política, encarceramento feminino, criminalidade e políticas criminais, religiosidades afro-brasileiras. Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: julia.bercovich@hotmail.com

Juliana Ben Brizola da Silva

Mestra em Antropologia Social (UFSC-2018). Especialista em Ensino de Sociologia no Ensino Médio (UFRGS-2015). Especialista em La sexuación de la libertad (UB, Espanha, 2011). Licenciada e bacharela em Ciências Sociais (UFRGS-2006). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Antropologia do Contemporâneo TRANSES (UFSC). Integrante do Coletivo Abrasabarca. Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: juliana.ben.brizola@gmail.com

Juliana Akemi Andrade Okawati

Mestra em Antropologia Social (UFSC). Especialista em Políticas Públicas para a Igualdade na AL (CLACSO). Especialização em Educação Inclusiva (UDESC). Supervisora da Ação Saberes Indígenas na Escola – Núcleo Santa Catarina. Atuou como integrante da Comissão de Lançamento de Livros no 18th IUAES World Congress.

Contato: julianaokawati@gmail.com

Juliana da Silva Euzébio

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). É professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/CED/UFSC). Atuou na Comissão de Crianças do 18th IUAES World Congress.

Contato: julianaeuzébio1@gmail.com

Juliane Di Paula Queiroz Odinino

Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (CFH/UFSC), Mestre em Sociologia e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP). Realizou Pós-doutorado em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina. É professora da Faculdade Municipal de Palhoça. É coordenadora institucional do Programa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES/FMP, coordenadora do Grupo de Pesquisa Gênero e Empoderamento da Mulher de Palhoça e membro do Instituto de Estudos de Gênero IEG/UFSC. Atuou na Comissão de Crianças do 18th IUAES World Congress.

Contato: juliane.odinino@fmpsc.edu.br

Juliette Woitchik

Mestre em Antropologia pela Université Libre de Bruxelles (2015) e mestre em Direitos Humanos pela Université Saint-Louis (Bruxelles-2016). Fez intercâmbio na UFSC. Doutoranda da Université Saint-Louis (Bruxelles), na área da Antropologia da natureza, investigando o caso do desastre do Rio Doce no Espírito Santo. Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: juliette.woitchik@usaintlouis.be

Larissa Lannes

Graduanda em Letras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou como bolsista na Secretaria do 18th IUAES World Congress.

Contato: larissamlannes@gmail.com

Larissa Mattos da Fonseca

Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua nas interfaces entre Antropologia Rural e Antropologia Ecológica através da perspectiva de etnografia entre humanos e não-humanos. Atuou na Comissão da Feira de Artesanato do 18th IUAES World Congress.

Contato: larafonsecamattos@gmail.com

Leonardo de Miranda Ramos

Graduado e mestr em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia

Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: corpo e corporalidade, modificação corporal, tatuagem, tradução, políticas públicas e educação. Atuou na Secretaria, Comissão Editorial e na Coordenação da Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: leonardodemirandamos@gmail.com

Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino

Professora Adjunta no Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenou a Comissão de Programação do 18th IUAES World Congress.

Contato: leticia.cesarino@ufsc.br

Letícia Cunha da Silva

Possui licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSC) da mesma Universidade. É Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou na Comissão de Crianças do 18th IUAES World Congress.

Contato: leticia.scunha@hotmail.com

Luiz Fernando Rojo

Doutor em Ciências Sociais pela UERJ, com pós-doutorado em Antropologia pela UFF. Atualmente é professor do Departamento de Antropologia da UFF, onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade. Desde 2017 é coordenador da Comissão de Antropologia dos Esportes da IUAES. Atuou como organizador do pré-evento “V NEPESS International Meeting: Studies about Sports: Interdisciplinarity, comparative perspectives, and public policies”.

Contato: luizrojo@predialnet.com.br

Kalena Henckel Pacheco

Atuou na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: itskalenaa@hotmail.com

Karin Maria Véras

Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bacharel em Jornalismo pela mesma instituição. Atua como professora de Yoga Integral, Yoga para Crianças e Dança Espontânea. Atuou na Comissão de Bem-Estar do 18th IUAES World Congress.

Contato: karinveras@hotmail.com

Kelly Silva

Professora Associada do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e visiting sênior fellow do Departamento de Antropologia da London School of Economics & Political Science. Aborda, como principal linha de pesquisa, processos de invenção, transposição e subversão da modernidade, tais como a colonização, a formação de Estados nacionais, as práticas de “desenvolvimento” e de cooperação internacional e a invenção de economias nacionais. Atuou como organizadora do pré-evento do 18th IUAES World Congress: “International Symposium Economic Dynamics and Social Change in the Making of Contemporary Timor-Leste”.

Contato: kellysa@uol.com.br

Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto

Professora substituta na Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Faz estágio de pós-doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC). Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Atuou na Comissão da Feira de Artesanato, na Comissão de Instalações e na Comissão da Licenciatura Indígena do 18th IUAES World Congress.

Contato: kerciapris@gmail.com

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

Mestra e doutora em Antropologia Social (UFSC). Professora do Departamento de Antropologia e PPGAS (UFAM). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades (GESECS-UFAM). Atuou como

integrante das Comissões de Lançamento de Livros, Audiovisual e Infraestrutura do 18th IUAES World Congress.

Contato: marciacalderipe@yahoo.com.br

Maria Catarina Chitolina Zanini

Doutora em Ciência Social (USP) e Pós-Doutora (MN/UFRJ). Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON/UFSM). Pesquisadora Associada do Núcleo de Estudos Migratórios (NIEM-UFRJ) e do Instituto Histórico de São Leopoldo. Membro do Migraidh (UFSM). Atuou como organizadora do pré-evento do 18th IUAES World Congress: "Migration, Citizenship and Health".

Contato: zanini.ufsm@gmail.com

Maria Dorothea Post Darella

Doutora em Ciências Sociais-Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestra em Sociologia Política e graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Integra a equipe de coordenação e o colegiado do curso de graduação Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica/UFSC, com turmas Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng. Atuou na Comissão da Feira de Artesanato, na Comissão da Licenciatura Indígena e na Comissão de Articulação com Comunidades Indígenas, Quilombolas e Ciganas do 18th IUAES World Congress.

Contato: dadoro@gmail.com

Maria Luiza Scheren

Graduanda em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Técnica em Agroecologia pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Foi bolsista PIBIC (CNPq). Atuou como bolsista da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) na Secretaria e na Comissão de Comunicação do 18th IUAES World Congress.

Contato: mluizascheren@gmail.com

Mariane da Silva Pisani

Professora adjunta da Universidade Federal de Tocantins (UFT). Bacharel em Ciências Sociais e mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Atuou na Comissão de Comunicação e na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista durante o 18th IUAES World Congress.

Contato: marianepisani@gmail.com

Marina Laet Panella Motta

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. Mestranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui interesse pelas temáticas de antropologia social, teoria antropológica, história da antropologia, antropologia da ciência, escrita etnográfica, natureza/cultura. Atuou na Comissão de Programação do 18th IUAES World Congress.

Contato: marinalaet@gmail.com

Marinês da Rosa

Professora na Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Ciências Humanas (PPGICH) da UFSC. Mestre em Sociologia Política e bacharel em Ciências Sociais (UFSC). Facilitadora de Hatha yoga e praticante de Biodança. Atuou na Comissão de Bem-Estar e na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: marinesrosa@gmail.com

Matilde Quiroga Castellano

É doutoranda e mestra em Antropologia Social (PPGAS-UFSC). Licenciada em Trabalho Social pela Universidad Nacional de Córdoba (Argentina). Pesquisadora nas áreas de violência contra a mulher, justiça e moralidades desde uma perspectiva feminista. Pesquisadora do Laboratório do Estudo das Violências (LEVIS/UFSC) e do Instituto de Estudos de Gênero (IEG-UFSC). Atuou nas comissões de Tradução, Monitoria e na Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: q_matilde@hotmail.com

Michele Leão de Lima Ávila

Professora do Instituto Federal Catarinense (IFC), onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão que propõem interfaces entre o ensino de Sociologia, Antropo-

logia e Teatro. É especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE) e mestra e doutoranda em Antropologia Social, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou na Comissão de Acessibilidade do 18th IUAES World Congress. Contato: michele.leao@live.com

Miriam Pillar Grossi

Professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Presidente da ANPOCS – Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (2019/2020). Foi vice-presidente da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences 2013–2018) e presidente da ABA – Associação Brasileira de Antropologia (gestão 2004/2006). Ocupou a cátedra Ruth Cardoso junto à Columbia University de janeiro a maio de 2017, com apoio da Fulbright/CAPES. Doutora em Anthropologie Sociale et Culturelle – Université de Paris V (1988), com estágios pós-doutorais no Laboratoire d’Anthropologie Sociale do Collège de France (1996/1998), na University of California–Berkeley e EHESS (2009/2010). Atuou como coordenadora geral e na comissão científica internacional do 18th IUAES World Congress.

Contato: miriamgrossi@gmail.com

Natalia Pérez Torres

Doutoranda em Ciências Humanas e mestra em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Espaço Público pela Pontificia Universidad Javeriana (Colômbia). Licenciada em Ciências Sociais da Universidad Pedagógica Nacional (Colômbia). É pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI) e do Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem (NAVI–UFSC). Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: nataliaperez.cs@gmail.com

Patrícia Reinheimer

Formada em Licenciatura em Artes, com mestrado e doutorado em Antropologia (PPGAS–UFRJ), atualmente professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma universidade. Atuou como organizadora do pós-evento do 18th IUAES World Congress intitulado “Immigration and Material Culture”.

Contato: patriciareinheimer2007@gmail.com

Raquel Mombelli

Graduada em Serviço Social, mestra e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. É pesquisadora vinculada ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (UEA), desenvolvendo pesquisas sobre comunidades quilombolas, pescadores artesanais e povos tradicionais em Santa Catarina, re-conhecimentos territoriais e culturais. Atuou na Comissão da Feira de Artesanato, Comissão de Hospedagem Solidária e Alternativa e na Comissão de Articulação com Comunidades Indígenas, Quilombolas e Ciganas do 18th IUAES World Congress. Contato: raquelmombelli@yahoo.com.br

Regina Ingrid Bragagnolo

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP/UFSC), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atualmente é professora no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/CED) da Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou na Comissão de Crianças do 18th IUAES World Congress. Contato: reginaingrid@gmail.com

Renata Santos Maia

Doutoranda em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em História Social (UNIMONTES). Vinculada ao Grupo de Pesquisa Gênero e Violência da UNIMONTES e ao Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da UFSC. Atuou como integrante da Comissão de Lançamento de Livros no 18th IUAES World Congress. Contato: renatasantosmaia@yahoo.com.br

Rita de Cácia Oenning da Silva

Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Estágio de doutorado sanduíche na UNM/USA. Fellow da Wenner-Gren Foundation (USA). Pós-doutora junto ao MUSA (PPGAS/UFSC e Department of Ethnomusicology at UCLA/USA), contribuindo com a antropologia da infância. Especialista

(Inesper) na área de Liderança executiva para a Primeira infância e depois disso vem coordenando diferentes projetos para a primeira infância junto a ONG Usina da Imagem/ Shine a Light, onde é Diretora executiva, trabalhando com audiovisual, infância e primeira infância, gênero, políticas públicas e direitos humanos.

Atuou na Coordenação da Comissão de Crianças do 18th IUAES World Congress.

Contato: oenningdasilva@gmail.com

Sabrina Testa

Bacharel em Sociologia pela Universidad Nacional del Litoral (Santa Fe, Argentina). Mestre e doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência nas áreas de Sociologia e Antropologia, com ênfase em religião, cultura, envelhecimento e em metodologia de pesquisa. Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress.

Contato: sabritesta@yahoo.com.ar

Samira de Moraes Maia Vígano

Doutora em Educação, pedagoga e mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orientadora pedagógica do PIAPE (UFSC). Atuou como coordenadora da Comissão de Monitoria do 18th IUAES World Congress.

Contato: samirammmvigano@gmail.com

Saskya Carolyne Bodenmüller

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFSC), na linha de investigação Educação e Infância. Mestra em Educação, pela linha de pesquisa Educação e Infância e graduada em Pedagogia pela mesma Instituição. Pesquisadora-membro do NUPEIN – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação na Pequena Infância. Atuou na Comissão de Crianças do 18th IUAES World Congress.

Contato: saskyaboden@gmail.com

Simone Lira da Silva

Graduada e mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutora e pós-doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é Professora Substituta no Departamento de Antropologia

da UFSC. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: etnografia, antropologia, catadores de lixo, identidade e antropologias mundiais. Atuou na Coordenação da Secretaria e na Comissão Editorial do 18th IUAES World Congress.

Contato: simoneliradasilva@gmail.com

Soraia Carolina de Mello

Professora adjunta do Departamento de História da UFSC. Pós-doutora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UFSC), na área de concentração Estudos de Gênero. Historiadora, doutora em História Cultural, integra diferentes frentes do Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da UFSC. Suas pesquisas têm se voltado para as temáticas: histórias dos feminismos no Brasil e Cone Sul, trabalho doméstico e ditadura militar. Atualmente é editora de artigos da Revista Estudos Feministas. Atuou na comissão do credenciamento do 18th IUAES World Congress.

Contato: soraiamello@gmail.com

Suzana Morelo Vergara Martins Costa

Mestranda em Teatro na Universidade do Estado de Santa Catarina. Graduada em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou no Projeto de Extensão Papo Sério e na equipe de comunicação e audiovisual do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC). Atuou na Comissão Audiovisual do 18th IUAES World Congress.

Contato: suzanamartinscosta@gmail.com

Tânia Welter

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina com estágio na Universidade Nova de Lisboa (UNL, Portugal), Mestre em Antropologia Social (UFSC), Especialista em Educação Sexual (UDESC) e Licenciada em Ciências Sociais (UFSC). Realizou estágio pós doutoral em Ciências Humanas e em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina e atuou como pesquisadora convidada no Lateinamerika Institut (LAI) da Freie Universität Berlin, Alemanha. Presidenta do Instituto Egon Schaden (IES). Atuou na Coordenação das Comissões

Locais e na Comissão Editorial do 18th IUAES World Congress e como organizadora do Pré-evento “Egon Schaden na Antropologia do Brasil e Alemanha”.

Contato: taniawelter@yahoo.com.br

Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes

Graduada em Museologia e mestra em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em história pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atuou como museóloga em projetos de conservação, catalogação e pesquisa de acervo. Atualmente é docente do curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou na Comissão de Instalações Artísticas do 18th IUAES World Congress.

Contato: thainacastrocosta@gmail.com

Vinicius Kauê Ferreira

Doutor e Mestre em Antropologia Social pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) em Paris. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Atuou na Comissão de Tradução do 18th IUAES World Congress. Contato: vinikaue@gmail.com

Virgínia Squizani Rodrigues

Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. As principais áreas de interesse de atuação são: Antropologia da Ciência & Tecnologia e Antropologia da Saúde com enfoque no estudo de medicamentos e práticas contraceptivas sob uma perspectiva dos estudos de gênero e da crítica feminista. Atuou na de Tradução e na Comissão de Organização do Encontro da Rede Global de Antropologia Feminista do 18th IUAES World Congress.

Contato: virgínia.squizani@gmail.com



Miriam Pillar Grossi é professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Presidente da ANPOCS – Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (2019/2020). Foi vice-presidente da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences 2013–2018) e presidente da ABA – Associação Brasileira de Antropologia (gestão 2004/2006). Ocupou a cátedra Ruth Cardoso junto à Columbia University de janeiro a maio de 2017, com apoio da Fulbright/CAPES. Doutora em Anthropologie Sociale et Culturelle – Université de Paris V (1988), com estágios pós-doutorais no Laboratoire d’Anthropologie Sociale do Collège de France (1996/1998), na University of California–Berkeley e EHESS (2009/2010). Atuou como Coordenadora Geral e na Comissão Científica Internacional do 18th IUAES World Congress.



Tânia Welter é doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina com estágio na Universidade Nova de Lisboa (UNL, Portugal), Mestre em Antropologia Social (UFSC), Especialista em Educação Sexual (UDESC) e Licenciada em Ciências Sociais (UFSC). Realizou estágio pós doutoral em Ciências Humanas e em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina e atuou como pesquisadora convidada no Lateinamerika Institut (LAI) da Freie Universität Berlin, Alemanha. Presidenta do Instituto Egon Schaden (mandato 2018–2020), associada à Associação Brasileira de Antropologia (ABA), sub-coordenadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS). Atuou na Coordenação das Comissões Locais e na Comissão Editorial do 18th IUAES World Congress e como organizadora do Pré-evento “Egon Schaden na Antropologia do Brasil e Alemanha”.

Em geral os congressos que assistimos registram em seus Anais e publicações textos que foram apresentados e discutidos em suas diferentes instâncias de produção de conhecimento.

Este livro tem uma perspectiva diferente. Ele visa mostrar o "avesso do congresso" ou seja, como o congresso foi produzido a partir do olhar de quem o organizou. Trazemos aqui as reflexões sobre este processo de construção de um congresso mundial de antropologia, feitas por diferentes equipes de estudantes e pesquisadoras e pesquisadores que participaram da organização do 18º Congresso Mundial de Antropologia, ocorrido em Florianópolis, Brasil, entre 16 e 21 de julho de 2018.

As 29 comissões envolvidas com diferentes frentes de preparação do Congresso relatam e teorizam etnograficamente sobre os aprendizados que a experiência de organizar, em equipe, um congresso internacional do porte do 18th IUAES World Congress trouxe para dezenas de pessoas envolvidas nestas comissões que integraram professoras, professores e estudantes de graduação e pós-graduação em comissões constituídas pelo princípio da horizontalidade.

O 18th IUAES World Congress foi realizado no Brasil com o apoio da Associação Brasileira de Antropologia, que publica este livro por sua editora com a chancela da International Union of Anthropological and Ethnological Studies, organização que junto com o World Council of Anthropological Associations (WCAA) representam a Antropologia Mundial em suas múltiplas dimensões, agrupadas desde o congresso em Florianópolis na World Anthropological Union (WAU).



ISBN: 978-65-86602-05-0



9 786586 602050